UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

***As Ultime lettere di Jacopo Ortis*, de Ugo Foscolo**
Tradução comentada e anotada de seleção da obra

Maria Tereza Buonafina

São Paulo
2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

***As Ultime lettere di Jacopo Ortis*, de Ugo Foscolo**
Tradução comentada e anotada de seleção da obra

Maria Tereza Buonafina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof^a Dr^a Roberta Barni

São Paulo
2006

Em memória de minha mãe
Rosa Maria

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Lucia Wataghin, minha primeira orientadora;

Ao Prof. Dr. Pedro Garcez Ghirardi, quem primeiro me apresentou Foscolo;

À Prof^ª. Dr^ª. Roberta Barni, pela orientação e pelas revisões;

À Prof^ª. Dr^ª. Marzia Terenzi Vicentini, pelo apoio bibliográfico;

A Afonso Teixeira Filho, tradutor e companheiro, pelo estímulo e ajuda na tradução dos versos;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela ajuda financeira.

RESUMO

Ugo Foscolo (1778-1827), poeta neoclássico italiano, é considerado uma figura de relevo na Literatura Italiana e universal. Apesar disso, é muito pouco conhecido dos leitores de língua portuguesa. Foi precursor da prosa moderna italiana com um romance epistolar de caráter pré-romântico, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, nunca traduzido para o português. O intuito desta dissertação é apresentar o autor ao público brasileiro, por meio desse romance. O trabalho conta com uma análise da obra, acompanhada de uma seleção de cartas traduzidas, comentadas e anotadas, levando em conta os aspectos históricos, literários, estilísticos e temáticos. No capítulo 1, tratamos da vida e obra do autor; em seguida, das *Ultime lettere*: seu conteúdo e crítica; no capítulo 2, das características do romance epistolar, do seu aspecto formal, dos temas que aparecem no romance, das obras e autores que o influenciaram, e que nele são mencionados; no capítulo 3, do trabalho e das idéias de Foscolo a respeito de tradução; dos critérios adotados nesta dissertação para a escolha e tradução das cartas que se encontram no final do volume. O critério para a tradução das cartas levou em conta idéias sugeridas pelo próprio Foscolo e discutidas no capítulo 3; recorreu-se também a várias edições da obra em italiano, a traduções para o inglês e espanhol, a dicionários especializados e à leitura de autores brasileiros e portugueses contemporâneos de Foscolo, com o objetivo de se produzir um texto que refletisse a linguagem da época. A tradução vem acompanhada de notas que visam esclarecer ao leitor alusões históricas e literárias e problemas textuais do romance.

Palavras-chave: Ugo Foscolo; Literatura Italiana; teoria do romance; teoria da tradução; pré-romantismo.

ABSTRACT

Ugo Foscolo (1778-1827), Italian classical poet, is considered to be an important name in both Italian and universal literature. Nevertheless he is almost unknown to the readers in Portuguese language. He was the precursor of modern Italian prose due to his epistolary novel *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (Last Letters of Jacopo Ortis), a Pre-Romantic work never translated into Portuguese. The aim of this dissertation is to present, through this novel, the author to the Brazilian reader. It includes an analysis of the novel, followed by a selection of commented and annotated translated letters, considering their historical, literary, stylistics and thematic aspects. In the first chapter we discuss first the author's life and work, and then *Last Letters*: its contents and the critics about it. In the second chapter we discuss the characteristic of the epistolary novel, its formal aspects, the themes inside the novel, the works and the authors that influenced it – and are mentioned in it. In the third chapter, we discuss Foscolo's works and ideas on translation, the criterion adopted here to chose and translate the letters in the end of the volume. Our translation criterion is based on Foscolo's ideas discussed in the third chapter. We also consulted several editions of the work in Italian, its English and Spanish translations and specialized dictionaries. We have read several Brazilian and Portuguese writers who lived in the same time as Foscolo with the aim of producing a text reflecting the language of Foscolo's time. Following the translation there are notes explaining historical and literary allusions or textual difficulties of the novel.

Keywords: Ugo Foscolo; Italian Literature; Theory of the Novel; Translation Studies; Pre-Romantism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

No final (depois da p. 202)

1. Estampa da edição das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, de 1816, com a data falsa de 1814, disponível em <www.studioapuleio.it>.
2. Manuscritos das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, disponível em <www.studioapuleio.it>.
3. Colinas Eugêneas, disponível em <www.italianstyle.it>.
4. Retrato de Ugo Foscolo, 1813, por François- Xavier-Pascal Fabre. Biblioteca Nazionale di Firenze, disponível em <www.racine.ra.it>.
5. Túmulo de Foscolo em Londres. Cemitério de Chiswick, disponível em <www.findagrave.com>.
6. Monumento fúnebre a Foscolo na igreja de Santa Croce, em Florença, disponível em <www.insecula.com>.
7. “A morte de Chatterton” por Henry Wallis, 1856, disponível em <www-cvr.ai.uiuc.edu>.

Arquivos acessados em 20 de novembro de 2006.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	UGO FOSCOLO E AS <i>ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS</i>	18
1.1	Foscolo: de Zante a Florença.....	18
1.2	A história das <i>Ultime lettere di Jacopo Ortis</i>	23
1.3	<i>Ultime lettere</i> : tensão entre o amor à vida e atração pela morte.....	26
1.4	A crítica às <i>Ultime lettere</i>	31
2	AS CARTAS: INFLUÊNCIAS E TEMAS.....	33
2.1	O Romance epistolar.....	33
2.1.1	Rousseau e Goethe.....	37
2.2	Alfieri, Ossian e outras influências.....	40
2.3	Do neoclassicismo ao romantismo.....	47
3	TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA.....	51
3.1	Foscolo e a tradução.....	51
3.2	Considerações sobre a tradução.....	55
3.3	Cartas selecionadas.....	60
	1. Al lettore.....	60
	2. Da' Colli Euganei, 11 ottobre 1797.....	63
	3. 13 ottobre.....	66
	4. 26 ottobre.....	69
	5. 1 novembre.....	72
	6. 2 novembre.....	76
	7. 17 marzo.....	88
	8. 6 aprile.....	99
	9. 11 aprile.....	102
	10. Frammento della Storia di Lauretta.....	105
	11. 14 maggio, a sera.....	112
	12. 2 giugno.....	116
	13. Lorenzo: A chi legge.....	119
	14. Rovigo, 20 luglio.....	126
	15. Bologna, 12 agosto.....	129
	16. Firenze, 25 settembre.....	132

17. Milano, 4 dicembre 1798.....	137
18. Ventimiglia, 19 e 20 febbraio.....	152
19. Rimini, 5 marzo.....	168
20. 19 marzo (frammenti).....	172
21. 20 marzo (frammenti).....	176
22. 25 marzo	184
CONCLUSÃO.....	194
BIBLIOGRAFIA.....	196

Libertà va cercando ch'è sì cara
Come sa chi per lei vita rifiuta.

Dante

Di se stesso

Non son chi fui; perì di noi gran parte:
questo che avvanza è sol languore e pianto.
E secco è il mirto, e son le foglie sparte
del lauro, speme al giovenil mio canto.

Perché dal dì ch'empia licenza e Marte
vestivan me del lor sanguineo manto,
cieca e la mente e guasto il core, ed arte
la fame d'oro, arte e in me fatta, e vanto.

Che se pur sorge di morir consiglio,
a mia fiera ragion chiudon le porte
furor di gloria, e carità di figlio.

Tal di me schiavo, e d'altri, e della sorte,
conosco il meglio ed al peggior mi appiglio,
e so invocare e non darmi la morte.

Ugo Foscolo

INTRODUÇÃO

O período que vai de 1789 a 1848 na Europa é uma época revolucionária na qual ocorreram transformações nos diversos ramos da vida social, provocando um grande florescimento e expansão das artes, principalmente na literatura, com a difusão do romance. Os pensadores dessa época, movidos por um sentimento nacionalista, inspiravam-se em assuntos públicos, militavam na política e chegavam a tomar parte nas guerras de independência. A consciência patriótica e os movimentos de libertação ou de unificação nacional estavam se desenvolvendo. Seu reflexo nas artes foi o Romantismo.

Tempos de transição e de crise, agitados pela Revolução Francesa e por Napoleão, ocasionaram na Europa uma vaga revolucionária que se traduziu não apenas em guerras e insurreições populares, mas também em revoltas íntimas. Muitos artistas e intelectuais que viam Napoleão como libertador logo se decepcionaram. Foi o que aconteceu com Ugo Foscolo (Zante, 1778 – Londres, 1827), em uma Itália que esperaria mais alguns anos pela unificação.

Foscolo destacou-se por sua participação ativa em muitas áreas. Além de poeta, foi pensador, professor, crítico, jornalista, tradutor e soldado. De espírito aberto, desde muito jovem interessou-se pelas novidades da cultura européia: Rousseau, Goethe, os poetas e prosadores ingleses, e também os autores clássicos gregos e latinos e os italianos. Viveu o período de irradiação das idéias iluministas, a época da Revolução Francesa, das guerras napoleônicas e da Restauração; e, com elas, a decadência da aristocracia e a ascensão da burguesia.

A esperança de uma Europa livre, republicana, produto de uma revolução, mostrou-se decepcionante, a ponto de fraquejar diante dos acordos de bastidores. O sonho de liberdade para a Itália desvaneceu-se com o Tratado de Campofórmio, uma jogada diplomática na qual Napoleão cedia Veneza aos austríacos. Para os venezianos, foi uma capitulação.

A assinatura do Tratado abre o romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Esse romance, publicado inicialmente em 1798, passou por várias edições, até a definitiva de 1817, e é considerado um precursor da prosa moderna italiana.

Dele trataram os críticos mais eminentes; o *Ortis* e seu autor influenciaram o romantismo italiano e até mesmo o *Risorgimento*, movimento pela unificação e

libertação da Itália, no século XIX; a obra de Foscolo exerceu influência também fora da Itália e continua a ser lida e traduzida até os dias de hoje. No entanto, até onde sabemos, não há tradução em português das *Ultime lettere*.

O intuito deste trabalho é, portanto, o de tornar Foscolo mais conhecido para o leitor de língua portuguesa por intermédio das *Ultime lettere*. O trabalho contará com uma análise da obra, acompanhada de uma seleção de cartas traduzidas, comentadas e anotadas, levando em conta os aspectos históricos, literários, estilísticos e temáticos.

A tradução amparou-se na leitura atenta da obra e de sua crítica, na análise textual e nas edições anotadas. Foi dada atenção às características do romance epistolar, ao vocabulário da época e à linguagem foscoliana, que nesse romance é um misto de prosa e poesia.

* * *

A importância das *Ultime lettere di Jacopo Ortis* pode ser percebida por meio das várias traduções modernas: Além da tradução inglesa de J. G. Nichols (*The Last Letters of Jacopo Ortis*), e da espanhola de Angelica Valentinetti (*Las últimas cartas de Jacopo Ortis*)¹, usadas neste trabalho, há também a alemã de Hans-Timotheus Kröber (*Die letzten Briefe Von Jacopo Ortis*), a norueguesa de Tommy Watz (*Zacopo Ortis' siste brev*) e a polonesa de Bárbara Sieroszezewska (*Ostatnie listy Jacopa Orta*). Na Rússia o romance recebeu o título de *Posliédnie písmá Jácopo Órtissa*; na Finlândia, de *Jacopo Ortisin viimeiset kirjeet*; e na Hungria, de *Jacopo Ortis utolsó levelei* (tradução de Berczeli Anzelm Károly). Há também uma tradução para o catalão por Xavier Bonillo (*Lês darreres cartes de Jacopo Ortis*) e uma outra para o francês, por Auguste Trognon (*Dernières lettres de Jacopo Ortis*).

A primeira tradução de uma obra de Foscolo, no Brasil, de que tivemos notícia, data de 1842², feita por um intelectual italiano que viveu no Rio de Janeiro. Nela consta a tradução do poema *Dei Sepolcri*, de Foscolo, junto com a de outros poemas sobre o mesmo tema: de Ippolito Pindemonte (1733-1828) e de Giovanni Torti (1774-1852), e

¹ Existem, pelo menos, mais duas traduções para o espanhol: a de A. González-Blanco (1919) e a de C. Rivas Cherif (1920).

² Luiz Vicente de Simoni, *Gemidos Poéticos sobre os túmulos, ou Carme epistolare de Hugo Foscolo*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1842. Antonio Candido menciona esse livro na *Formação da literatura Brasileira* (p. 405). Existe um exemplar na Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo).

um poema da própria autoria do tradutor, também sobre os túmulos. A época em que se publicou esse livro coincide com a segunda geração romântica, na qual despontavam temas fúnebres e melancólicos. Talvez venha daí a escolha do tradutor. O mesmo poema foi traduzido em Portugal com o título *Dos túmulos*³.

No Brasil, em 1944 foi elaborada uma pequena antologia de poemas de Foscolo em tradução⁴. Mais recentemente, 1992, foi defendida uma tese⁵ sobre o autor. Este último trabalho vê em Foscolo um protagonista ativo dos acontecimentos de sua época, um escritor que valorizava a função dos intelectuais e das letras e um defensor da língua italiana. A autora procura, entre outras coisas, mostrar a intensa vitalidade teórica dos escritos de Foscolo, o que, segundo ela, aponta para a modernidade do escritor.

Em relação às *Ultime lettere* a autora escreveu: “Campofornio diventerà il simbolo della servitù d’Italia nel romanzo giovanile del Foscolo, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, che sarà l’opera più letta tra i giovani patrioti italiani.”⁶

Essas poucas linhas resumem o tema maior do romance, a posição de servidão em que a Itália se encontrava diante dos acontecimentos políticos do final do século XVIII. Um desses acontecimentos, o Tratado de Campofórmio, de 17 de outubro de 1797, marcou a vida e a obra de Foscolo. O romance trata desse tema já na primeira carta:

Il sacrificio della patria nostra è consumato: tutto è perduto; e la vita, seppure ne verrà concessa, non ci resterà che per piangere le nostre sciagure, e la nostra infamia. Il mio nome è nella lista di proscrizione, lo so: ma vuoi tu ch’io per salvarmi da chi m’opprime mi commetta a chi mi ha tradito?⁷

³ Ugo Foscolo, *Dos túmulos*. Tradução de Humberto de Souza Reis, Lisboa, s.c.p., 1954.

⁴ *Idem*, *A lírica*. Tradução e comentário estético de Giulio Davide Leoni. São Paulo, Sonora, 1944.

⁵ Marzia Terenzi Vicentini, *Foscolo e le discussioni linguistiche del settecento*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1992. Tese para o Concurso de Professor Titular na área de Literatura Italiana.

⁶ “Campofórmio se tornará o símbolo da servidão da Itália no romance juvenil de Foscolo, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, que será a obra mais lida entre os jovens patriotas italianos.” *Idem, ibidem*, p. 64. (As traduções de citações são minhas, exceto quando expresse o contrário.)

⁷ “O sacrifício de nossa pátria está consumado: tudo está perdido; e se, por acaso, a vida nos for concedida, será apenas para chorarmos nossas desgraças e nossa desonra. Eu sei que o meu nome está na lista dos proscritos, mas queres tu que eu, para libertar-me de quem me oprime, una-me a quem me traiu?”

Mas, não foi apenas esse romance que repercutiu entre os jovens; foi também toda a obra de Foscolo e as atitudes dele perante a situação política da Itália, somadas à luta pela formação da consciência nacional. Uma dessas atitudes foi a que ele tomou após a queda de Napoleão, em 1815, preferindo o exílio a submeter-se ao governo austríaco; algo semelhante ao trecho da carta acima.⁸

* * *

A obra de Foscolo passou a ser estudada e valorizada por Silvio Pellico (1789-1854) e Giuseppe Mazzini (1805-1872), escritores participantes do *Risorgimento*. Após a consolidação da unificação italiana, em 1871, os restos mortais de Foscolo foram levados de Londres – onde o autor morrera e estava sepultado [FIGURA 4] – a Florença, para serem depositados na igreja de Santa Croce [FIGURA 5], a mesma igreja celebrada no poema *Dei Sepolcri*. Era o reconhecimento dos nacionalistas italianos a um grande poeta, finalmente sepultado ao lado de Michelangelo, Maquiavel, Alfieri e outros grandes nomes da Itália.

* * *

O crítico contemporâneo Mario Fubini, ao pesquisar sobre Foscolo, escreveu:

Anche mi è parso, rivedendo e correggendo questi studi [...], che il libro [de Fubini] si presentasse più omogeneo di quanto credevo, non tanto per merito mio, ma per merito di Foscolo, spirito così coerente nonostante l'apparente dispersione, e che le ricerche venissero perciò a integrarsi l'una con l'altra [...]. Posso sperare che simile diletto provino i lettori nel seguire i miei ragionamenti attraverso la selva delle questioni foscoliane?⁹

⁸ Jacopo Ortis (Foscolo) diz na primeira carta (11 de outubro de 1797): “Para libertar-me de quem me oprime (os austríacos), una-me a quem me traiu (os franceses)?”

⁹ “Também me pareceu, revendo e corrigindo estes estudos [...], que o livro [de Fubini] se apresentava mais homogêneo do que eu acreditava, não tanto graças a mim, mas graças a Foscolo, espírito tão coerente, apesar da aparente dispersão, e que as pesquisas, por isso, foram integrando-se uma a outra [...]. Posso esperar que os leitores experimentem semelhante prazer ao seguirem meus raciocínios pela selva das questões foscolianas?” M. Fubini, *Ortis e Didimo*. Milano: Feltrinelli, 1963, p. 9.

A complexidade da obra de Foscolo, sua aparente dispersão de assuntos e os múltiplos aspectos neles envolvidos deram origem a muita polêmica, ocasionando, muitas vezes, dificuldades para os críticos. Nas *Ultime lettere* encontramos tudo isso. Mas esse problema se resolveu pela escolha de um gênero apropriado à diversidade: o gênero epistolar, um gênero novo e, portanto, moderno.

O crítico italiano Benedetto Croce nos fala dessa grande complexidade: “Il Foscolo pensò vivi e fecondi pensieri sull’uomo, sull’arte, sulla politica, sulla morale, sulla storia, sulla religione”.¹⁰

Uma característica importante das *Ultime lettere*, portanto, é o fato de apresentar diversidade temática e de estilo. O histórico do romance também é conturbado: passou por várias edições ao longo de quase vinte anos, e foi sofrendo modificações e acréscimos de acordo com os acontecimentos vividos pelo autor. Foi considerado pelos críticos um romance autobiográfico, o que o próprio Foscolo confirma na *Notizia bibliografica* que acompanhava a edição de 1817.

De acordo com o crítico Walter Binni: “L’*Ortis* è un libro che si presenta come composto a strati, abbozzato, scritto e riscritto in epoche diverse: da ciò derivano in parte anche certi suoi sbalzi di tono”.¹¹

O fato de Foscolo ter escrito e reescrito o romance em épocas diferentes, sobrepondo uma versão à outra, como se estivesse escrevendo em camadas, poderia explicar a variedade de estilos e temas. Mas essa variedade é também própria do gênero epistolar, como veremos no capítulo 2.1. Esse tipo de romance proporcionava a Foscolo, poeta, manifestar de imediato sentimentos e lirismo, e com uma liberdade que a métrica da poesia não lhe permitia. Como não havia tradição narrativa na Itália, recorreu à técnica narrativa européia para criar o romance italiano.

O romance foi a prosa do século XVIII na Inglaterra. A literatura narrativa, antes dele, restringia-se às epopéias escritas em versos e aos contos, fábulas e outros gêneros curtos. Apesar de já existir o romance de cavalaria na Inglaterra, na Espanha, em Portugal e na Alemanha, por exemplo, o gênero pouco se difundiu na Itália. Quando o romance propriamente dito começa a ser publicado e se torna uma literatura comercial,

¹⁰ “Foscolo refletiu de maneira viva e fecunda sobre o homem, a arte, a política, a moral, a história e a religião.” B. Croce, *Poesia e non poesia*. Bari: Laterza, 1946, p. 73.

¹¹ “O *Ortis* é um livro que se apresenta como se fosse composto em extratos, esboçado, escrito e reescrito em épocas diferentes: disso derivam em parte também certos saltos de tom.” W. Binni, “Introduzione”. In: U. Foscolo, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Milano: Garzanti, 1992, p. 17.

ele tem a forma de um epistolário. O iniciador deste gênero na literatura italiana foi Ugo Foscolo.

* * *

Para este trabalho adotamos a edição definitiva de 1817. Faremos referência às outras edições quando necessário.

O romance está estruturado do seguinte modo: é uma coleção de cartas, todas elas do punho de Jacopo Ortis, um estudante de Veneza, que depois do Tratado de Campoformio se refugia nas Colinas Eugêneas [FIGURA 2], na região do Vêneto. Lá, conhece Teresa, uma moça pela qual se apaixona. Ela, apesar de corresponder ao amor de Jacopo, tinha sido prometida em casamento, por conveniência, a outro homem. Duas grandes decepções tomam conta de Jacopo: o problema político relacionado à liberdade da pátria e o amor impossível por Teresa. As cartas são endereçadas a um amigo, Lorenzo Alderani, que depois da morte de Ortis, as reunirá e publicará.

O romance divide-se em duas partes: a primeira, desenvolve-se em torno do amor de Ortis por Teresa; a segunda, trata da peregrinação de Ortis pela Itália. No decorrer da viagem, o pessimismo que sentia em relação aos problemas políticos e em relação a Teresa vai tomando conta dele.

Apesar da semelhança com *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe (1749-1832), quer no conteúdo, quer no gênero (romance epistolar), os sofrimentos de Jacopo Ortis assemelham-se mais aos de Foscolo. O *Ortis* está mais relacionado à vida de Foscolo do que o *Werther* à de Goethe. E as questões apresentadas nas *Últimas cartas* são mais políticas do que pessoais, estando elas atreladas aos problemas da Itália. Nisso reside boa parte da originalidade do autor. Mas o *Werther* não é a única fonte de inspiração do romance. Foscolo inspirou-se também em Vittorio Alfieri (1749-1803), na vida de Catão de Útica (95-46 a. C.), nos poemas em prosa de James Macpherson (1736-1796), atribuídos a Ossian, e em outros autores aos quais se refere de maneira direta (explicitamente) ou indireta (por meio de paráfrases).

* * *

Acompanhando Fubini “attraverso la selva delle questioni foscoliane”, ou seja, pela gama de possibilidades que Foscolo nos oferece, vamos nos deter nos temas

principais das *Ultime lettere*. As questões acima apresentadas serão mais detalhadas nos seus respectivos capítulos.

No capítulo 1, discutiremos a trajetória do poeta e de sua obra, a história das *Ultime lettere*, bem como a trama, o estilo e a linguagem do romance; no capítulo 2, a análise do romance segundo as influências que Foscolo recebeu, e os temas dos quais ele trata; e, no capítulo 3, os critérios utilizados para a tradução e para a seleção das cartas que serão apresentadas em seguida, comentadas e anotadas.

1. FOSCOLO E AS *ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS*

1.1. Foscolo: de Zante a Florença

“Né più mai toccherò le sacre sponde
Ove il mio corpo fanciulletto giacque,
Zacinto mia, che te specchi nell’onde
Del greco mar da cui vergine nacque”¹²
(Foscolo, *A Zacinto*, 1802-3)

Niccolò Ugo Foscolo nasceu no dia 6 de fevereiro de 1778, em Zante (Zacinto), uma ilha grega que à época pertencia a Veneza. O pai, Andrea Foscolo, era um médico veneziano e a mãe, Diamantina Spathis, era grega. Foscolo foi o primeiro dos quatro filhos: tinha uma irmã e dois irmãos. Após a morte precoce do pai, em 1788, a mãe mudou-se para Veneza, para onde Foscolo seguiu com seus irmãos em 1792, ali permanecendo até 1797.

O ambiente cultural de Veneza foi propício para a formação de Foscolo, pois naquela cidade havia uma intensa vida cultural e literária, e grande circulação de livros italianos e traduções. Lá, podiam-se encontrar os romances epistolares de Samuel Richardson (1689-1761) e o *Werther* de Goethe.

Mais tarde, ainda em Veneza, Foscolo conheceu Isabella Teotocchi Albrizzi, o primeiro de uma longa série de amores, e, ao frequentar o salão dela, conheceu importantes literatos, dentre eles Aurelio De’ Giorgi Bertola¹³ (1753-1798), Ippolito Pindemonte e Melchiorre Cesarotti (1730-1808)¹⁴.

Na Universidade de Pádua, frequentou algumas aulas de Cesarotti, mas, como autodidata, havia elaborado um *Piano di studi*, e de acordo com o plano começou a escrever um romance, *Laura, lettere*, que viria a ser o esboço das *Ultime lettere*; em 1796, então com 18 anos, escreveu o soneto *A Venezia*, e as odes *A Bonaparte*

¹² “Nunca mais tocarei as sagradas margens / Onde o meu corpo juvenzinho se deitou, / Minha Zacinto, que te espelhas nas ondas / do grego mar do qual a virgem nasceu.”

¹³ É lembrado nas *Ultime lettere*, na carta de Rimini de 5 de março de 1799.

¹⁴ Poeta e tradutor italiano. Suas traduções de Homero e Ossian contribuíram para introduzir na Itália as primeiras formas da sensibilidade pré-romântica. Cf. A. Giudice e G. Bruni, *Problemi e scrittori della letteratura italiana*, v. 2, Torino: Paravia, 1987, p. 350.

liberatore e Ai novelli repubblicani. Em 1797, com a chegada das tropas napoleônicas, escreveu a tragédia *Tieste*, com forte influência de Alfieri e com idéias revolucionárias. Essa tragédia tornou o autor conhecido, e “confermò la sua aspirazione a diventare poeta sociale e civile”.¹⁵

A atividade política de Foscolo já existia: era chamado “il giacobino italiano”. Mas, seu jacobinismo passou por uma grande desilusão em 17 de outubro desse mesmo ano, quando se firmou o Tratado de Campofórmio: uma desilusão para Foscolo e para outros revolucionários que acreditavam nos ideais da Revolução Francesa, e em Napoleão como libertador.

Após o Tratado, deixou Veneza (diferentemente de Jacopo, que foi para as Colinas Eugêneas e não continuou a lutar como Foscolo) e seguiu para Milão, capital da República Cisalpina, onde conheceu os escritores Giuseppe Parini (1729-1799)¹⁶ e Vincenzo Monti (1754-1828)¹⁷.

Foscolo orientou sua atividade política para os jornais: passou a escrever para o *Monitore Italiano*, até que a censura de Napoleão fechou o jornal. Mudou-se para Bolonha e, lá, abriu o jornal *Genio Democratico* juntamente com o irmão; colaborou em o *Monitore Bolognese*, do editor Jacopo Marsigli, a quem confiou seu romance incompleto *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (que já reunia as experiências amorosas e políticas do autor). No entanto, Foscolo abandonou a obra para combater na Guarda Nacional de Bolonha, diante da chegada das tropas austro-russas.

Enquanto Foscolo lutava em Gênova, o editor Marsigli publicava, em 1799, uma edição adulterada das *Ultime lettere*. Foscolo, nessa mesma época, escreveu o *Discorso sull' Italia*, a ode *A Luigia Pallavicini caduta da cavallo* e reeditou a ode *A Bonaparte* com uma carta, na qual desaprovava o Tratado de Campofórmio e advertia Bonaparte para que não se tornasse um tirano. Após a batalha de Marengo (14 de junho de 1800), Foscolo, como capitão adjunto do Estado-Maior, realizou várias missões na Lombardia, na Emília e na Toscana, e foi ferido duas vezes. Em Florença (então capital do Reino da Etrúria), no final de 1800, conheceu e se apaixonou por Isabella Roncioni. Foi nessa

¹⁵ “Confirmou sua aspiração a poeta social e civil.” G. Marzot, *Ugo Foscolo*. Letteratura Italiana. I maggiori. Milano: Marzorati, 1975, p. 758.

¹⁶ Que será lembrado nas *Ultime lettere* (carta de 4 de dezembro de 1798), nos *Sepolcri* e nas aulas de eloquência em Pavia.

¹⁷ Foscolo escreveu *Esame su l'accuse contro V. Monti*, em defesa do amigo, por cuja mulher, Teresa Pikler, acabou se apaixonando. Mais tarde, romperam por causa de desavenças literárias e políticas.

época que ficou sabendo da edição adulterada de suas *Ultime lettere*, o que o fez retomar o romance e modificá-lo.

De volta a Milão, viveu um período de intensa atividade política e intelectual. Apaixonou-se pela condessa Antonietta Fagnani Arese, a quem dedicou a ode *All'amica risanata*, e quem traduziu para ele o *Werther*. Em outubro de 1802, o *Ortis* reescrito por Foscolo foi publicado em Milão. Nessa época, andou escrevendo ainda o *Sesto Tomo dell'io*, uma autobiografia que permaneceu incompleta.

Em 1803, publicou uma obra poética contendo duas odes e doze sonetos, dedicados a Gian Battista Niccolini (1782-1861), um amigo¹⁸, a quem dedicará também a tradução da *Chioma di Berenice*, de Calímaco – a qual Foscolo traduziu da versão latina de Catulo – acompanhada por uma introdução e uma crítica aos acadêmicos pedantes e bajuladores de Napoleão.

Um ano depois, devido à difícil situação em que se encontrava, solicitou reincorporação ao exército, e foi enviado para o norte da França, onde tomaria parte da divisão italiana do exército com o qual Napoleão pensava invadir a Inglaterra, mas que depois foi suspensa. Durante os dois anos que permaneceu na França, Foscolo envolveu-se com uma jovem inglesa, e com ela teve uma filha, Floriana, a quem encontrará depois, no exílio, em Londres.

Traduziu *A Sentimental Journey* (*Viaggio sentimentale*) de Laurence Sterne (1713-1768) e escreveu a *Notizia intorno a Didimo Chierico*. Didimo Chierico seria o suposto tradutor do romance de Sterne: um novo personagem autobiográfico de Foscolo, lúcido e irônico, bem diferente de Jacopo, pessimista e trágico. Foscolo inova ao escolher um romance moderno para traduzir e ao criar uma personagem, por meio da qual discutirá o trabalho do tradutor.

Em princípios de 1806, de volta à Itália, encontrou Pindemonte, o qual havia começado a compor o poema *Cimiteri*; e Monti, que lhe mostrou *Il Bardo della Selva Nera*. Esses encontros reacenderam em Foscolo a inspiração poética: escreveu *Inno alla nave delle Muse*, o poema *Alceo*, *Sermone*, *Epistola sui sepolcri*, que mais tarde se transformaria no poema *Dei Sepolcri*, publicado em 1807. Neste poema, Foscolo refere-se à situação política do seu tempo, lembrando os monumentos dos grandes italianos sepultados em Santa Croce: uma exaltação à Itália livre e independente. Publicou o

¹⁸ Gian Battista seria também o Lorenzo Alderani das *Cartas*.

Esperimento di traduzione dell'Illiada (que começara a traduzir na França) e passou a ilustrar a obra de um capitão italiano, Raimondo Montecuccoli, com o objetivo de despertar nos italianos o espírito militar.

Quando Foscolo obteve, em março de 1808, a cátedra de eloquência na Universidade de Pávia, viu uma oportunidade para fixar residência, mas, poucos meses depois todas as cátedras das universidades do Reino Itálico foram suprimidas por Napoleão. Mesmo assim, chegou a dar algumas aulas, entre elas, a aula inaugural *Dell'origine e dell'ufficio della letteratura*. Durante as aulas, às quais confluía um grande número de interessados, Foscolo recusava fazer elogios a Napoleão, um hábito da época, pois para ele o imperador era um empecilho à liberdade das letras. Ainda nesse período, em Milão, colaborou para os *Annali di scienze e lettere*, em que publicou um artigo sobre a tradução da *Odisséia*, e lançou uma crítica sutil a Monti, o que provocaria a ruptura da amizade entre eles – Foscolo criticava-o por colaborar com o governo de Napoleão.

Em 9 de dezembro de 1811, no teatro Alla Scala foi encenada a segunda tragédia de Foscolo, *Ajace*, em que a figura de Agamênon é identificada a Napoleão, e a de outras personagens a membros do governo; por causa disso, as apresentações acabaram sendo suspensas.

Foscolo partiu então para Florença, e lá, graças à amizade com a condessa Luisa d'Albany, conheceu vários literatos florentinos. Reencontrou Isabella Roncioni e conheceu Quirina Mocenni, a quem chamaria de *Donna Gentile*, que tanta ajuda lhe prestaria no futuro.

Em seguida, terminou a tradução de *A Sentimental Journey*, que seria publicada em Pisa, em 1813, junto com a já mencionada *Notizia intorno a Didimo Chierico*; escreveu sua terceira tragédia, *Ricciarda*, de argumento medieval e já totalmente desvinculada dos modelos clássicos, e que será encenada em Bolonha; começou também a escrever *Le grazie*, poema que revelava um amadurecimento das idéias de Foscolo, e que deixará incompleto, mas será o “culmine di quell'aspirazione ad una armonia non solo estetica con cui il Foscolo intendeva vincere il dramma personale-

storico-esistenziale delle passioni irruenti e ferine che in quel periodo si configuravano”¹⁹.

Enquanto tudo isso acontecia, anunciava-se a queda definitiva de Napoleão, e, na Itália, o desmoronamento do Reino Itálico. O marechal austríaco Bellegarde ofereceu a Foscolo um cargo de capitão e lhe confiou a direção de um periódico com fins aparentemente literários: a revista *Biblioteca italiana*. Foscolo aceitou inicialmente, mas para não ter de prestar o juramento de fidelidade à Áustria, em 30 de março de 1815 fugiu de Milão e refugiou-se na Suíça. A escolha pelo caminho do exílio será imitada depois por muitos patriotas do *Risorgimento*.

Em 1816, já em Zurique, publicou uma nova edição das *Ultime lettere*, na qual aparece pela primeira vez a carta contra Napoleão²⁰, e escreveu alguns discursos, entre os quais estão os *Discorsi sulla servitù d'Italia*, publicados após a morte do autor. Publicou também o *Ipercalisse*, uma sátira em latim contra seus adversários políticos e contra os literatos da Itália napoleônica.

Apesar de a Áustria persistir na extradição, Foscolo conseguiu, junto ao embaixador inglês em Berna, um passaporte como cidadão das ilhas jônicas, que haviam passado a ser, em 1815, um protetorado do Império Britânico. Assim, em 11 de setembro de 1816 chega a Londres. Em 1817 edita a última edição das *Ultime lettere*. Na capital inglesa, ele intensificará sua atividade de crítico literário, escrevendo para importantes revistas inglesas como a *Edinburgh Review*. Escreveu *Lettere scritte dall'Inghilterra*, que seriam publicadas postumamente com o título de *Gazzettino del Bel Mondo*, e que fizeram dele “Il maggior critico italiano fino al De Sanctis”²¹; escreveu também outros artigos e ensaios considerados obras-primas: *Saggi sul Petrarca*, *Discorso sul testo della Divina Commedia*, *Della nuova scuola drammatica in Italia*, sendo este último uma análise do Romantismo italiano. Segundo Binni:

[...] dal grande poeta era nato un grande critico e che con questa sua ultima estrinsecazione la personalità foscoliana si completa e si presenta come quella che

¹⁹ “Ápice daquela aspiração a uma harmonia, que não era apenas estética, com a qual Foscolo pretendia vencer o drama pessoal-histórico-existencial das paixões impetuosas e ferinas que naquele período tomavam forma.” W. Binni, “Introduzione”. In: U. Foscolo, 1992, p. 14.

²⁰ Carta de 17 de outubro de 1799.

²¹ “O maior crítico italiano antes de De Sanctis.” W. Binni, *op. cit.*, p. 17.

domina l'epoca fra neoclassicismo e romanticismo e ne media originalmente le tendenze più profonde [...] ²²

Foscolo não abandonou o debate político, e escreveu em defesa das ilhas jônicas e da fortaleza de Parga²³. Continuou a desenvolver suas idéias políticas nas *Lettere apologetiche*, publicadas postumamente por Mazzini, durante o *Risorgimento*.

John Cam Hobhouse, amigo do poeta inglês Lord Byron (1788-1824), encomendou a Foscolo um ensaio sobre a literatura italiana da época, a qual, graças ao próprio Foscolo, começava a entrar em voga. Mas, Hobhouse acabou perdendo dinheiro e não pagou as 50 libras que haviam sido prometidas. Nesses anos Foscolo havia reencontrado a filha, Floriana, a quem a avó materna deixara certa quantia em dinheiro. Foscolo construiu uma casa, mas se endividou, e, para se manter, passou a anunciar nos jornais suas aulas de língua e de literatura italianas.

Os últimos anos foram de extrema dificuldade para ele: teve de mudar de nome para fugir aos credores. Em dezembro de 1826, estabeleceu-se em Turnham Green, subúrbio de Londres, e em 10 de setembro de 1827 faleceu. Foi sepultado no cemitério de Chiswick, em Londres; em 1871, seus restos mortais foram levados para Florença, e depositados com muita solenidade na igreja de Santa Croce.

1.2. A história das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*

Do primeiro esboço das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, de 1796, até a última edição, de 1817, passaram-se 21 anos, e Foscolo, nesse meio tempo, modificou o romance de acordo com os acontecimentos pessoais e políticos pelos quais passou. Por isso, percebemos no romance diferentes camadas, como observaram Binni e De Sanctis:

²² “[...] do grande poeta, tinha nascido um grande crítico, e com esta sua última manifestação, a personalidade foscoliana se completa e se apresenta como aquela que domina a época entre o neoclassicismo e o romantismo e interpõe-se de forma original às tendências mais profundas [...]” W. Binni, “Introduzione”. In: U. Foscolo, 1992, p. 17.

²³ Muralha que protege a cidade de Parga, na Grécia. Essa cidade pertencia a Veneza desde 1401 e foi anexada à França pelo Tratado de Compofórmio. Em 1819, foi vendida pelos britânicos para Ali Paxá que a incorporou ao Império Otomano. No dia da ocupação, os habitantes desenterraram e cremaram seus mortos, deixando a cidade com seus ícones sagrados e as cinzas de seus antepassados.

Sotto a quel nome Foscolo scriveva se stesso, a frammenti, secondo le impressioni e gli accidenti: poi a mente tranquilla fissò un disegno, stabilì le proporzioni e venne fuori un romanzo, dove si sentono come diversi strati di formazione, mal dissimulati dal lavoro posteriore?²⁴

No esboço inicial, prevalecia um romance epistolar mais sentimental, tendo como temas centrais o amor infeliz por uma jovem e o suicídio – uma referência à morte de um estudante da Universidade de Pádua.²⁵ Porém, já em 1798, os acontecimentos de Campofórmio e a primeira desilusão amorosa do autor se fazem notar no romance, modificando-o em relação ao esboço, ainda que o livro contasse apenas com a primeira parte.

Com a partida de Foscolo de Bolonha, o editor Jacopo Marsigli encomendou a continuação da história ao escritor Angelo Sassoli, que escreveu mais vinte cartas para completar o livro. O resultado saiu com o título *Vera storia di due amanti infelici ossia Ultime lettere di Jacopo Ortis*, e com autoria de Foscolo; vinha ainda acompanhado de algumas notas que reforçavam o lado sentimental do romance, o que tinha o intuito de acomodar-se à censura austríaca.

Quando Foscolo tomou conhecimento dessa edição, denunciou-a em um artigo na *Gazzetta universale* de Florença, e retomou a escritura do romance, publicando-o depois em Milão, em 1801, junto ao editor Mainardi. Nessa ocasião, Foscolo enviou um exemplar a Goethe.

No ano seguinte, saiu a primeira edição completa (editor Genio Tipografico), com várias modificações: Lorenzo F. passou a ser Lorenzo A. (em 1817, passará a Lorenzo Alderani); o número de cartas passou de 45 a quase 70; o período de tempo coberto pela narrativa aumentou: antes era de 3 de setembro de 1797 a maio de 1798, e passou a ser de 11 de outubro de 1797 (às vésperas do Tratado de Campofórmio) a 25 de março de 1799 (invasão austro-russa), período, portanto, bem marcado por uma fase de desilusões políticas.

²⁴ “Debaixo daquele nome, Foscolo escrevia sobre si mesmo, em fragmentos, segundo as impressões e os incidentes: depois, com a mente tranqüila, fixava um desenho, estabelecia as proporções e o romance surgia, onde se pode sentir como que diferentes extratos de formação, mal dissimulados pelo trabalho posterior.” F. de Sanctis, *Scelta di Scritti critici*. Torino: Unione tipografica, 1949, p. 287.

²⁵ Um jovem chamado Girolamo Ortis havia realmente se suicidado em março de 1796, em Pádua, mas Foscolo não o conhecera.

Com as mudanças, a narrativa tornou-se mais dramática, reforçando, logo no início, o tom de protesto e de desespero, e o tema principal do romance passou a ser a política. Essa edição mostra a influência de Alfieri, com a idéia da morte como liberdade, e do ódio à tirania, temáticas muito recorrentes nesse autor.

Houve mudanças significativas nas personagens: antes, Teresa era viúva, e tinha uma filha pequena (retratava a paixão de Foscolo por Teresa Pikler, esposa de Monti); sentia-se atraída por Jacopo, mas estava ligada a Odoardo, um pintor; nessa primeira edição, era bem maior a influência do *Werther*. Com as modificações, Teresa passou a ser uma jovem (lembrando a paixão por Isabella Roncioni) que tinha uma irmã pequena. O noivo de Teresa, Odoardo, passou a ser um marquês, homem frio, calculista, mesquinho, bem ao contrário de Jacopo, portanto.

No exílio, em Zurique, lançou uma nova edição (editor Orell Füssli) em 1816, mas, por motivos de segurança, constava ter sido publicada em Londres, em 1814 [FIGURA 1]. Nela, Foscolo acrescentou a carta de 17 de março de 1798, na qual aparecem trechos do discurso *Della servitù dell'Italia*, que teve publicação póstuma. Nessa carta, expõe os danos que Napoleão causou à Itália. Acrescentou também a carta de 4 de dezembro de 1798, um diálogo com Parini, que ressalta a importância da literatura como testemunho.

Acompanhava ainda essa edição uma longa análise, a *Notizia bibliografica*, escrita em terceira pessoa, em que Foscolo trata das críticas que o romance vinha recebendo, questões referentes às semelhanças com o *Werther*, às traduções das *Ultime lettere*, etc.

A edição definitiva de 1817, de Londres (editor John Murray), foi dividida em dois volumes, e incluía alguns capítulos da tradução que levou o título de *Viaggio sentimentale de Yorick* e uma versão reduzida da *Notizia bibliografica*. Foscolo fez uma revisão da linguagem e do estilo, mas manteve o tom explosivo, ardente, exatamente como na edição de 1802.

Fubini, ao comentar o crítico Vittorio Rossi, escreveu:

Perciò se Vittorio Rossi ha riconosciuto nelle lettere due diversi protagonisti, l'adolescente melancolico e sentimentale della Laura e il disperato amante senza patria

dell'*Ortis* del 1802, converrà nel romanzo rilevare anche la presenza di questo Ortis più maturo, più virile, più profondo.²⁶

O romance também é chamado de *opera aperta* pelos críticos, justamente pela flexibilidade que tinha de ser alterado ao longo do tempo, mostrando momentos diferentes do pensamento do autor.

Nota-se, portanto, duas características da obra e do autor: a primeira, o fato de a própria história das edições ser conturbada, devido ao período de crise política e censura em que se deu; e, a segunda, como vimos no capítulo anterior, a biografia de Foscolo, que reflete também esse período com tantos deslocamentos pela Itália, e fora dela, para fugir à repressão política.

1.3. *Ultime lettere*: tensão entre o amor à vida e a atração pela morte

Foscolo escreve na *Notizia Bibliografica*:

Il suo stile piglia improvvisamente vari colori dalla molteplicità degli oggetti, i suoi pensieri sono disordinati; e nondimeno lo stile ha sempre uno stesso tenore, mantenuto dal carattere dell'individuo, e il disordine forma un tutto che si direbbe composto armonicamente di dissonanze.²⁷

Uma marca do estilo desordenado das *Ultime lettere* é o desespero. Jacopo escreve a primeira carta ao amigo Lorenzo porque teve de se refugiar nas Colinas Eugêneas, para fugir de Veneza. Ele inicia o romance com um protesto contra a traição de Napoleão, que vendera Veneza aos austríacos; inicia desiludido das esperanças de patriota e revolucionário.

Na primeira parte do romance, ao mesmo tempo em que se sente infeliz, medita em meio à natureza e à paisagem das Colinas, ao lado de homens simples, ainda

²⁶ “Por isso, se Vittorio Rossi reconheceu nas cartas dois diferentes protagonistas, o adolescente melancólico e sentimental da *Laura* e o amante desesperado sem pátria do *Ortis* de 1802, convém no romance ressaltar também a presença deste Ortis, mais maduro, mais viril e mais profundo.” M. Fubini, 1963, p. 252.

²⁷ “O seu estilo apreende, de súbito, várias cores da multiplicidade dos objetos; os seus pensamentos são desordenados; não obstante, o estilo tem sempre o mesmo teor, mantido pelo caráter do indivíduo; e a desordem forma um todo, que se diria composto harmonicamente de dissonâncias.” “Notizia Bibliografica”. In: U. Foscolo *Prose*. Bari: Laterza, 1913, p. 121.

“incontaminados”²⁸ pela civilização. Ele passa os dias entre as cartas que escreve ao amigo e à leitura de Plutarco²⁹, das vidas de Licurgo e Timoleão³⁰, e lê aos camponeses:

Domenica mi s'erano affollati intorno tutti i contadini, che quantunque non comprendessero affatto, stavano ascoltandomi a bocca aperta. Credo che il desiderio di sapere e ridire la storia³¹ de' tempi andati sia figlio del nostro amor proprio che vorrebbe illudersi e prolungare la vita unendoci agli uomini ed alle cose che non sono più.³²

Depois que conhece Teresa, sente de novo a vida dentro de si, e a idéia do suicídio, que está presente desde o começo do romance, é adiada:

Io tornava a casa col cuore in festa. Che? lo spettacolo della bellezza basta forse ad addormentare in noi tristi mortali tutti i dolori? vedi per me una sorgente di vita: unica certo, e chi sa! fatale. Ma se io sono predestinato ad avere l'anima perpetuamente in tempesta, non è tutt'uno?³³

O que percebemos também pela carta de 17 de março de 1798:

²⁸ Adjetivo muito usado por Jacopo, ou seja, fiel até o fim, que não traiu os seus ideais, uma crítica evidente a Napoleão, e a alguns literatos.

²⁹ Assim como Alfieri e os poetas do *Sturm und Drang*, que se inspiraram nas *Vidas paralelas* de Plutarco (45-120?).

³⁰ Licurgo, legislador de Esparta; Timoleão, libertador de Siracusa. Ambos são exemplos de conduta moral.

³¹ Alusão ao pensamento de Giambattista Vico (1668-1744) sobre a revalorização da história, idéia que Foscolo usará em outras obras.

³² “Domingo, os camponeses se juntaram todos à minha volta, e, apesar de nada compreenderem, ficavam me escutando boquiabertos. Creio que o desejo de saber e de repetir a história dos tempos idos seja filho do nosso amor-próprio, o qual gostaria de iludir-se e prolongar a vida unindo-nos a homens e coisas que não mais existem.” Carta de 18 de outubro de 1797.

³³ “Eu voltei para casa com o coração em festa. Como? será que o espetáculo da beleza basta para entorpecer em nós, tristes mortais, todas as dores? E seria para mim uma fonte de vida: certamente única e, quem sabe, fatal. Mas se fui predestinado a ter a alma em eterna tempestade, não dá no mesmo?” Carta de 26 de outubro de 1797.

L'amore in un'anima esulcerata, e dove le altre passioni sono disperate, riesce onnipotente – e io lo provo; ma che riesca funesto, t'inganni: senza Teresa, io sarei forse oggi sotterra.³⁴

A situação na qual Teresa está envolvida, isto é, prometida em casamento a um homem que ela não ama, mas obrigada a se casar por imposição do pai (o que fez com que a mãe de Teresa se afastasse da família), aumenta o desespero de Jacopo, porque não vê saída às intransigências e ao poder, em todos os aspectos: o político, o amoroso e o existencial.

Quando, na segunda parte do romance, ele inicia uma peregrinação pela Itália, percorre lugares pelos quais o próprio Foscolo havia passado: Bolonha, Florença e Milão; a região da Ligúria até Ventimiglia; depois, a região da Romanha, incluindo a cidade de Ravena, onde está enterrado Dante. O objetivo desse percurso é mostrar regiões significativas da Itália do ponto de vista político, histórico, artístico e natural, com o propósito de acentuar a identidade de um Estado ainda não formado. À medida que a viagem prossegue, aumentam o pessimismo e o ritmo dramático do romance.

A natureza e a paisagem modificam-se de acordo com o estado de alma de Jacopo. Paisagens idílicas, em meio às Colinas Eugêneas, dão lugar a precipícios e tempestades.

E ao voltar às Colinas Eugêneas, desiludido por ter visto a Itália dividida e prostituída, como escreveu na segunda carta do romance, depara-se com o casamento de Teresa e Odoardo. Tais acontecimentos levam então Jacopo a suicidar-se na noite de 25 de março de 1799, com um golpe de punhal, imitando o gesto de Catão e das personagens trágicas de Alfieri: diferentemente de Werther, que se matou com um tiro de espingarda.

A relação entre a Itália e a personagem de Teresa é evidente. De Sanctis, relaciona Teresa a Veneza:

Questa sua Teresa finita sotto i baci di Odoardo è come la Venezia della sua mente finita in braccio dell'Austria, o l'Italia “prostituita, premio sempre della vittoria”, nelle braccia del più forte [...]. Ma, come Venezia e come l'Italia, così Teresa non ha virtù di

³⁴ “Em uma alma exacerbada e onde outras paixões não encontram esperança, o amor sobressai-se onipotente – eu mesmo o comprovo, mas que seja funesto este amor, te enganas: sem Teresa, talvez, eu estivesse hoje debaixo da terra.”

resistenza e si rassegna gemendo, e innanzi al cadavere di Jacopo cade tramortita tra le braccia di Odoardo.³⁵

Vemos assim, a paixão política que se inter-relaciona com a paixão amorosa. A desilusão causada pelas duas paixões leva Jacopo ao suicídio. O fracasso da paixão política evidencia, de um lado, as relações negativas com o poder e, de outro, o desejo de uma Itália que poderia ter sido unificada à luz das idéias difundidas pela Revolução Francesa e pelo entusiasmo suscitado por Napoleão. A paixão amorosa, por sua vez, evidencia as relações negativas do indivíduo com os usos e costumes que querem a mulher como objeto do pai ou do marido, e privada de uma vontade autônoma.

O suicídio é o único “rimedio di certi tempi”³⁶, diz Foscolo na sua *Notizia Bibliografica*; e na carta a Teresa, antes de se matar, Jacopo escreve: “Ma io moro incontaminato, e padrone di me stesso, e pieno di te, e certo del tuo pianto”³⁷, Jacopo escolhe a morte como libertação, uma lição de Alfieri; em tempos difíceis, permanece fiel aos seus ideais, e por isso incontaminado.

O suicídio de Jacopo, portanto, aparece como ato de denúncia contra os usos e costumes da época e de protesto político. Jacopo Ortis representa a crise das esperanças revolucionárias. É um herói romântico que luta inutilmente contra as convenções rígidas de sua época.

Em relação às críticas que o romance recebeu no início de sua publicação, de que os dois temas, o político e o amoroso, estavam mal coligados, Foscolo escreveu:

Notisi dunque che nell’*Ortis* il vero contrasto sta tra la “disperazione delle passioni” e “l’ingenito amor della vita”; e che gli affetti, eccitati in lui dalla giovane ch’ei desidera e che non può mai possedere, e dalla patria che ha perduto e ch’egli inutilmente anela di

³⁵ “Essa sua Teresa que acabou sob os beijos de Odoardo é como a Veneza de sua mente, que acabou nos braços da Áustria, ó Itália ‘prostituída, eterno espólio de vitória’, nos braços do mais forte [...]. Mas, como Veneza e como a Itália, assim Teresa não tem mais coragem de resistir e resigna-se sofrendo; e diante do cadáver de Jacopo, cai desmaiada nos braços de Odoardo.” F. de Sanctis, 1949, p. 290.

³⁶ “Remédio de certas épocas.” “Notizia Bibliografica”. In: U. Foscolo, 1913, p. 112.

³⁷ “Mas, morro incontaminado, e dono de mim mesmo, e pleno de ti, e certo do teu pranto!” Carta de 25 de março de 1799.

vendicare, somministrano appunto nuove armi alla disperazione contro il naturale orror della morte.³⁸

Segundo Binni, o tema principal do romance é o político, e o suicídio justifica-se pelo trauma das desesperanças políticas, por isso, na frase de Jacopo, o suicídio como “rimedio di certi tempi”. O tema político contém, por sua vez, outros temas e reflexões. O amor representa algo divino em uma realidade mesquinha e enganadora, e torna-se um elemento moderador do suicídio.

Portanto, como escreveu Foscolo, a desordem e a inquietação fazem parte do romance. O tom é dissonante: é esse o estilo do romance. Para entendê-lo é necessário analisá-lo à luz da crise e do desespero histórico, político e existencial. Por isso há a presença constante do contraste, do choque entre a razão e a paixão, em uma profusão de temas e problemas.

As personagens também se apresentam contrastantes, como nas tragédias de Alfieri. De um lado, personagens movidas pelo sentimento e pela paixão: Jacopo e Teresa, o fiel Michele, Lorenzo, a mãe de Jacopo, a mãe de Teresa; e de outro, personagens racionais e mesquinhas, como Odoardo, e o pai de Teresa, que procura no casamento da filha, a salvação econômica para a família, mesmo à custa da felicidade da filha.

Foscolo, muito atento a esses problemas, escreveu:

La scena è in Italia, e la fanciulla è italiana. Molte delle donzelle nobili in Italia amano quanto Teresa, e con pari virtù, e vanno vittime silenziose al sacrificio; e se pur tentano di deviare la loro imminente sciagura, i loro tentativi riescono sempre vani e ignoti. Alla tirannide paterna che irritò le loro anime, a' vizi de' mariti che le corrompono, [...] all'esempio delle loro madri guastate dalle stesse cause.³⁹

³⁸ “Nota-se, portanto, que no *Ortis* o verdadeiro contraste está entre o ‘desespero das paixões’ e o ‘amor inato pela vida’; e que os afetos, excitados nele pela jovem que ele deseja, e que nunca poderá possuir, e pela pátria que perdeu, e que inutilmente deseja vingar, fornecem justamente novas armas ao desespero contra o natural horror da morte.” “Notizia Bibliografica”. In: U. Foscolo, 1913, p. 124.

³⁹ “A cena é na Itália, e a moça é italiana. Muitas das donzelas nobres na Itália amam como Teresa, e com a mesma virtude, e, vítimas silenciosas, vão para o sacrifício; e se também tentam desviar suas desgraças iminentes, suas tentativas resultam sempre vãs e desconhecidas. À tirania paterna que irritou suas almas, aos vícios dos maridos que as corrompem, [...] ao exemplo de suas mães, arruinadas pelos mesmos motivos.” *Idem, ibidem*, p. 129.

Tanto o estilo, como as personagens nos revelam o propósito deliberado do escritor em nos mostrar as injustiças. Foscolo procurou fazer do romance uma denúncia daqueles tempos, e procurou seguir a lição de Parini de escrever como militante, cumprindo, dessa forma, a missão do literato.

1.4. A crítica às *Ultime lettere*

A fortuna crítica das *Ultime lettere di Jacopo Ortis* começa a ser construída praticamente com o próprio Foscolo. Na edição de 1816, na *Notizia Bibliografica*, Foscolo rebateu muitas das críticas que seu romance vinha recebendo. Escreveu também ensaios, nos quais fala da literatura do seu tempo, sobre ele mesmo na terceira pessoa e sobre as *Ultime lettere*.⁴⁰

Quando a primeira edição completa foi lançada, em 1802, causou, ao mesmo tempo, admiração e hostilidade entre os literatos mais velhos e uma reação de entusiasmo por parte dos mais jovens. A difusão do romance deu-se rapidamente na Itália, e em outros países da Europa, com traduções para o alemão, inglês, francês e para o grego.

A crítica sobre as *Ultime lettere* e sobre Foscolo, inicialmente mal compreendidos, foi se construindo e se aprimorando ao longo dos anos. Assim, no período do *Risorgimento*, ela se dividia em dois planos opostos: uma corrente católica reacionária, que contava com a participação de Manzoni (1785-1873), e outra, laica e democrata-nacionalista, tendo Mazzini como representante. Nesse período, as *Lettere* tornaram-se um livro de educação patriótica, valorizado também pelo romantismo, repercutindo em autores como Leopardi (1798-1837) e, posteriormente, nos pós-românticos, como Nievo (1831-1861) e Carducci (1835-1905), e até em autores realistas do final do século XIX.⁴¹

A partir do *Risorgimento*, a crítica deixou de lado aquela oposição dualista de exaltação ou execração, e passou a analisar a obra em profundidade. Dessa forma, a compreensão e a avaliação melhoraram e se completaram. Para citar apenas alguns exemplos, a crítica passou por De Sanctis (1871), Donadoni (1910), Croce (1922), Flora

⁴⁰ Esses ensaios estão reunidos no livro U. Foscolo, *Storia della letteratura italiana per saggi* (org. Mario Alighiero Manacorda). Turim: Einaudi, 1979.

⁴¹ Segundo W. Binni, “Introduzione”. In: U. Foscolo, 1992, p. 39.

(1940), e muitos outros críticos de renome. Poderíamos destacar Fubini, o qual organizou a *Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo* até 1977, ano em que morreu. O trabalho de Fubini foi retomado por Walter Binni, que deu continuidade à *Edizione*. Boa parte da crítica recente é tributária do que fizeram esses dois últimos.

Para muitos desses críticos mencionados acima, o romance pode ser considerado uma obra-prima da juventude de Foscolo, no qual já aparecem muitos temas da poesia foscoliana posterior. Mas a crítica atual procura recuperar a obra, levando em consideração os aspectos históricos e existenciais nela contidos, como um livro essencial à história da narrativa italiana e da cultura da passagem do século XVIII para o XIX.

2. AS CARTAS: INFLUÊNCIAS E TEMAS

2.1. O Romance Epistolar

A ascensão da burguesia ao poder na Inglaterra, a partir do final do século XVII, marca o início de um período que levará ao desenvolvimento de novos meios de produção e a uma renovação geral na cultura. As obras intelectuais, sobretudo as artísticas, passarão a ser feitas não mais para um mecenato aristocrático, mas para um público consumidor. Ocorre assim a difusão de gêneros literários, como a notícia de jornal, o ensaio e o romance, adaptados para esse público. A literatura favorita do público da época, na Inglaterra, era o romance epistolar, principalmente os romances de Richardson, entre eles *Pamela* (1740) e *Clarissa* (1748).

Esses romances tiveram grande sucesso e logo se difundiram por toda a Europa. Não é uma invenção inglesa; à Inglaterra é devida a grande adaptação do gênero ao gosto do público, ou seja, a adaptação da literatura ao consumo.

A publicação de uma correspondência pessoal na França, em 1669, aguçou a curiosidade pública, sempre atenta aos escândalos, e talvez tenha sido isso a dar ânimo ao gênero epistolar. Tratava-se de umas cartas de amor escritas por uma freira portuguesa⁴² para um nobre francês. Essas cartas foram publicadas por Lavergne de Guilleragues, um escritor da corte de Luís XIV, e tiveram certo sucesso. Mas o gênero firma-se definitivamente em 1721 com as *Cartas Persas* de Montesquieu (1689-1755).

Montesquieu ressaltava, na introdução às *Cartas persas*, que esse gênero permitia ao escritor uma enorme mobilidade temática e de estilo. E, sobretudo, falar dos sentimentos, não para que o leitor refletisse sobre eles, mas para que os sentisse também:

[...] ces sortes de romans réussissent ordinairement, parce que l'on rend compte soi-même de sa situation actuelle; ce qui fait plus les passions que tous récits qu'on pourrait

⁴² Hoje em dia se discute a autoria dessas cartas que teriam sido escritas por uma religiosa portuguesa do Convento da Conceição em Beja, Portugal, sóror Mariana Alcoforado (1640-1723). Apaixonada por um cavaleiro francês, dirigiu a ele cartas de amor que mais tarde foram traduzidas para o francês e publicadas em 1669 com o título de *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise*. (Projeto Vercial: <http://web.ipn.pt/literatura/alcofora.htm>)

faire. Et c'est une des causes du succès de quelques ouvrages charmants qui ont paru depuis les *Lettres persanes*.⁴³

Mas quando o gênero se difundiu pela Inglaterra, não era apenas nos sentimentos que o público estava interessado, mas na intimidade das personagens, na vida, no comportamento delas, no mobiliário das casas, nas roupas que usavam, etc. Enfim, despertava a atenção do público também a informação. Esse tipo de literatura logo começou a se tornar enfadonho. No entanto, em 1761 foi publicado *Júlia, ou a Nova Heloísa* de Rousseau, um romance epistolar no qual predominava o aspecto sentimental, e essa publicação deu novo alento ao gênero. Além disso, ela exercerá uma forte influência sobre os autores românticos e também sobre o Foscolo das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*.

Talvez o maior sucesso alcançado pelo gênero tenha sido *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) de Goethe. Esse romance será a grande inspiração das *Últimas cartas*.

Com elas, seu autor introduz na Itália o romance epistolar. Foi um precursor, muitas vezes acusado de ter escrito um romance confuso, desordenado, sem clareza. No entanto, a falta de coesão é característica importante desse tipo de romance. Não era relevante a ordem das cartas, produto da razão, mas sim a espontaneidade, o impulso e a paixão, produtos da alma. Henry Peyer, em seu livro sobre o romantismo, fala do gênero:

Essas epístolas desconexas, palpitantes, impulsivas e apaixonadas de Diderot, de Rousseau e de um dos mais loucamente enamorados dos franceses de então, o volúvel e insolente Mirabeau, é todo homem que se derrama com os seus mil interesses, as suas febres, os seus devaneios e talvez as suas múltiplas e sucessivas sinceridades.⁴⁴

⁴³ “Esses tipos de romance fazem normalmente muito sucesso, pois tratam de situações ainda atuais; isso causa um efeito mais forte do que a simples observação, e é uma das causas do sucesso de certas obras que apareceram depois da publicação das cartas persas.” Montesquieu, *Lettres persanes*, www.ebooksfrance.com

⁴⁴ H. Peyer, *Introdução ao Romantismo*. Sintra: Europa-América, 1971, p. 34.

No romance epistolar predomina mais o sentimento do que a ação, e vários temas podem ser apresentados, como os conflitos de classe, os elementos autobiográficos, as confissões, e temas do tipo filosófico, didático e moral.

A carta possibilita ao autor expressar sentimentos pessoais à medida que os fatos ocorrem, como se fossem esses sentimentos reflexões instantâneas; daí a possibilidade de estados contraditórios e conflituosos. Para que o leitor sinta as paixões, em vez de refletir sobre elas, para que viva o tempo interior das personagens em simultaneidade com elas, é necessário que o narrador recorra à primeira pessoa no tempo presente.

Segundo Ian Watt, em *A ascensão do romance*, há vantagens e desvantagens nesses recursos. As desvantagens são: “a repetição e a prolixidade que o método impõe; [...] mas a principal vantagem consiste no fato de as cartas serem a prova material mais direta da vida interior de seus autores.”⁴⁵

O autor da carta, ainda que fictício, era para o leitor uma figura viva, real; com o leitor se identificava, para o leitor confidenciava. Isso dava ao romance um aspecto realista. Ainda que as cartas fossem de fato uma forma de seus autores verdadeiros expressarem a si próprios, eles tudo faziam para se ocultarem. Assim, Montesquieu se apresenta ao leitor com o tradutor das *Cartas persas*; Goethe, como compilador; e Foscolo como editor, ainda que escondido sob a máscara de Lorenzo Alderani. Esses artifícios procuram dar autenticidade às cartas, e veracidade às personagens. E uma outra forma de acentuar o realismo do romance é dar às cartas uma desordem aparente, a mesma desordem que teriam numa correspondência real.

Pelo fato de, nas *Ultime lettere*, a correspondência ser dirigida a apenas um destinatário, um amigo, o autor poderia utilizar uma linguagem mais íntima, mais coloquial e, portanto, mais próxima da linguagem falada, e, com isso, mostrar ao leitor espontaneidade e sinceridade, como neste trecho:

[...] né tu, mio Lorenzo, ti stancherai di leggere queste carte ch’io senza vanità, senza studio e senza rossore ti ho sempre scritto ne’ sommi piaceri e ne’ sommi dolori dell’anima mia.⁴⁶

⁴⁵ I. Watt, *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 166.

⁴⁶ “[...] nem tu, meu Lorenzo, te cansarás de ler estas folhas que eu, sem vaidade, sem disfarces e sem pudor, sempre te escrevi nos maiores prazeres e nas maiores dores de minh’alma.” Carta de 04 de dezembro de 1798.

Foscolo pôde exercer nesse gênero a liberdade proporcionada pela narrativa, mas permeada de poesia, como o afirma De Sanctis:

Che ci ha ora a fare il *Werther*? Questo é tutta la vita di Foscolo dopo la caduta di Venezia, è il riflesso e lo sviluppo di quella tragedia nella sua anima. [...] Di che potea uscire un racconto di Byron o un canto di Leopardi, non una prosa, e tanto meno un modello de prosa naturale e semplice, com'era l'intenzione.⁴⁷

As *Ultime lettere* são escritas com um vocabulário bastante variado, que ora é lírico, ora grandiloquente, ora macabro, taciturno, pessimista, melancólico. Em algumas passagens predomina o tema da morte, da noite, dos sepulcros e do suicídio. Passagens essas que refletem temas de sua época, e lembram autores como Edward Young (1683-1765) e James (Ossian) Macpherson.

Além disso, há muitas citações, diretas e indiretas, de autores como Alfieri, Parini, Dante, Petrarca, Wieland, Montaigne, Virgílio, Monti, Maquiavel, Rousseau, Sterne, Lucrécio, etc. Há passagens do *Werther* e da Bíblia; referências históricas e mitológicas; e, até ao próprio Foscolo.

O recurso às citações é muito marcante nas *Ultime lettere* e também na poesia de Foscolo. Foi chamado de “gioco citazionista” por Paolo Mattei⁴⁸. O crítico Fubini também observa de modo interessante o uso que Foscolo fez de obras que leu, e que de algum modo inseriu nos seus escritos:

[...] alla lettura di opere altrui, il poeta scopre situazioni simili alle sue e ripete le parole di altri poeti con l'accento di personale convinzione, con cui ripetiamo parole di estranei, che prendono nel nostro cuore un valore più intenso e nuovo.⁴⁹

⁴⁷ “O que tem que ver agora o *Werther* [com o *Ortis*]? Este é toda a vida de Foscolo depois da queda de Veneza, é o reflexo e o desenvolvimento daquela tragédia na sua alma. [...] Dali podia nascer um conto de Byron ou uma canção de Leopardi, não uma prosa, e muito menos um modelo de prosa natural e simples, como era a intenção.” F. de Sanctis, 1949, p. 289.

⁴⁸ P. Mattei, in: U. Foscolo, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Roma: Newton, 1998, p. 134.

⁴⁹ “[...] ao ler obras alheias, o poeta descobre situações semelhantes às suas e repete as palavras de outros poetas com o acento da convicção pessoal, com o qual repetimos palavras de estranhos, palavras que têm em nosso coração um valor mais intenso e novo.” M. Fubini, *Ugo Foscolo - Saggio critico*. Firenze: La Nuova Italia, 1931, p. 183.

Nas *Ultime lettere*, há idéias, sentimentos e reflexões, tomados de diversos autores, que Foscolo ali enxerta quase como uma colagem, utilizando-se de paráfrases e decalques. Por exemplo, o “Frammento della Storia di Lauretta”, um “micro-romance” no romance, que teria tido como modelo um capítulo chamado “Maria”, do romance *Viagem sentimental à França e à Inglaterra*, de Sterne, e a carta em que descreve o diálogo com Parini, no qual ressalta a importância da literatura como testemunho dos tempos. Para o crítico Guido Davico Bonino, nesse tipo de narrativa o autor chega a “*metamorfosizzare*” escritos de outros autores e de si mesmo:

[...] storia di una solidarietà tra infelici, [...] qual è la storia di Lauretta, sia il veridico incontro col “maestro” Parini [...], non sono che due esempi dell’ambizione totalizzante di questo grande romanzo-saggio [...], che tutto incanala nel suo possente alveo, che tutto traduce in “letteratura *sulla e dalla* letteratura” [...] ⁵⁰

Misturam-se nesse romance vida e literatura. Além de fatos vividos e sofridos pelo autor, há nas *Lettere* uma indiscutível atenção dada à literatura, que se revela também nas referências a outras obras e autores. Foscolo utiliza seu romance como terreno para a defesa de suas idéias políticas e literárias. Demonstra que um dos objetivos da literatura era refletir sobre literatura. E, nesse sentido, mais do que o infeliz autor das cartas é o autor do romance quem sobressai, fazendo dessas cartas um instrumento de militância.

2.1.1. Rousseau e Goethe

O crítico Francesco Flora ressaltou que os autores que mais se aproximavam de Foscolo não eram os italianos: “I grandi vicini del Foscolo non sono il Pindemonte e il

⁵⁰ “[...] história imaginária de dois infelizes que se solidarizam, como é a historia de Lauretta, e o encontro verídico com o ‘mestre’ Parini [...] não são mais do que dois exemplos da ambição totalizante deste grande romance-ensaio [...], que tudo canaliza no seu poderoso leito, que tudo traduz na ‘literatura sobre e pela literatura’.” G. D. Bonino, in U. Foscolo, *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Milano: Mondadori, 1986, p. 13.

Monti, ma coloro che rappresentano la più alta coscienza dell'Europa, per esempio Goethe e Rousseau".⁵¹

Isso combina com o espírito universal de Foscolo. Interessado por tudo o que acontecia na Europa, estava a par das novas tendências filosóficas e literárias. Ainda que fosse um clássico, buscou novas formas de arte que ainda não se haviam desenvolvido na Itália.

O romance epistolar é um exemplo dessas novas formas de arte, e Rousseau e Goethe estão entre seus representantes mais ilustres.

O pensamento de Rousseau, que influenciou e inspirou a Revolução Francesa e os séculos posteriores com suas idéias sobre a democracia e o povo, se faz notar nas *Ultime lettere*: a aspiração à pátria, à república, por exemplo. O valor dado por Rousseau à paixão e ao sentimento em detrimento da razão, à Natureza e ao homem primitivo em detrimento da civilização, e sobretudo à liberdade, deixou marcas não apenas no romance de Foscolo, mas em todo o movimento romântico que aparecerá em seguida. Mas a característica mais marcante do romance de Rousseau no *Ortis* será o acentuado tom de confiança, de diário íntimo, que diferenciou o romance epistolar de Rousseau daqueles de Richardson, mais descritivos do que introspectivos. E se a influência de Rousseau se faz notar até na escolha do nome do protagonista das *Cartas* (Jacopo, foi tomado do Jacques, de Jean-Jacques Rousseau⁵²), mostrando como foi grande, grandes também são as diferenças entre *A Nova Heloísa* e as *Ultime lettere*.

No aspecto formal, por exemplo, a *Nova Heloísa* é uma correspondência entre Júlia e várias pessoas; no livro, aparecem não só as cartas que Júlia envia, mas as que recebe também. No *Ortis*, todas as cartas são de Jacopo, todas enviadas a uma única pessoa. No esboço inicial das *Ultime lettere*, o protagonista tinha mais de um destinatário. Mas Foscolo, ao ler o *Werther*, teve a idéia de dirigir a correspondência de Ortis a um único destinatário. Muito mais semelhante ao *Ortis* são *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.

A semelhança é tal que nos leva a pensar se as *Ultime lettere* não seriam uma simples imitação do *Werther*. Na *Notizia Bibliografica*, Foscolo explica que os críticos

⁵¹ "Os mais próximos de Foscolo não são Pindemonte ou Monti, mas aqueles que representam a mais alta consciência da Europa, como Goethe e Rousseau." F. Flora, *Storia della Letteratura Italiana*, v. IV. Milano: Mondadori, 1972, p. 230.

⁵² Como lembram G. D. Bonino, (in Foscolo, 1986, p. 14) e P. Mattei (in Foscolo, 1988, p. 18).

se preocuparam com as semelhanças e não perceberam que “siano dissimili in alcuni parti più essenziali”⁵³, e faz várias comparações entre os dois romances. Segundo Foscolo, quando leu *Werther* já havia escrito as *Ultime lettere* e, ao perceber as semelhanças em relação à forma, pensou em não publicar mais o livro; mas, devido às “*miserie della sua patria*”, que continuavam a irritá-lo, mudou de idéia.

Entre os motivos que levaram Goethe a escrever o *Werther* estão a paixão do autor por Charlotte Buff, comprometida com outro homem, e que no romance vai se chamar Lotte, e o suicídio do amigo Karl Wilhem Jerusalem.⁵⁴ Foscolo retrata em Teresa o amor que sentia por Teresa Pikler; e o suicídio de Jacopo é também lembrança de um suicídio real⁵⁵. No entanto, o amor no *Ortis*, diferentemente do *Werther*, é também um tema político: o amor e a luta por Teresa representam o amor e a luta pela Itália. Foscolo escreve na *Notizia Bibliografica*: “Ma l’autore tedesco non ebbe l’intento dell’italiano, né scriveva in epoca di violenti commozioni politiche, quando gli uomini, per poter fortemente agire, son necessitati a deliberarsi a morire”.⁵⁶

É certo que os dois romances terminam com o suicídio do protagonista, mas o que antecede o clímax e o que antecede a morte são diferentes em cada um deles:

Werther in una notte burrascosa di verno arrampica su per le rupi, e il luogo dove fu trovato il suo cappello lascia congetturare ch’ei cercasse morte più crudele e più presta fra que’ precipizi. La mattina lo veggono boccheggiante nella sua camera, con le cervella sparpagliate [...]. L’altro, in una notte serena di primavera, va per le campagne, che gli erano state sì care, e da que’ luoghi raccoglie le rimembranze dell’amor suo; e tornasi a casa più certo che sarà caro a Teresa anche sotterra [...], lascia che per più ore gli scorra il sangue dalla ferita.⁵⁷

⁵³ “Sejam diferentes em algumas partes mais essenciais.” U. Foscolo, “Notizia Bibliografica”, p. 132.

⁵⁴ *Entreclássicos*, nº 5, Goethe. São Paulo: Ediouro/Segmento-Duetto, 2006, p. 56.

⁵⁵ Cf. Nota 25.

⁵⁶ “Mas o autor alemão não teve o mesmo intento do italiano, nem escrevia em época de violentas comoções políticas, quando os homens, para poderem agir com vigor, precisam decidir-se a morrer.” U. Foscolo, *op. cit.*, p. 134.

⁵⁷ “*Werther*, numa noite tempestuosa de inverno sobe pelos penhascos, e o lugar onde foi encontrado o seu chapéu faz com que se pense que ele buscava morte mais cruel e mais rápida entre aqueles precipícios. De manhã, o vêem agonizante em seu quarto, com os miolos esparramados [...]. O outro, em uma noite serena de primavera, vai pelos campos, que lhe tinham sido tão queridos, e daqueles lugares recolhe as lembranças do seu amor; e ao voltar para casa, certo de que será querido por Teresa

O suicídio de Ortis imita a atitude de Catão e a do Saul de Alfieri, que se mataram com uma espada, e tiveram uma morte lenta, de prolongada agonia. Não foi assim com Werther que se matou com um tiro de espingarda na cabeça.

Contudo, a leitura dos dois romances não deixa dúvida de que o *Werther* tenha influenciado Foscolo: são tão parecidos em algumas passagens que às vezes chegamos a pensar mesmo que o de Foscolo seja uma imitação do de Goethe. Todavia, o *Werther* é uma, entre as tantas fontes de inspiração que deram vida às *Ultime lettere*. Nisso, o romance de Goethe também não é diferente do de Foscolo: há no *Werther*, por exemplo, passagens dos poemas de Ossian, traduzidas literalmente e preenchendo várias páginas.

Goethe, um dos líderes do movimento literário *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), por meio do *Werther* havia influenciado muitos jovens com os temas do amor, da morte, e com as poesias de Ossian. Esse movimento, em oposição ao racionalismo iluminista, exaltando a paixão e o sentimento, opondo-se às convenções sociais, tinha já a influência das idéias de Rousseau, que, por sua vez, chegaram a Alfieri e a Foscolo.

2.2. Alfieri, Ossian e outras influências.

Como vimos, a influência de Alfieri sobre as *Ultime lettere* é mais acentuada a partir da edição de 1801. A linguagem desse romance é predominantemente dramática, alfieriana, apresentando os mesmos contrastes manipulados por Alfieri em suas tragédias: uma tensão permanente entre a vida e a morte, entre o amor à liberdade e a aceitação de que a força é a única lei. O protagonista das *Lettere* é um herói que, diante da impossibilidade de agir, busca o refúgio e o suicídio como forma de libertação, uma atitude estoica, inspirada talvez em Plutarco. Recita versos de Alfieri, e repete palavras de Saul, personagem da tragédia homônima de Alfieri: “Veggio la meta: ho già tutto fermo da gran tempo nel cuore.”⁵⁸

O suicídio de Ortis não é um gesto de desespero, mas de equilíbrio, perpetrado para conservar-se “incontaminado”, segundo suas próprias palavras. É um gesto de

também debaixo da terra [...], deixa que por mais horas lhe escorra o sangue da ferida.” U. Foscolo, “Notizia Bibliografica”, p. 155.

⁵⁸ “Vejo a meta: tudo está, há muito, resolvido em meu coração.” (Carta de Rimini, de 5 de março.) *Saul*, ato V, cena IV. U. Foscolo, 1998, p. 128.

virtude, praticado longe dos olhares do mundo, portanto, de uma virtude desconhecida. A mesma virtude desconhecida que dá título ao diálogo de Alfieri.⁵⁹ Esse diálogo, um panegírico dedicado a um amigo que havia morrido, mostra que a virtude pode ser conservada mesmo nas épocas mais viciosas, desde que praticada no íntimo, longe dos olhos do mundo, como atos de abnegação. A menção ao diálogo é feita logo na abertura do romance, quando Lorenzo Alderani afirma que a publicação das cartas era um monumento àquela virtude: “Pubblicando queste lettere, io tento di erigere un monumento alla virtù sconosciuta.”⁶⁰

O modelo de virtude para Ortis são os ideais de heróis gregos e latinos (como Licurgo, Timoleão e Catão) de que Plutarco fala nas *Vidas paralelas*, o amor à pátria e o ódio à tirania, a insistência em uma afirmação da consciência nacional e a missão social e civil do literato. São ideais alfierianos, os quais Foscolo viveu na juventude.

Entre as fontes das *Ultime lettere*, portanto, Alfieri ocupa lugar de relevo. Fubini comenta que “nessuno alfiereggiò quanto lui [Foscolo]”⁶¹, e com esse romance teria popularizado o drama alfieriano. Mas, se Foscolo se inspirou em Alfieri, também o criticou pelo isolamento e pelo silêncio político, pois não bastava apenas a inspiração heróica de Alfieri, eram necessários a ação e o empenho civil e político que tanto motivavam o autor do *Ortis*.

Quando Foscolo era jovem, Alfieri e Parini já haviam escrito suas obras. Colocados nesta ordem, Parini, Alfieri e Foscolo formaram uma tríade de pais espirituais⁶² que promoveram a consciência ética, civil e política da Itália, o que fez com que fossem revalorizados pelo *Risorgimento*. No entanto, mais do que Parini e Alfieri, foi Foscolo o promotor dessa consciência por ter-se formado em uma época de mudanças e contradições e ter vivido seus acontecimentos e atuado neles.

* * *

Na carta de 7 de setembro, que Ortis escreve de Florença, está:

⁵⁹ Della virtù sconosciuta (1786).

⁶⁰ “Ao publicar estas cartas, tento erigir um monumento à virtude desconhecida.”

⁶¹ “Ninguém ‘alfierejou’ tanto quanto ele.” M. Fubini, 1931, p. 387.

⁶² A. Giudice e G. Bruni, 1988, v. 3, p. 61.

[...] mentre il mondo era addormentato, io sedeva intento al lontano fragore delle acque, e al rombare dell'aria quando i venti ammassavano quasi su la mia testa le nuvole, e le spingevano a funestare la Luna che tramontando, ad ora ad ora illuminava nella pianura coi suoi pallidi raggi le croci conficcate su i tumuli del cimitero; e allora il villano dei vicini tuguri, per le mie grida destandosi sbigottito, s'affacciava alla porta, e m'udiva in quel silenzio solenne mandare le mie preci, e piangere, e ululare, e guatare dall'alto le sepolture, e invocare la morte.⁶³

A cena lembra a poesia sepulcral dos autores ingleses e escoceses do pré-romantismo, com seus temas relativos à noite, à morte e aos túmulos, acompanhados de um vocabulário pessimista e melancólico. Temos nessa passagem uma paródia da tradução que Cesarotti fez da *Elegy written in a country church-yard* (1750), de Thomas Gray (1716-1771); mas a passagem nos remete também ao poema *The Nights* (1742/45), de Edward Young (1683-1765), que são meditações em versos sobre a vida e a morte, exaltando a noite e a contemplação dos sepulcros, escritas numa atmosfera crepuscular e melancólica, celebrando as almas humildes.

Mas de toda a poesia insular, a que mais se reflete no *Ortis* – e também em toda a literatura européia da época – são os poemas de Ossian, que já haviam influenciado o *Werther* de Goethe.

Os *Poems of Ossian* (1765) tiveram origem na tradução de alguns fragmentos de poesias populares celtas realizada pelo escocês James MacPherson. O sucesso foi tão grande que ele resolveu inventar outros poemas e atribuí-los a Ossian, um bardo do século III d. C. Publicou-os como autêntica poesia antiga escocesa, e assim fizeram sucesso. Esses poemas tratavam das guerras heróicas dos antigos celtas; apresentavam paisagens tenebrosas e tristes, exaltavam a glória, o sepulcro e a lembrança dos mortos,

⁶³ “[...] enquanto o mundo estava adormecido, eu me sentava atento ao distante fragor das águas, e ao sussurro do ar, quando os ventos juntavam as nuvens quase na minha cabeça, e as empurravam a fustigar a Lua que ao se pôr, a cada hora iluminava na planície com os seus pálidos raios as cruces pregadas sobre os túmulos do cemitério; e então, o camponês dos casebres vizinhos despertava aterrorizado por causa de meus gritos, e aparecia à porta e me ouvia naquele silêncio solene enviar as minhas preces, e chorar, e gritar, e olhar do alto as sepulturas, e invocar a morte.” Mario Puppo nota que esta cena é um dos melhores exemplos de cenografia pré-romântica da Literatura Italiana. *Apud* P. Mattei, in U. Foscolo, 1998, p. 102, nota 21.

bem ao gosto dos poetas da época. Ossian tornou-se uma figura cultuada em toda a Europa e chegou a ser comparado, em grandeza, a Homero.⁶⁴

Cesarotti traduziu os poemas de Gray e de Macpherson⁶⁵ e, por meio deles, introduziu na Itália as primeiras manifestações pré-românticas, que se desenvolveriam nas tragédias de Alfieri, na obra de Alessandro Verri (1741-1816) e, também, nas *Ultime lettere* e nos *Dei Sepolcri*, de Foscolo.

Cabe aqui ressaltar a importância do filósofo italiano Giambattista Vico que, por meio de Johann Gottfried Herder (1744-1803), influenciou os pré-românticos alemães. Vico revalorizou a história, dando importância às sepulturas, aos ritos e à poesia dos poetas primitivos, como partes da cultura dos povos.⁶⁶ Essa poesia primitiva era motivada apenas pelos sentimentos, e, portanto, diferia daquela poesia racional, fria e inexpressiva da época das luzes dominada pela razão.

Um dos primeiros escritores a utilizar as idéias de Vico foi Foscolo.⁶⁷ Aparecem já em algumas passagens das *Ultime lettere*, mas se encontram mais desenvolvidas em sua obra poética, notadamente no poema *Dei sepolcri*, e, sobretudo, nos ensaios críticos.

Nas *Ultime lettere*, Ortis refere-se às sepulturas em várias cartas. Na carta do dia 27 de agosto de 1798:

Dianzi io adorava le sepolture di Galileo, del Machiavelli, e di Michelangelo; e nell'appressarmivi io tremava preso da brivido. Coloro che hanno eretti que' mausolei sperano forse di scolparsi della povertà e delle carceri con le quali i loro avi punivano la grandezza di que' divini intelletti? Oh quanti perseguitati nel nostro secolo saranno venerati da' posteri! Ma e le persecuzioni a' vivi, e gli onori a' morti sono documenti della maligna ambizione che rode l'umano gregge.⁶⁸

⁶⁴ A. Giudice, e G. Bruni, 1988, v. 2, p. 450.

⁶⁵ Cf. Nota 14.

⁶⁶ A. Giudice, e G. Bruni, *op. cit.*, v. 3, p. 288.

⁶⁷ B. Croce, 1946, p. 73.

⁶⁸ “Há pouco eu adorava as sepulturas de Galileu, de Maquiavel, e de Michelangelo; e ao apreciá-las eu tremia tomado por arrepio. Os que erigiram aqueles mausoléus esperam talvez se desculpar da pobreza e dos cárceres com os quais os seus avós puniram a grandeza daqueles divinos intelectos? Oh quantos perseguidos no nosso século que serão venerados pelos pósteros! Mas e a perseguição aos vivos, e as honras aos mortos são documentos da malvada perseguição que consome o rebanho humano.”

Ortis relata a visita que fez à Igreja de Santa Croce, em Florença, onde estão sepultadas grandes figuras da história italiana. Esse local será o tema do poema *Dei Sepolcri*, que exorta os italianos a venerarem os sepulcros de seus antepassados ilustres, inspirando-lhes o amor à pátria, valorizando-lhes a história.

Curiosamente, Dante Alighieri (1265-1321) não está entre os sepultados em Santa Croce. Da mesma maneira que Foscolo, Dante morreu no exílio; mais precisamente em Ravena, que foi o último local da peregrinação de Ortis, narrada na segunda parte do romance. Lorenzo não recebeu nenhuma carta de Ravena, mas encontrou o seguinte fragmento, o que o fez supor que Ortis lá estivera:

Sull'urna tua, Padre Dante! Abbracciandola, mi sono prefisso ancor più nel mio consiglio. M'hai tu veduto? m'hai tu forse, Padre, ispirato tanta fortezza di senno e di cuore, mentr'io genuflusso, con la fronte appoggiata a' tuoi marmi, meditava e l'alto animo tuo, e il tuo amore, e l'ingrata tua patria, e l'esilio, e la povertà, e la tua mente divina? e mi sono scompagnato dall'ombra tua più deliberato e più lieto.⁶⁹

Ao visitar o túmulo de Dante, Ortis já havia decidido tirar a própria vida, conforme o relata numa carta escrita antes desse fragmento. Após a visita, retorna às Colinas Eugêneas onde encontrará o fim. Dante parece representar para ele uma inspiração ao “exílio-suicídio” definitivo.

No exílio, Foscolo exerceu, acima de tudo, a atividade de crítico. Aqui reaparecem as idéias de Vico: o valor do poeta primitivo, de Homero e de Dante, cujas poesias eram movidas pelas grandes paixões e pelos grandes sentimentos. O obra crítica de Foscolo também trata de Dante e faz daquele “il primo potente iniziatore dei moderni studi e interpretazioni dantesche”⁷⁰.

⁶⁹ “Sobre o teu túmulo, Pai Dante, abraçando-o, firmei-me ainda mais na minha decisão. Tu me viste? Foste tu, Pai, quem me inspirou tanta firmeza de juízo e de temperamento, quando eu, de joelhos, com a fronte apoiada no mármore de teus monumentos, meditava sobre o teu elevado espírito, o teu amor, a ingratidão de tua pátria, o exílio, a miséria, e a tua mente divina? E me afastei de tua sombra mais resoluto e mais feliz.”

⁷⁰ “O primeiro grande promotor dos modernos estudos e interpretações de Dante.” A. Marpicati, *Il dramma politico di Ugo Foscolo*. Bologna: Nicola Zanichelli, 1934, p. 136.

Mas foi justamente no exílio que Foscolo “trovò la sua patria in Dante”⁷¹, e escreveu que Dante “mi è maestro non solo di lingua e poesia, ma di amore di patria senza adularla; di fortezza nell’esilio perpetuo [...]”.⁷²

A influência de Dante sobre as Cartas pode ser percebida pelas vezes em que nelas é parafraseado ou citado abertamente:

Libertà va cercando ch'è sì cara
Come sa chi per lei vita rifiuta⁷³

São significativos esses versos sobre a liberdade e a morte e que se referem a Catão. Eram a epígrafe da edição de 1816 das *Ultime lettere* e passaram a fazer parte da carta do dia 20 de março de 1799, escrita cinco dias antes de Ortis imitar o gesto do próprio Catão. Porém, depois, Foscolo mudou a epígrafe para “Naturae clamat ab ipso vox tumulto” (“*Geme la Natura perfin nella tomba*”), um verso da *Elegia* de Gray⁷⁴. Esse verso aparece também na carta de 25 de maio de 1798:

Eppur mi conforto nella speranza di essere compianto. Su l'aurora della vita io cercherò forse invano il resto della mia età che mi verrà rapito dalle mie passioni e dalle mie sventure; ma la mia sepoltura sarà bagnata dalle tue lagrime, dalle lagrime di quella fanciulla celeste. [...] Le persone a noi care che ci sopravvivono, sono parte di noi. I nostri occhi morenti chiedono altrui qualche stilla di pianto, e il nostro cuore ama che il recente cadavere sia sostenuto da braccia amorose, e cerca un petto dove trasfondere l'ultimo nostro respiro. Geme la Natura perfin nella tomba, e il suo gemito vince il silenzio e l'oscurità della morte.⁷⁵

⁷¹ “Encontrou a sua pátria em Dante.” A. Marpicati, 1934, p. 136.

⁷² “É meu mestre, não apenas de língua e poesia, mas de amor de pátria sem adúl-la; de fortaleza no exílio perpétuo [...]” Idem, ibidem, p. 137.

⁷³ “Tão cara liberdade, vai buscando / Quem por ela enjeitou a própria vida.” Dante. La divina Commedia. “Purgatório”, I, 71-72. Essas são as palavras de Virgílio, guia de Dante, a Catão, que é o guardião do Purgatório. Catão de Útica é citado como exemplo dos homens que preferem morrer a viver sem as liberdades cívicas. Teria preferido o suicídio a presenciar o domínio de Júlio César sobre Roma.

⁷⁴ “E'en [even] from the tomb the voice of Nature cries.” (“Mesmo da tumba a natureza geme.”) <http://www.blupete.com/Literature/Poetry/Elegy.htm>

⁷⁵ “Contudo me conforto na esperança de ser compadecido. Sobre a aurora da vida eu procurarei talvez em vão o resto de minha idade que me será seqüestrado pelas minhas paixões e pelas minhas desventuras; mas a minha sepultura será banhada pelas tuas lágrimas, pelas lágrimas daquela moça

A esperança que resta aqui é a de que ele seja lembrado depois de morto: esse é seu único consolo, o que faz com que a morte lhe seja menos dolorosa. É o consolo da lágrima que cai e do peito que geme pelo ente querido, como aparece no poema de Gray; é a mesma esperança que está no Ossian⁷⁶.

O mito da morte e do sepulcro, no caso de Foscolo, é o desejo de que os italianos não se esqueçam de seus grandes homens, que os cultuem, e que, apegados a essas figuras nacionais, possam vir a transformar a sua nação em um Estado emancipado.

A filosofia racionalista e iluminista do século XVIII, obra da razão, resulta nas lutas políticas e apaixonadas dos movimentos de emancipação que ocorrerão no final do período. E também na desilusão que virá logo em seguida. E desta mesma forma, apaixonadas, expressam-se nas palavras de Ortis. Veremos, em seguida, como elas aparecem nas *Ultime lettere*.

O trauma e as desilusões em relação aos fatos políticos se manifestam nas *Cartas*. Ortis se pergunta, na segunda carta, de 13 de outubro: “E perché farci vedere e sentire la libertà, e poi ritorcela per sempre? e infamemente!”⁷⁷

Mais adiante, na carta de 18 de outubro de 1797, aparece um Ortis cético e pessimista:

Michele mi ha recato il Plutarco, e te ne ringrazio. Mi disse che con altra occasione m'invierai qualche altro libro; per ora basta. Col divino Plutarco potrò consolarmi de' delitti e delle sciagure dell'umanità volgendo gli occhi ai pochi illustri che quasi primati dell'umano genere sovrastano a tanti secoli e a tante genti. Temo per altro che spogliandoli della magnificenza storica e della riverenza per l'antichità, non avrò assai da lodarmi né degli antichi, né de' moderni, né di me stesso – umana razza!⁷⁸

divina. [...] As pessoas a nós queridas, que nos sobrevivem, são parte de nós. Os nossos olhos morrendo pedem aos outros alguma gota de pranto, e o nosso coração almeja que o recente cadáver seja sustentado por braços carinhosos, e procura um peito onde transfundir o último suspiro. Geme a Natureza até mesmo na tumba, e o seu gemido vence o silêncio e a escuridão da morte.”

⁷⁶ “Minhas lágrimas, ó Ryno, são pelos mortos [...]. As colinas te esquecerão [...]. Pequena é a tua morada, obscura a tua solidão! Com três passadas eu meço o teu túmulo, ó tu, outrora tão grande! [...] mas nossos cantos perpetuarão teu nome; os séculos vindouros ouvirão falar de ti [...]” J. W. Goethe, *Fausto e Werther*, São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 420-1.

⁷⁷ “E para que nos fazem ver e sentir a liberdade? Para depois no-la tirar de novo e para sempre? E infamemente.”

⁷⁸ “Michele me trouxe o Plutarco, eu te agradeço por isso. Ele me disse que em outra ocasião me enviará outro livro; por ora basta. Com o sublime Plutarco poderei consolar-me dos delitos e dos infortúnios da

Os exemplos de moral e de costumes dados nas *Vidas* de Plutarco chegam a ser questionados no trecho acima por Ortis que já não acredita no homem. Suas reflexões, mais emocionais do que racionais, e pouco organizadas, abrangem questões morais, políticas, sociais e filosóficas, como o tema da liberdade e do papel do Estado.

Por meio de seu protagonista, Foscolo questiona os problemas da época e da Itália. Interessa-se pelo papel do Estado, indo, desordenadamente do liberal John Locke (1621-1704) ao absolutista Thomas Hobbes (1588-1675), vislumbrando a possibilidade do Estado como organizador da sociedade corrompida. Para Hobbes, todo homem nasce corrupto (“umana razza”), ao contrário do que pensava Rousseau, para quem o homem nasce bom (ainda que a civilização o degenere e o corrompa mais tarde). Nas próprias palavras de Ortis podemos notar como algumas idéias de Rousseau, como a do mito do bom selvagem, são ironizadas: “La Terra è una foresta di belve.”⁷⁹ Não é só uma ironia a Rousseau, mas também uma afirmação a Hobbes.

No entanto, ainda que Foscolo enxergasse uma sociedade cheia de vícios, que precisasse de um Estado para organizá-la, não defende o absolutismo, como Hobbes, o Estado despótico, pois professava a liberdade acima de qualquer coisa.

Esses conceitos, que permeiam as *Ultime lettere* não vão constituir um conjunto sistemático. Em suas análises, tanto Croce quanto Fubini ressaltaram que Foscolo, apesar de se interessar por assuntos diversos, era poeta por excelência e era na poesia que ele fundia as contradições do seu espírito.

2.3. Do neoclassicismo ao romantismo

O romance epistolar serviu como gênero de oposição ao ideal clássico das formas perfeitas. Estabeleceu-se no período pré-romântico, e teve na *Nova Heloísa*, no *Werther* e nas *Ultime lettere* seus melhores exemplos. Era utilizado como uma forma de protesto dos sentimentos contra as convenções da sociedade de um período

humanidade, voltando o olhar àqueles poucos ilustres, representantes quase supremos do gênero humano, sobreviventes de tantos séculos e de tanta gente. Por outro lado, temo que despojando-os da magnificência histórica e da reverência pela antiguidade, não terei muito para vangloriar-me nem dos antigos, nem dos modernos e nem de mim mesmo – raça humana!”

⁷⁹ “A Terra é uma floresta de bestas.” Carta de Ventimiglia, de 19 e 20 de fevereiro.

caracterizado por “uma mentalidade que oscila entre tristeza melancólica e protesto revolucionário”⁸⁰.

O fato de ter sido Foscolo autor de um romance epistolar não basta para caracterizá-lo como um escritor pré-romântico: mesmo tendo ele vivido e escrito naquela fase de transição entre o século XVIII e o XIX; mesmo apresentando suas obras algumas características românticas. Foscolo foi um pré-romântico nas *Ultime lettere*; um neoclássico na poesia; e um romântico em sua obra crítica do final da vida. Introduziu na literatura italiana a crítica histórica, interpretando Dante. Foi um teórico nacionalista e, portanto, romântico.

Foscolo nasceu numa época em que o Classicismo predominava na Europa; além disso, nasceu na Grécia, palco da tradição clássica. E manteve o espírito de um clássico até que rebentou a Revolução na França. A partir desse momento, tomado pelas idéias de Rousseau, não será mais a frieza do raciocínio e a exatidão das formas, mas o ímpeto e a paixão, que tomarão conta de seu espírito. A desilusão revolucionária pela qual Foscolo passou, fez com que ele se desiludisse também de Rousseau. Não abdicou, contudo, do espírito revolucionário; reformou-o; fê-lo evoluir de um ímpeto juvenil para um humanismo maduro.

O grande entusiasmo revolucionário, o exaltado amor à pátria e à natureza que há no *Ortis* revelam sentimentos que oscilam do pessimismo para a melancolia, nos quais predomina uma atração obsessiva pela morte. São sentimentos contraditórios como esses que mostram a insatisfação e a inadequação social do protagonista das *Lettere*, que prenunciam o Romantismo e que aparecem, por exemplo, em Goethe e John Keats (1795-1821).

Esses poetas viveram num período em que Classicismo e Romantismo coexistiam, um período em que a arte ora celebrava a harmonia e a beleza ideal, ora enaltecia sentimentos sombrios e tristes.

Quanto a Foscolo, irá desenvolver um espírito mais sereno, mais próximo dos clássicos, na sua poesia, como nas odes e no poema *Le Grazie*; mas, nas *Ultime lettere*, veremos um *Ortis*, que após meditar sobre a opressão e a infelicidade, temas predominantes da época, cogita um mundo mais harmônico. Na poesia e nas *Ultime lettere*, Foscolo utiliza um conceito de Beleza concebido na forma clássica, como aquela

⁸⁰ O. M. Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985, p. 914.

beleza que consola o homem e aplaca suas dores. Dessa forma, a Beleza seria uma espécie de remédio para a infelicidade humana.

Na análise de Fubini, Foscolo procura substituir o pessimismo de influência alfieriana por um pessimismo mais racional, mantendo a fé na virtude (seja essa virtude a estoica, seja a alfieriana “virtude desconhecida”) diante das decepções proporcionadas por uma época brutal; em razão disso, acaba fazendo com que Ortis se volte, não apenas num sentido estético, mas filosófico, para um mundo mais harmônico e humano. Trata-se de uma ilusão filosófica sem a qual ele (Ortis ou Foscolo) acabaria sucumbindo diante da dor ou da indolência. A essa reação, Fubini chama de “teoria das ilusões”. Mas é uma reação sustentada apenas pela fé na virtude: não numa virtude qualquer, mas na única virtude verdadeira, a compaixão⁸¹, uma virtude que une as almas dos indivíduos, divididas pela fria razão e pelos instintos prepotentes.⁸²

É o artista diante do dilema da época. Por exemplo, na carta de 15 de maio de 1798 – continuação da carta em que conta ter beijado Teresa –, abandona-se à felicidade, à beleza e à poesia. Mas, depois, ele se pergunta se tudo isso não passa de ilusão:

[...] io delirando deliziosamente mi veggo dianzi le ninfe ignude [...] e invoco in lor compagnia le Muse e l'Amore; e fuor dei rivi [...], vedo uscir [...] le Najadi [...]. *Illusioni!* Grida il filosofo. – Or non è tutto illusione? tutto! Beati gli antichi che si credeano degni dei baci delle immortali dive del cielo; che sacrificavano alla Bellezza e alle Grazie; che diffondeano lo splendore della divinità su le imperfezioni dell'uomo, e che trovavano il BELLO ed il VERO⁸³ accarezzando gli idoli della lor fantasia! *Illusioni!* ma intanto senza di esse io non sentirei la vita che nel dolore, o (che mi spaventa ancor più) nella rigida e noiosa indolenza: e se questo cuore non vorrà più sentire, io me lo strapperò dal petto con le mie mani, e lo cacerò come un servo infedele.⁸⁴

⁸¹ Cf. Carta de Ventimiglia, de 19 e 20 de fevereiro.

⁸² M. Fubini, 1931, p. 38.

⁸³ “Beauty is truth, truth beauty, that is all.” (“Beleza é verdade; verdade, beleza; isso é tudo”), John Keats, “On a Grecian Urn”, v. 49.

⁸⁴ “[...] eu delirando deliciosamente vejo diante de mim as ninfas nuas [...] e invoco na companhia delas as Musas e o Amor; e dos regatos [...] vejo sair [...] as Naiades [...]. *Ilusões!* Grita o filósofo. – Ora, não é tudo ilusão? Tudo! Abençoados os antigos que se acreditavam dignos dos beijos das imortais divas do céu; que sacrificavam à Beleza e às Graças; que difundiam o esplendor da divindade sobre as

Usando imagens mitológicas, Ortis pode sentir a felicidade, e a natureza se lhe mostra mais amena. Mas, ao dizer “Ilusões! Grita o filósofo”, parece despertar para uma realidade atroz. O que Foscolo está mostrando é o contraste entre a filosofia das luzes do século XVIII, que concebia a realidade de maneira racional, e a nova tendência que estava surgindo, a qual valorizava os sentimentos. Ortis conclui, assim, que as ilusões, apesar de serem ilusões, são necessárias para que se possa suportar a existência. A antítese entre o belo e o verdadeiro (“*il bello e il vero*”), tirada de um verso de Keats, é também a antítese entre a paixão e a razão, entre o romântico e o clássico.

Para o inglês Keats, o papel do poeta é evocar o sentido da beleza. Esse mesmo motivo encontramos, por exemplo, no poema *Le Grazie*, de Foscolo; em Keats o tema neoclássico da contemplação e idealização da Hélade como pátria eterna da beleza torna-se sonho ardente, fuga da realidade. O verso acima está na ode “On a Grecian Urn”, e expressa o que o poeta sente ao ver a cena de um beijo entalhada numa urna grega. Essa cena ficaria gravada pela eternidade. A arte, apenas, consegue dar uma dimensão eterna àquilo que na realidade é fugaz e perecível.⁸⁵

imperfeições do homem, e que encontravam o BELO e VERDADEIRO acariciando os ídolos da fantasia deles! *Ilusões!* Mas, enquanto isso, sem elas, não sentirei a vida senão na dor, ou (o que me assusta ainda mais) na rígida e entediante indolência: e se este coração não quiser mais sentir, eu o arrebaterei do peito com as minhas mãos, e o expulsarei como um criado infiel.”

⁸⁵ Cf. A. Giudice e G. Bruni, 1988, pp. 895-7.

3. TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA

3.1. Foscolo e a tradução

Foscolo, dentre suas inúmeras atividades, também se dedicou à tradução e à crítica da tradução, como apontamos no capítulo 1.1. Não deixou uma teoria sistematizada e acabada, mas a experiência dele nesse campo, e seu trabalho de tradutor e crítico, mostram que ele tinha plena consciência e percepção dos problemas envolvidos no processo de tradução.

Em sua *Notizia Bibliografica*, Foscolo comentou as traduções das *Ultime lettere* que já existiam. Observou que as traduções para o alemão e para o inglês eram muito literais, o que, segundo ele, poderia enriquecer a língua para a qual se traduz, e manter a essência do original, mas deixaria o texto estranho e frio: seria, conforme afirma em outro artigo, uma tradução “cadavérica”⁸⁶. A tradução para o francês, por outro lado, modificava muito o original, devido à exigência tipicamente francesa de um texto claro e preciso;⁸⁷ por essa razão, seria impossível, de acordo com ele, traduzir as *Ultime lettere* para o francês, pois justamente o que não há nesse romance é clareza:

Lo scrittore accena, più che non esprime a parole [...]; né si cura che siano fuor di uso, anzi la dicitura ha [un] non so che [di] ruggine proveniente dalla lettura dei più antichi scrittori italiani [...]; né s’ode l’oratore o il narratore, bensì l’uomo giovane che parla impetuosamente e lascia discernere i vari colori della sua voce e i mutamenti della sua fisionomia.⁸⁸

⁸⁶ U. Foscolo, “Artigo crítico sobre a tradução dos dois primeiros cantos da *Odisséia*”. Tradução de M. T. Vicentini. In: *Clássicos da teoria da tradução*, v. III. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2005, p. 145.

⁸⁷ Na França, durante os séculos XVII e XVIII, as traduções eram “melhoradas”, segundo os tradutores, que faziam acréscimos e alterações no original para tornar o texto mais claro e aceitável para a cultura francesa. Esse tipo de tradução era chamado de “*Belles infidèles*”, ou seja, “belas infiéis.” Cf. J. Milton. *O poder da tradução*, São Paulo: Ars Poetica, 1993, p. 49.

⁸⁸ “O escritor mais indica do que exprime com palavras [...]; não se importa que estejam fora de uso; pelo contrário, a escritura tem uma certa ferrugem, proveniente da leitura dos escritores italianos mais antigos [...]; não se ouve o orador nem o narrador, mas sim o jovem que fala impetuosamente e deixa discernir as várias cores da sua voz e as mudanças da sua fisionomia.” U. Foscolo, 1913, p. 108.

Como teórico da tradução, Foscolo adotou algumas das idéias de Locke contidas no *Ensaio acerca do entendimento humano*, principalmente sobre o significado das palavras.

[...] le minime idee concomitanti d'ogni parola e che sole in tutte le lingue danno tinte e movimento al significato primitivo, si sono smarrite per noi posteri con l'educazione e la metafisica di popoli quasi obbliti: i dizionari non ne mostrano che il vocabolo esanime. Onde io inerendo sempre ao significato mi studio di dar vita alle mie parole con le idee accessorie e con l'armonia che mi verranno trasfuse nella mente dall'originale.⁸⁹

Essas idéias respaldam-se em Locke:

[...] não duvido que, se pudéssemos investigá-las [as palavras] até suas fontes, descobriríamos, em todas as linguagens, que os nomes que significam coisas e não se encontram sob nossos sentidos derivaram inicialmente de idéias sensíveis.⁹⁰

As palavras perderam a relação que tinham imediatamente com aquilo que representavam, ou seja, com as idéias sensíveis. Essa relação existia nos primórdios da língua, mas se perdeu. Uma forma de recuperá-la se dá por meio do estilo: determinados sons, por exemplo, que nos trazem à mente a imagem criada pelas palavras; a harmonia do texto, que pode empolgar ou acalmar o leitor; a descrição, que ajuda a formar a imagem representada no texto, etc.

Segundo o crítico Mario Fubini, nenhum escritor italiano, com a exceção de Vico, se ateve tanto à riqueza contida nas palavras quanto Foscolo. Portanto, acreditamos que uma tradução de uma obra de Foscolo, deveria prestar atenção também a essa riqueza: pesquisando sinônimos, etimologias, imagens, sons, etc. Para Fubini, foi,

⁸⁹ “As mínimas idéias acessórias que acompanham cada palavra – e que, em todas as línguas, são as únicas responsáveis pela cor e pelo movimento do significado originário – perdem-se para nós pósteros, juntamente com a educação e a crença daqueles povos quase esquecidos. Os dicionários mostram apenas vocábulos exânicos, de sorte que, ao traduzir, procuro, atendo-me sempre ao significado originário, dar vida às palavras mediante as idéias acessórias e a harmonia que o original me sugere.” U. Foscolo, “Experimento de tradução da *Ilíada* de Homero”. Tradução de Marzia T. Vicentini. In: M. T. Vicentini, 2005, p. 107.

⁹⁰ J. Locke, *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 199, p. 144.

acima de tudo, a própria experiência de Foscolo como poeta e tradutor (e não tanto a influência de Locke ou de Vico) a contar para a clara consciência que tinha da linguagem.⁹¹

Foscolo fundamenta suas idéias sobre tradução numa definição de poesia que leva em conta as imagens, o estilo e a paixão, as quais o tradutor deve manter:

Le *immagine*, lo *stile* e la *passione* sono gli elementi d'ogni poesia. [...] il traduttore, mutando parole, metro e collocazione, dee pur racquistare nella sua lingua questa dote essenziale dell'eloquenza poetica [...].⁹²

Foscolo preocupa-se, em sua poesia, em seu romance e em suas traduções com a harmonia, o movimento e o colorido do texto; enfim, com o estilo. A harmonia depende do som e da colocação da palavra, e do metro; o movimento depende dos verbos; e o colorido depende dos epítetos e/ou dos adjetivos. Essas características representam a essência poética e não podem ser deixadas de lado na tradução.

Para ele, em um romance que expressa afetos e não fatos, o encanto está no estilo, e esse estilo é algo difícil de ser mantido em uma tradução, continua na *Notizia Bibliografica*. As *Ultime lettere* apresentam “um estilo todo próprio”⁹³, é um estilo apaixonado, escrito “com fogo”⁹⁴ e “com sangue”⁹⁵.

Benedetto Croce, ao tratar do estilo das *Ultime lettere*, expõe uma idéia parecida: que essas cartas expressam idéias e sentimentos com tons estridentes de forma enfática ou oratória⁹⁶.

A experiência de Foscolo como tradutor de prosa, por outro lado, mostrou-se muito inovadora, a começar pela escolha que fez: o romance de viagem de Sterne,

⁹¹ M. Fubini, 1931, p. 349.

⁹² “As *imagens*, o *estilo* e a *paixão* são os elementos de toda poesia [...] o tradutor, mudando palavra, metro e posição, deve também reproduzir na sua língua este dom essencial da eloquência poética [...]” U. Foscolo, “Sulla traduzione de’ due primi canti dell’ Odissea di Ippolito Pindemonte”, *apud* Mattioli, “La teoria della traduzione in Italia fra settecento e ottocento: Le linee guida.” In: G. Catalano e F. Scotto, *La nascita del concetto moderno di traduzione*. Roma: Armando Editore, 2001, p. 96.

⁹³ U. Foscolo, 1913, p. 108.

⁹⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 109.

⁹⁵ U. Foscolo, *Epistolario*. Firenze: Le Monier, 1979, p. 31, *apud* Paolo Mattei, in Foscolo, 1998, p. 7.

⁹⁶ B. Croce, 1946, p. 76.

Viagem sentimental de Yorick, uma obra que diferia muito do cânone da época e que foi precursora da narrativa moderna.⁹⁷

Foi uma tradução que passou por um longo e trabalhoso percurso que vai de 1805 a 1813. Em uma carta Foscolo diz:

“Faccio ora stampare a Pisa il *Viaggio Sentimentale* ch’io aveva già tradotto per me; ma ora dovendolo tradurre per gli altri, l’ho ritradotto, e mille volte rifatto, e lambiccato e corretto e riorretto.”⁹⁸

Foscolo escreveu e reescreveu várias vezes o texto e, com isso, foi formulando suas idéias. Inicialmente, ao fazer uma tradução muito literal, não ficou satisfeito e percebeu que o tradutor precisaria interpretar o original e recriá-lo na língua de chegada, procurando manter forma, conteúdo e estilo. Essa análise foi feita por Paolo Proietti, que acrescenta:

In questo il Foscolo rivela la propria modernità rispetto all’attività del tradurre, cercando di consegnare un testo tradotto che fosse letterariamente bello e linguisticamente fedele, pur andando oltre l’ossequio letterale al testo d’origine.⁹⁹

Todas essas idéias de Foscolo a respeito de estilo e de tradução teriam de ser levadas em conta ao se traduzir o mesmo Foscolo. No próximo capítulo, veremos como essas idéias foram empregadas. Para terminar, ressaltamos estas palavras de Foscolo, sobre a tradução que fez da *Ilíada*, de Homero: “né io scrivo verso senza prima imbevermi a mio potere delle dottrine di tanti scrittori intorno ad Omero.”¹⁰⁰ Veremos

⁹⁷ Uma escolha semelhante foi feita por Venuti, ao traduzir Tarchetti. Cf. capítulo seguinte, p. 56.

⁹⁸ “Agora mando imprimir, em Pisa, o *Viagem Sentimental*, que eu havia já traduzido para mim; mas agora, tendo que traduzi-lo para os outros, traduzi-o de novo, e mil vezes o refiz, e quebrei a cabeça, corriji e tornei a corrigir.” *Apud* P. Proietti, “Un singolari binomio: Foscolo e Sterne”. In: G. Catalano e F. Scotto, 2001, p. 339.

⁹⁹ “Nisso Foscolo revela a própria modernidade em relação à atividade tradutória, procurando apresentar um texto traduzido que fosse literariamente belo e lingüisticamente fiel, mesmo indo além do respeito literal devido ao texto de origem.” *Idem, ibidem*, p. 343.

¹⁰⁰ “Eu também não traduzo verso algum sem ter antes procurado assimilar em profundidade os ensinamentos dos muitos estudiosos que escreveram sobre Homero.” (Tradução de Marzia T. Vicentini.) M. T. Vicentini, 2005, p. 105.

como isso foi assimilado. Essas palavras, representaram o ponto de partida para a nossa tradução das *Ultime lettere*.

3.2. Considerações sobre a tradução

A tradução que será apresentada nas páginas seguintes fez uso de muitas das idéias de Foscolo, como já se disse. Para ele, era importante “impregnar-se” da literatura sobre a época do texto original; adornar a tradução de arcaísmos e expressões que deixassem transparecer a idade em que o original fora escrito.

E para que a tradução das *Ultime lettere* ficasse *impregnada* da literatura da época, foi necessário que lêssemos os autores de língua portuguesa da época de Foscolo. Passou-se a pesquisar e a fazer uma seleção dos autores que deveriam ser lidos. Logo se percebeu que os nossos árcades e os de Portugal não bastavam, pois o Foscolo das *Ultime lettere* era mais um pré-romântico do que o Foscolo neoclássico da poesia e que muito de sua linguagem, muitas de suas expressões e sua grandiloquência encontravam-se também nos nossos românticos. A seleção de autores a serem lidos foi, por causa disso, ampliada.

Além da leitura desses autores, que influenciou o vocabulário e a maneira de desenvolver o texto da tradução, um outro procedimento foscoliano foi usado: o das citações. Algumas vezes foram enxertadas no texto palavras e frases dos autores lidos. E onde isso foi feito, aparece a menção.

O primeiro autor pesquisado foi Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), por causa da semelhança ideológica¹⁰¹ com Foscolo e pelo fato de, sendo seu contemporâneo, ter sido também poeta e autor de prosa. No entanto, se a sintaxe e o vocabulário de Gonzaga serviam, percebeu-se logo que não bastavam. Seu bucolismo não combinava com a grandiloquência de Foscolo; mais parecido com ele, nesse sentido estava um autor mais distante no tempo, Castro Alves (1847-1871), por exemplo. Mas aqui e ali, nas cartas, encontram-se passagens parecidas com as de Álvares de Azevedo (1831-1852), o macabro e o sepulcral; de Gonçalves Dias (1823-1864), o exílio e o amor à pátria; de Bocage (1765-1805), devido à transição do neoclássico ao romântico; de Garret (1799-1854), o exílio, a pátria, as paisagens.

¹⁰¹ Por exemplo: ambos lutaram pelos ideais da revolução Francesa. Foscolo como soldado, Gonzaga como inconfidente.

Esse *impregnar-se* contribuiu para a criação de uma linguagem intermediária entre a do autor e a do leitor, um procedimento semelhante ao que o tradutor e teórico da tradução Lawrence Venuti utilizou para traduzir o escritor italiano Ugo Tarchetti (1839-1869) para o inglês.¹⁰²

Venuti fez uso de arcaísmos e pesquisou modelos de épocas análogos na literatura britânica e norte-americana para indicar a distância temporal entre o leitor e o autor. No entanto, procurou fazer usos de expressões contemporâneas suas do inglês padrão, o que resultou um texto situado em uma época imaginária entre a do autor e a do leitor.

O que se pretendeu fazer aqui, nesta tradução das *Ultime lettere de Jacopo Ortis*, foi algo semelhante: aproximar o leitor de hoje da época e da linguagem dos autores do final do século XVIII e início do XIX.

Buscou-se então uma linguagem intermediária entre o texto original e a tradução. Esse critério foi adotado por François-René de Chateaubriand (1768-1848) ao traduzir o *Paradise Lost* de John Milton (1608-1674). As passagens bíblicas citadas no poema original tinham como referência a Bíblia anglicana, cuja tradução não havia ainda em francês. Chateaubriand, para suprir essa falta, recorreu a leituras do latim, considerando-o como uma língua mediadora entre o inglês e o francês, uma terceira língua.¹⁰³ Outro exemplo, mostrado também pelo teórico da tradução, Antoine Berman¹⁰⁴, é a tradução da *Eneida* feita pelo poeta francês Pierre Klossowski (1905-2001), o qual se valeu do alemão como língua intermediária. Klossowski amparou-se na tradução de Voss¹⁰⁵, que acabou influenciando a sua; além disso, o alemão era sua segunda língua e acabou marcando o seu texto em francês.

A linguagem intermediária, no nosso caso, não se deu entre uma língua e outra, mas entre uma época e outra. Mais ou menos o que fez Venuti. Para que a linguagem da tradução ficasse mais próxima à linguagem da época de Foscolo, foram feitas duas coisas: primeiro, a leitura de vários autores da época, como se mencionou acima; segundo, uma pesquisa lingüística em dicionários especializados, com o propósito

¹⁰² L. Venuti, *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002, pp. 21-63.

¹⁰³ A. Berman, "Chateaubriand traducteur de Milton". In: A. Berman (org.) *Le tours de Babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985, p. 124.

¹⁰⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 152.

¹⁰⁵ Johann Heinrich Voss (1751-1826), poeta e tradutor alemão do *Sturm und Drang*.

principal de ver a datação de termos e expressões, optando-se, sempre que possível pelo uso de termos da época pré-romântica e romântica. Entre eles, destacamos os seguintes:

Dicionários da língua portuguesa

1. Dicionário Aurélio eletrônico Século XXI, v. 3.0:

Esse dicionário possui um sistema de busca às palavras que permite localizar morfemas, ou partes da palavra, o que é muito útil quando se procura um termo, não pelo significado, mas pela sonoridade. Por exemplo, ao procurar uma palavra que fizesse ecoar o nome de “Laura”, pôde-se pesquisar por “*lau*”, encontrando várias palavras, entre elas “láudano”, “claustró”, “aplauso”, etc. Esse sistema funciona também como dicionário de rimas.

2. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, v. 1.0:

A maioria dos verbetes desse dicionário mostra a datação mais antiga do termo e, entre outras coisas, seus sinônimos e antônimos. Quando se procurou traduzir a expressão “*bionda e ricciuta*” (carta de 1º de novembro de 1797), literalmente, “loira e de cabelos encaracolados”, pesquisou-se o termo “encaracolados” e o dicionário apontou a datação em 1858. Como a tradução pretende situar o vocabulário o mais próximo possível da época de Foscolo, buscou-se um sinônimo, “cacheados”, com datação de 1836. Acabou-se optando por “enrolados” cujo primeiro registro por escrito, de acordo com o dicionário, é de 1563. Mais tarde, encontrou-se, na leitura de textos da época, a palavra “anelados”, pela qual se optou. Verificou-se também que ela datava de 1645. Esse dicionário é também um dicionário etimológico.

3. Dicionário eletrônico Luft:

O *Dicionário eletrônico Luft* não é apenas um dicionário de palavras, mas também de regência verbal e nominal. Em muitos dos verbetes, é possível descobrir quando determinada expressão começou a ser usada, se é usada no Brasil, em Portugal ou em outros países de língua portuguesa, ou quando essa mesma expressão passou a ter um significado diferente do que tinha na origem.

4. Dicionário AOL de sinônimos e contextos da língua portuguesa, v. 1.0:

Embora não contenha muitas acepções, e não mostre antônimos, por ser um dicionário eletrônico, facilita bastante a pesquisa. Mostrou-se bastante útil quando usado junto com outros dicionários. Por exemplo, no dicionário de italiano *Garzanti* (ver abaixo) procurou-se o termo *briccone* e encontrou-se algumas acepções que

correspondem ao português “vil”, “infame”, “abjeto”. No dicionário de sinônimos, encontrou-se “biltre”, que, por sua vez, aparece no dicionário do *Aurélio* com um exemplo de utilização desta palavra por Machado de Assis.

Dicionário da língua italiana

5. Dizionario Garzanti di Italiano (eletrônico), v. 2.0:

Foi o dicionário italiano mais utilizado no trabalho: pela facilidade, pelos recursos e por ser também um dicionário etimológico. Nele, encontramos, por exemplo, para a palavra *larva* (carta de Bolonha, 12 de agosto) o sentido literário de “espectro” ou “fantasma”, e com um exemplo tirado da própria poesia do Foscolo, nos *Sepolcri*, 206-7: *vedea larve guerriere / cercar la pugna*. Um outro exemplo: *famigliari*, que aparece pela primeira vez na narração de “Lorenzo, ao leitor” em “fu spesso sorpresa dai *famigliari* con le lagrime agli occhi”, foi traduzido por “familiares”, o que parecia fazer sentido. Mas na segunda vez, nas últimas três linhas do romance, em “finché venne il parroco e subito dopo il chirurgo, i quali con alcuni *famigliari* ci strapparono a forza”, “familiares” não fazia sentido, pois Jacopo morava longe da família. A pesquisa feita neste dicionário revelou então que o termo era de uso antigo e significava, “criado”, “doméstico”.

Dicionário italiano-português

6. Dicionário de italiano-português, Porto Editora:

É a versão portuguesa do Zanichelli. Um dicionário bastante amplo, com muitos verbetes. Foi o dicionário bilíngüe mais consultado.

7. DIC - Dicionário eletrônico Michaelis, seis idiomas, v. 3.00:

Dicionário pequeno; equivale à edição do Dicionário Michaelis italiano-português, português-italiano de bolso. Muito útil, no entanto, por ser eletrônico e conter outras línguas. Como foram consultadas as traduções em inglês e espanhol do livro de Foscolo, esse dicionário foi muito útil.

8. Babylon (dicionário eletrônico multilíngüe), v. 6.00 (r20):

É o dicionário mais difundido pela Internet e o mais fácil de ser usado. Sobretudo quando se tem o texto original no formato eletrônico, pois mostra o significado da palavra na tela do computador, bastando clicar sobre ela. Contudo, suas

acepções para cada verbete são muito poucas, mas como ele as apresenta em várias línguas simultaneamente, amplia a gama de significados.

Outros recursos lingüísticos

Por fim, consultou-se as traduções para o inglês de J. G. Nichols e para o castelhano de Angélica Valentinetti. São traduções bastante fiéis ao texto original. No entanto, cabe ressaltar aqui, que alteram bastante a pontuação do original, o que, de certa forma, faz perder o ritmo imposto ao romance pelo autor. Em nossa tradução, procurou-se respeitar esse ritmo e, quando a pontuação foi mudada, tentou-se preservar o ritmo que ela determinava.

A tradução espanhola contém muitas notas de auxílio à leitura; muitas dessas notas, no entanto, já constavam de outras edições, mas foram bastante úteis e, algumas delas, reproduzidas nesta tradução para o português.

Recorreu-se também a várias edições do texto original, que serviram para esclarecer, com suas notas, questões históricas, semânticas, lingüísticas e biográficas. Elas contêm, também, notas do próprio Foscolo (aparecem nas notas como [N. F.]) e notas de atualização do italiano. Indispensáveis à realização deste trabalho.

Das quase 70 cartas do romance, entremeadas por fragmentos de cartas e pelas intervenções de Lorenzo Alderani, selecionou-se 21 exemplos, por meio dos quais se procurou mostrar as características da obra e o seu estilo (Capítulo 1) e as influências de Foscolo (Capítulo 2). As cartas escolhidas para essa antologia são, em grande parte, as mais comentadas pelos críticos. Além dessas, escolheu-se também algumas que dessem encadeamento à trama, abrangendo o começo, meio e fim do romance, e outras que serviram de apoio para o material teórico desenvolvido nesta dissertação.

Acompanham a tradução notas e comentários que dizem respeito, sobretudo, a problemas de semântica, de tradução e a dados históricos, biográficos e literários, para situar a leitura.

3.3. Cartas selecionadas

1

O romance começa com uma dedicatória ao leitor, feita por Lorenzo Alderani, o correspondente de Jacopo Ortis, que depois da morte do amigo resolve reunir as cartas e transformá-las em livro. Lorenzo é o editor imaginário, por trás do qual se esconde o próprio autor, Ugo Foscolo.

Al lettore

Pubblicando queste lettere, io tento di erigere un monumento alla virtù sconosciuta; e di consecrare alla memoria del solo amico mio quelle lagrime, che ora mi si vieta di spargere su la sua sepoltura. E tu, o Lettore, se uno non sei di coloro che esigono dagli altri quell'eroismo di cui non sono eglino stessi capaci, darai, spero, la tua compassione al giovine infelice dal quale potrai forse trarre esempio e conforto.

Lorenzo Alderani

Ao leitor

Ao publicar estas cartas, tento erigir um monumento à virtude desconhecida¹⁰⁶ e consagrar à memória de meu único amigo¹⁰⁷ as lágrimas, que agora me proíbem derramar sobre sua sepultura. E tu, ó Leitor, se não és daqueles que exigem do outro um heroísmo que ele próprio não tem, terás, espero, compaixão pelo jovem infeliz que talvez te sirva de exemplo e te conforte.

Lorenzo Alderani¹⁰⁸

¹⁰⁶ No diálogo *Della virtù sconosciuta* (1786), Vittorio Alfieri escreve: “A virtude pode existir também nos tempos de servidão, e nos governos mais corruptos.” *Apud* P. Mattei, in Foscolo, 1998, p.30.

¹⁰⁷ Trata-se de Jacopo Ortis. O prenome Jacopo seria uma homenagem ao Jacques de Jean-Jacques Rousseau; Ortis, a um estudante da Universidade de Pádua que se suicidara em 1796, Girolamo Ortis.

¹⁰⁸ Há uma hipótese de que esse Lorenzo seria um amigo de Foscolo, o tragediógrafo Giambattista Niccolini (1782-1861), ou, ainda, supostamente uma alusão a Lawrence Sterne, pois Alderani (do gr. *algheròs*, “doloroso”) lembraria o termo inglês *sterne*. Cf. E. Botasso, in U. Foscolo, 1948, p. 269. O nome alude também ao Lorenzo dos *Night Thoughts* de Young, ao qual são endereçadas as reflexões fúnebres. Cf. M. Fubini, 1931, p. 16.

2

Primeira Parte¹⁰⁹

Na primeira carta do romance, após os últimos acontecimentos políticos, Jacopo não segue o caminho de outros companheiros, e rejeita o exílio: foge de Veneza, mas permanece em território vêneto. Desiludido, prefere morrer e ser sepultado na terra de seus antepassados, onde poderá ser lembrado, do que morrer em terra estrangeira. O tema da morte, que será recorrente no romance, já aparece nesta carta, em que podemos notar o uso constante de um vocabulário sepulcral (“tudo está perdido”, “espero tranqüilamente a prisão e a morte”, etc.). A carta termina com um dos motivos que Foscolo desenvolverá em sua poesia: o consolo de um sepulcro confortado por lágrimas.

¹⁰⁹ A divisão em duas partes aparece a partir da edição de 1816.

Da' colli Euganei, 11 Ottobre 1797

Il sacrificio della patria nostra è consumato: tutto è perduto; e la vita, seppure ne verrà concessa, non ci resterà che per piangere le nostre sciagure, e la nostra infamia. Il mio nome è nella lista di proscrizione, lo so: ma vuoi tu ch'io per salvarmi da chi m'opprime mi commetta a chi mi ha tradito? Consola mia madre: vinto dalle sue lagrime le ho obbedito, e ho lasciato Venezia per evitare le prime persecuzioni, e le più feroci. Or dovrò io abbandonare anche questa mia solitudine antica, dove, senza perdere dagli occhi il mio sciagurato paese, posso ancora sperare qualche giorno di pace? Tu mi fai raccapricciare, Lorenzo; quanti sono dunque gli sventurati? E noi, purtroppo, noi stessi italiani ci laviamo le mani nel sangue degl'italiani. Per me segua che può. Poiché ho disperato e della mia patria e di me, aspetto tranquillamente la prigione e la morte. Il mio cadavere almeno non cadrà fra le braccia straniere; il mio nome sarà sommessamente compianto da' pochi uomini, compagni delle nostre miserie; e le mie ossa poseranno su la terra de' miei padri.

Colinas Eugêneas¹¹⁰, 11 de outubro de 1797.

O sacrifício de nossa pátria está consumado¹¹¹: tudo está perdido; e se, por acaso, a vida nos for concedida, será apenas para chorarmos nossas desgraças e nossa desonra. Eu sei que o meu nome está na lista dos proscritos, mas queres tu que eu, para libertar-me de quem me oprime, una-me a quem me traiu?¹¹² Consola a minha mãe: vencido por suas lágrimas, atendi-a, e deixei Veneza para evitar as primeiras perseguições, e as mais cruéis. Ora deverei eu abandonar também este meu refúgio¹¹³ antigo, no qual, sem perder de vista minha terra infeliz, posso ainda esperar algum dia de paz? Tu me fazes sentir calafrios, Lorenzo: e os desafortunados então, quantos não há? E nós, infelizmente, nós próprios italianos, lavamos as mãos no sangue de italianos¹¹⁴. Quanto a mim, seja como for. Já que não tenho mais esperanças na pátria e nem em mim próprio, aguardo tranqüilamente a prisão e a morte. Pelo menos o meu cadáver não cairá em mãos estrangeiras; o meu nome será suspirado¹¹⁵ por poucos homens bons, companheiros das nossas misérias; e os meus ossos¹¹⁶ descansarão na terra dos meus antepassados.

¹¹⁰ Localiza-se na Planície Vênet, a sudoeste de Pádua.

¹¹¹ Tratado de Campofórmio (17.10.1799) pelo qual Napoleão cedeu Veneza à Áustria. A data da carta refere-se ao dia em que as negociações começaram.

¹¹² Quem me oprime (os austríacos), me una a quem me traiu (os franceses).

¹¹³ “Refúgio” não traduz, exatamente *solitudine*, “solidão”. No entanto, no contexto, o termo “solidão” se refere a um lugar ermo.

¹¹⁴ A repetição de “italianos” reflete o caráter nacionalista da obra, e é também uma alusão às lutas intestinas da Itália.

¹¹⁵ Literalmente, no original, “chorado em voz baixa” (*sommessamente compianto*); optou-se por um termo único, que encerra em si os dois significados anteriormente apontados: “suspirar”, com o significado de “murmurar”, “sussurrar”, “lamentar”.

¹¹⁶ “Ossos”, e os termos “cruéis” e “cadáver” que aparecem antes, denotam certo gosto pelo macabro, que se tornaria típico no romantismo.

3

Nesta segunda carta do romance, Jacopo não vê mais saída: pergunta-se se vale a pena viver com desonra e no exílio, submetido ora aos franceses, ora aos austríacos. Aparece aqui a primeira referência ao suicídio, motivado pela desilusão política.

O uso freqüente de exclamações e interrogações é um recurso da oratória que reflete o desespero e o inconformismo de Jacopo diante da situação de seu país. Esse desespero aparece também no vocabulário, nas expressões macabras e obsessivas como “sepultados vivos”, “trevas e esqueletos”, “blasfêmia” e “fome”.

13 Ottobre

Ti scongiuro, Lorenzo; non ribattere più. Ho deliberato di non allontanarmi da questi colli. È vero ch'io aveva promesso a mia madre di rifuggirmi in qualche altro paese; ma non mi è bastato il cuore: e mi perdonerà, spero. Merita poi questa vita di essere conservata con la viltà, e con l'esilio? Oh quanti de' nostri concittadini gemeranno pentiti, lontani dalle loro case! perché, e che potremmo aspettarci noi se non se indigenza e disprezzo; o al più, breve e sterile compassione, solo conforto che le nazioni incivilite offrono al profugo straniero? Ma dove cercherò asilo? in Italia? terra prostituita premio sempre della vittoria. Potrò io vedermi dinanzi agli occhi coloro che ci hanno spogliati, derisi, venduti, e non piangere d'ira? Devastatori de' popoli, si servono della libertà come i Papi si servivano delle crociate. Ahi! sovente disperando di vendicarmi mi caccerei un coltello nel cuore per versare tutto il mio sangue fra le ultime strida della mia patria.

E questi altri? – hanno comperato la nostra schiavitù, racquistando con l'oro quello che stolidamente e vilmente hanno perduto con le armi. – Davvero ch'io somiglio un di que' malavventurati che spacciati morti furono sepolti vivi, e che poi rinvenuti, si sono trovati nel sepolcro fra le tenebre e gli scheletri, certi di vivere, ma disperati del dolce lume della vita, e costretti a morire fra le bestemmie e la fame. E perché farci vedere e sentire la libertà, e poi ritorcerla per sempre? e infamemente!

13 de outubro

Eu te suplico, Lorenzo, não insistas mais. Decidi não me afastar destas colinas. É verdade que eu havia prometido a minha mãe refugiar-me em qualquer outra parte, mas faltou-me a coragem: e ela me perdoará, assim o espero. Ademais, merece a vida ser conservada com a cobardia¹¹⁷ e com o exílio? Oh! Quantos de nossos compatriotas lamentar-se-ão arrependidos, longe de suas casas! Por quê? E o que poderíamos esperar senão indigência e desprezo; ou, se tanto, breve e estéril compaixão, único conforto que as nações civilizadas oferecem ao refugiado estrangeiro? Mas onde buscarei exílio? Na Itália? Terra prostituída, eterno espólio¹¹⁸ de vitória!¹¹⁹ Poderei ter diante dos olhos aqueles que nos saquearam, nos ridicularizaram e nos venderam¹²⁰, e não chorar de ira? Devastadores de povos, servem-se da liberdade como os Papas serviam-se das cruzadas. Ai! Quantas vezes, sem esperança de vingar-me, não tive vontade de cravar uma faca no coração¹²¹ para derramar todo o meu sangue entre os últimos estridores¹²² de minha pátria?

E esses outros?¹²³ Compraram a nossa escravidão, reconquistando com ouro aquilo que estúpida e cobardemente perderam com as armas. Pareço mesmo um daqueles infelizes que, dados por mortos, foram sepultados vivos, e que depois, ao recobrar os sentidos, acharam-se na sepultura entre trevas e esqueletos, certos de que viviam, mas cegos do doce lume desta vida¹²⁴, e obrigados a morrer entre as blasfêmias e a fome. E para que nos fazem ver e sentir a liberdade? Para depois no-la tirar de novo e para sempre? E infamemente.

¹¹⁷ Forma mais utilizada em português na mesma época de Foscolo.

¹¹⁸ Preferiu-se o termo “espólio” a “prêmio”, por referir-se aquele aos despojos do campo de batalha.

¹¹⁹ Cf. Dante, “Purgatório”, VI, 76-78.

¹²⁰ Governo francês. Ortis acusa diretamente os franceses de serem aqueles que roubaram e exploraram os italianos. Os refugiados e exilados das repúblicas podiam encontrar refúgio na França ou nos territórios por ela administrados.

¹²¹ Primeira alusão ao suicídio.

¹²² O som da palavra *strida* foi reproduzido na tradução. Em vez de se usar “gritos”, usou-se “estridores”.

¹²³ Governo austríaco.

¹²⁴ “Non fiere li occhi suoi il dolce lume?” Dante, “Inferno”, X, 69.

4

Jacopo, depois de alguns dias nas colinas Eugêneas, por sugestão de Lorenzo, vai visitar o senhor T***, e conhece a filha dele, por quem fica encantado. É a primeira menção a Tereza, nas *Cartas*. Mas, ao sentir um momento de felicidade, prenuncia nisso uma desgraça.

26 Ottobre

La ho veduta, o Lorenzo, *la divina fanciulla*; e te ne ringrazio. La trovai seduta miniando il proprio ritratto. Si rizzò salutandomi come s'ella mi conoscesse, e ordinò a un servitore che andasse a cercar di suo padre. Egli non si sperava, mi diss'ella, che voi sareste venuto; sarà per la campagna; né starà molto a tornare. Una ragazzina le corse fra le ginocchia dicendole non so che all'orecchio. È un amico di Lorenzo, le rispose Teresa, è quello che il babbo andò a trovare l'altr'jeri. Tornò frattanto il signor T***: m'accoglieva famigliarmente, ringraziandomi che io mi fossi sovvenuto di lui. Teresa intanto, prendendo per mano la sua sorellina, partiva. Vedete, mi diss'egli, additandomi le sue figliuole che uscivano dalla stanza; eccoci tutti. Proferì, parmi, queste parole come se volesse farmi sentire che gli mancava sua moglie. Non la nominò. Si ciarlò lunga pezza. Mentr'io stava per congedarmi, tornò Teresa: Non siamo tanto lontani, mi disse; venite qualche sera a veglia con noi.

Io tornava a casa col cuore in festa. – Che? lo spettacolo della bellezza basta forse ad addormentare in noi tristi mortali tutti i dolori? vedi per me una sorgente di vita: unica certo, e chi sa! fatale. Ma se io sono predestinato ad avere l'anima perpetuamente in tempesta, non è tutt'uno?

26 de outubro

Eu a vi, Lorenzo: *aquela moça divina* e te agradeço. Encontrei-a sentada a pintar o próprio retrato. Levantou-se e saudou-me como se me conhecesse, e deu ordem a um serviçal para que fosse procurar o pai.

— Ele não sabia, disse-me ela, que o senhor estava vindo; deve estar no campo; não demora a voltar.

Uma garotinha correu até ao pé da moça e lhe disse não sei quê ao ouvido.

— É um amigo de Lorenzo, respondeu-lhe Teresa¹²⁵, é aquele a quem o papai foi visitar anteontem.

Entretanto, voltava o senhor T***: acolheu-me familiarmente, e agradeceu-me por eu ter-me lembrado dele. Enquanto isso, Teresa tomou a irmãzinha pela mão e saiu.

— Veja, disse-me ele, apontando-me as filhas que saíam da sala; aqui estamos todos.

Pareceu-me proferir essas palavras como se quisesse fazer-me notar que sentia a falta da mulher¹²⁶. Sequer a mencionou. Conversamos durante muito tempo. Quando eu ia despedir-me, Teresa voltou:

— Não moramos muito longe, disse-me. Venha uma noite dessas para o serão.

Eu voltei para casa com o coração em festa. Como? será que o espetáculo da beleza basta para entorpecer em nós, tristes mortais, todas as dores¹²⁷? E seria para mim uma fonte de vida: certamente única e, quem sabe, fatal¹²⁸. Mas se fui predestinado a ter a alma em eterna tempestade, não dá no mesmo?

¹²⁵ Essa personagem foi inspirada em Teresa Pinkler, esposa de V. Monti, e em outros amores de Foscolo, como Isabella Roncioni e Antonietta Fagnani-Arese.

¹²⁶ A esposa mora em Pádua, porque é contrária ao casamento da filha com Odoardo.

¹²⁷ É muito usado por Foscolo o conceito da beleza que aplaca as dores e consola o homem. Fubini, 1931, p. 38. Cf. p. 48, aqui.

¹²⁸ Pressentimento da infelicidade e da morte.

5

Por alguns dias, Jacopo se esquece dos seus males, e vive em meio à natureza. Nesta carta, com forte influência de Rousseau, traça a felicidade do homem junto à natureza e às crianças, e faz um retrato do noivo de Teresa: um homem calculista e insensível.

1 Novembre

Io sto bene, bene per ora come un infermo che dorme e non sente i dolori; e mi passano gl'interi giorni in casa del signore T*** che mi ama come figliuolo: mi lascio illudere, e l'apparente felicità di quella famiglia mi sembra reale, e mi sembra anche mia. Se nondimeno non vi fosse quello sposo, perché davvero – io non odio persona del mondo, ma vi sono cert'uomini ch'io ho bisogno di vedere soltanto da lontano. – Suo suocero me n'andava tessendo jer sera un lungo elogio in forma di commendatizia: *buono – esatto – paziente!* e niente altro? possedesse queste doti con angelica perfezione, s'egli avrà il cuore sempre così morto, e quella faccia magistrale non animata mai né dal sorriso dell'allegria, né dal dolce silenzio della pietà, sarà per me un di que' rosaj senza fiori che mi fanno temere le spine. Cos'è l'uomo se tu lo abbandoni alla sola ragione fredda, calcolatrice? scellerato, e scellerato bassamente. – Del resto, Odoardo sa di musica; giuoca bene a scacchi; mangia, legge, dorme, passeggia, e tutto con l'oriuolo alla mano; e non parla con enfasi se non per magnificare tuttavia la sua ricca e scelta biblioteca. Ma quando egli mi va ripetendo con quella sua voce cattedratica, *ricca e scelta*, io sto lì lì per dargli una solenne smentita. Se le umane frenesie che col nome di *scienze* e di *dottrine* si sono iscritte e stampate in tutti i secoli, e da tutte le genti, si riducessero a un migliajo di volumi al più, e' mi pare che la presunzione de' mortali non avrebbe da lagnarsi – e via sempre con queste dissertazioni.

Frattanto ho preso a educare la sorellina di Teresa: le insegno a leggere e a scrivere. Quand'io sto con lei, la mia fisionomia si va rasserenando, il mio cuore è più gajo che mai, ed io fo mille ragazzate. Non so perché, tutti i fanciulli mi vogliono bene. E quella ragazzetta è pur cara! bionda e ricciuta, occhi azzurri, guance pari alle rose, fresca, candida, paffutella, pare una Grazia di quattr'anni. Se tu la vedessi correr mi incontro, aggrapparmisi alle ginocchia, fuggirmi perch'io la siegua, negarmi un bacio e poi improvvisamente attaccarmi que' suoi labbruzzi alla bocca! Oggi io mi stava su la cima di un albero a cogliere le frutta: quella creaturina tendeva le braccia, e balbettando pregavami che *per carità non cascassi*. Che bell'autunno! addio Plutarco! sta sempre chiuso sotto il mio braccio. Sono tre giorni ch'io perdo la mattina a colmare un canestro d'uva e di pesche, ch'io copro di foglie, avviandomi poi lungo il fiumicello, e giunto alla villa, desto una famiglia cantando la canzonetta della vendemmia.

1º de novembro

Eu estou bem... bem por enquanto, como um enfermo que dorme e não sente as dores; e passo os dias todos na casa do senhor T***¹²⁹ que me ama como um filho: deixo-me iludir, e a aparente felicidade daquela família parece-me real, e minha também. Se pelo menos aquele noivo não existisse... porque eu de fato não odeio ninguém no mundo, mas há certos homens que eu preciso ver apenas de longe. O sogro, ontem à noite, fazia para mim um elogio do genro, tão extenso que mais parecia uma carta de recomendação: *bom, correto, ponderado!* E mais nada? Mesmo possuindo ele esses dotes, com perfeição angelical, tendo ele um coração sempre insensível, e um semblante austero nunca animado, nem pelo sorriso da alegria, nem pelo silêncio doce da piedade, parecerá para mim uma daquelas roseiras sem flor, cujos espinhos eu temo. O que é o homem se abandonado apenas à razão, fria, calculista? Celerado, e celerado no sentido mais baixo. – De resto, Odoardo conhece música, joga bem o xadrez, come, lê, dorme, passeia, e tudo com o relógio à mão; e não fala com ênfase senão para exaltar a sua rica e seleta biblioteca. Mas quando me repete com aquela voz catedrática, *rica e seleta*, pouco me falta para uma solene desmentida. Se as alucinações humanas, que com o nome de *ciências* e *doutrinas* foram inscritas e impressas séculos afora, e por toda gente, se reduzissem no mais a mil volumes, creio que a presunção dos mortais não teria de que se lamentar – e acabava sempre com esse discurso.

Entretanto comecei a educar a irmãzinha de Teresa: ensino-a a ler e a escrever. Quando estou com ela, minha fisionomia se torna serena; meu coração, mais alegre que nunca; e faço mil travessuras.¹³⁰ Não sei por que todas as crianças gostam de mim. E aquela garotinha é mesmo adorável! Cabelos loiros anelados¹³¹, olhos azuis, bochechas parecidas com rosas; menina viçosa, inocente, gordinha¹³², parece uma Graça de quatro anos. Se tu a visses correr até mim, agarrar-me pelos joelhos, fugir para que eu a siga,

¹²⁹ O pai de Teresa arranjara o casamento da filha por conveniência financeira.

¹³⁰ A influência de Rousseau se faz notar na proximidade de Jacopo com as crianças (para Rousseau as crianças ainda não estariam contaminadas pela civilização). O mesmo ocorre no *Werther*, de Goethe: Lotte, a moça por quem Werther se apaixona, cuida dos irmãozinhos, e Werther sempre brinca com eles.

¹³¹ Preferiu-se “anelados” (termo datado de 1645) a “encaracolado” ou “cacheado” (de datação posterior: 1858 e 1836 respectivamente).

¹³² Optou-se por “Gordinha” (s. XIV) em vez de “Gorduchinha” (termo de datação tardia: 1881).

negar-me um beijo para depois colar subitamente aqueles labiozinhos à minha boca! Hoje eu estava no alto de uma árvore colhendo frutas: aquela criaturinha estendia-me os braços e, balbuciando, rogava-me que *pelo amor de Deus eu não caísse*. Que lindo outono! Adeus, Plutarco¹³³! Ele está sempre fechado sob o meu braço. Faz três dias que perco a manhã a encher um cesto com uvas e pêssegos, que cubro de folhas; ponho-me rumo ao riacho, e, ao alcançar a aldeia, desperto toda a família¹³⁴ cantando a cançoneta da colheita.

¹³³ Jacopo, que nos primeiros dias do seu refúgio lia as vidas ilustres e exemplares do livro de Plutarco (*Vidas paralelas*), estava descrente da raça humana e da sociedade, e preferia isolar-se na natureza, à maneira de Rousseau.

¹³⁴ Na edição eletrônica e em Foscolo, 1998, p. 37, está: “*una famiglia*” em vez de “*tutta la famiglia*”, como nas demais edições consultadas.

6

Carta que descreve a visita à casa onde Petrarca viveu, em Arquá. Jacopo faz uma censura aos italianos, ao encontrar o lugar abandonado. (Ele visitará outros monumentos italianos: por exemplo, em Florença, visitará a Igreja de Santa Croce e, em Ravenna, o túmulo de Dante). Jacopo chama de “peregrinação” a ida à casa de Petrarca, reverenciando o poeta. Encontramos aqui citações a Petrarca e a outros poetas italianos, como forma de exaltar a poesia italiana.

Jacopo descreve o percurso do passeio, pois nele haverá uma aproximação com Teresa, que lhe revela a infelicidade que sente, e o que acontecera com a mãe.

20 Novembre

Più volte incominciai questa lettera: ma la faccenda andava assai per le lunghe; e la bella giornata, la promessa di trovarmi alla villa per tempo, e la solitudine – ridi? – L'altr'jeri, e jeri mi svegliava proponendo di scriverti; e senza accorgermi, mi trovava fuori di casa.

Piove, grandina, fulmina: penso di rassegnarmi alla necessità, e di giovarmi di questa giornata d'inferno, scrivendoti. – Sei o sette giorni addietro s'è iti in pellegrinaggio. Io ho veduto la Natura più bella che mai. Teresa, suo padre, Odoardo, la piccola Isabellina, ed io siamo andati a visitare la casa del Petrarca in Arquà. Arquà è discosto, come tu sai, quattro miglia dalla mia casa; ma per più accorciare il cammino prendemmo la via dell'erta. S'apriva appena il più bel giorno d'autunno. Parea che Notte seguita dalle tenebre e dalle stelle fuggisse dal Sole, che usciva nel suo immenso splendore dalle nubi d'oriente, quasi dominatore dell'universo; e l'universo sorridea. Le nuvole dorate e dipinte a mille colori salivano su la volta del cielo che tutto sereno mostrava quasi di schiudersi per diffondere sopra i mortali le cure della Divinità. Io salutava a ogni passo la famiglia de' fiori e dell'erbe che a poco a poco alzavano il capo chinato dalla brina. Gli alberi susurrando soavemente, facevano tremolare contro la luce le gocce trasparenti della rugiada; mentre i venti dell'aurora rasciugavano il soverchio umore alle piante. Avresti udito una solenne armonia spandersi confusamente fra le selve, gli augelli, gli armenti, i fiumi, e le fatiche degli uomini: e intanto spirava l'aria profumata delle esalazioni che la terra esultante di piacere mandava dalle valli e da' monti al Sole, ministro maggiore della Natura. – Io compiango lo sciagurato che può destarsi muto, freddo e guardare tanti beneficj senza sentirsi gli occhi bagnati dalle lagrime della riconoscenza. Allora ho veduto Teresa nel più bell'apparato delle sue grazie. Il suo aspetto per lo più sparso di una dolce malinconia, si andava animando di una gioja schietta, viva, che le usciva dal cuore; la sua voce era soffocata; i suoi grandi occhi neri aperti prima nell'estasi, si inumidivano poscia a poco a poco: tutte le sue potenze parevano invase dalla sacra beltà della campagna. In tanta piena di affetti le anime si schiudono per versarli nell'altrui petto: ed ella si volgeva a Odoardo. Eterno Iddio! parea ch'egli andasse tentone fra le tenebre della notte, o ne' deserti abbandonati dalla benedizione della Natura. Lo lasciò tutto a un tratto, e s'appoggiò al mio braccio, dicendomi – ma, Lorenzo! per quanto mi studi di continuare, conviene pur ch'io mi taccia. Se potessi dipingerti la sua pronunzia, i suoi gesti, la melodia della sua voce, la

sua celeste fisionomia, o ricopiar non foss'altro le sue parole senza cangiarne o traslocarne sillaba, certo che tu mi sapresti grado; diversamente, rincresco persino a me stesso. Che giova copiare imperfettamente un inimitabile quadro, la cui fama soltanto lascia più senso che la sua misera copia? E non ti pare ch'io somigli i poeti traduttori d'Omero? Giacché tu vedi ch'io non mi affatico, che per annacquare il sentimento che m'infiama e stemprarlo in un languido fraseggiamento.

Lorenzo, ne sono stanco; il rimanente del mio racconto, domani: il vento imperversa; tuttavolta vo' tentare il cammino; saluterò Teresa in tuo nome.

Per dio! e' m'è forza di proseguire la lettera: su l'uscio della casa ci è un pantano d'acqua che mi contrasta il passo: potrei varcarlo d'un salto; e poi? la pioggia non cessa: mezzogiorno è passato, e mancano poche ore alla notte che minaccia la fine del mondo. Per oggi, giorno perduto, o Teresa. –

Non sono felice! mi disse Teresa; e con questa parola mi strappò il cuore. Io camminava al suo fianco in un profondo silenzio. Odoardo raggiunse il padre di Teresa; e ci precedevano chiacchierando. La Isabellina ci tenea dietro in braccio all'ortolano. *Non sono felice!* – io aveva concepito tutto il terribile significato di queste parole, e gemeva dentro l'anima, veggendomi innanzi la vittima che doveva sacrificarsi a' pregiudizi ed all'interesse. Teresa, avvedutasi della mia taciturnità, cambiò voce, e tentò di sorridere: Qualche cara memoria, mi diss'ella – ma chinò subito gli occhi – Io non m'attentai di rispondere.

Eravamo già presso ad Arquà, e scendendo per l'erbosio pendio, andavano sfumando e perdendosi all'occhio i paeselli che dianzi si vedeano dispersi per le valli soggette. Ci siamo finalmente trovati a un viale cinto da un lato di pioppi che tremolando lasciavano cadere sul nostro capo le foglie più giallicce, e adombrato dall'altra parte d'altissime querce, che con la loro opacità silenziosa faceano contrapposto a quell'amenio verde de' pioppi. Tratto tratto le due file d'alberi opposti erano congiunte da varij rami di vite selvatica, i quali incurvandosi formavano altrettanti festoni mollemente agitati dal vento del mattino. Teresa allora soffermandosi e guardando d'intorno: Oh quante volte, proruppe, mi sono adagiata su queste erbe e sotto l'ombra freschissima di queste querce! io ci veniva sovente la state passata con mia madre. Tacque e si rivoltò addietro dicendo di volere aspettare la Isabellina che si era un po' dilungata da noi; ma io sospettai ch'ella m'avesse lasciato per nascondere le lagrime che le innondavano gli occhi, e che forse non poteva più rattenere. Ma, e perché, le diss'io, perché mai non è qui vostra madre? – Da più settimane vive in Padova con sua

sorella; vive divisa da noi e forse per sempre! Mio padre l'amava: ma da ch'ei s'è pur ostinato a volermi dare un marito ch'io non posso amare, la concordia è sparita dalla nostra famiglia. La povera madre mia dopo d'aver contraddetto invano a questo matrimonio, s'è allontanata per non aver parte alla mia necessaria infelicità. Io intanto sono abbandonata da tutti! ho promesso a mio padre, e non voglio disubbidirlo – ma e mi duole ancor più, che per mia cagione la nostra famiglia sia così disunita – per me, pazienza! – E a questa parola, le lagrime le piovevano dagli occhi. Perdonate, soggiunse, io aveva bisogno di sfogare questo mio cuore angosciato. Non posso né scrivere a mia madre né avere sue lettere mai. Mio padre fiero e assoluto nelle sue risoluzioni non vuole sentirsela nominare; egli mi va tuttavia replicando, che la è la sua e la mia peggiore nemica. Pur sento che non amo, non amerò mai questo sposo col quale è già *decretato* – immagina, o Lorenzo, in quel momento il mio stato. Io non sapeva né confortarla, né risponderle, né consigliarla. Per carità, ripigliò, non v'affliggete, ve ne scongiuro: io mi sono fidata di voi: il bisogno di trovare chi sia capace di compiangermi – una simpatia – non ho che voi solo. – O angelo! sì sì! potessi io piangere per sempre, e rasciugare così le tue lagrime! questa mia misera vita è tua, tutta: io te la consacro; e la consacro alla tua felicità!

Quanti guai, mio Lorenzo, in una sola famiglia! Vedi ostinazione nel signore T*** che d'altronde è un ottimo galantuomo. Ama svisceratamente sua figlia; spesso la loda e la guarda con compiacenza; e intanto le tiene la mannaia sul collo. Teresa qualche giorno dopo mi raccontò, com'ei dotato d'un'anima ardente visse sempre consumato da passioni infelici; sbilanciato nella sua domestica economia per troppa magnificenza; perseguitato da quegli uomini che nelle rivoluzioni piantano la propria fortuna su l'altrui rovina, e tremante pe' suoi figliuoli, crede di provvedere allo stato di casa sua imparentandosi a un *uomo di senno*, ricco, e in aspettativa di una eredità ragguardevole – forse, o Lorenzo, anche per certo fumo; ed io vorrei scommettere cento contr'uno ch'ei non lascierebbe in isposa la sua figliuola a chi mancasse mezzo quarto di nobiltà: *chi nasce patrizio muore patrizio*. Tanto più che egli considera l'opposizione di sua moglie come una lesione alla propria autorità, e questo sentimento tirannesco lo rende ancor più inflessibile. E nondimeno è di ottimo cuore; e quella sua aria sincera, e quell'accarezzare sempre la sua figliuola e alcuna volta compiangere la sommessamente, mostrano ch'ei vede gemendo la dolorosa rassegnazione di quella povera fanciulla, ma – E per questo quand'io veggio come gli uomini cercano per una certa fatalità le sciagure con la lanterna, e come vegliano, sudano, piangono per fabbricarlele dolorosissime,

eterne; io mi sparpaglierei le cervella temendo che non mi si cacciasse per capo una simile tentazione.

Ti lascio, o Lorenzo; Michele mi chiama a desinare: tornerò a scriverti, s'altro non posso, a momenti.

Il mal tempo s'è diradato, e fa il più bel dopo pranzo del mondo. Il Sole squarcia finalmente le nubi, e consola la mesta Natura, diffondendo su la faccia di lei un suo raggio. Ti scrivo di rimpetto al balcone donde miro la eterna luce che si va a poco a poco perdendo nell'estremo orizzonte tutto raggiante di fuoco. L'aria torna tranquilla; e la campagna, benché allagata, e coronata soltanto d'alberi già sfrondata e cospersa di piante atterrate pare più allegra che la non era prima della tempesta. Così, o Lorenzo, lo sfortunato si scuote dalle funeste sue cure al solo barlume della speranza, e inganna la sua trista ventura, con que' piaceri a' quali era affatto insensibile in grembo alla cieca prosperità. – Frattanto il dì m'abbandona: odo la campana della sera; eccomi dunque a dar fine una volta alla mia narrazione.

Noi proseguimmo il nostro breve pellegrinaggio fino a che ci apparve biancheggiar dalla lunga la casetta che un tempo accoglieva

Quel Grande alla cui fama è angusto il mondo,
Per cui Laura ebbe in terra onor celesti.

Io mi vi sono appressato come se andassi a prostrarmi su le sepolture de' miei padri, e come uno di que' sacerdoti che taciti e riverenti s'aggiravano per li boschi abitati dagl'Iddii. La sacra casa di quel sommo italiano sta crollando per la irreligione di chi possiede un tanto tesoro. Il viaggiatore verrà invano di lontana terra a cercare con meraviglia divota la stanza armoniosa ancora dei canti celesti del Petrarca. Piangerà invece sopra un mucchio di ruine coperto di ortiche e di erbe selvatiche fra le quali la volpe solitaria avrà fatto il suo covile. Italia! placa l'ombra de' tuoi grandi. – Oh! io mi risovvengo col gemito nell'anima, delle estreme parole di Torquato Tasso. Dopo d'essere vissuto quaranta sette anni in mezzo a' dileggi de' cortigiani, le noje de' saccenti, e l'orgoglio de' principi, or carcerato ed or vagabondo, e tuttavia melancolico, infermo, indigente; giacque finalmente nel letto della morte e scriveva esalando l'eterno sospiro: *Io non mi voglio dolere della malignità della fortuna, per non dire della ingratitudine degli uomini, la quale ha pur voluto aver la vittoria di condurmi alla*

sepoltura mendico. O mio Lorenzo, mi suonano queste parole sempre nel cuore! e' mi par di conoscere chi forse un giorno morrà ripetendole.

Frattanto io recitava sommessamente con l'anima tutta amore e armonia la canzone: *Chiare, fresche, dolci acque*; e l'altra: *Di pensier in pensier, di monte in monte*; e il sonetto: *Stiamo, Amore, a veder la gloria nostra*; e quanti altri di que' sovrumani versi la mia memoria agitata seppe allora suggerire al mio cuore.

Teresa e suo padre se n'erano iti con Odoardo il quale andava a rivedere i conti al fattore d'una tenuta ch'egli ha in que' dintorni. Ho poi saputo ch'e' sta sulle mosse per Roma, stante la morte di un suo cugino; né si sbrigherà così in fretta, perché essendosi gli altri parenti impadroniti de' beni del morto, l'affare si ridurrà a' tribunali.

Come tornarono, quella famigliuola d'agricoltori ci allestì da colazione, dopo di che ci siamo avviati verso casa. Addio, addio. Avrei a narrarti delle altre cose; ma, a dirti il vero, ti scrivo svogliatamente. – Appunto: mi dimenticava di dirti che, ritornando, Odoardo accompagnò a passo a passo Teresa e le parlò lungamente quasi importunandola e con un'aria di volto autorevole. Da alcune poche parole che mi venne fatto d'intendere, sospetto ch'egli la torturasse per sapere a ogni patto di che abbiamo parlato. Onde tu vedi ch'io devo diradar le mie visite – almeno finch'ei si parta.

Buona notte, Lorenzo. Serbati questa lettera: quando Odoardo si porterà seco la felicità, ed io non vedrò più Teresa, né più scherzerà su queste ginocchia la sua ingenua sorellina, in que' giorni di noja ne' quali ci è caro perfino il dolore, rileggeremo queste memorie sdrajati su l'erba che guarda la solitudine d'Arquà, nell'ora che il dì va mancando. La rimembranza che Teresa fu nostra amica rasciugherà il nostro pianto. Facciamo tesoro di sentimenti cari e soavi i quali ci ridestino per tutti gli anni, che ancora tristi e perseguitati ci avanzano, la memoria che non siamo sempre vissuti nel dolore.

20 de novembro

Comecei a escrever esta carta diversas vezes, mas a tarefa se prolongava: o dia estava bonito, e havia a possibilidade de ir-me até à aldeia, e a solidão... Ris? Ontem e anteontem eu acordei disposto a te escrever; mas quase sem notar, já me encontrava fora de casa.

Cai a chuva, o granizo e o relâmpago: creio que devo resignar-me à necessidade e aproveitar esse dia infernal para escrever-te. Há seis ou sete dias saímos em peregrinação. Pude ver a Natureza mais bela do que nunca. Teresa, o pai, Odoardo, a pequena Isabellina e eu fomos visitar a casa de Petrarca em Arquá¹³⁵. Como sabes, Arquá fica a quatro milhas¹³⁶ de minha casa, mas para encurtar ainda mais o percurso tomamos um caminho íngreme. Acabava de nascer o dia mais bonito do outono. Parecia que a Noite, perseguida pelas trevas e pelas estrelas, fugia do Sol, que com seu imenso esplendor despontava das nuvens do nascente, quase senhor do universo; e o universo sorria. As nuvens douradas e tingidas de mil cores ascendiam para a abóbada do céu que, todo sereno, se entreabria para derramar sobre os mortais a diligência¹³⁷ da Divindade. Eu saudava a cada passo a família das flores e das ervas¹³⁸ que aos poucos levantavam a fronte dobrada pela geada. As árvores murmuravam suavemente, e faziam tremular na contraluz as gotas transparentes do orvalho, enquanto os ventos da aurora esgotavam a profusão de humor das plantas. Terias ouvido uma solene harmonia expandir-se desordenadamente entre as selvas, os pássaros, os rebanhos, os rios e a lida dos homens; e a terra, exultante de prazer, soprava dos vales e das montanhas suas fragrâncias para o Sol, ministro maior da Natureza¹³⁹. – Compadeço-me do infeliz que consegue despertar mudo e frio, e olhar tantas dádivas sem sentir os olhos banhados em

¹³⁵ Petrarca, nos últimos anos de sua vida, morou em Arquá, onde morreu em 19.7.1474.

¹³⁶ Normalmente, convertem-se, nas traduções, milhas em quilômetros; no entanto, o termo “quilômetro” é de datação tardia (1858).

¹³⁷ Usou-se “diligência” em vez de “cuidado”, por exemplo, para aludir ao mito da carruagem do sol.

¹³⁸ Versos de Petrarca: *Canzoniere*, CCCX, 1-2 (“e i fiori e l’erbe, sua dolce famiglia). *Famiglia* tem aqui o sentido de companhia. Esses versos aparecerão também nos *Sepolcri*, v. 5 (“Bella d’erbe famiglia e d’animali”). Aqui, Foscolo parafraseia também a si mesmo.

¹³⁹ “*Ministro maggiore della Natura*”, Dante, *Paraíso*, X, 28. Nessa passagem, há também versos do poema *Prometeo* de V. Monti, publicado em 1797 (apenas o Canto I; os outros dois cantos saíram em 1821). *Ultime lettere*, Garzanti, 1981, p. 17.

lágrimas de gratidão. Foi então que eu vi Teresa no mais belo aparato de sua graça. Seu aspecto, no geral, docemente melancólico, começava a animar-se com uma alegria singela, viva, que lhe saía do coração; tinha a voz sufocada, os olhos, grandes e negros, que antes se abriam de êxtase, foram aos poucos se umedecendo: todo seu vigor parecia invadido pela beldade sagrada do campo. Cheias de afeto, as almas se entreabrem para verter no peito de outrem o afeto que tinham: e ela se voltava para Odoardo. Deus do céu! Parecia caminhar às cegas por entre as trevas da noite, ou por desertos abandonados pela bênção da Natureza. De repente, deixou-o para apoiar-se em meu braço, dizendo-me... Mas, Lorenzo! por mais que eu tente prosseguir, convém calar-me. Se me fosse possível descrever-lhe a pronúncia, os gestos, a melodia da voz, a fisionomia celestial, ou reproduzir-lhe as palavras sem mudar nem inverter nenhuma sílaba, certamente tu me serias grato. Mas, como não consigo, até a mim eu desagrado. De que vale copiar de maneira imperfeita um quadro que não pode ser imitado, do qual a simples fama causa uma impressão maior do que sua mísera cópia? Acaso não te pareço com os poetas que traduziram Homero? Bem vêes que não esmoreço, a não ser para diluir o sentimento que me inflama e atenuá-lo num lânguido fraseado.

Lorenzo, estou cansado; o restante da minha história, saberás amanhã: o vento se enfurece; mesmo assim, vou tentar o caminho; cumprimentarei Teresa em teu nome.

Por Deus! Sou forçado a prosseguir com esta carta: na porta de casa há um lodaçal que me impede o passo; poderia transpô-lo de um salto; mas, e depois? A chuva não pára: meio-dia já passou, e faltam poucas horas para a noite que ameaça com o fim do mundo. Hoje, dia perdido, ó Teresa.

— Não sou feliz! disse-me Teresa.

E com essas palavras arrebatou-me o coração. Eu caminhava a seu lado em profundo silêncio. Eduardo havia alcançado o pai de Tereza, e seguiam à nossa frente conversando. Isabellina vinha atrás no colo do hortelão. *Não sou feliz!* – Eu havia percebido todo o terrível significado dessas palavras; e gemia dentro da alma, ao ver, diante de mim, a vítima a ser sacrificada aos preconceitos e ao interesse. Teresa, ao perceber-me taciturno, mudou de voz e procurou sorrir:

— Uma cara lembrança qualquer? disse-me ela; mas logo abaixou os olhos.

Não me atrevi a responder-lhe.

Aproximávamo-nos de Arquá, e ao descer pela relva da encosta iam-se desvanecendo e se perdendo diante de nossos olhos os vilarejos, dispersos pelos vales, que havíamos visto antes. Enfim demos numa avenida cingida, de um lado, por choupos

que ao tremular, deixavam cair em nossas cabeças as folhas mais amareladas, e, de outro, ensombrada por altíssimos carvalhos, cuja silenciosa opacidade contrastava com o verde ameno dos choupos. Aqui e ali, as duas fileiras opostas de árvores enleavam-se sob ramos de videira silvestre, os quais se encurvavam para formar festões que balançavam preguiçosamente ao vento da manhã. Teresa, então, detendo-se, olhou ao redor:

— Oh, quantas vezes, irrompeu, deitei-me nestas relvas e sob a sombra refrescante destes carvalhos! Eu vinha aqui muitas vezes no verão passado com minha mãe.

Calou-se e virou-se, dizendo esperar Isabellina que se havia afastado de nós; mas suspeitei que me evitava para esconder as lágrimas que lhe inundavam os olhos e quiçá não pudesse mais conter.

— Mas, disse-lhe eu, por que sua mãe nunca está aqui conosco? ¹⁴⁰

— Há semanas vive em Pádua com a irmã; separou-se de nós e talvez para sempre! Meu pai a amava: mas desde que se aferrou à idéia de me dar um marido que eu não posso amar, a concórdia desapareceu de nossa família. Minha pobre mãe, depois de ter-se oposto em vão a esse matrimônio, distanciou-se para não tomar parte em meu necessário infortúnio. Entretanto, fui abandonada por todos! Prometi a meu pai, e não quero desobedecê-lo – mas, doe-me ainda mais que por minha causa nossa família esteja assim desunida... por mim, paciência!

E com essas palavras, as lágrimas banharam-lhe o rosto.

— Perdoe-me, acrescentou, eu precisava desabafar este meu coração angustiado. Não posso nem escrever para minha mãe, nem nunca receber suas cartas. Meu pai, orgulhoso e resolutivo nas suas decisões não quer ouvir falar dela; ele, todavia, continua a repetir-me que ela é a pior inimiga dele e a minha. Mas sinto que não amo, que nunca hei de amar o noivo a mim *decretado*.

Imagina, Lorenzo, como eu me sentia. Não sabia como confortá-la, nem como responder-lhe, nem como aconselhá-la.

— Por favor, continuou, não se aflija, eu lhe suplico; confiei no senhor: tenho a necessidade de encontrar alguém capaz de compadecer-se de mim – quem me tenha simpatia – e o encontro apenas no senhor.

¹⁴⁰ A mãe ausente (tanto a de Teresa como a de Jacopo) é um motivo que se repete no romance.

Meu anjo! Sim, sim! Pudesse eu chorar para sempre, e assim enxugar as tuas lágrimas! Esta mísera vida minha é tua, toda tua: eu a consagro a ti... e à tua felicidade!

Quantos aborrecimentos, caro Lorenzo, em uma só família! Bem vês a obstinação no senhor T***, que por outro lado é um excelente cavalheiro¹⁴¹. Ama profundamente a filha, amiúde a elogia e olha-a com complacência; apesar disso, cuida em manter-lhe a lâmina sobre a cabeça. Teresa, alguns dias depois, contou-me que ele, impetuoso, deixava-se sempre consumir por paixões infelizes; era descontrolado nas finanças domésticas por ser demasiadamente pródigo; foi perseguido por aqueles que nas revoluções plantam a própria fortuna na ruína dos outros, e temeroso pelos filhos, acredita que poderá prover a casa tornando-se parente de um homem de juízo, rico, e à espera de uma herança considerável. Mas talvez, Lorenzo, haja também uma certa quimera nisso; e aposto cem contra um que ele não deixaria a filha casar-se com alguém a quem faltasse um pouco que fosse de nobreza: quem nasce patricio, morre patricio. Ainda mais que a oposição da mulher é uma ofensa à autoridade dele, e esse sentimento tirânico o torna ainda mais inflexível. Mas, apesar de tudo, ele tem um bom coração; sua aparência sincera e o fato de acariciar a filha e compadecer-se dela em segredo, mostram que ele sofre com a dolorosa resignação daquela pobre moça; que seja! Por isso, quando vejo os homens, movidos por certa fatalidade, buscarem, com a lanterna nas mãos, suas desgraças; e quando os vejo velar, suar e chorar para fazerem de tais desgraças dores eternas, tenho vontade de estourar os miolos para não ter na cabeça uma tentação como essas.

Deixo-te, Lorenzo; Michele¹⁴² me chama para o almoço: voltarei a escrever-te logo, se puder.

O mau tempo dissipou-se e temos a tarde mais linda do mundo. O Sol finalmente rasgou as nuvens para consolar a Natureza tristonha, sobre cuja face difunde o seu raio. Escrevo-te de frente à sacada; daqui posso fitar a luz eterna que se extingue aos poucos no fogo radiante do horizonte extremo. O ar retoma a serenidade e o campo, apesar do alagamento, rodeado apenas de árvores já sem folhas e forrado de plantas abatidas, parece mais alegre do que antes da tempestade. Assim, Lorenzo, o desventurado, ao

¹⁴¹ Pai de Teresa. Ele vacila entre seus sentimentos e os padrões sociais; Jacopo, na primeira vez que o vê, assim o descreve (carta de 23.10.1797): “Ele tem um trato cortês, um caráter sincero e fala com o coração.”

¹⁴² Michele é o fiel criado de Jacopo.

menor vislumbre de esperança, afasta as preocupações funestas, enganando seu destino perverso com prazeres que nunca desdenhou no regaço da cega prosperidade. – Entrementes o dia me abandona: ouço as campanas da noite; eis então que termino minha narrativa.

Continuamos nossa breve peregrinação até que nos surgiu, branca, ao longe, a casinha que outrora acolhia

O Ilustre cuja fama excede o mundo
Glória do céu na terra cede¹⁴³ a Laura¹⁴⁴.

Eu me acerquei como se quisesse prostrar-me sobre o sepulcro de meus pais, como se fosse eu um daqueles sacerdotes reverentes a vagar em silêncio pelos bosques que serviam de morada para os Deuses. A sagrada habitação daquele italiano supremo está ruindo pela irreverência dos que possuem tamanho tesouro. O viandante virá, em vão, de sua terra longínqua buscar, com devoto enlevo o aposento inda harmonioso dos cantos celestiais de Petrarca. Mas, em vez disso, chorará sobre ruínas cobertas de urtigas e de mato, que servem de covil à raposa solitária. Itália! Aplaca a sombra dos teus grandes. Oh, eu me recordo, com frêmito n'alma, das derradeiras palavras de Torquato Tasso. Depois de ter vivido 47 anos em meio ao escárnio dos cortesãos, ao enfado dos pedantes e ao orgulho dos príncipes, ora no cárcere, ora errando, e todavia melancólico, enfermo, indigente, jazia finalmente no leito de morte e, antes de exalar o eterno suspiro, escreveu: “Não quero lamentar-me da sorte mesquinha, para não dizer da ingratidão dos homens, que chegou mesmo a desejar que eu fosse, mendigo, à sepultura.”¹⁴⁵ Oh, caro Lourenço, essas palavras me ressoam sempre no coração! E me parece conhecer quem um dia, talvez, as repita ao morrer.

Entretanto, eu recitava em voz baixa com a alma repleta de amor e harmonia, estas canções: “*Claras, frescas, doces águas*”, “*De pensar em pensar, de monte em*

¹⁴³ O trocadilho “alla cui – per cui” do original foi substituído pelo trocadilho “excede – cede” na tradução.

¹⁴⁴ Versos de Vittorio Alfieri quando também esteve em Arquá. Soneto: *O cameretta, che già in te chiudesti* (Rime, LVIII, vv. 2 e 4)

¹⁴⁵ Refere-se a uma carta que o poeta Torquato Tasso escreveu quando estava morrendo, em 1595. Mas Foscolo mudou “ingratidão do mundo” em “ingratidão dos homens”.

monte”; o soneto: “*Estamos vendo, Amor, a nossa glória*”¹⁴⁶; e tantos outros versos sobre-humanos, quanto a minha memória agitada soube segredar ao meu coração.

Odoardo teve de sair para verificar, junto ao feitor, as contas de uma quinta que tem nas proximidades¹⁴⁷; Tereza e o pai foram com ele. Eu soube, depois, que Odoardo terá de ir a Roma, por causa da morte de um primo; não se apressará em voltar, porque os outros parentes se assenhoraram dos bens do morto, e o caso acabará nos tribunais.

Assim que eles voltaram, aquela pequena família de lavradores preparou o almoço para nós, e depois fomos para casa. Adeus, adeus. Eu teria outras coisas para contar, mas para dizer a verdade, escrevo-te sem ânimo. A propósito: esquecia-me de dizer-te que Odoardo, quando voltava, ia ao lado de Teresa e lhe falou longamente, quase a incomodando com ares de importante. De algumas poucas palavras que pude entender, suspeito que a atormentasse para saber a todo custo de que havíamos falado eu e ela. Já vêes que devo diminuir as minhas visitas – pelo menos até que ele parta.

Boa noite, Lorenzo. Conserva esta carta: quando Odoardo levar a felicidade consigo, quando eu não mais vir Teresa, e quando a inocente irmãzinha não brincar mais nos meus joelhos, naqueles dias de tédio em que até mesmo a dor nos é cara, leremos de novo estas memórias deitados na relva que vigia a solidão de Arquá, na hora em que se esvai o dia. A lembrança de que Teresa foi nossa amiga nos enxugará o pranto. É preciso ter um grande apreço pelos sentimentos diletos e suaves que despertarão, pelos anos tristes e tormentosos que ainda nos restam, a lembrança de que nem sempre vivemos em meio à dor.

¹⁴⁶ Três citações do *Canzoniere* de Petrarca: respectivamente CXXVI, CXXIX, CXXCII.

¹⁴⁷ Essa passagem descreve bem a personalidade de Odoardo, que, prefere cuidar das finanças a se deter na casa de Petrarca.

7

Esta carta apareceu pela primeira vez na edição de 1816. Contém partes dos *Discorsi della servitù d'Italia*, escritos em um momento difícil para o autor, pois havia deixado a Itália e encontrava-se em exílio na Suíça. Não pôde publicar os *Discorsi*, pois teria sido imprudente, já que estava sendo procurado pelo governo austríaco; mesmo a publicação das *Ultime lettere*, por precaução, saiu com dados falsos: 1814, Londres.

Há nela dois amores impossíveis: pela pátria e por Teresa; que se distribuem em partes praticamente iguais ao longo da carta. Na primeira, Jacopo faz duras críticas a Napoleão, valendo-se de Petrarca, Maquiavel e Dante; na segunda, passando do amor infeliz pela pátria ao amor silencioso e impossível por Teresa. Na relação entre esses dois amores, e diante dos fatos, Jacopo prenuncia um destino fatal, usando a metáfora do herói-ator que faz descer o pano do próprio drama.

Segundo o crítico Fubini¹⁴⁸, com esta carta, Foscolo parece responder àquelas críticas que afirmavam ter o romance “due anime” mal relacionadas, e tenta combinar o motivo político e o amoroso.

Um dos temas principais das primeiras edições é o suicídio, o que reflete a juventude alfieriana do autor. Nesta edição, esse tema deixa de ser predominante, pois nela encontramos um Foscolo mais maduro.

¹⁴⁸ M. Fubini, 1963, p. 239.

17 Marzo

Da due mesi non ti do segno di vita, e tu ti se' sgomentato; e temi ch'io sia vinto oggimai dall'amore da *dimenticarmi di te e della patria*. Fratel mio Lorenzo, tu conosci pur poco me e il cuore umano ed il tuo, se presumi che il desiderio di patria possa temperarsi mai, non che spegnersi; se credi che ceda ad altre passioni – ben irrita le altre passioni, e n'è più irritato; ed è pur vero, e in questo hai detto pur bene! *L'amore in un'anima esulcerata, e dove le altre passioni sono disperate, riesce onnipotente* – e io lo provo; ma che riesca funesto, t'inganni: senza Teresa, io sarei forse oggi sotterra.

La Natura crea di propria autorità tali ingegni da non poter essere se non generosi; venti anni addietro sì fatti ingegni si rimanevano inerti ed assiderati nel sopore universale d'Italia: ma i tempi d'oggi hanno ridestato in essi le virili e natie loro passioni; ed hanno acquistato tal tempra, che spezzarli puoi, piegarli non mai. E non è sentenza metafisica questa: la è verità che splende nella vita di molti antichi mortali gloriosamente infelici: verità di cui mi sono accertato convivendo fra molti nostri concittadini: e li compiango insieme e gli ammiro; da che, se Dio non ha pietà dell'Italia, dovranno chiudere nel loro secreto il desiderio di patria – funestissimo! perché o strugge, o addolora tutta la vita; e nondimeno anziché abbandonarlo, avranno cari i pericoli, e quell'angoscia, e la morte. Ed io mi sono uno di questi; e tu, mio Lorenzo.

Ma s'io scrivessi intorno a quello ch'io vidi, e so delle cose nostre, farei cosa superflua e crudele ridestando in voi tutti il furore che vorrei pur sopire dentro di me: piango, credimi, la patria – la piango secretamente, e desidero,

Che le lagrime mie si spargan sole.

Un'altra specie d'amatori d'Italia si quereli ad altissima voce a sua posta. Esclamano d'essere stati venduti e traditi: ma se si fossero armati sarebbero stati vinti forse, non mai traditi; e se si fossero difesi sino all'ultimo sangue, né i vincitori avrebbero potuto venderli, né i vinti si sarebbero attentati di comperarli. Se non che moltissimi de' nostri presumono che la libertà si possa comperare a danaro; presumono che le nazioni straniere vengano per amore dell'equità a trucidarsi scambievolmente su' nostri campi onde liberare l'Italia! Ma i francesi che hanno fatto parere esecrabile la divina teoria della pubblica libertà, faranno da Timoleoni in pro nostro? – Moltissimi intanto si fidano nel Giovine Eroe nato di sangue italiano; nato dove si parla il nostro idioma. Io da un animo basso e crudele, non m'aspetterò mai cosa utile

ed alta per noi. Che importa ch'abbia il vigore e il fremito del leone, se ha la mente volpina, e se ne compiace? Sì; basso e crudele – né gli epiteti sono esagerati. A che non ha egli venduto Venezia con aperta e generosa ferocia? Selim I che fece scannare sul Nilo trenta mila guerrieri Circassi arresisi alla sua fede, e Nadir Schah che nel nostro secolo trucidò trecento mila Indiani, sono più atroci, bensì meno spregevoli. Vidi con gli occhi miei una costituzione democratica postillata dal Giovine Eroe, postillata di mano sua, e mandata da Passeriano a Venezia perché s'accettasse; e il trattato di Campo Formio era già da più giorni firmato e Venezia era trafficata; e la fiducia che l'Eroe nutriva in noi tutti ha riempito l'Italia di proscrizioni, d'emigrazioni, e d'esilii. – Non accuso la ragione di stato che vende come branchi di pecore le nazioni: così fu sempre, e così sarà: piango la patria mia,

Che mi fu tolta, e il modo ancor m'offende.

Nasce italiano, e soccorrerà un giorno alla patria: – altri sel creda; io risposi, e risponderò sempre: La Natura lo ha creato tiranno: e il tiranno non guarda a patria; e non l'ha.

Alcuni altri de' nostri, veggendo le piaghe d'Italia, vanno pur predicando doversi sanarle co' rimedi estremi necessari alla libertà. Ben è vero, l'Italia ha preti e frati; non già sacerdoti: perché dove la religione non è inviscerata nelle leggi e ne' costumi d'un popolo, l'amministrazione del culto è bottega. L'Italia ha de' titolati quanti ne vuoi; ma non ha propriamente patrizj: da che i patrizj difendono con una mano la repubblica in guerra, e con l'altra la governano in pace; e in Italia sommo fasto de' nobili è il non fare e il non sapere mai nulla. Finalmente abbiamo plebe; non già cittadini; o pochissimi. I medici, gli avvocati, i professori d'università, i letterati, i ricchi mercatanti, l'innumerabile schiera degl'impiegati fanno arti gentili essi dicono, e cittadinesche; non però hanno nerbo e diritto cittadinesco. Chiunque si guadagna sia pane, sia gemme con l'industria sua personale, e non è padrone di terre, non è se non parte di plebe; meno misera, non già meno serva. Terra senza abitatori può stare; popolo senza terra, non mai: quindi i pochi signori delle terre in Italia, saranno pur sempre dominatori invisibili ed arbitri della nazione. Or di preti e frati facciamo de' sacerdoti; convertiamo i titolati in patrizj; i popolani tutti, o molti almeno, in cittadini abbienti, e possessori di terre – ma badiamo! senza carnificine; senza riforme sacrileghe di religione; senza fazioni; senza proscrizioni né esilii; senza ajuto e sangue e depredazioni d'armi straniera; senza divisione di terre; né leggi agrarie; né rapine di proprietà famigliari – da che se mai (a quanto intesi ed intendo) se mai questi rimedi necessitassero a liberarne dal nostro

infame perpetuo servaggio, io per me non so cosa mi piglierei – né infamia, né servitù: ma neppur essere esecutore di sì crudeli e spesso inefficaci rimedi – se non che all'individuo restano molte vie di salute; non fosse altro il sepolcro: – ma una nazione non si può sotterrare tuttaquanta. E però, se scrivessi, esorterei l'Italia a pigliarsi in pace il suo stato presente, e a lasciare alla Francia la obbrobriosa sciagura di avere svenato tante vittime umane alla Libertà – su le quali la tirannide de' Cinque, o de' Cinquecento, o di Un solo – torna tutt'uno – hanno piantato e planteranno i lor troni; e vacillanti di minuto in minuto, come tutti i troni che hanno per fondamenta i cadaveri.

Il lungo tempo da che non ti scrivo non è corso perduto per me; credo invece d'avere guadagnato anche troppo – ma guadagni fatali! Il signore T*** ha moltissimi libri di filosofia politica, e i migliori storici del mondo moderno: e tra per non volermi trovare assai spesso vicino a Teresa, tra per noia e per curiosità, due vigili istigatrici del genere umano – mi son fatto mandare que' libri; e parte n'ho letto, parte ne ho scartabellato, e mi furono tristi compagni di questa vernata. Certo che più amabile compagnia mi parvero gli uccelletti i quali cacciati per disperazione dal freddo a cercarsi alimento vicino alle abitazioni degli uomini loro nemici, si posavano a famiglie e a tribù sul mio balcone dov'io apparecchiava loro da desinare e da cena – ma forse ora che cessando il loro bisogno non mi visiteranno mai più. Intanto dalle mie lunghe letture ho raccolto: Che il non conoscere gli uomini è pur cosa pericolosa; ma il conoscerli quando non s'ha cuore da volerli ingannare è pur cosa funesta! Ho raccolto: Che le molte opinioni de' molti libri, e le contraddizioni storiche, t'inducono al pirronismo e ti fanno errare nella confusione, e nel caos, e nel nulla: ond'io, a chi mi stringesse o di sempre leggere, o di non leggere mai, mi torrei di non leggere mai; e così forse farò. Ho raccolto: Che abbiamo tutti passioni vane com'è appunto la vanità della vita; e che nondimeno sì fatta vanità è la sorgente de' nostri errori, del nostro pianto, e de' nostri delitti.

Pur nondimeno io mi sento rinsanguinare più sempre all'anima questo furore di patria: e quando penso a Teresa – e se spero – rientro in un subito in me assai più costernato di prima; e ridico: Quand'anche l'amica mia fosse madre de' miei figliuoli, i miei figliuoli non avrebbero patria; e la cara campagna della mia vita se n'accorgerebbe gemendo. – Pur troppo! alle altre passioni che fanno alle giovinette sentire sull'aurora del loro giorno fuggitivo i dolori, e più assai alle giovinette italiane, s'è aggiunto questo infelice amore di patria. Ho sviato il signore T*** da' discorsi di politica, de' quali si appassiona – sua figlia non apriva mai bocca: ma io pur m'avvedeva come le angosce di suo padre e le mie si rovesciavano nelle viscere di quella fanciulla. Tu sai che non è femminetta volgare: e prescindendo anche da' suoi interessi – da che in altri tempi

avrebbero potuto eleggersi altro marito – è dotata d'animo altero, e di signorili pensieri. E vede quanto m'è grave quest'ozio di oscuro e freddo egoista in cui logoro tutti i miei giorni – davvero, Lorenzo; anche tacendo, io paleso che sono misero e vile dinanzi a me stesso. La volontà forte e la nullità di potere in chi sente una passione politica lo fanno sciaguratissimo dentro di sé: e se non tace, lo fanno parere ridicolo al mondo; si fa la figura di paladino da romanzo e d'innamorato impotente della propria città. Quando Catone s'uccise, un povero patrizio, chiamato Cozio, lo imitò: l'uno fu ammirato perché aveva prima tentato ogni via a non servire; l'altro fu deriso perché per amore della libertà non seppe far altro che uccidersi.

Ma qui stando, non foss'altro co' miei pensieri, presso a Teresa – perch'io regno ancor tanto sopra di me, ch'io lascio passare tre e quattro giorni senza vederla – pur il solo ricordarmene mi fa provare un foco soave, un lume, una consolazione di vita – breve forse, ma divina dolcezza – e così mi preservo per ora dalla assoluta disperazione.

E quando sto seco – ad altri forse nol crederesti, o Lorenzo, a me sì – allora non le parlo d'amore. È mezz'anno oramai da che l'anima sua s'è affratellata alla mia, e non ha mai inteso uscire fuor delle mie labbra la certezza ch'io l'amo. – Ma e come non può esserne certa? – Suo padre giuoca meco a scacchi le intere serate: essa lavora seduta accanto a quel tavolino, silenziosissima, se non quanto parlano gli occhi suoi; ma di rado: e chinandosi a un tratto non mi domandano che pietà. – E qual altra pietà posso mai darle, da questa in fuori di tenerle, quanto avrò forza, tenerle occulte come più potrò tutte le mie passioni? Né io vivo se non per lei sola: e quando anche questo mio nuovo sogno soave terminerà, io calerò volentieri il sipario. La gloria, il sapere, la gioventù, le ricchezze, la patria, tutti fantasmi che hanno fino ad or recitato nella mia commedia, non fanno più per me. Calerò il sipario; e lascerò che gli altri mortali s'affannino per accrescere i piaceri e menomare i dolori d'una vita che ad ogni minuto s'accorcia, e che pure que' meschini se la vorrebbero persuadere immortale.

Eccoti con l'usato disordine, ma con insolita pacatezza risposto alla tua lunga affettuosissima lettera: tu sai dire assai meglio le tue ragioni: – io le mie le sento troppo; però pajo ostinato. – Ma s'io ascoltassi più gli altri che me, rincrescerei forse a me stesso: – e nel non rincrescere a sé, sta quel po' di felicità che l'uomo può sperar su la terra.

17 de março¹⁴⁹

Há dois meses não te dou sinal de vida e te assustei; temes que eu, enfim vencido de amor, pudesse *esquecer-me de ti e da pátria*. Lorenzo, meu irmão, conheces pouco a mim, ao coração humano e ao teu próprio também se julgas que a aspiração à pátria pode porventura diminuir, e até mesmo extinguir-se, e supões que ceda a outras paixões. Mas é esse desejo pela pátria que faz as outras paixões incendiarem... para depois ser por elas inflamado. Uma coisa contudo é verdade, e o disseste bem: *Em uma alma exacerbada e onde outras paixões não encontram esperança, o amor sobressai-se onipotente* – eu mesmo o comprovo, mas que seja funesto este amor, te enganas: sem Teresa, talvez, eu estivesse hoje debaixo da terra.

A Natureza cria, de vontade própria, engenhos que não são outra coisa que generosos; há vinte anos¹⁵⁰ eles permanecem inertes e enregelados no torpor geral da Itália: mas os tempos de hoje despertaram nesses espíritos paixões viris e inatas. Eles adquiriram tal ténpera, que se pode quebrá-los, mas dobrá-los jamais. Isso não é uma máxima da metafísica, mas a verdade que resplandece na vida de muitos antigos mortais, gloriosamente infelizes: verdade que constatei ao conviver com muitos de nossos compatriotas, por quem me compadeço e ao mesmo tempo admiro. Admiro-os porque se Deus não tiver piedade da Itália, deverão manter em segredo a aspiração à pátria¹⁵¹ – um anseio funesto, que destrói ou atormenta a vida por inteiro; e, não obstante, em vez de abandoná-lo, abraçarão os perigos, a angústia e a morte. E eu sou um deles¹⁵², Lorenzo, e tu também.

¹⁴⁹ “Carta omitida em todas as edições posteriores à primeira, a única em que aparece” [Nota de Foscolo. Doravante grafaremos N. F.]. Apesar dessa afirmação de Foscolo, a carta é posterior à queda de Napoleão (1815). Na *Notizia Bibliografica*, Foscolo explica que aquela primeira edição (Veneza, 1802) havia sido “clandestina”, mas, na realidade, ela não existiu: foi uma invenção de Foscolo para justificar a introdução no romance desta carta repleta de críticas. Cf. M. Fubini, *Ortis e Didimo*, 1963, pp. 223-52.

¹⁵⁰ Essa declaração, que se refere aos anos 1815-16, contradiz a afirmação de Foscolo sobre uma suposta edição clandestina publicada em Veneza em 1802, pois é uma alusão evidente aos vinte anos em que a Itália ficou submetida à invasão francesa; época que coincide com a do início do romance (1797), e vai até a queda de Napoleão (1815), que se conclui com a dominação austríaca.

¹⁵¹ Aspiração à pátria, isto é, à liberdade e à independência (inspiração de Alfieri).

¹⁵² Cf. U. Foscolo, “Della Servitù dell’Italia”. In: *Prose politiche litterarie*. Firenze: Le Monnier, 1993. V. VIII, p. 236. *Apud* A. Valentinetti, in U. Foscolo, 1993, p. 96.

Mas se eu escrevesse sobre o que vi, e o que sei das nossas coisas, estaria fazendo algo inútil e cruel despertando em todos o furor que gostaria de aplacar dentro de mim: acredita, choro pela pátria – choro em segredo, e desejo,

Que se derrame só o pranto meu¹⁵³.

Uma outra espécie¹⁵⁴ de amantes da Itália lamenta-se aos gritos. Exclamam que foram vendidos e traídos: se tivessem lutado, talvez fossem vencidos, mas nunca traídos; e se tivessem se defendido até à última gota de sangue, nem os vencedores teriam podido vendê-los, nem os vencidos teriam ousado comprá-los¹⁵⁵. Quantos dos nossos não julgam que a liberdade pode ser comprada com dinheiro e que as nações estrangeiras viriam, por amor à igualdade, trucidarem-se mutuamente em nossos campos para libertarem a Itália!¹⁵⁶ Mas os franceses, que fizeram parecer execrável a teoria divina da liberdade dos homens, agiriam como Timoleão¹⁵⁷ a nosso favor?¹⁵⁸ Entretanto, muitos confiam no Jovem Herói¹⁵⁹ nascido de sangue italiano; nascido onde se fala o nosso idioma. Dessa alma vil e cruel, não espero nada de proveitoso e elevado para nós. Que importa que tenha a força e o rugido do leão, se tem a mente de raposa¹⁶⁰, e disso se compraz? Sim, vil e cruel – os epítetos não exageram. Por que ao vender Veneza não mostrou ele uma crueldade aberta e franca? Selim I¹⁶¹, que mandou degolar no Nilo trinta mil guerreiros Circassianos que já haviam se rendido à sua fé, e o Xá

¹⁵³ Petrarca, *Canzoniere*, XVIII. [N. F.]

¹⁵⁴ Refere-se àqueles que, apesar de terem se oposto à entrega de Veneza a Áustria, não combateram. Alude também ao momento da queda de Napoleão, e às ilusões de 1814, cessadas com o retorno dos austríacos.

¹⁵⁵ Nova alusão ao intercâmbio de Veneza entre franceses e austríacos, adquirida pela Áustria em troca da Bélgica.

¹⁵⁶ “Della servitù dell’Italia”. In U. Foscolo, 1993, p. 96.

¹⁵⁷ Isto é, como libertador (herói grego que libertou Siracusa da tirania e depois renunciou espontaneamente ao poder dando a liberdade a seu povo; foi retratado por Plutarco nas *Vidas paralelas*).

¹⁵⁸ “Della servitù dell’ Italia”. *Op. cit.*, p. 96.

¹⁵⁹ Napoleão, que era filho de pais italianos, mas havia nascido na Córsega.

¹⁶⁰ Leão, símbolo de força e coragem; raposa, símbolo da astúcia. Imagens usadas por Maquiavel (*O Príncipe*, cap. XVIII) como características úteis na política.

¹⁶¹ Sultão Otomano (1467-1520) que conquistou a Pérsia, a Síria e o Egito.

Nadir¹⁶², que no nosso século trucidou trezentos mil indianos, são mais atrozes, embora menos desprezíveis. Eu mesmo vi uma constituição democrática comentada pelo Jovem Herói, de punho próprio, e mandada de Passeriano¹⁶³ a Veneza para que fosse aceita. Mas o tratado de Campofórmio já havia sido assinado e Veneza fora vendida. A confiança que o Herói inspirava em todos nós resultou em degredos, emigrações e exílios de italianos. – Não me queixo da razão de Estado que vende as nações como rebanhos de ovelhas, porque isso sempre foi assim e sempre será: choro pela minha pátria,

*de forma hostil, de mim arrebatada.*¹⁶⁴

*Nasce italiano, e socorrerá um dia a pátria: outros assim acreditam; eu respondi e responderei sempre: A Natureza o fez tirano*¹⁶⁵: *e o tirano não olha para a pátria e não a tem*¹⁶⁶.

Outros dos nossos, vendo as chagas da Itália, afirmam que se deve saná-las com remédios extremos necessários à liberdade. Decerto, a Itália tem padres e frades, não sacerdotes: porque onde a religião não é entranhada nas leis e nos costumes de um povo, a administração do culto é um comércio. A Itália tem muitos nobres titulados, mas poucos de nascimento, porque é este que, com uma das mãos, defende a república na guerra, e com a outra a governa na paz; e na Itália, o maior orgulho dos nobres é nada fazer e de nada saber, jamais. Por fim temos plebe, mas não cidadãos, ou pouquíssimos. Os médicos, os advogados, os professores de universidade, os literatos, os ricos mercadores, a inumerável fileira dos funcionários que oprimam tarefas nobres e civis, dizem eles, mas não têm o nervo nem o direito do cidadão. Todo aquele que ganha o indispensável e o supérfluo com o talento pessoal, e não é dono de terras, não faz senão parte da plebe; menos miserável, mas não menos servil. Terra sem habitantes pode ser;

¹⁶² Xá da Pérsia que, em 1738, saiu vitorioso em uma sangrenta incursão pela Índia.

¹⁶³ Passeriano: local próximo de Campofórmio. Ali, Napoleão morou durante as negociações do Tratado.

¹⁶⁴ Dante (“Inferno”, Canto V, 102). [N. F.]

¹⁶⁵ Termo recorrente no período. Rodrigues Lapa, em *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga* (Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 64), ressalta o emprego insistente do adjetivo “tirano”, devido às concepções políticas de liberdade.

¹⁶⁶ Conceito de pátria e de liberdade afirmado por Alfieri.

povo sem terra, nunca: portanto, os poucos senhores de terras na Itália, continuarão a ser os dominadores invisíveis e os árbitros da nação¹⁶⁷. Portanto, de padres e frades façamos sacerdotes; convertamos os nobres titulados em nobres de nascimento; todos os plebeus, ou pelo menos muitos deles, em abastados cidadãos e donos de terras. Mas, cuidado! sem carnificinas, sem reformas sacrílegas de religião, sem facções, sem degredos nem exílios; sem a ajuda, o sangue ou a depredação de exércitos estrangeiros; sem divisão de terras, sem leis agrárias e sem o roubo de propriedades familiares – se porventura (como acredito e sempre acreditei) esses remédios forem necessários para nos libertar da nossa infame¹⁶⁸ e perpétua servidão, não saberia escolher entre a infâmia e a subserviência: e nem ao menos ser executor desses remédios tão cruéis e tão ineficazes – ao indivíduo restam muitas vias de salvação; e além delas, o sepulcro: mas uma nação inteira não se pode sepultar. Portanto, se eu escrevesse, exortaria a Itália a aceitar o seu estado atual¹⁶⁹, e a deixar para a França a oprobriosa desgraça de ter cortado as veias de tantas vidas em nome da Liberdade; e sobre essas vidas, a tirania de Cinco, de Quinhentos, ou de apenas Um¹⁷⁰ (o que é a mesma coisa) ergueu e continuará a erguer seus tronos; tronos que vacilarão a cada momento, como todos os que têm cadáveres por alicerce.

O longo período em que não lhe escrevi não passou em vão para mim: ao contrário, creio que ganhei demais – mas lucro fatal! O senhor T*** tem muitíssimos livros de Filosofia Política, e os melhores historiadores do mundo moderno: e, em parte porque eu não queria encontrar-me sempre perto de Teresa, em parte por tédio ou por curiosidade (dois atentos instigadores do gênero humano), pedi para que me mandassem esses livros; alguns eu li, outros folhee, e foram meus tristes companheiros de inverno. É verdade que companhia mais agradável pareceram-me os passarinhos, os quais, obrigados pelo desespero do frio a procurarem alimento perto das casas dos homens, seus inimigos, alinhavam-se em famílias e tribos na minha varanda, onde eu lhes preparava o desjejum e o jantar – mas, agora que as necessidades deles começam a

¹⁶⁷ “Della servitù”, p. 98.

¹⁶⁸ O termo “infame” é também recorrente na literatura da época (também do Brasil e de Portugal). H. Peyer, no seu *Introdução ao Romantismo*, 1971, p. 53, fala de um período monopolizado pela “guerra contra o Infame”, quer dizer, Napoleão.

¹⁶⁹ “Della servitù”, p. 99.

¹⁷⁰ Do Diretório (constituído de 5 membros), da Assembléia e do Cônsul: constituição promulgada pela Convenção francesa em 1795.

desaparecer, talvez não me visitem mais. Enquanto isso, das minhas longas leituras aprendi que não conhecer os homens é perigoso, mas conhecê-los quando não se tem coragem de enganá-los, é fatal! Aprendi também que as diversas opiniões dos livros e as contradições históricas induzem-nos ao pirronismo¹⁷¹ e nos fazem errar no engano, no caos e no nada: portanto, se eu fosse obrigado a escolher entre ler o tempo todo, ou nunca ler, decidiria por não ler... e talvez assim o faça. Aprendi também que todos nós alimentamos paixões tão vãs quanto a vaidade da vida, e que, no entanto, esse vazio, essa vaidade é a fonte de nossos erros, de nossas lágrimas e de nossos delitos.

Não obstante, sinto que em minh'alma se revigora o furor da pátria: e quando penso em Teresa – e alimento esperanças – volto a mim de repente, muito mais consternado do que antes, e torno a dizer: mesmo que minha amiga fosse a mãe dos meus filhos, meus filhos não teriam pátria; e a querida companheira da minha vida perceberia isso sofrendo. – Que infortúnio! Às outras paixões que fazem as jovens sentirem as dores na aurora do seu tempo fugidio, sobretudo as jovens italianas, acrescentou-se esse amor infeliz pela pátria. Desviei o senhor T*** das conversas sobre política, pelas quais é apaixonado – sua filha não mais abria a boca: mas eu também percebi como as angústias de seu pai e as minhas reviravam as entranhas dessa moça. Sabes que ela não é uma mulherzinha vulgar: e renunciando também aos interesses próprios, que em outros tempos permitiriam a ela escolher para si outro marido, é dotada de alma altiva e de pensamentos nobres. E vê quanto me pesa este ócio, de egoísta lúgubre e frio, no qual consumo todos os meus dias. É verdade, Lorenzo, mesmo calado, revelo a minha miséria e a minha vileza para mim mesmo. Uma vontade forte e a falta de poder em quem sente uma paixão política fazem dele um miserável dentro de si: e se não cala, fazem-no parecer ridículo ao mundo; representando o paladino de romance e o amante impotente da própria terra. Quando Catão¹⁷² se matou, um pobre patrício chamado Cócio¹⁷³, imitou-o¹⁷⁴: um foi admirado porque havia antes tentado

¹⁷¹ Pirronismo: ceticismo do filósofo grego Pirron de Elis (360-275 a. C.), defensor da acatalepsia, ou impossibilidade de perceber ou entender as coisas.

¹⁷² Catão, opondo-se à ascensão de Júlio César, suicidou-se em 46 a. C., em Útica.

¹⁷³ Ignora-se quem teria sido essa personagem.

¹⁷⁴ O Foscolo maduro, de 1816, não acredita mais no entusiasmo de vinte anos atrás. É o inverno da vida, por isso teria escrito esta carta em pleno inverno, para expressar o seu novo estado de ânimo. Cf. E. Bottasso, in U. Foscolo, 1943, p. 310.

todos os meios para não se submeter; o outro foi ridicularizado, porque pelo amor da liberdade não soube fazer outra coisa senão tirar a própria vida.

Mas aqui ficando, ao menos em pensamento, junto a Teresa – porque ainda consigo me dominar, deixo passar três ou quatro dias sem vê-la; e a simples lembrança dela me faz sentir um fogo suave, um lume, um consolo de vida, breve talvez, mas doçura divina – consigo, por ora, preservar-me do desespero absoluto.

E, quando estou com ela – talvez não acredites nos outros, Lorenzo, mas em mim acreditarás – não lhe falo de amor. Enfim, faz seis meses que sua alma e a minha se irmanaram, e os lábios meus nunca procuraram dar a ela a certeza do meu amor. Mas, como não teria ela certeza? – O pai joga xadrez comigo tardes inteiras: ela trabalha sentada junto à mesinha, muito silenciosa, a não ser quando falam os olhos seus; mas é raro: logo se abaixam, e não me pedem mais que piedade. – E que outra piedade poderia eu dar a ela, a não ser esta de manter ocultas o mais que puder todas as minhas paixões? Não vivo só para ela? E quando este meu sonho, jovem e suave, também se acabar, deixarei cair com prazer o pano. A glória, o saber, a juventude, as riquezas, a pátria, todos os fantasmas que até agora representaram em minha comédia, não servirão mais para mim. Deixarei cair o pano; e deixarei que os outros mortais se esforcem para aumentar os prazeres e diminuir as dores de uma vida que a cada minuto se consome,¹⁷⁵ a mesma vida que esses mesquinhos gostariam de acreditar ser imortal.

Com a minha desordem habitual, mas com rara serenidade respondo a tua longa e afetuosíssima carta: sabes expor muito melhor as tuas razões: – as minhas, eu as sinto demais; porém pareço obstinado. – Mas, se eu escutasse mais os outros do que eu, desagradaria talvez a mim mesmo: e é no fato de não desagradar a si próprio que reside a pouca felicidade que o homem pode esperar na terra.

¹⁷⁵ Este parágrafo, com ligeiras modificações, corresponde à carta dirigida a Teresa, que estava na edição de 1802.

8

Em uma carta escrita três dias antes desta, Jacopo sentia uma rara felicidade e a retratava em comparação com a natureza. Mas, pergunta-se ele nesta carta de 6 de abril, tal felicidade não seria o fruto da fantasia, uma ilusão, não estaria destinada a desaparecer?

Passou-se um período em que Odoardo esteve ausente, e por isso Jacopo alimentou algumas esperanças em relação a Teresa. Podemos notar aqui o uso exagerado de interrogações. O autor usa a pontuação, tanto aqui como em outras cartas, como recurso para dramatizar os sentimentos.

6 Aprile

È vero; troppo! - questa mia fantasia mi dipinge così realmente la felicità ch'io desidero, e me la pone davanti agli occhi, e sto lì lì per toccarla con mano, e mi mancano ancor pochi passi - e poi? il tristo mio cuore se la vede svanire e piange quasi perdesse un bene posseduto da lungo tempo. Tuttavia - ei le scrive che la cabala forense gli fu da prima cagione d'indugio, e che poi la rivoluzione ha interrotto per qualche giorno il corso dei tribunali: aggiungi che dove predomina l'interesse, le altre passioni si tacciono; un nuovo amore forse - ma tu dirai: E tutto ciò cosa importa? Nulla, caro Lorenzo: a Dio non piaccia ch'io mi prevalga della freddezza d'Odoardo - ma non so come si possa starle lontano un solo giorno di più! - Andrò dunque ognor più lusingandomi per tracannarmi poscia la mortale bevanda che mi sarò io medesimo preparata?

6 de abril

É verdade mesmo! – Esta minha fantasia pinta com tal realidade a felicidade que desejo, que me põe diante dos olhos; estou quase a tocá-la com a mão... faltam-me ainda poucos passos... e depois? O meu coração entristecido a vê desaparecer, e chora como se tivesse perdido um bem que possuía há muito tempo. No entanto, ele¹⁷⁶ lhe escreve dizendo que o motivo de seu atraso foi, primeiro, as maquinações legais; e que depois a revolução¹⁷⁷ interrompeu por alguns dias o curso dos tribunais: acrescenta tu que onde predomina o interesse, as outras paixões se calam; um novo amor talvez – mas dirás: “E tudo isso, o que importa?” Nada, caro Lorenzo: a Deus não agrada que eu me valha da frieza de Odoardo – mas não sei como ficar um único dia mais longe de Teresa! Continuarei então me iludindo para depois tragar a bebida mortal que eu mesmo preparei?

¹⁷⁶ Refere-se a Odoardo, que está em Roma para resolver alguns negócios.

¹⁷⁷ São as manifestações republicanas que haviam começado em dezembro de 1797 e que desembocaram, em fevereiro de 1798, na ocupação de Roma pelo exército franco-cisalpino e na proclamação da República Romana.

9

Se compararmos com as duas cartas anteriores (a de 6 de abril, precedentemente comentada, e a de 3 de abril), nas quais Jacopo duvidava da felicidade, temos aqui uma carta de acentuado simbolismo, representado pelo contraste entre o azul profundo do céu sereno, a tempestade que se aproxima e os tenros arbustos que se encontram em seu caminho.

Em seguida, Jacopo e Teresa lêem juntos um trecho de um livro. Essa passagem, de certa forma, reproduz o episódio do Canto V do “Inferno” de Dante, no qual Paolo e Francesca deixam-se arrebatar pela leitura de um livro. Segundo o crítico Walter Binni¹⁷⁸, a passagem apresentada nesta carta é uma adaptação do parágrafo 22 do *Socrate delirante* de Wieland¹⁷⁹.

Foscolo deve ter-se inspirado, também, no *Werther*, de Goethe, no qual o protagonista lê para Carlota uma tradução que ele próprio havia feito do *Ossian*, e que termina com estas palavras: “Uma torrente de lágrimas, escapando-se dos olhos de Carlota e aliviando seu coração oprimido interrompe a leitura de Werther, que abandona o manuscrito, toma-lhe a mão e também derrama lágrimas amargas.”¹⁸⁰

¹⁷⁸ U. Foscolo, 1981, p. 54.

¹⁷⁹ Christoph Martin Wieland (1733 –1813), escritor alemão.

¹⁸⁰ J. W. Goethe, *Fausto e Werther*. Tradução de Galeão Coutinho. São Paulo: Victor Civita, 1983, p. 424.

11 Aprile

Ella sedeva sopra un sofà di rincontro alla finestra delle colline, osservando le nuvole che passeggiavano per la ampiezza del cielo. Vedete, mi disse, quel l'azzurro profondo! Io le stava accanto muto muto, con gli occhi fissi su la sua mano che tenea socchiuso un libricciuolo. – Io non so come – ma non mi avvidi che la tempesta cominciava a muggire dal settentrione, e atterrava le piante più giovani. Poveri arbuscelli! esclamò Teresa. Mi scossi. Si addensavano le tenebre della notte che i lampi rendeano più negre. Diluviava, tuonava – poco dopo vidi le finestre chiuse, e i lumi nella stanza. Il ragazzo per far ciò ch'ei solea fare tutte le sere e temendo del mal tempo, venne a rapirci lo spettacolo della Natura adirata; e Teresa che stava sopra pensiero, non se ne accorse e lo lasciò fare.

Le tolsi di mano il libro e aprendolo a caso, lessi:

“La tenera Gliceria lasciò su queste mie labbra l'estremo sospiro. Con Gliceria ho perduto tutto quello ch'io poteva mai perdere. La sua fossa è il solo palmo di terra ch'io degni di chiamar mio. Niuno, fuori di me, ne sa il luogo. L'ho coperta di folti rosaj i quali fioriscono come un giorno fioriva il suo volto, e diffondono la fragranza soave che spirava il suo seno. Ogni anno nel mese delle rose io visito il sacro boschetto. Siedo su quel cumulo di terra che serba le sue ossa; colgo una rosa, e – sto meditando: *Tal tu fiorivi un dì!* E sfoglio quella rosa, e la sparpaglio – e mi rammento quel dolce sogno de' nostri amori. O mia Gliceria, ove sei tu? una lagrima cade su l'erba che spunta su la sepoltura, e appaga l'ombra amorosa”.

Tacqui. – Perchè non leggete? diss'ella sospirando e guardandomi. Io rileggeva: e tornando a proferire nuovamente: *Tal tu fiorivi un dì!* la mia voce fu soffocata; una lagrima di Teresa grondò su la mia mano che stringeva la sua.

11 de abril

Ela estava sentada em um sofá diante da janela de onde se viam as colinas, e observava as nuvens que passeavam pela amplidão do céu.

— Olhe, disse-me, que azul profundo!

Eu fiquei a seu lado, mudo, com os olhos fixos na sua mão que segurava um livrinho entreaberto. Não sei como, mas não percebi que a tempestade começava a rugir fortemente do norte, e derrubava as plantas mais tenras.

— Pobres arvorezinhas! exclamou Teresa.

Sobressaltei-me. As trevas da noite se adensavam e os raios as tornavam mais negras. Chovia torrencialmente, trovejava – pouco depois vi as janelas fechadas, e o lume na sala. O rapaz, para fazer o que costumava fazer todas as noites, e temendo o mau tempo, veio arrancar-nos o espetáculo da Natureza encolerizada; e Teresa que estava pensativa, não percebeu e deixou-o continuar.

Tirei de sua mão o livro e abrindo-o ao acaso, li:

“A terna Glicéria deixou nesses meus lábios o derradeiro suspiro. Com Glicéria perdi tudo aquilo que eu não nunca poderia perder. A sua cova é o único palmo de terra que posso chamar de meu. Ninguém, além de mim, sabe do lugar. Cobri-a de cheios rosais, que florescem como um dia florescia o seu rosto, e exalam a fragrância suave que o seu peito exalava. A cada ano no mês das rosas, eu visito aquele pequeno bosque sagrado. Sento-me no monte de terra que guarda os seus ossos; colho uma rosa, e – reflito: *Assim um dia florescias tu!* E desfolho aquela rosa, e a espalho – e recordo aquele doce sonho dos nossos amores. Oh minha Glicéria, onde estás? Uma lágrima cai na relva que desponta sobre a sepultura, e aplaca a sombra amorosa¹⁸¹”.

Calei-me.

— Por que não lê? disse-me ela suspirando e olhando-me.

Eu relia: e voltava a proferir: *Assim um dia florescias tu!* a minha voz sufocou-se; uma lágrima de Teresa correu sobre a minha mão que apertava a sua.

¹⁸¹ Em Álvares de Azevedo, “Idéias íntimas”, IX, 12, in *Lira dos Vinte anos*. “Um nome de mulher... e vejo lânguida / No véu suave de amorosas sombras.”

10

Junto com a carta do dia 29 de abril de 1798, Jacopo escreve o “Fragmento da história de Lairetta”. Essa história identifica-se, parte com o romance *Laura, lettere*, que Foscolo mencionara no seu Plano de estudos, de 1796, parte com a história de Maria (capítulos 63-65), da *Viagem Sentimental de Yorick*, de Laurence Sterne, que Foscolo havia começado a traduzir em 1805, na França.

Jacopo, na Carta de 29 e abril, explica a Lorenzo que havia lido um conto num livro inglês que lhe parecia com a história de Lairetta. Explica também que gostaria de ter mostrado a Teresa o fragmento que escrevera, mas não lhe parecia aconselhável que ela lesse uma história de amor tão infeliz. Jacopo conclui a carta dizendo que traduziu e modificou o conto, mas que no fundo narrava seus próprios sentimentos.

Já na terceira carta (16.10.1797), Jacopo perguntava a Lorenzo como estava a pobre Lairetta, que havia ficado só com a mãe, pois o pai e os irmãos haviam fugido da pátria e o namorado, morrido. Ele escreve como se o pai de Lairetta estivesse vivo, mas no fragmento aqui traduzido dirá que está morto. Essas contradições, na verdade, poderiam não ser involuntárias, mas sim um artifício literário, para mostrar o estado emotivo e confuso do protagonista.¹⁸²

Este fragmento retrata um dos temas que aparecem nas *Ultime lettere*: mostra a história de pessoas infelizes, com as quais Jacopo mostra-se solidário e de quem se compadece, e revela a repulsa que sente pelos favorecidos.

¹⁸² Cf. P. Mattei, in U. Foscolo, 1998, p. 32-3.

Frammento della Storia di Lauretta

“Non so se il cielo badi alla terra. Pur se ci ha qualche volta badato (o almeno il primo giorno che la umana *razza* ha incominciato a formicolare) io credo che il Destino abbia scritto negli eterni libri:

L'uomo sarà infelice

Né oso appellarmi di questa sentenza, perché non saprei forse a che tribunale, tanto più che mi giova crederla utile alle tante altre *razze* viventi ne' mondi innumerabili. Ringrazio nondimeno quella Mente che mescendosi all'universo degli enti, li fa sempre rivivere distruggendoli; perché con le miserie, ci ha dato almeno il dono del pianto, ed ha punito coloro che con una insolente filosofia si vogliono ribellare dalla umana sorte, negando loro gl'inesausti piaceri della compassione – *Se vedi alcuno addolorato e piangente non piangere*. Stoico! or non sai tu che le lagrime di un uomo compassionevole sono per l'infelice più dolci della rugiada su l'erbe appassite?

O Lauretta! io piansi con te sulla bara del tuo povero amante, e mi ricordo che la mia compassione disacerbava l'amarezza del tuo dolore. T'abbandonavi sovra il mio seno, e i tuoi biondi capelli mi coprivano il volto, e il tuo pianto bagnava le mie guance; poi col tuo fazzoletto mi rasciugavi, e rasciugavi le tue lagrime che tornavano a sgorgarti dagli occhi e scorrerti sulle labbra. – Abbandonata da tutti! – ma io no; non ti ho abbandonata mai.

Quando tu erravi fuor di te stessa per le romite spiagge del mare, io seguiva furtivamente i tuoi passi per poterti salvare dalla disperazione del tuo dolore. Poi ti chiamava a nome, e tu mi stendevi la mano, e sedevi al mio fianco. Saliva in cielo la Luna, e tu guardandola cantavi pietosamente – taluno avrebbe osato deriderti: ma il Consolatore de' disgraziati che guarda con un occhio stesso e la pazzia e la saviezza degli uomini, e che compiangere i loro delitti e le loro virtù – udiva forse le tue meste voci, e ti spirava qualche conforto: le preci del mio cuore t'accompagnavano: e a Dio sono accetti i voti e i sacrificj delle anime addolorate. – I flutti gemeano con flebile fiotto, e i venti che gl'increspavano gli spingeano a lambir quasi la riva dove noi stavamo seduti. E tu alzandoti appoggiata al mio braccio t'indirizzavi a quel sasso ove parevati di vedere ancora il tuo Eugenio, e sentir la sua voce, e la sua mano, e i suoi

baci. – Or che mi resta? esclamavi; la guerra mi allontana i fratelli, e la morte mi ha rapito il padre e l'amante; abbandonata da tutti!

O Bellezza, genio benefico della natura! Ove mostri l'amabile tuo sorriso scherza la gioja, e si diffonde la voluttà per eternare la vita dell'universo: chi non ti conosce e non ti sente incresca al mondo e a se stesso. Ma quando la virtù ti rende più cara, e le sventure, togliendoti la baldanza e la invidia della felicità, ti mostrano ai mortali co' crini sparsi e privi delle allegre ghirlande – chi è colui che può passarti davanti e non altro offerirti che un'inutile occhiata di compassione?

Ma io t'offeriva, o Lauretta, le mie lagrime, e questo mio romitorio dove *tu avresti mangiato del mio pane, e bevuto nella mia tazza, e ti saresti addormentata sopra il mio petto*⁹. Tutto quello ch'io aveva! e meco forse la tua vita sebbene non lieta, sarebbe stata libera almeno e pacifica. Il cuore nella solitudine e nella pace va a poco a poco obbliando i suoi affanni; perché la pace e la libertà si compiacciono della semplice e solitaria natura.

Una sera d'autunno la Luna appena si mostrava alla terra rifrangendo i suoi raggi su le nuvole trasparenti, che accompagnandola l'andavano ad ora ad ora coprendo, e che sparse per l'ampiezza del cielo rapivano al mondo le stelle. Noi stavamo intenti a' lontani fuochi dei pescatori, e al canto del gondoliere che col suo remo rompea il silenzio e la calma dell'oscura laguna. Ma Lauretta volgendosi cercò con gli occhi intorno il suo innamorato; e si rizzò, e ramingò un pezzo chiamandolo; poi stanca tornò dov'io sedeva, e s'assise quasi spaventata della sua solitudine. Guardandomi pareva che volesse dirmi: Io sarò abbandonata anche da te! – e chiamò il suo cagnolino.

Io? – Chi l'avrebbe mai detto che quella dovesse essere l'ultima sera ch'io la vedeva! Era vestita di bianco; un nastro cilestro raccogliea le sue chiome, e tre mammole appassite spuntavano in mezzo al lino che velava il suo seno. – Io l'ho accompagnata fino all'uscio della sua casa; e sua madre che venne ad aprirci mi ringraziava della cura ch'io mi prendeva per la sua disgraziata figliuola. Quando fui solo m'accorsi che m'era rimasto fra le mani il suo fazzoletto: – gliel ridarò domani, diss'io.

I suoi mali incominciavano già a mitigarsi, ed io forse – è vero; io non potevo darti il tuo Eugenio; ma ti sarei stato sposo, padre, fratello. I miei concittadini persecutori, giovandosi de' manigoldi stranieri, proscrissero improvvisamente il mio nome; né ho potuto, o Lauretta, lasciarti neppure l'ultimo addio.

Quand'io penso all'avvenire e mi chiudo gli occhi per non conoscerlo e tremo e mi abbandono con la memoria a' giorni passati, io vo per lungo tratto vagando sotto gli

alberi di queste valli, e mi ricordo le sponde del mare, e i fuochi lontani, e il canto del gondoliere. M'appoggio ad un tronco – sto pensando – *il cielo me l'avea conceduta; ma l'avversa fortuna me l'ha rapita!* traggo il suo fazzoletto – *infelice chi ama per ambizione! ma il tuo cuore, o Lauretta, è fatto per la schietta natura:* m'ascugo gli occhi, e torno sul far della notte alla mia casa.

Che fai tu frattanto? torni errando lungo le spiagge e mandando preghiere e lagrime a Dio? – Vieni! tu corrai le frutta del mio giardino; *tu berrai nella mia tazza, tu mangerai del mio pane, e ti poserai sopra il mio seno* e sentirai come batte, come oggi batte assai diversamente il mio cuore. Quando si risveglierà il tuo martirio, e lo spirito sarà vinto dalla passione, io ti verrò dietro per sostenerti in mezzo al cammino, e per guidarti, se ti smarrissi, alla mia casa; ma ti verrò dietro tacitamente per lasciarti libero almeno il conforto del pianto. Io ti sarò padre, fratello – ma, il mio cuore – se tu vedessi il mio cuore! – una lagrima bagna la carta e cancella ciò che vado scrivendo.

Io la ho veduta tutta fiorita di gioventù e di bellezza; e poi impazzita, raminga, orfana; e la ho veduta baciare le labbra morenti del suo unico consolatore – e poscia inginocchiarsi con pietosa superstizione davanti a sua madre lagrimando e pregandola acciocché ritirasse la maledizione che quella madre infelice aveva fulminata contro la sua figliuola. – Così la povera Lauretta mi lasciò nel cuore per sempre la compassione delle sue sventure. Preziosa eredità ch'io vorrei pur dividere con voi tutti a' quali non resta altro conforto che di amare la virtù e di compiangere la. Voi non mi conoscete; ma noi, chiunque voi siate, noi siamo amici. Non odiate gli uomini prosperi; solamente fuggiteli.”

Fragmento da história de Lauretta

“Não sei se o céu assiste a terra. Mas se alguma vez a assistiu (ainda que fosse apenas no primeiro dia em que a *raça* humana começou a proliferar), creio que o Destino tenha escrito nos livros eternos:

O homem será infeliz

Não ousou recorrer dessa sentença: porque talvez não soubesse a qual tribunal dirigir-me; e também porque me agrada pensar que ela seja útil a tantas outras *raças* que vivem nos incontáveis mundos. Agradeço, todavia, àquela Mente que, misturando-se ao universo dos entes, sempre os revive ao destruí-los; porque, com as misérias, deu-nos ao menos o dom do pranto, e puniu aqueles que com uma filosofia insolente quiseram se rebelar contra a sorte humana, negando-lhes os prazeres inesgotáveis da compaixão. – *Se vires alguém triste e chorando, não chores*¹⁸³. Estóico! Ora, não sabes que as lágrimas de um homem compadecido são, para o infeliz, mais doces do que o orvalho sobre a relva ressequida?

Oh Lauretta! Eu chorei contigo sobre a campa de teu pobre amante, e me lembro que minha compaixão suavizava a amargura de tua dor. Tu te abandonavas sobre o meu peito, e os teus cabelos loiros cobriam-me o rosto, e o teu pranto banhava-me a face; depois, com teu lenço enxugavas as minhas lágrimas, e enxugavas as que os olhos teus volviam a verter, escorrendo-te nos lábios. – Abandonada por todos! – mas eu não; nunca te abandonei.

Quando, fora de ti, erravas pelas ermas praias, eu seguia-te os passos furtivamente para poder salvar-te do desespero da tua dor. Depois, eu te chamava pelo nome, e tu me estendias a mão, e sentavas ao meu lado. Subia no céu a Lua, e tu, olhando-a cantavas piedosamente. Alguém teria ousado zombar de ti, mas o Consolador dos desgraçados – que olha com um mesmo olhar a loucura e a sabedoria dos homens, que se compadece dos seus delitos e das suas virtudes – talvez ouvisse a tua triste voz, e te inspirava algum conforto. As preces do meu coração te acompanhavam: e a Deus são aceitos os votos e os sacrifícios das

¹⁸³ “Epiteto, *Manual*, XXII.” (N. F.) Filósofo estóico que ensinou a fraternidade e o fortalecimento da vontade como formas de vida.

almas magoadas. As vagas freíam num fraco lamento¹⁸⁴, e os ventos que as encrespavam, empurravam-nas quase a tocar a margem onde nos sentávamos. E tu, levantando-te, apoiada no meu braço, dirigia-te a uma pedra onde parecia voltar a ver o teu Eugênio, ouvindo-lhe a voz, sentindo-lhe a mão e os beijos.

— Agora, o que me resta? exclamavas. A guerra¹⁸⁵ apartou-me de meus irmãos, e a morte seqüestrou-me o pai, e também o meu amado... abandonada por todos!

Oh Beleza, gênio benéfico da natureza! Lá, onde mostras teu amável sorriso, a alegria brinca e a volúpia se propaga para eternizar a vida do universo. Quem não te conhece e não te ouve, que se aborreça com o mundo e consigo próprio. Mas quando a virtude te torna mais cara, e as desventuras, tolhendo-te a audácia e a inveja da felicidade, revelam-te aos mortais com as comas soltas e sem as alegres grinaldas – quem poderá passar diante de ti e nada oferecer além de um inútil olhar de compaixão?

Mas eu te oferecia, ó Lauretta, as minhas lágrimas, e este meu refúgio onde *terias comido do meu pão, bebido do meu copo e dormido no meu regaço*¹⁸⁶. Tudo o que eu tinha! e comigo, talvez, a tua vida, inda que não fosse feliz, teria sido ao menos livre e tranqüila. O coração, na solidão e na paz, vai aos poucos esquecendo seus anseios; porque a paz e a liberdade se comprazem da natureza simples e solitária.

Uma noite de outono em que a Lua mal se mostrava, e seus raios resvalavam nas nuvens transparentes que a acompanhavam e que as iam cobrindo, e que espalhadas pela amplidão do céu raptavam do mundo as estrelas. Prestávamos atenção às fogueiras distantes dos pescadores e ao canto do gondoleiro, que com o remo rompia o silêncio e a calma da laguna escura. Mas, Lauretta, volvendo o olhar, buscou em redor o namorado; levantou-se, e vagou um certo tempo, chamando por ele; depois, cansada, voltou para onde eu estava sentado e, quase assustada, deu-se conta de sua solidão. Olhava para mim e parecia querer dizer: ‘Serei abandonada também por ti!’ – e chamou o seu cãozinho.

Eu? – Quem teria dito que era aquela a última noite em que a veria? Estava vestida de branco; uma fita celeste apanhava-lhe a coma, e três violetas murchas despontavam em meio ao linho que lhe ocultava o peito. – Eu a acompanhei até a sua

¹⁸⁴ No original, existem aliterações em f e dois trocadilhos: *flutti* (“ondas”) e *fiotto* (“onda” e “gemido”); *fiotto* e *gemeano* (“gemiam”). Uma solução para manter o trocadilho seria “O marulho freíam num fraco murmúrio”, mas optou-se por deixar a sentença como está.

¹⁸⁵ A mesma guerra da República Cispadana, em que Foscolo havia lutado, em 1797.

¹⁸⁶ “*Regum* [Livro de Reis ou 2 Samuel], Lib. II, cap. XII, 4.” (N. F.) Porém, trata-se do versículo 3, que Sterne já havia citado. A tradução feita aqui está decalcada na do Pe. Figueiredo.

casa; e a mãe, que veio abrir a porta, agradeceu-me pela dedicação que eu votava a sua desventurada filha. Quando fiquei só, percebi que eu ainda tinha nas mãos o lenço dela: – Amanhã lho darei, disse eu.

Seus tormentos começavam a mitigar, e eu talvez – é verdade... eu não podia dar-te o teu Eugênio, mas eu seria para ti esposo, pai, irmão. – Os meus concidadãos perseguidores, alegrando-se dos biltres estrangeiros, baniram de improviso o meu nome, e nem pude, ó Lauretta, deixar-te um último adeus.

Quando penso no futuro e fecho os olhos para não vê-lo, tremo e me abandono à memória dos dias passados, deixando-me vagar por entre as árvores destes vales; e me recordo da beira-mar, das fogueiras distantes, e do canto do gondoleiro. Apóio-me num tronco, a pensar: *Ela me fora uma dádiva do céu; mas a sorte mesquinha*¹⁸⁷ *tirou-a de mim!* Pego seu lenço: – *Infeliz daquele que ama por ambição! Mas teu coração, Lauretta, foi feito para uma natureza mais singela:* enxugo os olhos, e, ao cair da tarde, volto para casa.

Que fazes enquanto isso? Continuas a errar ao longo das praias, oferecendo orações e lágrimas a Deus? – Vem! Colherás as frutas do meu jardim; *beberás do meu copo, comerás do meu pão, e repousarás no meu regaço, e sentirás* bater, como hoje bate, assaz diferente o meu coração. Quando teu martírio volver a despertar, e o espírito estiver vencido de paixão, irei a teu encontro para amparar-te em meio ao caminho, guiando-te até à minha casa, se te perderes. Mas irei atrás de ti em silêncio para dar-te ao menos direito ao conforto do pranto. Serei teu pai, irmão – mas, o meu coração – se visses o meu coração! Uma lágrima cai na folha e apaga o que estou escrevendo.

Eu a vira toda florida de juventude e beleza; depois: desvairada, perdida, órfã. Eu a vira beijar os lábios moribundos do seu único consolador, para, em seguida, ajoelhar-se com piedosa superstição diante da mãe, chorando e pedindo-lhe para retirar a maldição que lhe havia lançado. – Assim a pobre Lauretta deixou no meu peito, e para sempre, a compaixão por suas desventuras. Preciosa herança que gostaria de dividir convosco, a quem não resta outro conforto que amar a virtude e compadecer-se dela. Vós não me conheceis, mas quem quer que sejais, somos amigos. Não odiai os homens favorecidos¹⁸⁸, apenas fugi deles.”

¹⁸⁷ Traduziu-se *aversa fortuna* (lit. “destino adverso”) por “sorte mesquinha” reproduzindo um verso de Gonçalves Dias (“Ainda uma vez, Adeus!”, X).

¹⁸⁸ “Favorecidos” em lugar de “prósperos” (*prosperi*): sinônimo que reflete maior ambigüidade em português.

11

Terceira e última carta de um dia especial para Jacopo. Ele conta para Lorenzo o que aconteceu na noite anterior: um encontro com Teresa, que confessa seu amor por Jacopo, e o primeiro beijo. Esse encontro inicia-se com o aparecimento de Vênus (descrito na primeira carta), astro da noite e do amor, e termina com a despedida de Teresa, e o desaparecimento de Vênus.

Foscolo parafraseia, nesta carta, versos seus e de Dante, e utiliza as palavras de Júlia, personagem da *Nova Heloísa*, de Rousseau. A partir desta carta, e com o retorno iminente de Odoardo, aumenta o sofrimento de Jacopo.

14 Maggio, a sera

O quante volte ho ripigliato la penna, e non ho potuto continuare: mi sento un po' calmato e torno a scriverti. – Teresa giacea sotto il gelso – ma e che posso dirti che non sia tutto racchiuso in queste parole? *Vi amo*. A queste parole tutto ciò ch'io vedeva mi sembrava un riso dell'universo: io mirava con occhi di riconoscenza il cielo, e mi pareva ch'egli si spalancasse per accoglierci! deh! a che non venne la morte? e l'ho invocata. Sì; ho baciato Teresa; i fiori e le piante esalavano in quel momento un odore soave; le aure erano tutte armonia; i rivi risuonavano da lontano; e tutte le cose s'abbellivano allo splendore della Luna che era tutta piena della luce infinita della Divinità. Gli elementi e gli esseri esultavano nella gioja di due cuori ebbri di amore – ho baciata e ribaciata quella mano – e Teresa mi abbracciava tutta tremante, e trasfondea i suoi sospiri nella mia bocca, e il suo cuore palpitava su questo petto: mirandomi co' suoi grandi occhi languenti, mi baciava, e le sue labbra umide, socchiuse mormoravano su le mie – ah! che ad un tratto mi si è staccata dal seno quasi atterrita: chiamò sua sorella e s'alzò correndole incontro. Io me le sono prostrato, e tendeva le braccia come per afferrar le sue vesti – ma non ho ardito di rattenerla, né richiamarla. La sua virtù – e non tanto la sua virtù, quanto la sua passione, mi sgomentava: sentiva e sento rimorso di averla io primo eccitata nel suo cuore innocente. Ed è rimorso – rimorso di tradimento! Ahi mio cuore codardo! – Me le sono accostato tremando. – Non posso essere vostra mai! – e pronunciò queste parole dal cuore profondo e con una occhiata con cui pareva rimproverarsi e compiangermi. Accompagnandola lungo la via, non mi guardò più; né io avea più cuore di dirle parola. Giunta alla ferriata del giardino mi prese di mano la Isabellina e lasciandomi: Addio, diss'ella; e rivolgendosi dopo pochi passi, – addio.

Io rimasi estatico: avrei bacciate l'orme de' suoi piedi: pendeva un suo braccio, e i suoi capelli rilucenti al raggio della Luna svolazzavano mollemente: ma poi, appena appena il lungo viale e la fosca ombra degli alberi mi concedevano di travedere le ondegianti sue vesti che da lontano ancor biancheggiavano; e poiché l'ebbi perduta, tendeva l'orecchio sperando di udir la sua voce. – E partendo, mi volsi con le braccia aperte, quasi per consolarmi, all'astro di Venere: era anch'esso sparito.

14 de maio, à noite

Oh quantas vezes retomei a pena, e não pude continuar: sinto-me um pouco mais calmo agora e volto a escrever-te. Teresa estava deitada sob a amoreira... Que mais te posso dizer que não esteja contido nestas palavras? *Amo-o*. Diante dessas palavras, tudo o que eu via parecia-me um riso do universo¹⁸⁹: eu mirava o céu com olhos de gratidão, e parecia que ele descansava-se para nos acolher! Deus! Por que a morte não vem¹⁹⁰ se eu a invoquei? Sim, beijei Teresa. As flores e as plantas exalavam naquele instante uma suave fragrância; a aura soprava harmoniosa; os riachos ressoavam ao longe; e todas as coisas eram mais belas com o resplendor da Lua que se enchia da luz infinda da Divindade. Os elementos e os seres exultavam na alegria de dois corações ébrios de amor. Beijei e tornei a beijar aquela mão... e Teresa me abraçava trêmula, infundindo seus suspiros em minha boca; e, o coração dela palpitava sobre o meu peito¹⁹¹. Olhando-me com seus grandes olhos lânguidos, beijava-me, e seus lábios úmidos, entreabertos, murmuravam nos meus – ai! de repente apartou-se do meu peito, quase aterrorizada: chamou a irmã e levantou-se, correndo ao seu encontro. Prostrei-me diante dela, estendia os braços como para agarrar-lhe o vestido. Mas não me atrevi a detê-la, nem a chamá-la. A sua virtude – não tanto a virtude, mas a paixão – me perturbava: eu sentia, e sinto ainda, o remorso de ter sido o primeiro a excitar seu coração inocente. E é remorso... remorso de traição! Ah o meu coração covarde! Acheguei-me a ela tremendo.

– Não posso jamais ser sua!¹⁹² pronunciou essas palavras do fundo do coração, com um olhar que parecia censurar-se e compadecer-se de mim. Eu a acompanhei ao longo do caminho, e ela não mais me olhou; nem eu tinha ânimo de proferir palavra. Ao chegarmos à cerca do jardim, pegou Isabellina, que segurava a minha mão, e, deixando-me:

– Adeus! disse, e voltando-se depois de poucos passos: Adeus!

Fiquei imóvel. Eu teria beijado as pegadas de seus pés; pendia um braço seu, e os cabelos, que reluziam ao luar, esvoaçavam suavemente; mas depois, a alameda

¹⁸⁹ Versos de Dante (“Paraíso”, XXVII, 4-5) já usados por Foscolo na ode *Le Rimembranze*, 55-6.

¹⁹⁰ *Le Rimembranze*, 58.

¹⁹¹ *Le Rimembranze*, 52-4.

¹⁹² Júlia, personagem da *Nova Heloísa*, de Rousseau, escreve em uma carta: “Je ne serai jamais à vous.”

comprida e a sombra opaca das árvores mal deixavam-me entrever o seu vestido ondulante, que de longe ainda branquejava; e quando a perdi de vista, apurei o ouvido esperando ouvir-lhe a voz. – Ao partir, voltei-me com os braços abertos, como para consolar-me com Vênus: mas Vênus também havia desaparecido.

12

Esta carta, que aparece pela primeira vez na edição de 1802, mostra como se acentuam o estado de inquietação e o sofrimento de Jacopo. A partir daqui, ele revelará um estado de alma tempestuoso, que se reflete nas paisagens íngremes por onde ele passa.

2 Giugno

Ecco tutto ne' suoi veri sembianti. Ahi! non sapeva che in me s'annidasse questa furia che m'investe, m'arde, mi annienta, eppur non mi uccide. Dov'è la Natura? Dov'è la sua immensa bellezza? Dov'è l'intreccio pittoresco de' colli ch'io contemplava dalla pianura inalzandomi con l'immaginazione nelle regioni dei cieli? mi sembrano rupi nude e non veggo che precipizj. Le loro falde coperte di ombre ospitali mi sono fatte nojose: io vi passeggiava un tempo fra le ingannevoli meditazioni della nostra debole filosofia. A qual pro se ci fanno conoscere le infermità nostre, né porgono i rimedj da risanarle? – Oggi io sentiva gemere la foresta ai colpi delle scuri: i contadini atterravano i roveri di duecento anni: – tutto père quaggiù!

Guardo le piante ch'una volta scansava di calpestare, e mi soffermo sovr'esse e le strappo, e le sfioro gittandole fra la polvere rapita dai venti. Gemesse con me l'universo!

Sono uscito assai prima del Sole e correndo attraverso de' solchi, cercava nella stanchezza del corpo qualche sopore a quest'anima tempestosa. La mia fronte era tutta sudore, e il mio petto ansava con difficile anelito. Soffia il vento della notte e mi scompiglia le chiome ed agghiaccia il sudore che grondavami dalle guance. – Oh! da quell'ora mi sento per tutte le membra un brivido, le mani fredde, le labbra livide, e gli occhi erranti fra le nuvole della morte.

Almeno costei non mi perseguitasse con la sua immagine, ovunque io mi vada, a piantarmisi faccia a faccia: perch'ella, o Lorenzo – perch'ella mi move qui dentro un terrore, una disperazione, una rabbia, una gran guerra – e medito talor di rapirla e di strascinarla con me nei deserti lungi dalla prepotenza degli uomini. – Ahi sciagurato! mi percuoto la fronte e bestemmio – partirò.

2 de junho

Agora tudo está claro. Ai! não sabia que em mim se abrigava esta fúria que me agride, me inflama, aniquila, e que, todavia, não me destrói. Onde está a Natureza? Onde está sua imensa beleza? Onde está o pitoresco encontro das colinas que eu, ao contemplá-lo da planície, elevava-me com a imaginação às regiões celestes? Parecem-me agora calvos penhascos e não vejo senão precipícios. Suas faldas cobertas de sombras hospitaleiras tornaram-se entediadas: outrora, eu passeava por ali entre as enganosas meditações de nossa débil filosofia. Para que nos revelam nossas enfermidades, se não nos mostram os remédios para curá-las? – Hoje eu ouvia a floresta gemer aos golpes dos machados: os camponeses punham por terra carvalhos de duzentos anos: tudo perece cá embaixo!¹⁹³

Olho as plantas que outrora evitava pisar, e paro sobre elas e as arranco, e as destruo jogando-as ao pó arrastado pelos ventos. Geme comigo o universo!

Saí muito antes do Sol e correndo pelas valetas, buscava no cansaço do corpo algum sopor para esta alma tempestuosa. Minha testa estava banhada de suor, e meu peito arfava com difícil alento. O vento da noite sopra, desarranjando-me os cabelos e regelando o suor que escorria de minhas faces. Oh! desde então, passei a sentir calafrios por todos os membros, as mãos geladas, os lábios lívidos, e os olhos errantes entre as nuvens da morte.

Se ao menos sua imagem não me perseguisse! Onde quer que eu vá, vejo-a na minha frente: porque ela, Lorenzo... porque ela me causa terror, desespero, raiva e um grande conflito. Às vezes penso em raptá-la e arrastá-la comigo pelos desertos, longe da prepotência dos homens. – Ai, infeliz! Bato na fronte e blasfemo: partirei.

¹⁹³ Verso de V. Monti (*Pensieri d'amore*, X, 1).

13

Depois da carta do dia 2 de junho (traduzida anteriormente), inicia-se a intervenção do amigo Lorenzo. Assim, Foscolo passa a se envolver nos acontecimentos, emitindo opiniões por meio de uma terceira pessoa, Lorenzo, testemunha indireta do que será narrado a partir desta carta.

Num momento de extremo desespero para Jacopo, Foscolo cita uma cena do *Saul*, de Alfieri. Nessa tragédia, a personagem central, sofre sem remédio e acaba sendo levada ao suicídio. Seu estado, portanto, assemelha-se muito ao de Jacopo. Foscolo, mais uma vez, utiliza um paralelo literário, muito bem escolhido, para ilustrar aquilo que está acontecendo.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Cf. G. D. Bonino, in Foscolo, 1986, p. 166.

Lorenzo

A chi legge

Tu forse, o Lettore, ti se' fatto amico di Jacopo, e brami di sapere la storia della sua passione; onde io per narrartela andrò quindi innanzi interrompendo la serie delle sue lettere.

*La morte di Laurretta esacerbò la sua malinconia fatta ancora più nera per l'imminente ritorno di Odoardo. Diradò le sue visite in casa T***, e non parlava con anima nata. Dimagrato, sparuto, con gli occhi incavati, ma spalancati e pensosi, la voce cupa, i passi tardi, andava per lo più inferrajuolato, senza cappello, e con le chiome giù per la faccia; vegliava le notti intere girando per le campagne, e il giorno fu spesso veduto dormire sotto qualche albero.*

In questa, tornò Odoardo in compagnia di un giovine pittore che ripatriava da Roma. Quel giorno stesso incontrarono Jacopo. Odoardo gli si fe' incontro abbracciandolo; Jacopo quasi sbigottito si arretrò. Il pittore gli disse che avendo udito a parlare di lui e dell'ingegno suo, da gran tempo bramava di conoscerlo di persona. – Ei lo interruppe: Io? – io, signor mio, non ho mai potuto conoscere me medesimo negli altri mortali; però non credo che gli altri possano mai conoscere se medesimi in me. Gli domandarono interpretazione di sì ambigue parole; ed ei per tutta risposta si ravvolse nel suo tabarro, si cacciò fra gli alberi; e sparì. Odoardo si dolse di questo contegno col padre di Teresa, il quale già incominciava a temere della passione di Jacopo.

Teresa dotata di una indole meno risentita, ma passionata ed ingenua; propensa a una affettuosa malinconia, priva nella solitudine d'ogni altro amico di cuore, nell'età in cui parla in noi la dolce necessità di amare e di essere riamati, incominciò a confidare a Jacopo tutta l'anima sua, e a poco a poco se ne innamorò; ma non ardiva confessarlo a se stessa: e dopo la sera di quel bacio viveva assai riservata, sfuggendo l'amante, e tremando alla presenza del padre. Allontanata da sua madre, senza consiglio e senza conforto, atterrita dal suo stato futuro, e dalla virtù e dall'amore, diventò solitaria, non parlava quasi mai, leggeva sempre, trascurava e il disegno, e la sua arpa, e il suo abbigliamento, e fu spesso sorpresa dai famigliari con le lagrime agli occhi. Scansava la compagnia delle giovinette sue amiche che a primavera villeggiavano a' colli Euganei; e dileguandosi a tutti e alla sua sorellina, sedeva molte ore ne' luoghi più appartati del suo giardino. Regnava quindi in quella casa un silenzio e una certa diffidenza che turbarono lo sposo trafitto anche da' modi sdegnosi di

*Jacopo incapace di simulazione. Naturalmente parlava con enfasi; e sebbene conversando fosse taciturno, fra' suoi amici era loquace, pronto al riso, e ad una allegria schietta, eccessiva. Ma in que' giorni le sue parole ed ogni suo atto erano veementi e amari come l'anima sua. Istigato una sera da Odoardo che giustificava il trattato di Campo Formio, si diede a disputare, a gridare come un invasato, a minacciare, a percuotersi la testa, e a piangere d'ira. Avea sempre un'aria assoluta; ma il signore T*** mi raccontava che allora o stava sepolto ne' suoi pensieri, o se discorreva, s'infiammava d'improvviso; i suoi occhi metteano paura, e talvolta fra il discorso gli abbassava inondati di pianto. Odoardo si fe' più circospetto, e sospettò del cangiamento di Jacopo.*

Così passò tutto Giugno. Il misero giovine diveniva ogni dì più tetro ed infermo; né scriveva più alla sua famiglia, né rispondeva alle mie lettere. Spesso fu veduto da' contadini cavalcare a briglia sciolta per luoghi scoscesi, e in mezzo alle fratte e a traverso de' fossi, ed è maraviglia com'ei non sia pericolato. Una mattina il pittore stando a ritrarre la prospettiva de' monti, udì la sua voce fra il bosco: gli si accostò di soppiatto, e intese ch'ei declamava una scena del Saule. Allora gli riuscì di disegnare il ritratto dell'Ortis, che sta in fronte a questa edizione, appunto quand'ei si soffermava pensoso dopo avere proferito que' versi dell'atto I, scena I.

... Precipitoso

Già mi sarei fra gl'inimici ferri

Scagliato io da gran tempo; avrei già tronca

Così la vita orribile ch'io vivo.

Poi lo vide arrampicarsi sino alla cima della montagna, guardare all'ingiù risolutamente con le braccia aperte, e tutto ad un tratto arretrarsi esclamando: O madre mia!

*Una domenica rimase a desinare in casa T***. Pregò Teresa perché suonasse, e le porse l'arpa egli stesso. Mentr'ella incominciava, entrò suo padre e le s'assise da canto. Jacopo pareva inondato da una dolce mestizia e il suo aspetto si andava rianimando; ma a poco a poco chinò la testa, e ricadde in una malinconia più compassionevole di prima. Teresa lo sogguardava e sforzavasi di reprimere il pianto: Jacopo se n'avvide, né potendosi contenere, s'alzò e partì. Il padre intenerito si voltò a Teresa dicendole: O figlia mia, tu vuoi dunque precipitare teco noi tutti? A queste*

*parole le sgorgarono d'improvviso le lagrime; si gittò fra le braccia di suo padre, e gli confessò. In questa entrava Odoardo; e la subita partenza di Jacopo, e l'atteggiamento di Teresa, e il turbamento del signore T*** lo raffermarono ne' suoi dubbj. Queste cose le ho udite dalla bocca di Teresa.*

Il dì seguente, che fu la mattina de' 7 luglio, Jacopo andò da Teresa, e vi trovò lo sposo, e il pittore che le faceva il ritratto nuziale. Teresa confusa e tremante uscì in fretta come per badare a qualche cosa di cui si era dimenticata; ma passando davanti a Jacopo gli disse ansiosamente sottovoce: Mio padre sa tutto. Ei non fe' motto né cambiò viso; passeggiò tre o quattro volte su e giù per la stanza, ed uscì. Per tutto quel giorno non si lasciò vedere ad uomo vivente. Michele che lo aspettava a desinare, ne cercò invano. Non si ridusse a casa che a mezzanotte suonata. Si sdrajò vestito sul letto, e mandò a dormire il ragazzo. Poco dopo s'alzò e scrisse.

Lorenzo

Ao leitor

Talvez, Leitor, já tenhas te tornado amigo de Jacopo, e desejes saber a história de sua paixão; por isso, para narrá-la, interromperei, de agora em diante, a seqüência das cartas.

*A morte de Lauretta¹⁹⁵ aumentou a melancolia de Jacopo; uma melancolia ainda mais enegrecida pelo iminente retorno de Odoardo. Ele diminuiu as visitas à casa do Senhor T***, e não falava com viv'alma. Emagrecido, definhando, com os olhos fundos, mas arregalados e pensativos, a voz cavernosa, os passos lentos, costumava andar encapotado, sem chapéu, e com os cabelos caídos sobre o rosto; velava as noites¹⁹⁶ inteiras vagando pelos campos, e de dia fora visto várias vezes dormindo debaixo de alguma árvore.*

Entretanto Odoardo voltou em companhia de um jovem pintor que regressava de Roma. Naquele mesmo dia encontraram Jacopo. Odoardo foi ao seu encontro e o abraçou; Jacopo, quase desconcertado, recuou. O pintor disse-lhe que tendo ouvido falar dele e de seu engenho, havia muito tempo desejava conhecê-lo pessoalmente.

Ele o interrompeu:

— Eu? Eu, meu senhor, nunca pude reconhecer-me nos outros mortais; porém, não creio que os outros possam se reconhecer em mim.

Perguntaram-lhe a interpretação de palavras tão ambíguas; e sua única resposta foi envolver-se no capote, e desaparecer entre as árvores. Odoardo se queixou dessa atitude com o pai de Teresa, o qual já começava a desconfiar da paixão de Jacopo.

Teresa, dotada de uma índole menos ressentida – mas apaixonada e ingênua, propensa a uma afetuosa melancolia, privada na solidão de qualquer amigo íntimo, na idade em que fala dentro de nós a doce necessidade de amar e de ser amado –, passou a confiar toda sua alma a Jacopo. E, pouco a pouco, apaixonou-se; mas não ousava confessá-lo a si mesma: e, depois da tarde daquele beijo, passou a ficar muito

¹⁹⁵ Cf. carta de 25 de maio de 1798.

¹⁹⁶ Álvares de Azevedo, “Lembrança de morrer”, V: “Que eu sentia velar nas noites minhas”.

reservada, evitando o amado, e tremendo à presença do pai. Afastada da mãe, sem conselho e sem conforto, aterrorizada pelo futuro, pela virtude e pelo amor, tornou-se solitária; falava pouco, lia constantemente; descuidou-se do desenho, da harpa, das roupas, e era freqüentemente surpreendida pelos criados com lágrimas nos olhos. Evitava a companhia das juvenzinhas que, na primavera, passavam as férias nas colinas Eugêneas; e sumindo da presença de todos e da irmãzinha, sentava muitas horas nos lugares mais ermos do jardim. Reinava, então, naquela casa um silêncio e uma certa desconfiança que perturbaram o noivo, já ofendido também pelos modos desdenhosos de Jacopo, incapaz de simular. Era naturalmente enfático; e apesar de ser taciturno nas conversas, entre os amigos era loquaz, pronto ao riso, e para uma alegria franca e excessiva. Mas, naqueles dias, suas palavras e todos os seus atos eram veementes e amargos como sua alma. Instigado uma noite por Odoardo, que justificava o tratado de Campofórmio¹⁹⁷, deu-se a discutir, a gritar como um possuído, a fazer ameaças, a bater na cabeça, e a chorar de raiva. Tinha sempre um ar autoritário, mas o senhor T*** contou-me que, ou ficava enterrado nos seus pensamentos, ou, se discorria, inflamava-se de repente; seus olhos davam medo, e, às vezes, enquanto falava, abaixava-os inundados de lágrimas. Odoardo tornou-se mais circunspecto, e suspeitou da transformação de Jacopo.

Assim passou o mês de junho. O mísero jovem tornava-se cada vez mais tétrico e enfermo; não escrevia mais para a família, nem respondia às minhas cartas. Era visto com freqüência pelos camponeses a cavalgar com a rédea solta por lugares íngremes¹⁹⁸, em meio às escarpas e através de fossos; é um milagre que não tenha despencado. Certa manhã, o pintor estava a retratar a perspectiva dos montes, e ouviu a voz de Jacopo que vinha do bosque: aproximou-se às escondidas, e ouviu-o declamar uma cena de Saul¹⁹⁹. Foi então que conseguiu pintar o retrato de Ortis estampado nesta edição [FIGURA 3]²⁰⁰, justamente quando ele hesitava pensativo depois de ter declamado aqueles versos do ato II, cena I²⁰¹.

¹⁹⁷ É característica de Jacopo discutir política ou outros assuntos sobre a sociedade num tom exasperado.

¹⁹⁸ Nas paisagens mais íngremes, Jacopo dá vazão às suas paixões. Isso aparecerá com freqüência nas cartas seguintes.

¹⁹⁹ Foscolo cita Alfieri também em outras cartas, e nos *Sepolcri*.

²⁰⁰ O retrato de Foscolo é o que aparece estampado nas edições das *Lettere*.

²⁰¹ Na versão eletrônica e na Edição Newton está “ato I”. O certo é “ato II”.

... Precipitado,
 Há muito tempo, às armas inimigas
 Ter-me-ia arremessado, interrompendo
 A horrível existência que carrego²⁰².

Depois o viu subir até ao cume da montanha, olhar para baixo resolutamente com os braços abertos, e, de repente, recuar exclamando: “Oh, minha mãe!”

*Certo domingo, ficou para almoçar na casa do Senhor T***. Rogou a Teresa que tocasse a harpa, que ele mesmo lhe estendeu. Enquanto ela começava, o pai entrou e sentou-se ao lado dela. Jacopo parecia inundado por uma doce tristeza e seu aspecto ia se animando; mas, aos poucos foi baixando a cabeça, e recaiu numa melancolia mais condoída do que antes. Teresa o olhava de soslaio e esforçava-se para reprimir o pranto. Jacopo, ao perceber, não podendo conter-se, levantou-se e partiu. O pai, enternecido, voltou-se para Teresa e lhe disse:*

— Oh, minha filha, queres, então, arrastar-nos a todos para a desgraça?

*Diante dessas palavras, brotavam-lhe repentinamente as lágrimas; atirou-se aos braços do pai, e confessou-lhe. Nesse momento, entrava Odoardo: a súbita partida de Jacopo, o comportamento de Teresa, e a perturbação do senhor T*** confirmaram as dúvidas que ele alimentava. Essas coisas, ouvi da boca de Teresa.*

No dia seguinte, na manhã de 7 de julho, Jacopo foi à casa de Teresa, e, lá, encontrou o noivo dela junto ao pintor que lhe fazia o retrato nupcial. Teresa, confusa e trêmula, saiu apressada como se tivera de cuidar de alguma coisa da qual se esquecera; mas ao passar por Jacopo, disse-lhe ansiosamente em voz baixa:

— Meu pai sabe de tudo.

Ele não se moveu nem mudou o semblante; deu três ou quatro voltas pela sala, e saiu. Durante todo aquele dia, não se deixou ver por ninguém. Michele, que o esperava para almoçar, procurou por ele em vão. Só voltou para casa depois de soar a meia-noite. Deitou-se no leito, vestido, e mandou o moço dormir. Pouco depois, levantou-se e escreveu.

²⁰² V. Alfieri, *Saul*, II, I, 31-34.

14

Jacopo tornava-se cada vez mais triste, e acabou adoecendo. O pai de Teresa foi visitá-lo, e quis convencê-lo a se afastar das Colinas. Poucos dias depois, Jacopo partiu.

Devido sobretudo a esse afastamento, e também ao que foi narrado no final da carta de 2 junho, o adeus de Teresa, ele dá-se conta de que não mais poderá tê-la. Resta nele o sentimento de perda: constatação de um vazio definitivo e irremediável.

A partir desta carta até o fim da primeira parte do romance, a correspondência segue em fragmentos. Essa fragmentação, cheia de lacunas, de vazios, reflete o próprio vazio que ele estava sentindo.

Rovigo, 20 Luglio

Io la mirava e diceva a me stesso: Che sarebbe di me se non potessi vederla più? e correva a piangere meco di consolazione sapendo ch'io le era vicino - e adesso?

Cos'è più l'universo? qual parte mai della terra potrà sostenermi senza Teresa? e mi pare di esserle lontano sognando. Ho avuto io tanta costanza? e m'è bastato il cuore di partire così - senza vederla? né un bacio, né un unico addio! A minuto a minuto credo di trovarmi alla porta della sua casa, e di leggere nella mestizia del suo volto, che m'ama. Fuggo; e con che velocità ogni minuto mi porta ognor più lontano da lei. E intanto? quante care illusioni! ma io l'ho perduta. Non so più obbedire né alla mia volontà, né alla mia ragione, né al mio cuore sbalordito: mi lascerò strascinare dal braccio prepotente del mio destino. Addio.

Rovigo, 20 de julho

Eu a observava e dizia a mim mesmo: o que seria de mim se não pudesse mais vê-la? E corria a chorar, mas me consolava saber que estava perto dela. Mas, e agora?

O que é o universo ainda? Que parte da terra poderá manter-me sem Teresa? E me parece que estou longe dela, sonhando. E eu, que tanta constância tive, como pude partir assim sem vê-la? sem um beijo? sem um único adeus? A cada minuto creio encontrar-me à porta de sua casa, e ler na tristeza de seu rosto, que me ama. Fujo, e com que velocidade cada minuto me leva para mais longe dela! E enquanto isso? quanta ilusão me afagava! mas, eu... fui eu que a perdi. Não sei mais obedecer nem à minha vontade, nem à minha razão, nem ao meu coração aturdido: deixar-me-ei arrastar pelo braço prepotente do meu destino. Adeus.²⁰³

²⁰³ Note-se a semelhança desta passagem com os versos do poema “Ainda uma vez – Adeus!” de Gonçalves Dias: “Tantos encantos me tinham / Tanta ilusão me afagava / De noite, quando acordava, / De dia em sonhos talvez! (XI) [...] / Pensar eu que o teu destino / Ligado ao meu, outro fora, [...] / Pensar que a tua ventura / Deus *ab eterno* a fizera / No meu caminho a pusera... / e eu! Fui eu que a não quis! (XIV).” E o restante da carta se parece com estes versos: “Pensar eu que o teu destino / ligado ao meu outro fora (XIV) [...] / Adeus qu’eu parto, senhora (XVII).”

15

Segunda Parte

Depois que Jacopo deixou as Colinas Eugêneas, viajou para outras cidades. Essa viagem corresponde aos deslocamentos do próprio Foscolo, feitos durante os anos tumultuados das sucessivas edições das *Ultime lettere*. No entanto, no romance essa peregrinação torna-se uma viagem sem rumo para o protagonista.

Nesta terceira carta da segunda parte, Jacopo encontra-se em Bolonha, cidade na qual Foscolo viveu e combateu contra os austríacos, de novembro de 1798 a abril de 1799, época da primeira edição parcial das *Ultimas lettere*. Depois disso, Foscolo, assim como Jacopo, partirá para Florença.

Jacopo sente-se mal em Bolonha, em meio aos muitos indigentes que encontra por lá. Aproveita-se disso para criticar a justiça da época.

Bologna, 12 Agosto

Oramai sono passati diciotto giorni da che Michele è ripartito per le poste, né torna ancora: e non veggo tue lettere. Tu pure mi lasci? Per Dio, scrivimi almeno: aspetterò sino a lunedì, e poi prenderò la volta di Firenze. Qui tutto il giorno sto in casa perché non posso vedermi impacciato fra tanta gente; e la notte vo baloccone per città come larva, e mi sento sbranare le viscere da tanti indigenti che giacciono per le strade, e gridano pane; non so se per loro colpa, o d'altri – so che domandano pane. Oggi tornandomi dalla posta mi sono abbattuto in due sciagurati menati al patibolo: ne ho chiesto a quei che mi si affollavano addosso; e mi è stato risposto, che uno avea rubato una mula, e l'altro cinquantasei lire per fame. Ahi Società! E se non vi fossero leggi protettrici di coloro che per arricchire col sudore e col pianto de' proprj concittadini li sospingo al bisogno e al delitto, sarebbero poi sì necessarie le prigioni e i carnefici? Io non sono sì matto da presumere di riordinare i mortali; ma perché mi si contenderà di fremere su le loro miserie e più di tutto su la lor cecità? – E mi vien detto che non v'ha settimana senza carneficina; e il popolo vi accorre come a solennità. I delitti intanto crescono co' supplizj. No, no; non voglio più respirare quest'aria fumante sempre del sangue de' miseri. – E dove?

Bolonha, 12 de agosto

Já faz dezoito dias que Michele saiu para a posta²⁰⁴, e ainda não voltou. Por isso, não vejo tuas cartas. Tu também me deixas? Por Deus, escreva-me ao menos: esperarei até segunda, e depois partirei para Florença. Aqui, durante o dia fico em casa, porque não posso ver-me constrangido em meio a tanta gente; à noite, vou vagando pela cidade como um espectro²⁰⁵, e me dilacera as vísceras ver tantos indigentes que jazem pelas ruas clamando pelo pão; não sei se por culpa deles, ou de outros – sei apenas que pedem pão. Hoje, ao voltar da posta, deparei-me com dois miseráveis sendo conduzidos ao patíbulo: perguntei àqueles que se aglomeravam em volta de mim, e me foi respondido que um havia roubado uma mula, e o outro, cinquenta e seis liras para comprar algo de comer²⁰⁶. Ai, Sociedade! Se não houvesse leis para proteger os que se enriquecem com o suor e o pranto dos concidadãos, impelindo-os à necessidade e ao delito, seriam necessárias as prisões e os carrascos? Não sou louco o bastante para pretender reordenar os mortais; mas porque me censuram se estremeço diante de suas misérias e, sobretudo, diante de sua cegueira? E dizem-me que não há semana sem carnificina; e o povo acorre como para uma solenidade. Enquanto isso, com os suplícios os delitos só aumentam. Não, não; não quero mais respirar este ar que exala continuamente o sangue dos miseráveis. Mas aonde ir?

²⁰⁴ “*Posta*” no original, homônimo em português. Estações das estradas para a troca de cavalo, ou o correio.

²⁰⁵ “*Larva*” no original. Termo antigo, também existente em português, que tem o sentido aproximado de “alma penada”. Foscolo, *Sepolcri*, 206 (*larve guerriere*, “fantasmas dos heróis”).

²⁰⁶ “No início, esta narração parecia-me exagerada pela imaginação consternada de Jacopo; mas depois vi que no Estado Cisalpino não havia leis criminais. Julgava-se com as leis dos governos caídos; e em Bolonha com os decretos férreos dos Cardeais, que ameaçavam de morte todo furto qualificado acima de cinquenta e duas liras. Mas os Cardeais mitigavam quase sempre a pena; o que não pode ser concedido a tribunais da República, executores necessariamente inflexíveis das leis: assim, muitas vezes, a Justiça impassível é mais funesta do que a Equidade arbitrária.” [N. F.]

16

Termina aqui a narrativa da viagem de Jacopo pela Toscana. Em carta anterior (27 de agosto) ele descreve a visita à igreja de Santa Croce e o desejo de conhecer Alfieri, que residia na cidade desde 1792. Essas cartas também refletem as experiências de Foscolo na Toscana, onde combateu como soldado, entre julho e novembro de 1800.

Nesta carta de 25 de setembro, Foscolo trata do problema nacional, mostrando duas pátrias em contraste: a Toscana, idealizada, de quatro séculos antes: terra abençoada pelas Musas e pelas Letras; e a terra sem pátria, na qual Jacopo “errante pela Itália morta, já pronto para o suicídio, se alegra ao ver a Toscana”²⁰⁷.

²⁰⁷ M. Fubini, 1931, p. 72.

Firenze, 25 Settembre

In queste terre beate si ridestarono dalla barbarie le sacre Muse e le lettere. Dovunque io mi volga, trovo le case ove nacquero, e le pie zolle dove riposano que' primi grandi Toscani: ad ogni passo ho timore di calpestare le loro reliquie. La Toscana è tuttaquanta una città continuata, e un giardino; il popolo naturalmente gentile; il cielo sereno; e l'aria piena di vita e di salute. Ma l'amico tuo non trova requie: spero sempre – domani, nel paese vicino – e il domani viene, ed eccomi di città in città, e mi pesa sempre più questo stato di esilio e di solitudine. – Neppure mi è concesso di proseguire il mio viaggio: avea decretato di andare a Roma a prostrarmi su le reliquie della nostra grandezza. Mi negano il passaporto; quello già mandatomi da mia madre è per Milano: e qui, come s'io fossi venuto a congiurare, mi hanno circuito con mille interrogazioni: non avran torto; ma io risponderò domani, partendo. – Così noi tutti Italiani siamo fuorusciti e stranieri in Italia: e lontani appena dal nostro territoriuccio, né ingegno, né fama, né illibati costumi ci sono di scudo: e guai se t'attenti di mostrare una dramma di sublime coraggio! Sbanditi appena dalle nostre porte, non troviamo chi ne raccolga. Spogliati dagli uni, scherniti dagli altri, traditi sempre da tutti, abbandonati da' nostri medesimi concittadini, i quali anziché compiangersi e soccorrersi nella comune calamità, guardano come barbari tutti quegl'Italiani che non sono della loro provincia, e dalle cui membra non suonano le stesse catene – dimmi, Lorenzo, quale asilo ci resta? Le nostre messi hanno arricchiti nostri dominatori; ma le nostre terre non somministrano né turgurj né pane a tanti Italiani che la rivoluzione ha balestrati fuori dal cielo natio, e che languenti di fame e di stanchezza hanno sempre all'orecchio il solo, il supremo consigliere dell'uomo destituito da tutta la natura, il delitto! Per noi dunque quale asilo più resta, fuorché il deserto, e la tomba? – e la viltà! e chi più si avvilito più vive forse; ma vituperoso a se stesso, e deriso da quei tiranni medesimi a cui si vende, e da' quali sarà un dì trafficato.

Ho corsa tutta Toscana. Tutti i monti e tutti i campi sono insigni per le fraterne battaglie di quattro secoli addietro; i cadaveri intanto d'infiniti Italiani ammazzatisi hanno fatte le fondamenta a' troni degl'Imperadori e de' Papi. Sono salito a Monteaperto dove è infame ancor la memoria della sconfitta de' Guelfi. – Albeggiava appena un crepuscolo di giorno, e in quel mesto silenzio, e in quella oscurità fredda, con l'anima investita da tutte le antiche e fiere sventure che sbranano la nostra patria – o mio Lorenzo! io mi sono sentito abbrividire, e rizzare i capelli; io gridava dall'alto con voce

minacciosa e spaventata. E mi pareva che salissero e scendessero dalle vie dirupate della montagna le ombre di tutti que' Toscani che si erano uccisi; con le spade e le vesti insanguinate; guatarsi biechi, e fremere tempestosamente, e azzuffarsi e lacerarsi le antiche ferite. – O! per chi quel sangue? il figliuolo tronca il capo al padre e lo squassa per le chiome – e per chi tanta scellerata carnificina? I re per cui vi trucidate si stringono nel bollor della zuffa le destre e pacificamente si dividono le vostre vesti e il vostro terreno. – Urlando io fuggiva precipitosamente guatandomi dietro. E quelle orride fantasie mi seguitavano sempre – e ancora quando io mi trovo solo di notte mi sento attorno quegli spettri, e con essi uno spettro più tremendo di tutti, e ch'io solo conosco. – E perché io debbo dunque, o mia patria, accusarti sempre e compiangerti, senza niuna speranza di poterti emendare o di soccorrerti mai?

Florença, 25 de setembro

Nestas terras abençoadas, despertaram da barbárie as sagradas Musas e as letras. Para onde quer que eu me dirija, encontro as casas onde nasceram e a pia terra onde repousam aqueles primeiros ilustres Toscanos: a cada passo temo pisar as suas relíquias. Toda a Toscana é uma cidade²⁰⁸ contínua, e um jardim; o povo naturalmente gentil; o céu sereno; e o ar pleno de vida e de saúde²⁰⁹. Mas o teu amigo não encontra paz: espero sempre – amanhã, na cidade vizinha – e o amanhã chega, e aqui estou, de cidade em cidade, sentindo cada vez mais o peso deste estado de exílio e de solidão. Nem ao menos me permitem seguir viagem: tinha decidido ir a Roma, para me prostrar diante das relíquias de nossa grandeza. Negam-me o passaporte²¹⁰; aquele enviado por minha mãe é para Milão: e aqui, como se eu tivesse vindo para conspirar, rodearam-me com mil perguntas; não estarão errados, mas minha resposta será minha partida, amanhã. – Assim nós italianos somos todos foragidos e estrangeiros na própria Itália; e mal nos distanciamos de nosso pequeno território, nem o engenho, nem a fama, nem os nossos ilibados costumes nos servem de escudo: e pobre daquele que tentar mostrar um pouco²¹¹ sequer de sublime coragem! Banidos de nossas portas, não encontramos quem nos recolha. Espoliados por uns, ridicularizados por outros, traídos sempre por todos, abandonados por nossos próprios concidadãos, que, em vez de se compadecerem da calamidade mútua e de se socorrerem uns aos outros, vêem como bárbaro todo Italiano que não seja da província deles, e em cujos membros não soam as mesmas correntes. Responda-me, Lorenzo, qual refúgio nos resta? Nossas messes enriqueceram nossos dominadores; mas nossas terras não fornecem nem teto, nem pão aos tantos italianos que a revolução arremessou para longe da terra natal; e que, definhados pela fome e pelo cansaço, só dão ouvidos ao único e supremo conselheiro do homem abandonado pela natureza inteira: o delito! Para nós, então, qual refúgio nos resta, a não ser o deserto e a tumba? e a vileza! E o que mais se avilta, talvez seja o que viva melhor; mas,

²⁰⁸ *Dei Sepolcri*, 165-172.

²⁰⁹ “*L’aria piena di vita e di salute*”, verso do poeta Galeazzo di Tarsia (c. 1520 – 1553) [N. F.].

²¹⁰ Passaporte necessário para passar do Grão-ducado da Toscana aos Estados Pontifícios.

²¹¹ No original “*Una dramma*”, equivale a uma medida de peso grega, que corresponde a pouco mais de dois gramas. Foscolo, 1981, p. 124.

envergonhado de si mesmo, e escarnecido pelos mesmos tiranos a quem se vende, e pelos quais será um dia vendido.

Percorri toda a Toscana. Todos os montes e todos os campos são célebres pelas batalhas entre irmãos de quatro séculos atrás. Entretanto, os cadáveres de incontáveis italianos que se mataram entre si formaram os alicerces dos tronos dos Imperadores e dos Papas. Subi a Monteaperto onde é ainda infame a memória da derrota dos guelfos²¹². Mal surgira o crepúsculo da manhã, e naquele triste silêncio, naquela fria escuridão, com a alma possuída por todas as antigas e cruéis desventuras que dilaceraram nossa pátria, ó, meu Lorenzo, senti calafrios e arrepiar os cabelos; do alto, eu gritava com a voz cheia de ameaças e de tremores. E me parecia que subiam e desciam da montanha, por caminhos íngremes, as sombras de todos aqueles Toscanos mortos entre si; tinham as espadas e as roupas ensangüentadas; olhavam-se de través, e freMIam tempestuosamente, a bater-se e a lacerar as antigas feridas²¹³. – Oh, para quem aquele sangue? O filho corta a cabeça do pai e a agita segurando pelos cabelos. Para quem aquela celerada carnificina? Os reis, por quem vos trucidais, no fervor da batalha apertam-se as mãos e pacificamente dividem entre si as vossas roupas e a vossa terra. Eu fugi precipitadamente, gritando e olhando para trás. Aquelas hórridas fantasias me perseguiam sempre – e ainda hoje, quando me encontro sozinho à noite, sinto aqueles espectros em torno de mim. Mas com eles, encontra-se um espectro mais terrível ainda: um que só eu conheço²¹⁴. – Por que devo então, ó minha pátria, acusar-te sempre e sempre compadecer-me de ti, se não tenho eu esperança alguma de corrigir-te nem socorrer-te?

²¹² “Dante alude a essa batalha no Canto X do *Inferno* [vv. 85-87]. Talvez esses versos tenham dado a Ortis a idéia de visitar Monteaperto. Porém, o leitor pode encontrar dados mais concretos nas *Crônicas* de G. Villani, livro IV, 83.” [N. F.] [Trata-se, na verdade, do Livro VI, 79.]

²¹³ *Dei Sepolcri*, 201-212.

²¹⁴ Refere-se a uma pessoa que morreu atropelada por ele. Esse acontecimento será narrado na carta de 14 de março de 1799.

17

Dentre as cartas enviadas de Milão, nas quais Jacopo discute principalmente a situação política da época, a carta do dia 4 de dezembro de 1798 é marcada sobretudo pelo diálogo com o poeta Parini (já idoso e que morrerá em 1799). Esta carta foi acrescentada ao romance na edição de 1816.

Jacopo, indignado, começa descrevendo a situação da pátria, liberta do domínio austríaco mas submetida ao jugo francês. Sentindo-se um estrangeiro em seu próprio país, começa a refletir sobre a morte, a que chama de “pátria de todos”, e sobre a Glória terrena.

Depois, ocorre o encontro com Parini, que estimula o jovem a escrever em nome da verdade: é um dos momentos mais altos do romance, uma exortação à literatura como testemunho e empenho civil.

Milano, 4 dicembre 1798

Siati questa l'unica risposta a' tuoi consiglj. In tutti i paesi ho veduto gli uomini sempre di tre sorta: i pochi che comandano; l'universalità che serve; e i molti che brigano. Noi non possiam comandare, né forse siam tanto scaltri; noi non siam ciechi, né vogliamo ubbidire; noi non ci degniamo di brigare. E il meglio è vivere come que' cani senza padrone a' quali non toccano né tozzi né percosse. – Che vuoi tu ch'io accatti protezioni ed impieghi in uno Stato ov'io sono reputato straniero, e donde il capriccio di ogni spia può farmi sfrattare? Tu mi esalti sempre il mio ingegno; sai tu quanto io vaglio? né più né meno di ciò che vale la mia entrata: se per altro io non facessi il *letterato di corte*, rintuzzando quel nobile ardore che irrita i potenti, e dissimulando la virtù e la scienza, per non rimproverarli della loro ignoranza, e delle loro scelleraggini. Letterati! – O! tu dirai, così da per tutto. – E sia così: lascio il mondo com'è; ma s'io dovessi impacciamente vorrei o che gli uomini mutassero modo, o che mi facessero mozzare il capo sul palco; e questo mi pare più facile. Non che i tirannetti non si avveggano delle brighe; ma gli uomini balzati da' trivj al trono hanno d'uopo di faziosi che poi non possono contenere. Gonfj del presente, spensierati dell'avvenire, poveri di fama, di coraggio e d'ingegno, si armano di adulatori e di satelliti, da' quali, quantunque spesso traditi e derisi, non sanno più svilupparsi: perpetua ruota di servitù, di licenza e di tirannia. Per essere padroni e ladri del popolo conviene prima lasciarsi opprimere, depredare, e conviene leccare la spada grondante del tuo sangue. Così potrei forse procacciarmi una carica, qualche migliajo di scudi ogni anno di più, rimorsi, ed infamia. Odilo un'altra volta: *Non reciterò mai la parte del piccolo briccone.*

Tanto e tanto so di essere calpestato; ma almen fra la turba immensa de' miei conservi, simile a quegli insetti che sono sbadatamente schiacciati da chi passeggia. Non mi glorio come tanti altri della servitù; né i miei tiranni si pasceranno del mio avvilitamento. Serbino ad altri le loro ingiurie e i lor beneficj; e' vi son tanti che pur vi agognano! Io fuggirò il vituperio morendo ignoto. E quando io fossi costretto ad uscire dalla mia oscurità – anziché mostrarmi fortunato stromento della licenza o della tirannide, torrei d'essere vittima deplorata.

Che se mi mancasse il pane e il fuoco, e questa che tu mi additi fosse l'unica sorgente di vita – cessi il cielo ch'io insulti alla necessità di tanti altri che non potrebbero imitarmi – davvero, Lorenzo, io me n'andrei alla patria di tutti, dove non vi sono né delatori, né conquistatori, né letterati di corte, né principi; dove le ricchezze non

coronano il delitto; dove il misero non è giustiziato non per altro se non perché è misero; dove un dì o l'altro verranno tutti ad abitare con me e a rimescolarsi nella materia, sotterra.

Aggrappandomi sul dirupo della vita, sieguo alle volte un lume ch'io scorgo da lontano e che non posso raggiungere mai. Anzi mi pare che s'io fossi con tutto il corpo dentro la fossa, e che rimanessi sopra terra solamente col capo, mi vedrei sempre quel lume sfolgorare sugli occhi. O Gloria! tu mi corri sempre dinanzi, e così mi lusinghi a un viaggio a cui le mie piante non reggono più. Ma dal giorno che tu più non sei la mia sola e prima passione, il tuo risplendente fantasma comincia a spegnersi e a barcollare – cade e si risolve in un mucchio d'ossa e di ceneri fra le quali io veggio sfavillar tratto tratto alcuni languidi raggi; ma ben presto io passerò camminando sopra il tuo scheletro, sorridendo della mia delusa ambizione. – Quante volte vergognando di morire ignoto al mio secolo ho accarezzato io medesimo le mie angosce mentre mi sentiva tutto il bisogno e il coraggio di terminarle! Né avrei forse sopravvissuto alla mia patria, se non mi avesse rattenuto il folle timore, che la pietra posta sopra il mio cadavere non seppellisse ad un tempo il mio nome. Lo confesso; sovente ho guardato con una specie di compiacenza le miserie d'Italia, poiché mi pareva che la fortuna e il mio ardire riserbassero forse anche a me il merito di liberarla. Io lo diceva jer sera al Parini – addio: ecco il messo del banchiere che viene a pigliar questa lettera; e il foglio tutto pieno mi dice di finire. – Pur ho a dirti ancora assai cose: protrarrò di spedirtela sino a sabato; e continuerò a scriverti. Dopo tanti anni di sì affettuosa e leale amicizia, eccoci, e forse eternamente, disgiunti. A me non resta altro conforto che di gemere teco scrivendoti; e così mi libero alquanto da' miei pensieri; e la mia solitudine diventa assai meno spaventosa. Sai quante notti io mi risveglio, e m'alzo, e aggirandomi lentamente per le stanze t'invoco! siedo e ti scrivo; e quelle carte sono tutte macchiate di pianto e piene de' miei pietosi delirj e de' miei feroci proponimenti. Ma non mi dà il cuore d'inviartele. Ne serbo taluna, e molte ne brucio. Quando poi il Cielo mi manda questi momenti di calma, io ti scrivo con quanto più di fermezza mi è possibile per non contristarti del mio immenso dolore. Né mi stancherò di scriverti; tutt'altro conforto è perduto; né tu, mio Lorenzo, ti stancherai di leggere queste carte ch'io senza vanità, senza studio e senza rossore ti ho sempre scritto ne' sommi piaceri e ne' sommi dolori dell'anima mia. Serbale. Presento che un dì ti saranno necessarie per vivere, almeno come potrai, col tuo Jacopo.

Jer sera dunque io passeggiava con quel vecchio venerando nel sobborgo orientale della città sotto un boschetto di tigli. Egli si sosteneva da una parte sul mio braccio, dall'altra sul suo bastone: e talora guardava gli storpj suoi piedi, e poi senza dire parola volgevasi a me, quasi si dolesse di quella sua infermità, e mi ringraziasse della pazienza con la quale io lo accompagnava. S'assise sopra uno di que' sedili ed io con lui: il suo servo ci stava poco discosto. Il Parini è il personaggio più dignitoso e più eloquente ch'io m'abbia mai conosciuto; e d'altronde un profondo, generoso, meditato dolore a chi non dà somma eloquenza? Mi parlò a lungo della sua patria, e fremeva e per le antiche tirannidi e per la nuova licenza. Le lettere prostitute; tutte le passioni languenti e degenerate in una indolente vilissima corruzione: non più la sacra ospitalità, non la benevolenza, non più l'amore filiale – e poi mi tesseva gli annali recenti, e i delitti di tanti uomiciattoli ch'io degnerei di nominare, se le loro scelleraggini mostrassero il vigore d'animo, non dirò di Silla e di Catilina, ma di quegli animosi masnadieri che affrontano il misfatto quantunque e' si vedano presso il patibolo – ma ladroncelli, tremanti, saccenti – più onesto insomma è tacerne. – A quelle parole io m'infiammava di un sovrumano furore, e sorgeva gridando: Ché non si tenta? morremo? ma frutterà dal nostro sangue il vendicatore. – Egli mi guardò attonito: gli occhi miei in quel dubbio chiarore scintillavano spaventosi, e il mio dimesso e pallido aspetto si rialzò con aria minaccevole – io taceva, ma si sentiva ancora un fremito rumoreggiare cupamente dentro il mio petto. E ripresi: Non avremo salute mai? ah se gli uomini si conducessero sempre al fianco la morte, non servirebbero sì vilmente. – Il Parini non aprì bocca; ma stringendomi il braccio, mi guardava ogni ora più fisso. Poi mi trasse, come accennandomi perch'io tornassi a sedermi: E pensi, tu, proruppe, che s'io discernessi un barlume di libertà, mi perderei ad onta della mia inferma vecchiaja in questi vani lamenti? o giovine degno di patria più grata! se non puoi spegnere quel tuo ardore fatale, ché non lo volgi ad altre passioni?

Allora io guardai nel passato – allora io mi voltava avidamente al futuro, ma io errava sempre nel vano e le mie braccia tornavano deluse senza pur mai stringere nulla; e conobbi tutta tutta la disperazione del mio stato. Narrai a quel generoso Italiano la storia delle mie passioni, e gli dipinsi Teresa come uno di que' genj celesti i quali par che discendano a illuminare la stanza tenebrosa di questa vita. E alle mie parole e al mio pianto, il vecchio pietoso più volte sospirò dal cuore profondo. – No, io gli dissi, non veggio più che il sepolcro: sono figlio di madre affettuosa e benefica; spesse volte mi sembrò di vederla calcare tremando le mie pedate e seguirmi fino a sommo il monte,

donde io stava per diruparmi, e mentre era quasi con tutto il corpo abbandonato nell'aria – essa afferravami per la falda delle vesti, e mi ritraeva, ed io volgendomi non udiva più che il suo pianto. Pure s'ella – spiasse tutti gli occulti miei guai, implorerebbe ella stessa dal Cielo il termine degli ansiosi miei giorni. Ma l'unica fiamma vitale che anima ancora questo travagliato mio corpo, è la speranza di tentare la libertà della patria. – Egli sorrise mestamente; e poiché s'accorse che la mia voce infiochiva, e i miei sguardi si abbassavano immoti sul suolo, ricominciò: – Forse questo tuo furore di gloria potrebbe trarti a difficili imprese; ma – credimi; la fama degli eroi spetta un quarto alla loro audacia; due quarti alla sorte; e l'altro quarto a' loro delitti. Pur se ti reputi bastevolmente fortunato e crudele per aspirare a questa gloria, pensi tu che i tempi te ne porgano i mezzi? I gemiti di tutte le età, e questo giogo della nostra patria non ti hanno per anco insegnato che non si dee aspettare libertà dallo straniero? Chiunque s'intrica nelle faccende di un paese conquistato non ritrae che il pubblico danno, e la propria infamia. Quando e doveri e diritti stanno su la punta della spada, il forte scrive le leggi col sangue e pretende il sacrificio della virtù. E allora? avrai tu la fama e il valore di Annibale che profugo cercava per l'universo un nemico al popolo Romano? – Né ti sarà dato di essere giusto impunemente. Un giovine dritto e bollente di cuore, ma povero di ricchezze, ed incauto d'ingegno quale sei tu, sarà sempre o l'ordigno del fazioso, o la vittima del potente. E dove tu nelle pubbliche cose possa preservarti incontaminato dalla comune bruttura, oh! tu sarai altamente laudato; ma spento poscia dal pugnale notturno della calunnia; la tua prigione sarà abbandonata da' tuoi amici, e il tuo sepolcro degnato appena di un secreto sospiro. – Ma poniamo che tu superando e la prepotenza degli stranieri e la malignità de' tuoi concittadini e la corruzione de' tempi, potessi aspirare al tuo intento; di'? spargerai tutto il sangue col quale conviene nutrire una nascente repubblica? arderai le tue case con le faci della guerra civile? unirai col terrore i partiti? spegnerai con la morte le opinioni? adeguerai con le stragi le fortune? ma se tu cadi tra via, vediti esecrato dagli uni come demagogo, dagli altri come tiranno. Gli amori della moltitudine sono brevi ed infausti; giudica, più che dall'intento, dalla fortuna; chiama virtù il delitto utile, e scelleraggine l'onestà che le pare dannosa; e per avere i suoi plausi, conviene o atterrirla, o ingrassarla, e ingannarla sempre. E ciò sia. Potrai tu allora inorgoglito dalla sterminata fortuna reprimere in te la libidine del supremo potere che ti sarà fomentata e dal sentimento della tua superiorità, e della conoscenza del comune avvilitamento? I mortali sono naturalmente schiavi, naturalmente tiranni, naturalmente ciechi. Intento tu allora a puntellare il tuo trono, di filosofo saresti fatto

tiranno; e per pochi anni di possanza e di tremore, avresti perduta la tua pace, e confuso il tuo nome fra la immensa turba dei despoti. – Ti avanza ancora un seggio fra' capitani; il quale si afferra per mezzo di un ardire feroce, di una avidità che rapisce per profondere, e spesso di una viltà per cui si lambe la mano che t'aita a salire. Ma – o figliuolo! l'umanità geme al nascere di un conquistatore; e non ha per conforto se non la speranza di sorridere su la sua bara. –

Tacque – ed io dopo lunghissimo silenzio esclamai: O Cocceo Nerva! tu almeno sapevi morire incontaminato. – Il vecchio mi guardò – Se tu né sperì, né temi fuori di questo mondo – e mi stringeva la mano – ma io! – Alzò gli occhi al Cielo, e quella severa sua fisionomia si raddolciva di soave conforto, come s'ei lassù contemplasse tutte le tue speranze. – Intesi un calpestio che s'avanzava verso di noi; e poi travidi gente fra' tiglì; ci rizzammo; e l'accompagnai sino alle sue stanze.

Ah s'io non mi sentissi oramai spento quel fuoco celeste che nel tempo della fresca mia gioventù spargeva raggi su tutte le cose che mi stavano intorno, mentre oggi vo brancolando in una vota oscurità! s'io potessi avere un tetto ove dormire sicuro; se non mi fosse conteso di rinselvarmi fra le ombre del mio romitorio; se un amore disperato che la mia ragione combatte sempre, e che non può vincere mai – questo amore ch'io celo a me stesso, ma che riarde ogni giorno e che s'è fatto onnipotente, immortale – ah! la Natura ci ha dotati di questa passione che è indomabile in noi forse più dell'istinto fatale della vita – se io potessi insomma impetrare un anno solo di calma, il tuo povero amico vorrebbe sciogliere ancora un voto e poi morire. Io odo la mia patria che grida: – SCRIVI CIÒ CHE VEDESTI. MANDERO LA MIA VOCE DALLE ROVINE, E TI DETTERÒ LA MIA STORIA. PIANGERANNO I SECOLI SU LA MIA SOLITUDINE; E LE GENTI SI AMMAESTRERANNO NELLE MIE DISAVVENTURE. IL TEMPO ABBATTE IL FORTE: E I DELITTI DI SANGUE SONO LAVATI NEL SANGUE. – E tu lo sai, Lorenzo, avrei coraggio di scrivere; ma l'ingegno va morendo con le mie forze, e vedo che fra pochi mesi avrò fornito questo mio angoscioso pellegrinaggio.

Ma voi pochi sublimi animi che solitarij o perseguitati, su le antiche sciagure della nostra patria fremete, se i cieli vi contendono di lottare contro la forza, perché almeno non raccontate alla posterità i nostri mali? Alzate la voce in nome di tutti, e dite al mondo: Che siamo sfortunati, ma né ciechi né vili; che non ci manca il coraggio, ma la possanza. – Se avete braccia in catene, perché inceppate da voi stessi anche il vostro intelletto di cui né i tiranni né la fortuna, arbitri d'ogni cosa, possono essere arbitri mai? Scrivete. Abbiate bensì compassione a' vostri concittadini, e non istigate vanamente le

lor passioni politiche; ma sprezzate l'universalità de' vostri contemporanei: il genere umano d'oggi ha le frenesie e la debolezza della decrepitezza; ma l'umano genere, appunto quand'è prossimo a morte, rinasce vigorosissimo. Scrivete a quei che verranno, e che soli saranno degni d'udirvi, e forti da vendicarvi. Perseguitate con la verità i vostri persecutori. E poi che non potete opprimerli, mentre vivono, co' pugnali, opprimeteli almeno con l'obbrobrio per tutti i secoli futuri. Se ad alcuni di voi è rapita la patria, la tranquillità, e le sostanze; se niuno osa divenire marito; se tutti paventano il dolce nome di padre, per non procreare nell'esilio e nel dolore nuovi schiavi e nuovi infelici, perché mai accarezzate così vilmente la vita ignuda di tutti i piaceri? Perché non la consacrate all'unico fantasma ch'è duce degli uomini generosi, la gloria? Giudicherete l'Europa vivente, e la vostra sentenza illuminerà le genti avvenire. L'umana viltà vi mostra terrori e pericoli; ma voi siete forse immortali? fra l'avvilimento delle carceri e de' supplicj v'innalzerete sovra il potente, e il suo futuro contro di voi accrescerà il suo vituperio e la vostra fama.

Milão, 4 de dezembro de 1798

Que seja esta a única resposta a teus conselhos. Em todos os países vi sempre três tipos de homens: os poucos que mandam, a grande maioria que serve, e os muitos que tramam²¹⁵. Nós não podemos mandar; nem sequer somos espertos para isso; mas não somos cegos, e não queremos obedecer, nem tramar. Melhor seria viver como os cães sem donos, que, se não recebem pão, tampouco recebem paulada. – Que queres tu? que eu mendigue a proteção e o emprego de um Estado²¹⁶ onde sou considerado estrangeiro, e onde o capricho de qualquer espião pode me levar a ser banido? Tu exaltas sempre o meu engenho; sabes quanto eu valho? nem mais nem menos do que vale o que eu ganho. A não ser que eu me tornasse um *literato de corte*, rebatendo aquela nobre ousadia que irrita os poderosos, e dissimulando a virtude e a ciência, para não jogar-lhes na cara a sua ignorância e as suas maldades. Literatos! – Ó! Tu dirás, é assim em todos os lugares. – Que seja assim! Deixo o mundo como é. Mas, se eu tivesse de me intrometer, gostaria, que os homens mudassem os modos, ou que mandassem cortar minha cabeça no patíbulo, o que me parece mais fácil. Não que os tiranozinhos ignorem as tramóias; mas, os homens, que saltaram do trivial para o trono, necessitam de sectários que depois não podem controlar. Enfatuados do presente, desinteressados pelo futuro, pobres de fama, coragem e engenho, armam-se de aduladores e de satélites, dos quais não conseguem desvencilhar-se, apesar de serem sempre por eles traídos e ridicularizados: perpétua roda de servidão, licença e tirania. Para ser senhor e ladrão do povo, convêm antes deixar-se oprimir, espoliar, e lambar a espada banhada no próprio sangue. Assim, poderia talvez obter um cargo, alguns milhares de escudos a cada ano, e remorsos e infâmia. Ouve outra vez: *Jamais representarei o papel do pequeno biltre*.

Eu sei que tantas vezes sou pisoteado, mas, ao menos, que eu o seja entre a turba imensa dos meus companheiros de servidão²¹⁷, como insetos esmagados por quem passeia desatento. Não me vanglorio, como tantos outros, da servidão; os meus tiranos não se nutrirão da minha dor. Que reservem a outros suas injúrias e seus benefícios! Ainda há muitos que os cobiçam! Eu me esquivarei do vitupério morrendo

²¹⁵ A primeira parte da carta apresenta idéias de V. Alfieri, *Del principe e delle lettere*.

²¹⁶ Estado: República Cisalpina.

²¹⁷ “*Conservo*” no original, “companheiros de desventura e servidão”: Dante, *Purgatório*, XIX, 134.

desconhecido. E se eu fosse obrigado a deixar minha obscuridade, em vez de mostrar-me um afortunado instrumento da licença e da tirania, preferiria ser uma vítima lastimada.

Se me faltassem o pão e o lar²¹⁸, e me restasse apenas isso que me propões como fonte de vida – não queira o céu que eu insulte a necessidade de todos aqueles que não poderiam imitar-me – é verdade, Lorenzo, eu iria à pátria de todos²¹⁹, onde não existem nem delatores, nem conquistadores, nem literatos de corte e nem príncipes; onde as riquezas não coroaam o delito; onde o pobre não é justificado apenas por ser pobre²²⁰; onde, um dia ou outro, virão todos morar comigo e a misturar-se novamente na matéria debaixo da terra.

Agarrando-me ao precipício da vida, sigo às vezes um lume que avisto de longe e que nunca posso alcançar. Ou melhor, parece-me que, se eu enterrasse o corpo todo dentro de uma fossa, e ficasse apenas com a cabeça de fora, eu veria sempre brilhar aquele lume nos olhos. Ó Glória! Tu sempre corres à minha frente, e assim me iludes a uma viagem que os meus pés não mais agüentam. Mas, desde o dia em que deixaste de ser minha única e principal paixão²²¹, o teu espectro radiante começa a se extinguir e vacilar – cai e se dissolve em um monte de ossos e de cinzas, entre as quais eu vejo cintilar de vez em quando uns raios lânguidos; mas, logo passarei caminhando sobre o teu esqueleto, sorrindo de minha desiludida ambição. – Quantas vezes, sentindo vergonha de morrer desconhecido no meu século, acalentava as minhas próprias angústias, enquanto sentia a necessidade e a coragem de acabar com elas! Nem teria talvez sobrevivido à minha pátria, se não me tivesse detido o louco temor de que a pedra colocada sobre o meu cadáver sepultasse também o meu nome²²². Confesso-o: muitas vezes olhei com uma espécie de complacência as misérias da Itália, já que me parecia

²¹⁸ No original “*fuoco*”, palavra antiga para “casa, família, lar”. O termo “*focolare*”, “lareira”, de mesma origem, também tem o significado de “lar”.

²¹⁹ “Pátria de todos”: a morte.

²²⁰ Referência à carta de Bolonha, 12 de agosto.

²²¹ Do soneto: *Non son chi fui*, 9-11, de Foscolo.

²²² Foscolo expressa as mesmas idéias no “Sesto tomo dell’io” (*Prose varie d’arte*, Firenze: Le Monnier, 1951, p. 5) romance autobiográfico: “Il solo pensiero che il mio nome sarebbe sepolto col mio cadavere [...]” (“Só de pensar que o meu nome seria sepultado com o meu cadáver [...]” *Apud* A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, p. 167.

que o destino e a minha ousadia reservassem, talvez, também para mim o mérito de libertá-la. Dizia eu, ontem à tarde, a Parini ...

Adeus: eis que chega o portador do banqueiro para pegar esta carta²²³; e a folha cheia me diz para parar. – Mas, como tenho mais coisas a dizer-te, expedirei outra até sábado; e continuarei a te escrever. Depois de tantos anos de tão afetuosa e leal amizade, aqui estamos nós; e, quem sabe, separados para sempre. Não me resta outro conforto a não ser lamentar-me contigo, escrevendo-te; e assim me livro um pouco dos pensamentos; e a minha solidão torna-se muito menos assustadora. Quantas noites desperto, e me levanto, e, dando voltas lentamente pelos aposentos, te invoco! e sento e te escrevo. E esses papéis estão todos manchados de pranto e cheios dos meus piedosos delírios e dos meus ferozes propósitos. Mas, não tenho ânimo de enviá-los a ti. Alguns eu guardo, e muitos eu queimo. Quando, depois, o Céu me manda estes momentos de calma, eu te escrevo com tanta firmeza quanto me é possível, para não entristecer-te com a minha dor imensa. Não me cansarei de te escrever; nem me resta outro conforto; nem tu, meu Lorenzo, te cansarás de ler estas folhas que eu, sem vaidade, sem disfarces e sem pudor, sempre te escrevi nos maiores prazeres e nas maiores dores de minh'alma. Guarda-as. Pressinto que um dia te serão necessárias para viver, ao menos como puderes, com o teu Jacopo.

Então, ontem à tarde, eu passeava com aquele velho²²⁴ venerando no subúrbio oriental da cidade, debaixo de um pequeno bosque de tílias²²⁵. Ele se apoiava, de um lado, no meu braço, e do outro, na bengala: às vezes, olhava para os pés disformes; e, em seguida, sem dizer uma palavra, voltava-se para mim, como se lamentasse sua enfermidade²²⁶, e me agradecesse a paciência com a qual eu o acompanhava. Sentou-se em um banco, e eu com ele; o criado dele ficou pouco distante. Parini é a pessoa mais digna e mais eloqüente que eu já conheci; no entanto, a quem uma dor profunda, generosa e meditada não dá eloqüência? Falou-me por muito tempo de sua pátria,

²²³ Jacopo envia as cartas por um intermediário, para evitar que sejam abertas (na carta de 27 de outubro, ele se refere a isso).

²²⁴ Foscolo conheceu Parini e foi seu amigo. *Apud* A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, 168.

²²⁵ São os jardins da Porta Oriental, em Milão, que também estão nos versos 63-69 do *Dei Sepolcri*, que se referem a Parini.

²²⁶ Parini sofria desde a juventude de uma doença nos ossos.

fremindo por causa das velhas tiranias²²⁷ e da nova vileza²²⁸. As letras, prostituídas²²⁹; todas as paixões, esmaecidas e degeneradas em indolente e vil corrupção: não mais havia a sagrada hospitalidade, a benevolência, o amor filial. Em seguida, falou-me dos anais²³⁰ recentes, e dos delitos de tantos homens pequenos – aos quais eu me dignaria nomear, se as suas maldades revelassem um vigor de ânimo: não direi de Sila²³¹ ou de Catilina²³², mas daqueles bandidos intrépidos que enfrentam o delito mesmo quando se acham junto ao patíbulo; mas como não passam de ladrõezinhos, medrosos e sabichões é melhor que eu me cale. – Eu me inflamava de um furor sobre-humano ao ouvir as palavras dele, e me levantei gritando:

— Por que não se faz nada? Morremos, então? Mas, do nosso sangue nascerá o vingador²³³.

Ele me olhou atônito: meus olhos, na tênue claridade, cintilavam de espanto, e o meu modesto e pálido aspecto elevou-se com ar ameaçador – calei-me, mas, sentia ainda um frêmito rumorejar profundamente dentro do meu peito. E retomei:

— Não teremos nunca salvação? Ah, se os homens andassem sempre ao lado da morte, não serviriam de forma tão covarde.

Parini não abria a boca; mas apertando-me o braço, olhava-me cada vez mais fixamente. Depois me puxou, como se me dissesse para que eu voltasse a sentar:

— E pensas tu, irrompeu, que se eu notasse um indício de liberdade, continuaria perdido, a despeito de minha enferma velhice, nestes lamentos vãos? Oh, jovem digno de uma pátria mais agradecida! Se não podes apagar este teu ardor fatal, por que não o volta para outras paixões?

²²⁷ Domínio espanhol no século XVII, e domínio austríaco no século XVIII.

²²⁸ Domínio francês.

²²⁹ Referência aos escritos encomiásticos a Napoleão.

²³⁰ Anais: memórias históricas.

²³¹ Ditador da República Romana (84 a 79 a. C.).

²³² Catilina, conspirou contra a República, em nome do proletariado romano. Foi denunciado por Cícero e executado. Sila e Catilina (séc. I a. C.) apesar de cruéis, demonstraram coragem e grandeza de princípios.

²³³ Virgílio, *Eneida*, VI, 625. A partir daqui até o final da carta repetem-se idéias expressas no “*Sesto tomo dell’io*”.

Então, olhei para o passado – então me voltei avidamente para o futuro; mas errava sempre em vão, e os meus braços volviam, desiludidos, sem segurar nada, e, então, percebi todo o desespero do meu estado. Narrei àquele generoso italiano a história das minhas paixões, e lhe retratei Teresa como um daqueles gênios celestes, que parecem surgir para iluminar a morada tenebrosa desta vida. E, às minhas palavras e ao meu pranto, o velho piedoso muitas vezes suspirava do fundo da alma.

— Não, disse-lhe eu, nada vejo a não ser a tumba: tenho uma mãe afável e bondosa; várias vezes pareceu-me que seguia meus passos tremendo até ao alto da montanha, de onde eu estava para me precipitar; e, enquanto eu já estava com quase todo o corpo largado no ar, ela me agarrava pela aba das roupas, e me puxava; e eu, virando-me para ela, ouvia-lhe apenas o pranto. Mas, se ela enxergasse todos os sofrimentos que trago ocultos em mim, ela mesma imploraria aos Céus o fim dos meus dias ansiosos. Mas, a única chama de vida que anima ainda este corpo atormentado é a esperança de alcançar a liberdade da pátria.

Ele sorriu tristemente, e, quando percebeu que a minha voz amainava, e os meus olhos fitavam, imóveis, o chão, prosseguiu:

— Talvez este teu furor de glória venha a pôr-te numa situação difícil; mas, acredita, a fama dos heróis deve-se um quarto à audácia, dois quartos à sorte, e outro quarto aos seus crimes²³⁴. Mesmo se te considerares bastante afortunado e cruel para aspirar a esta glória, acreditas que os tempos te oferecem os meios? Os gemidos de todas as idades, e este jugo de nossa pátria não te ensinaram também que não se deve esperar liberdade do estrangeiro? Qualquer um que se misture nos negócios de um país conquistado não consegue senão o mal de todos e a própria infâmia. Quando os deveres e os direitos estão na ponta da espada, o forte escreve as leis com sangue e exige o sacrifício da virtude. E então? Terás tu a fama e o valor de Aníbal, que refugiado procurava pelo mundo um inimigo para o povo Romano? Nem te serás permitido ser justo impunemente. Um jovem justo e de coração ardente, mas pobre de riquezas, e incauto de engenho como tu, será sempre o instrumento do sectário, ou a vítima do poderoso. E se nas coisas públicas puderes preservar-te incontaminado da torpeza comum, oh! tu serás altamente louvado; mas morto em seguida pelo punhal soturno da calúnia; a teu cárcere não incorrerão os amigos, e o teu sepulcro será honrado apenas

²³⁴ Conceito de Maquiavel, (O Príncipe, cap. xxv: “Quanto pode a sorte nas coisas humanas e como é possível fazer-lhe frente.”)

por um secreto suspiro. Mas, suponhamos que tu, superando a prepotência dos estrangeiros e a maldade dos teus concidadãos e a corrupção dos tempos, pudesse aspirar ao teu intento – que dizes? –, derramarias todo o sangue com o qual convém nutrir uma república que nasce? Queimarias tuas casas com as chamas da guerra civil? Unirias os partidos pelo terror? Extinguirias as opiniões com a morte? Repartirias as riquezas com carnificina? Mas, se caíres no meio da rua, serás execrado por uns como demagogo e por outros como tirano. Os amores da multidão são breves e funestos; ela julga, mais do que pela intenção, pela sorte; chama virtude o delito útil, e maldade a honra que lhe parece prejudicial; e, para receber os aplausos da multidão, convém aterrorizá-la ou engordá-la, mas enganá-la sempre. Que seja assim. Poderás, tu, então, envaidecido pela sorte ilimitada reprimir em ti a cobiça do supremo poder que te será fomentada, e do sentimento de superioridade, e do conhecimento da humilhação comum? Os mortais são naturalmente escravos, naturalmente tiranos, naturalmente cegos. Com o propósito, então, de firmar o trono, de filósofo passarias a tirano; e por poucos anos de poder e de tremor, terias perdido a tua paz, e confundido o teu nome entre a imensa turba dos déspotas. Resta-te ainda um posto entre os capitães, o qual se conquista por meio de uma ousadia feroz, de uma avidez desmedida, e não raro de uma vileza capaz de lambar a mão que te ajuda a subir. Mas, oh filho! a humanidade geme quando nasce um conquistador; e não tem por conforto senão a esperança de sorrir sobre o seu caixão.

Calou-se – e eu depois de longo silêncio exclamei:

— Ó Coceio Nerva²³⁵! Ao menos soubeste morrer incontaminado.

O velho olhou para mim:

— Se nada esperas, nem temes nada fora deste mundo... E me apertava a mão:

— mas eu!

Ergueu os olhos para o Céu, e sua fisionomia grave serenou-se de um doce conforto, como se ele, lá em cima depositasse todas as suas esperanças. Escutei uns

²³⁵ Marco Coceio Nerva. Historiador romano da época de Tibério, que se suicidou para não testemunhar as tiranias imperiais e a servidão dos patrícios romanos. “Esta exclamação de Ortis parece referir-se a uma passagem de Tácito: ‘Coceio Nerva, assíduo do Príncipe, douto em todo conhecimento humano e divino, dotado de fortuna e vida, queria morrer. Tibério o soube e procurou dissuadi-lo, questionando-o e rogando-lhe, a ponto de confessar que sentiria remorso e mágoa se o seu amigo tão próximo tirasse a vida sem razão. Nerva desdenhou a conversa, e se absteve de todo alimento. Quem o conhecia, dizia que Nerva, conhecendo de perto os males da república, por ira e suspeita, quis morrer honestamente, enquanto ainda era ilibado e sem experiência.’” *Anais*, VI, 26. [N. F.]

passos que se aproximavam; depois, entrevi umas pessoas em meio às tílias; erguemo-nos, e o acompanhei até aos seus aposentos.

Ah, se eu não sentisse, enfim, apagado em mim aquele fogo celeste que no tempo de minha fresca juventude espalhava raios sobre todas as coisas à minha volta, enquanto hoje ando às cegas em uma vasta escuridão! Se eu pudesse ter um teto para dormir seguro; se não me fosse proibido embrenhar-me entre as sombras do meu eremitério; se um amor desesperado que a minha razão combate sempre, e que não pode vencer nunca – esse amor que eu escondo de mim mesmo, mas que torna a arder a cada dia e se fez onipotente, imortal – ai! a Natureza nos dotou desta paixão que é indomável em nós, talvez mais do que o instinto fatal da vida – se eu pudesse em suma obter um ano de calma que fosse, o teu pobre amigo gostaria de cumprir um voto mais e depois morrer. Eu ouço a minha pátria que grita: ESCRIVE O QUE VISTE. MANDAREI A MINHA VOZ DAS RUÍNAS, E DITAREI PARA TI A MINHA HISTÓRIA. CHORARÃO OS SÉCULOS SOBRE A MINHA SOLIDÃO, E AS MINHAS DESVENTURAS EDUCARÃO AS PESSOAS. O TEMPO ABATE O FORTE: E OS DELITOS DE SANGUE SÃO LAVADOS NO SANGUE. – Tu sabes, Lorenzo, que não me faltaria coragem para escrever; mas o engenho esmorece junto com as minhas forças, e percebo que em poucos meses terei terminado esta minha angustiante peregrinação.

Mas vós, poucas almas sublimes, que, solitárias ou perseguidas, estremeceis pelas velhas desgraças de nossa pátria: se os céus vos proíbem de lutar contra a força, por que, ao menos, não revelais à posteridade os nossos males? Levantai a voz em nome de todos, e dizei ao mundo que somos desventurados, mas que não somos cegos nem cobardes; que não nos falta a coragem, mas a pujança. – Se tendes os braços acorrentados, por que vós mesmos algemais também o vosso intelecto, do qual nem os tiranos nem a sorte, árbitros de todas as coisas, podem ser árbitros? Escrevei. Tende, ao contrário, compaixão pelos vossos concidadãos, e não instigai em vão as suas paixões políticas; mas, desprezai a maioria dos vossos contemporâneos: o gênero humano de hoje tem os delírios e a debilidade da decrepitude; mas o gênero humano, justamente diante da proximidade da morte, renasce com mais vigor. Escrevei àqueles que virão, e que sozinhos serão dignos de vos ouvir, fortes para vos vingar. Persegui com a verdade os vossos perseguidores. E, visto que não podeis oprimi-los com punhais, enquanto vivem, oprimi-os, ao menos, com a desonra por todos os séculos vindouros. Se a algum

de vós lhe foi arrebatada a pátria, a tranqüilidade, e os bens; se ninguém ousa tornar-se marido; se todos receiam o doce nome de pai, para não procriar no exílio²³⁶ e na dor novos escravos, novos infelizes, por que então desejais tão abjetamente a vida despojada de prazeres? Por que não a consagrais àquele único espectro, o condutor dos homens generosos, que é a glória? Julgareis a Europa do presente, e a vossa sentença iluminará as pessoas do futuro²³⁷. A baixeza humana vos mostra perigos e terrores; mas acaso sois vós imortais? Entre o aviltamento dos cárceres e dos suplícios, sobrelevareis os poderosos, e o furor²³⁸ deles contra vós aumentará a sua vergonha e a vossa fama.

²³⁶ Idéias de Alfieri. *Della tirania*, I, 14.

²³⁷ “Esta página, que quase chega a ser o ápice oratório de todo o livro, é também o testamento literário confiado às *Ultime lettere*: o projeto de uma literatura como juízo do mundo.” A. Jacomuzzi, “Il monologo tragico di Jacopo Ortis”. In: Foscolo, 1993, p. 174.

²³⁸ A palavra italiana “*futuro*”, aqui, não faz sentido, apesar de constar em U. Foscolo, 1998, p. 113 e na edição eletrônica. As outras edições consultadas (ver Bibliografia), usaram o termo “*furore*”, o qual se adotou na tradução.

18

Uma das cartas mais longas do romance, escrita de Ventimiglia, cidade italiana localizada na região da Ligúria, próxima à fronteira com a França. O lugar, nos confins da Itália e no alto dos Alpes, proporciona-lhe inspiração para meditar.

Jacopo reflete sobre o distanciamento entre os homens e a sociedade; em seguida, sugestionado pela natureza inóspita dos Alpes, descreve alguns fatos ocorridos em diversas nações, para dar exemplos de tirania, demonstrando um forte pessimismo histórico. Nas últimas linhas, volta o pensamento para a sua Jacinto. A idéia do suicídio é o tema de fundo de todas essas reflexões.

Esta carta faz referências a Alfieri, Rousseau e Hobbes, e contém passagens que irão influenciar o poeta Leopardi.

Ventimiglia, 19 e 20 Febbraro

Tu sei disperatamente infelice; tu vivi fra le agonie della morte, e non hai la sua tranquillità: ma tu dèi tollerarle per gli altri. – Così la Filosofia domanda agli uomini un eroismo da cui la Natura rifugge. Chi odia la propria vita può egli amare il minimo bene che è incerto di recare alla Società e sacrificare a questa lusinga molti anni di pianto? e come potrà sperare per gli altri colui che non ha desiderj, né speranze per sé; e che abbandonato da tutto, abbandona se stesso? – Non sei misero tu solo. – Pur troppo! ma questa consolazione non è anzi argomento dell'invidia secreta che ogni uomo cova dell'altrui prosperità? La miseria degli altri non iscema la mia. Chi è tanto generoso da addossarsi le mie infermità? e chi anco volendo, il potrebbe? avrebbe forse più coraggio da comportarle; ma cos'è il coraggio voto di forza? Non è vile quell'uomo che è travolto dal corso irresistibile di una fiumana; bensì chi ha forze da salvarsi e non le adopra. Ora dov'è il sapiente che possa costituirsi giudice delle nostre intime forze? chi può dare norma agli effetti delle passioni nelle varie tempre degli uomini e delle incalcolabili circostanze onde decidere: Questi è un vile, perché soggiace; quegli che sopporta, è un eroe? mentre l'amore della vita è così imperioso che più battaglia avrà fatto il primo per non cedere, che il secondo per sopportare.

Ma i debiti i quali tu hai verso la Società? – Debiti? forse perché mi ha tratto dal libero grembo della Natura, quand'io non aveva né la ragione, né l'arbitrio di acconsentirvi, né la forza di oppormi, e mi educò fra' suoi bisogni e fra' suoi pregiudizj? – Lorenzo, perdona s'io calco troppo su questo discorso tanto da noi disputato. Non voglio smoverti dalla tua opinione sì avversa alla mia; vo' bensì dileguare ogni dubbio da me. Saresti convinto al pari di me, se ti sentissi le piaghe mie; il Cielo te le risparmi! – Ho io contratto questi debiti spontaneamente? e la mia vita dovrà pagare, come uno schiavo, i mali che la Società mi procaccia, solo perché gli intitola beneficj? e sieno beneficj: ne godo e li ricompensò fino che vivo; e se nel sepolcro non le sono io di vantaggio, qual bene ritraggo io da lei nel sepolcro? O amico mio! ciascun individuo è nemico nato della Società, perché la Società è necessaria nemica degli individui. Poni che tutti i mortali avessero interesse di abbandonare la vita, credi tu che la sosterebbero per me solo? e s'io commetto un'azione dannosa a' più, io sono punito; mentre non mi verrà fatto mai di vendicarmi delle loro azioni, quantunque ridondino in sommo mio danno. Possono ben essi pretendere ch'io sia figliuolo della grande famiglia; ma io rinunciando e a' beni e a' doveri comuni posso dire: Io sono un

mondo in me stesso: e intendo d'emanciparmi perché mi manca la felicità che mi avete promesso. Che s'io dividendomi non trovo la mia porzione di libertà; se gli uomini me l'hanno invasa perché sono più forti; se mi puniscono perché la ridomando – non gli sciolgo io dalle loro bugiarde promesse e dalle mie impotenti querele cercando scampo sotterra? Ah! que' filosofi che hanno evangelizzato le umane virtù, la probità naturale, la reciproca benevolenza – sono inavvedutamente apostoli degli astuti, ed adescano quelle poche anime ingenuie e bollenti le quali amando schiettamente gli uomini per l'ardore di essere riamate, saranno sempre vittime tardi pentite della loro leale credulità. –

Eppur quante volte tutti questi argomenti della ragione hanno trovato chiusa la porta del mio cuore, perch'io tuttavia mi sperava di consecrare i miei tormenti all'altrui felicità! Ma! – per il nome d'Iddio, ascolta e rispondimi. A che vivo? di che pro ti son io, io fuggitivo fra queste cavernose montagne? di che onore a me stesso, alla mia patria, a' miei cari? V'ha egli diversità da queste solitudini alla tomba? La mia morte sarebbe per me la meta de' guai, e per voi tutti la fine delle vostre ansietà sul mio stato. Invece di tante ambasce continue, io vi darei un solo dolore – tremendo, ma ultimo: e sareste certi della eterna mia pace. I mali non ricomprano la vita.

E penso ogni giorno al dispendio di cui da più mesi sono causa a mia madre; né so come ella possa far tanto. S'io mi tornassi, troverei casa nostra vedova del suo splendore. E incominciava già ad oscurarsi, molto innanzi ch'io mi partissi, per le pubbliche e private estorsioni le quali non restano di percuoterci. Né però quella madre benefattrice cessa dalle sue cure: trovai dell'altro denaro a Milano; ma queste affettuose liberalità le scemeranno certamente quegli agi fra' quali nacque. Pur troppo fu moglie mal avventurata! le sue sostanze sostengono la mia casa che rovinava per le prodigalità di mio padre; e l'età di lei mi fa ancora più amari questi pensieri. – Se sapesse! tutto è vano per lo sfortunato suo figliuolo. E s'ella vedesse qui dentro – se vedesse le tenebre e la consunzione dell'anima mia! deh! non gliene parlare, o Lorenzo: ma vita è questa? – Ah sì! io vivo ancora; e l'unico spirito de' miei giorni è una sorda speranza che li rianima sempre, e che pure tento di non ascoltare: non posso – e s'io voglio disingannarla, la si converte in disperazione infernale. – Il tuo giuramento, o Teresa, proferirà ad un tempo la mia sentenza – ma finché tu se' libera; – e il nostro amore è tuttavia nell'arbitrio delle circostanze – dell'incerto avvenire – e della morte, tu sarai sempre mia. Io ti parlo, e ti guardo, e ti abbraccio: e mi pare che così da lontano tu senta l'impressioni de' miei baci e delle mie lagrime. Ma quando tu sarai offerita dal padre tuo come olocausto di riconciliazione su l'altare di Dio – quando il tuo pianto avrà ridata la

pace alla tua famiglia – allora – non io – ma la disperazione sola, e da sé, annienterà l'uomo e le sue passioni. E come può spegnersi, mentre vivo, il mio amore? e come non ti sedurranno sempre nel tuo segreto le sue dolci lusinghe? ma allora più non saranno sante e innocenti. Io non amerò, quando sarà d'altri, la donna che fu mia – amo immensamente Teresa; ma non la moglie d'Odoardo – ohimè! tu forse mentre scrivo sei nel suo letto! – Lorenzo! – Ahi Lorenzo! eccolo quel demonio mio persecutore; torna a incalzarmi, a premermi, a investirmi, e m'accieca l'intelletto, e mi ferma perfino le palpitazioni del cuore, e mi fa tutto ferocia, e vorrebbe il mondo finito con me. – Piangete tutti – e perché mi caccia fra le mani un pugnale, e mi precede, e si volge guardando se io lo sieguo, e mi addita dov'io devo ferire? Vieni tu dall'altissima vendetta del Cielo? – E così nel mio furore e nelle mie superstizioni io mi prostendo su la polvere a scongiurare orrendamente un Dio che non conosco, che altre volte ho candidamente adorato, ch'io non offesi, di cui dubito sempre – e poi tremo, e l'adoro. Dov'io cerco ajuto? non in me, non negli uomini: la Terra io la ho insanguinata, e il Sole è negro.

Alfine eccomi in pace! – Che pace? stanchezza, sopore di sepoltura. Ho vagato per queste montagne. Non v'è albero, non tugurio, non erba. Tutto è bronchi; aspri e lividi macigni; e qua e là molte croci che segnano il sito de' viandanti assassinati. – Là giù è il Roja, un torrente che quando si disfanno i ghiacci precipita dalle viscere delle Alpi, e per gran tratto ha spaccato in due questa immensa montagna. V'è un ponte presso alla marina che ricongiunge il sentiero. Mi sono fermato su quel ponte, e ho spinto gli occhi sin dove può giungere la vista; e percorrendo due argini di altissime rupi e di burroni cavernosi, appena si vedono imposte su le cervici dell'Alpi altre Alpi di neve che s'immergono nel Cielo e tutto biancheggia e si confonde – da quelle spalancate Alpi cala e passeggia ondeggiando la tramontana, e per quelle fauci invade il Mediterraneo. La Natura siede qui solitaria e minacciosa, e caccia da questo suo regno tutti i viventi.

I tuoi confini, o Italia, son questi! ma sono tutto dì sormontati d'ogni parte dalla pertinace avarizia delle nazioni. Ove sono dunque i tuoi figli? Nulla ti manca se non la forza della concordia. Allora io spenderei gloriosamente la mia vita infelice per te: ma che può fare il solo mio braccio e la nuda mia voce? – Ov'è l'antico terrore della tua gloria? Miseri! noi andiamo ogni dì memorando la libertà e la gloria degli avi, le quali quanto più splendono tanto più scoprono la nostra abietta schiavitù. Mentre invociamo quelle ombre magnanime, i nostri nemici calpestando i loro sepolcri. E verrà

forse giorno che noi perdendo e le sostanze, e l'intelletto, e la voce, saremo fatti simili agli schiavi domestici degli antichi, o trafficati come i miseri Negri, e vedremo i nostri padroni schiudere le tombe e disseppellire, e disperdere al vento le ceneri di que' Grandi per annientarne le ignude memorie: poich oggi i nostri fasti ci sono cagione di superbia, ma non eccitamento dell'antico letargo.

Cos grido quand'io mi sento insuperbire nel petto il nome Italiano, e rivolgendomi intorno io cerco, n trovo pi la mia patria. – Ma poi dico: Pare che gli uomini sieno fabbri delle proprie sciagure; ma le sciagure derivano dall'ordine universale, e il genere umano serve orgogliosamente e ciecamente a' destini. Noi argomentiamo su gli eventi di pochi secoli: che sono eglino nell'immenso spazio del tempo? Pari alle stagioni della nostra vita normale, pajono talvolta gravi di straordinarie vicende, le quali pur sono comuni e necessarij effetti del tutto. L'universo si controbilancia. Le nazioni si divorano perch una non potrebbe sussistere senza i cadaveri dell'altra. Io guardando da queste Alpi l'Italia piango e fremo, e invoco contro agl'invasori vendetta; ma la mia voce si perde tra il fremito ancora vivo di tanti popoli trapassati, quando i Romani rapivano il mondo, cercavano oltre a' mari e a' deserti nuovi imperi da devastare, manomettevano gl'Iddii de' vinti, incatenevano principi e popoli liberissimi, finch non trovando pi dove insanguinare i lor ferri, li ritorceano contro le proprie viscere. Cos gli Israeliti trucidavano i pacifici abitatori di Canaan, e i Babilonesi poi strascinarono nella schiavit i sacerdoti, le madri, e i figliuoli del popolo di Giuda. Cos Alessandro rovesci l'impero di Babilonia, e dopo avere passando arsa gran parte della terra, si corrucciava che non vi fosse un altro universo. Cos gli Spartani tre volte smantellarono Messene e tre volte cacciarono dalla Grecia i Messeni che pur Greci erano della stessa religione e nipoti de' medesimi antenati. Cos sbranavansi gli antichi Italiani finch furono ingojati dalla fortuna di Roma. Ma in pochissimi secoli la regina del mondo divenne preda de' Cesari, de' Neroni, de' Costantini, de' Vandali, e de' Papi. Oh quanto fumo di umani roghi ingombr il Cielo della America, oh quanto sangue d'innumerabili popoli che n timore n invidia recavano agli Europei, fu dall'Oceano portato a contaminare d'infamia le nostre spiagge! ma quel sangue sar un d vendicato e si rovescier su i figli degli Europei! Tutte le nazioni hanno le loro et. Oggi sono tiranne per maturare la propria schiavit di domani: e quei che pagavano dianzi vilmente il tributo, lo imporranno un giorno col ferro e col fuoco. La Terra una foresta di belve. La fame, i diluvj, e la peste sono ne' provvedimenti della Natura come

la sterilità di un campo che prepara l'abbondanza per l'anno vegnente: e chi sa? fors'anche le sciagure di questo globo apparecchiano la prosperità di un altro.

Frattanto noi chiamiamo pomposamente virtù tutte quelle azioni che giovano alla sicurezza di chi comanda e alla paura di chi serve. I governi impongono giustizia: ma potrebbero eglino imporla se per regnare non l'avessero prima violata? Chi ha derubato per ambizione le intere province, manda solennemente alle forche chi per fame invola del pane. Onde quando la forza ha rotti tutti gli altrui diritti, per serbarli poscia a se stessa inganna i mortali con le apparenze del giusto, finché un'altra forza non la distrugga. Eccoti il mondo, e gli uomini. Sorgono frattanto d'ora in ora alcuni più arditi mortali; prima derisi come frenetici, e sovente come malfattori, decapitati: che se poi vengono patrocinati dalla fortuna ch'essi credono lor propria, ma che in somma non è che il moto prepotente delle cose, allora sono obbediti e temuti, e dopo morte deificati. Questa è la razza degli eroi, de' capisette, e de' fondatori delle nazioni i quali dal loro orgoglio e dalla stupidità de' volghi si stimano saliti tant'alto per proprio valore; e sono cieche ruote dell'orologio. Quando una rivoluzione nel globo è matura, necessariamente vi sono gli uomini che la incominciano, e che fanno de' loro teschi sgabello al trono di chi la compie. E perché l'umana schiatta non trova né felicità né giustizia sopra la terra, crea gli Dei protettori della debolezza e cerca premj futuri del pianto presente. Ma gli Dei si vestirono in tutti i secoli delle armi de' conquistatori: e opprimono le genti con le passioni, i furori, e le astuzie di chi vuole regnare.

Lorenzo, sai tu dove vive ancora la vera virtù? in noi pochi deboli e sventurati; in noi, che dopo avere sperimentati tutti gli errori, e sentiti tutti i guai della vita, sappiamo compiangere e soccorrerli. Tu o Compassione, sei la sola virtù! tutte le altre sono virtù usuraje.

Ma mentre io guardo dall'alto le follie e le fatali sciagure della umanità, non mi sento forse tutte le passioni e la debolezza ed il pianto, soli elementi dell'uomo? Non sospiro ogni dì la mia patria? Non dico a me lagrimando: Tu hai una madre e un amico – tu ami – te aspetta una turba di miseri, a cui se' caro, e che forse sperano in te – dove fuggi? anche nelle terre straniere ti perseguiranno la perfidia degli uomini e i dolori e la morte: qui cadrai forse, e niuno avrà compassione di te; e tu senti pure nel tuo misero petto il piacere di essere compianto. Abbandonato da tutti, non chiedi tu ajuto dal Cielo? non t'ascolta; eppure nelle tue afflizioni il tuo cuore torna involontario a lui – va, prostrati; ma all'are domestiche.

O natura! hai tu forse bisogno di noi sciagurati, e ci consideri come i vermi e gl'insetti che vediamo brulicare e moltiplicarsi senza sapere a che vivano? Ma se tu ci hai dotati del funesto istinto della vita sì che il mortale non cada sotto la soma delle tue infermità ed ubbidisca irrepugnabilmente a tutte le tue leggi, perché poi darci questo dono ancor più funesto della ragione? Noi tocchiamo con mano tutte le nostre calamità ignorando sempre il modo di ristorarle.

Perché dunque io fuggo? e in quali lontane contrade io vado a perdermi? dove mai troverò gli uomini diversi dagli uomini? O non presento io forse i disastri, le infermità, e la indigenza che fuori della mia patria mi aspettano? – Ah no! Io tornerò a voi, o sacre terre, che prime udiste i miei vagiti, dove tante volte ho riposato queste mie membra affaticate, dove ho trovato nella oscurità e nella pace i miei pochi dilette, dove nel dolore ho confidato i miei pianti. Poiché tutto è vestito di tristezza per me, se null'altro posso ancora sperare che il sonno eterno della morte – voi sole, o mie selve, udirete il mio ultimo lamento, e voi sole coprirete con le vostre ombre pacifiche il mio freddo cadavere. Mi piangeranno quegli infelici che sono compagni delle mie disgrazie – e se le passioni vivono dopo il sepolcro, il mio spirito doloroso sarà confortato da' sospiri di quella celeste fanciulla ch'io credeva nata per me, ma che gl'interessi degli uomini e il mio destino feroce mi hanno strappata dal petto.

Ventimiglia, 19 e 20 de fevereiro

Tu és desesperadamente infeliz, vives entre as agonias da morte, e não tens sua tranqüilidade; no entanto, deves suportá-las para outros. – Da mesma forma, a Filosofia pede aos homens um heroísmo que a Natureza mesma rejeita. Como pode, alguém que odeia a própria vida, amar minimamente bem algo que talvez nem alcance a sociedade, e sacrificar a essa ilusão vários anos de lágrimas? E como poderá dar esperança a outros aquele que carece de desejos e de esperanças para si, e que, já que tudo o abandona, abandona a si próprio? – Não és mísero apenas tu. – Desafortunadamente! Mas não seria esse consolo, ao contrário, justificativa para a inveja da prosperidade alheia que todo homem alimenta em segredo? A miséria de outro não diminui a minha. Quem é tão generoso a ponto de tomar para si as minhas chagas? E quem, mesmo se quisesse poderia? Teria, talvez, mais coragem para suportá-las; mas, o que é a coragem privada do ímpeto? Não é vil o homem que se deixa arrastar pelo fluir arrebatador de uma multidão, mas sim aquele que tendo forças para se salvar não as usa. Ora, e quem seria sábio bastante para avaliar as nossas forças íntimas? Quem pode determinar regras que orientem os efeitos das paixões nos vários temperamentos dos homens segundo as incalculáveis circunstâncias: Este é vil, porque se submete? aquele, herói, porque suporta? Por ser tão imperioso o amor pela vida, mais terá lutado o primeiro para não ceder, do que o segundo para suportar.

E as dívidas que tens para com a Sociedade?²³⁹ – Dívidas? Talvez porque me tenha tirado do seio livre da Natureza, quando eu, privado da razão, do arbítrio para consentir, da força para me opor, tenha me educado entre as suas necessidades e os seus preconceitos? – Lorenzo, perdoa se insisto demais nesse assunto tão discutido entre nós. Não quero que mudes tua opinião, tão contrária à minha; quero sim dissipar as minhas dúvidas. Estarias convencido como eu, se sentisse os meus tormentos! Que deles te poupem os Céus! – Contraí eu estas dívidas espontaneamente? Deverei pagar com a vida, como um escravo, os males que a Sociedade me causa, apenas porque os chama de benefícios? Que sejam benefícios: deles desfrutarei e os retribuirei enquanto viver; e se no sepulcro de nada sirvo para a Sociedade, de que me serve ela no sepulcro? Oh, meu amigo, todo indivíduo é naturalmente hostil à Sociedade, pois ela é necessariamente

²³⁹ Passagem que lembra o romance *Nova Heloísa* (Parte III, carta 21). E. Botasso, in U. Foscolo, 1948, p. 394.

hostil aos indivíduos²⁴⁰. Suponhas que todos os mortais quisessem deixar a vida, acreditas tu que a manteriam apenas para mim? Se eu cometer uma ação deletéria para a maioria, serei punido; mas nunca me vingarei das ações deles, ainda que me causem elas grande dano. Podem muito bem pretender que eu seja filho da grande família; mas eu, renunciando aos bens e aos deveres comuns, posso dizer: “Eu sou um mundo em mim mesmo²⁴¹, e pretendo emancipar-me, porque me falta a felicidade que me prometeram. Pois se eu, dividindo-me, não encontro a minha porção de liberdade; se os homens ma usurparam porque são mais fortes; se me punem porque a reivindico – não os desobrigo eu de suas mentirosas promessas e de minhas impotentes querelas, procurando refúgio debaixo da terra? Ah! aqueles filósofos²⁴² que evangelizaram as virtudes humanas, a probidade natural, a recíproca benevolência – são, sem o saber, apóstolos dos astutos, sedutores das poucas almas ingênuas e fervorosas, que, por amar sinceramente os homens pelo ardor de serem amadas de volta, serão sempre vítimas, tardiamente arrependidas de sua leal credulidade.

Contudo, quantas vezes todos esses argumentos da razão encontraram fechada a porta do meu coração, porque eu, todavia, esperava consagrar os meus tormentos à felicidade alheia! Mas – em nome de Deus, escuta e me responde –, para que vivo? Que serventia tenho para ti, eu, fugitivo entre estas fragas cavernosas²⁴³? Que honra dar a mim mesmo, à minha pátria, aos meus entes queridos? Haverá diferença entre este refúgio e a tumba? A morte seria, para mim, o termo dos meus tormentos, e para vós, o término das vossas ansiedades acerca do meu estado. Em vez de tantos e tão constantes

²⁴⁰ Sentença que resume a concepção negativa de sociedade de Thomas Hobbes. Nesta carta transparece que “mais hobbesiana do que viquiana é a concepção que Foscolo tem da vida social e política, não vendo nela senão o resultado de um instinto natural de conservação dos indivíduos, ou melhor, do instinto de usurpação, já que para ele cada indivíduo é naturalmente usurpador e obrigado, para conservar a si mesmo, a usurpar os outros”. M. Fubini, 1931, p. 89.

²⁴¹ Referência ao *Fragmento 16* de Novalis (1772-1801): “O universo não está dentro de nós? Não conhecemos as profundidades de nosso espírito. Os caminhos do mistério apontam para dentro. Em nós, e em nenhum outro lugar, encontra-se a eternidade com seus mundos, o passado e o futuro.” *Apud* A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, p. 185.

²⁴² Crítica a Rousseau: a Natureza e o homem não são tão bons como Rousseau havia demonstrado. Cf. P. Mattei, “Introduzione”. In: Foscolo, 1993, p. 186.

²⁴³ Cf. o soneto “Sobre estas duras cavernosas fragas”, de Bocage. Substituiu-se aqui o termo *montagne*, “montanhas” mais comum, por “fragas” (penhascos), mais rebuscado, porque o vocabulário de toda a carta assemelha-se ao usado por Bocage nesse soneto: “cavernosas”, “furo”, “paixões”, “fervor”, etc. Além disso, o soneto contrapõe a razão à paixão, o que está de acordo com que vem dito pouco antes na carta. Bocage, *Obras*, 1968, p. 212.

afãs, eu lhes daria apenas uma dor – terrível, mas última: e vós estaríeis certos da minha paz eterna. Os males não resgatam compram a vida.

Todos os dias penso no dispêndio que há meses causo a minha mãe; nem sei como ela pode tanto. Se eu voltasse, encontraria nossa casa desprovida do seu esplendor. Muito antes que eu partisse, já começava a declinar devido às extorsões públicas e privadas, que nunca deixaram de nos afligir. Nem assim essa mãe bondosa cessa seus cuidados: encontrei mais dinheiro em Milão; mas essa afetuosa generosidade certamente há de reduzir o conforto no qual ela nasceu. Por infelicidade foi uma esposa desaventurada! Seus bens sustentam uma casa arruinada pela prodigalidade de meu pai²⁴⁴; e a idade dela torna esses pensamentos ainda mais amargos. – Se ela soubesse! Tudo é vão para seu desventurado filho. Se ela enxergasse dentro de mim – se visse as trevas e a consumição de minh'alma! Oh! Não lhe diga estas coisas, Lorenzo: mas isso é vida? – Ah sim! eu ainda vivo; e a única inspiração²⁴⁵ para os meus dias é uma surda esperança que os reanima sempre, e à qual ainda assim procuro não ouvir: não posso, e se tento enganar-me dela, ela se converte num desespero dos infernos. Teu juramento, Teresa, logo decretará a minha sentença, mas, enquanto estiveres livre – e nosso amor estiver à mercê das circunstâncias, do incerto porvir e da morte – tu serás sempre minha. Eu te falo, te olho e te abraço: e me parece que, assim de longe, tens a sensação dos meus beijos e das minhas lágrimas. Mas, quando fores imolada por teu pai em sacrifício de reconciliação no altar de Deus, quando teu pranto tiver devolvido a paz a tua família, então, não eu, mas apenas o desespero, e sozinho, aniquilará o homem e suas paixões. Mas, enquanto vivo, como poderia extinguir-se o meu amor? Como não te poderiam seduzir sempre no teu íntimo as doces promessas desse mesmo amor? Mas, se for assim, não mais serão elas sagradas e inocentes. Já não amarei, quando de outro, a mulher que foi minha – amo Teresa imensamente; mas não a mulher de Odoardo. Ai de mim! Enquanto escrevo talvez tu estejas no leito dele! – Lorenzo! Eis aquele demônio que me persegue²⁴⁶; volta a oprimir-me, a pressionar-me, a acossar-me; cega-me o

²⁴⁴ Única alusão, em todo o romance, ao pai de Jacopo que, assim como o pai de Foscolo, tinha morrido.

²⁴⁵ “*Spirito*” no sentido de inspiração. Cf. Foscolo, *Dei sepolcri*, v. 10-11: “né più nel cor mi parlerà lo spiro / delle vergini Muse e dell’amore.” A citação e a aceção estão no *Dizionario Garzanti*.

²⁴⁶ Alusão a V. Alfieri, *Saul*, V, III, *apud* E. Botasso, in Foscolo, 1948, p. 396. “Ombra adirata, e tremenda, deh! cessa: lasciami, deh!... Vedi: a' tuoi piè mi prostro... Ahi! dove fuggo?...-ove mi ascondo? [...]Da chi fuggir? niun ti persegue...” (“Sombra furiosa, e terrível, ah! para, deixa-me, ah!... Vede, a teus pés me prostro... Ai! aonde fujo? onde me escondo? [...] De quem fugir? ninguém te persegue...”)

intelecto, e detém até mesmo as batidas do meu peito; torna-me feroz, e quer que o mundo se acabe comigo. – Chorai todos vós²⁴⁷! e por que me põe nas mãos um punhal? por que me conduz, e me olha para ver se o sigo, e me aponta onde devo ferir? És tu um instrumento da altíssima vingança celestial? – Assim, no meu furor e nas minhas superstições, eu me prostro sobre o pó a suplicar terrivelmente a um Deus que não conheço, que outras vezes adorei candidamente, que nunca ofendi, do qual duvido sempre – e depois tremo, e o adoro. Onde procurar ajuda? Não em mim, nem nos homens: esta Terra ensangüentei²⁴⁸, e o Sol enegreceu-se²⁴⁹.

Enfim, aqui estou em paz! – Paz? Cansaço, sopor de sepultura. Vaguei por estas montanhas. Não há árvore, nem cabana, nem erva. Apenas ramos; ásperos e lívidos penedos; e aqui e ali muitas cruzeiras a marcarem o local onde viajantes foram mortos. Lá embaixo está a Roja, uma torrente que quando os gelos derretem, precipita-se das entranhas dos Alpes e por um bom trecho, separa em duas esta imensa montanha. Junto à marina, há uma ponte que torna a unir o caminho. Parei nessa ponte, e aventurei os olhos até onde podia alcançar a vista: e percorrendo duas barreiras de altíssimos penhascos e de precipícios cavernosos, mal se podia vislumbrar, colocados no alto dos Alpes, outros Alpes nevados, que mergulhavam no Céu; e tudo alveja e tudo se confunde. Desses penhascos perfilados, a tramontana²⁵⁰ desce por passeios sinuosos, e por aquelas fauces invade o Mediterrâneo. Aqui a Natureza senta-se, solitária e aterradora²⁵¹, e rechaça deste seu reino todos os seres vivos²⁵².

²⁴⁷ *Idem, Saul*, II, II: “Piangete tutti.”

²⁴⁸ Provável alusão ao episódio narrado na carta de 14 de março de 1799, em que Ortis atropela e mata um homem na estrada. Foscolo, 1992, p. 155. O delírio de Jacopo lembra motivos e expressões do *Saul* de Alfieri.

²⁴⁹ Endecassílabos no original, reproduzidos em versos decassilábicos em português: “ensangüentei, e o Sol enegreceu-se”.

²⁵⁰ Vento frio e seco que sopra do norte.

²⁵¹ Há, no original, um endecassílabo aqui: “*siede qui... minacciosa*”; traduziu-se por “Senta-se... aterradora”.

²⁵² Essa passagem lembra *Viagem sentimental* (cap. LXIX): “O Natura! qui tu sembri adirata: e qui nondimeno tu sei propizia alla povertà creata anch’essa da te...” (O Natureza! aqui tu pareces aterradora: e aqui todavia estás propícia à pobreza criada, também ela, por ti...) *Apud* E. Botasso, in Foscolo, 1948, p. 398.

Os teus confins, ó Itália, são esses! Mas sempre cruzados, por todos os lados, pela obstinada avidez das nações. Onde estão teus filhos?²⁵³ Nada te falta senão a força da concórdia. Eu consumiria gloriosamente por ti a minha vida infeliz: mas o que podem fazer meu único braço e minha simples voz? Onde se encontra o antigo terror da tua glória? Míseros! Nós vamos todos os dias recordando a liberdade e a glória de nossos ancestrais, as quais, quanto mais resplandecem, mais ressaltam a nossa abjeta escravidão. Enquanto invocamos essas sombras magnânimas, nossos inimigos lhes pisoteiam os sepulcros. Quem sabe não chegará o dia em que perderemos o cabedal, o intelecto e a voz²⁵⁴, e seremos feitos como os escravos domésticos dos antigos, ou vendidos como míseros negros, e veremos nossos donos abrirem os túmulos, desenterrar, e espalhar ao vento as cinzas daqueles Grandes²⁵⁵ homens, para aniquilar suas nuas memórias? Hoje, os nossos faustos são para nós motivo de soberba, mas não nos incitam a deixar essa longa letargia.

Assim eu grito quando sinto que o meu peito se enche de orgulho ao nome italiano; mas, ao olhar em volta, procuro mas não encontro mais a minha pátria. Então, eu digo: parece que os homens são os artífices das próprias desgraças²⁵⁶; mas as desgraças derivam da ordem universal, e o gênero humano, em seu orgulho e em sua cegueira, é servil ao destino. Discutimos os eventos de poucos séculos: que são eles no imenso espaço do tempo? Assim como as estações de nossa vida normal, às vezes, parecem carregadas de acontecimentos extraordinários, os quais também são efeitos, comuns e necessários, do todo. O universo se equilibra. As nações se devoram porque uma não poderia subsistir sem os cadáveres da outra. Eu, olhando a Itália destes Alpes²⁵⁷, choro e tremo, e invoco vingança contra os invasores. Mas, a minha voz se perde no gemido ainda presente de tantos povos do passado. Povos de um tempo em que os romanos pilhavam o mundo, e buscaram além dos mares e dos desertos novos impérios para devastar, profanando os Deuses dos vencidos, acorrentando príncipes e

²⁵³ Leopardi retomará essa expressão no *All'Italia*, 41. e no *Zibaldone*: “Para uma ode lamentável sobre a Itália pode servir aquele pensamento de Foscolo no *Ortis*...” Cf. E. Botasso, in Foscolo, 1948, p. 398.

²⁵⁴ Este trecho lembra os versos 184-5 de *Dei Sepolcri*. Cf. A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, p. 189.

²⁵⁵ Um dos temas centrais dos *Sepolcri* é o valor que os sepulcros dos grandes homens infunde nos vivos.

²⁵⁶ Adaptação do aforisma latino “Faber est suae quisque fortunae” (“Cada um é artífice da própria sorte”), atribuído a Apio Claudio Cieco. http://it.wikipedia.org/wiki/Faber_est_suae_quisque_fortunae

²⁵⁷ Os Alpes marítimos.

povos livres, até que, não encontrando mais sangue em que banhar seus ferros, voltaram-nos contra as próprias vísceras²⁵⁸. Assim os israelitas trucidaram os pacíficos habitantes de Canã²⁵⁹, e os babilônios arrastaram para a escravidão os sacerdotes, as mães e os filhos do povo de Judá²⁶⁰. Assim Alexandre derrubou o império da Babilônia²⁶¹, e, depois de passar e reduzir a terra a cinzas, lamentava-se de que não houvesse outro universo. Assim os espartanos, por três vezes, devastaram Micenas²⁶², e por três vezes expulsaram da Grécia os micênios, que no entanto eram gregos, adoravam os mesmos deuses e descendiam dos mesmos ancestrais. Assim dilaceravam-se os antigos italianos, até serem devorados pela sorte de Roma. Mas, em pouquíssimos séculos, a rainha do mundo tornou-se presa dos césaes, dos neros, dos constantinos, dos vândalos e dos papas. Oh, quanta fumaça de labareda humana estorvou o Céu da América!²⁶³ Oh, quanto sangue de inumeráveis povos, que nem temor nem inveja causavam aos europeus, foi pelo oceano levado a contaminar de infâmia as nossas praias! Mas esse sangue será um dia vingado e se derramará sobre os filhos dos europeus! Todas as nações têm a sua idade. As tiranias de hoje fermentam a própria escravidão de amanhã: e aquele que pagava ainda há pouco, o tributo vil, um dia, com ferro e fogo, o cobrará. A Terra é uma floresta de bestas²⁶⁴. A fome, os dilúvios e a peste são providências da Natureza, como a esterilidade de um campo que prepara a abundância para o ano que virá. E, quem sabe se as desgraças deste mundo não preparam a prosperidade de um outro?

Entretanto, chamamos pomposamente de virtude todas as ações que favorecem a segurança de quem comanda e ao medo de quem serve. Os governos impõem justiça, mas poderiam eles impô-la se para reinar não a tivessem antes transgredido? Quem

²⁵⁸ Alusão às guerras civis romanas do século I a. C. A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, p. 190.

²⁵⁹ Os hebreus, ao voltarem do Egito, invadem o território filistino e exterminam os cananeus, povo semita que habitava a região. O episódio é narrado no Livro de Josué.

²⁶⁰ Em 586 a. C., Nabucodonosor destruiu Jerusalém, capital do reino de Judá, e deportou os hebreus para a Babilônia.

²⁶¹ Alexandre Magno derrota os persas, que haviam submetido os babilônios, no ano 332 a. C.

²⁶² Durante as guerras do século VIII, finais do século VII, e no ano de 464 a. C.

²⁶³ Alusão às matanças cometidas pelos conquistadores espanhóis e portugueses.

²⁶⁴ Vemos aqui o reflexo da influência da filosofia de Hobbes: “Homo homini lupus” (“O homem é o lobo do homem”).

roubou por ambição províncias inteiras, manda solenemente para a força quem por fome furtou o pão. Assim, quando uma força transgride todos os direitos alheios, para mantê-los em seguida para si mesma – enganará os mortais com as aparências do justo, até o dia em que outra força a destruir. Esse é o mundo; esses são os homens. A cada hora, surgem mortais mais audaciosos; antes, ridicularizados como loucos, eram amiúde decapitados como malfeitores; depois, se favorecidos pela sorte – que acreditam ser sua, mas que nada mais é que o movimento prepotente das coisas –, são obedecidos e temidos; e depois de mortos, deificados. Esta é a raça dos heróis, dos cabecilhas²⁶⁵ e dos fundadores das nações, os quais, munidos do orgulho pessoal e da estupidez da plebe, acreditam que chegaram tão alto por valor próprio, mas não passam de engrenagens cegas de relógio. Quando uma revolução em qualquer parte do globo amadurece, há necessariamente os que a iniciam, e que fazem dos próprios crânios banquetas para o trono dos que a completam. E porque a estirpe humana não encontra nem felicidade nem justiça sobre a terra, cria os Deuses protetores da fraqueza e procura recompensas futuras para as lágrimas do presente²⁶⁶. Mas os Deuses vestiram-se em todos os séculos com as armas dos conquistadores: e oprimem as pessoas com as paixões, os furores, e as astúcias de quem quer reinar.

Lorenzo, sabes onde ainda vive a verdadeira virtude? Em nós, poucos, fracos e desventurados; em nós, que depois de termos experimentado todos os erros, e sentido todas as adversidades da vida, sabemos nos compadecer deles e socorrê-los. Tu, ó Compaixão²⁶⁷, és a única virtude! Todas as outras são virtudes usurárias.

Mas, ao contemplar do alto os desvarios e os fatais infortúnios da humanidade, não sinto porventura todas as paixões e a fraqueza e o pranto, os únicos elementos do homem? Não suspiro a cada dia a minha pátria? Não digo a mim mesmo deitando lágrimas: Tens uma mãe e um amigo – tu amas – e espera-te uma turba de miseráveis, à qual és caro, e que talvez se fiem em ti – para onde foges? Também em terras estrangeiras te perseguirão a perfídia dos homens e as dores e a morte; aqui, quem sabe, venhas a cair, e ninguém terá compaixão de ti; e sentes no teu mísero peito o prazer de ser compadecido. Abandonado por todos, não pedes tu ajuda aos Céus? Eles não te

²⁶⁵ Optou-se por traduzir *capisette* (“chefes de seitas ou partidos”) por uma palavra só, como no original.

²⁶⁶ Crítica ao cristianismo; a religião vista também como instrumento de poder.

²⁶⁷ Tema da compaixão, recorrente no romance: a única virtude é o amor pelo próximo, fraco e sofredor; as outras se fundamentam em razões puramente egoístas. A. Valentinetti, in Foscolo, 1993, p. 191.

escutam, e, todavia, nas tuas aflições teu coração se volta involuntariamente para eles; vai, prostra-te, mas diante dos altares domésticos.

Oh, natureza! Porventura tens necessidade de nós, desventurados, e nos consideras como os vermes e os insetos que vemos fervilhar e multiplicar-se sem que saibamos sequer para que vivem? Mas, se dotaste a nós do funesto instinto da vida, para que o mortal não caia sob o peso das próprias enfermidades²⁶⁸ e obedeça cegamente a todas as leis, por que afinal nos dar o dom ainda mais funesto da razão? Tocamos todas as nossas calamidades ignorando sempre o modo de remediá-las.

Por que fujo então? Em que plaga distante hei de me perder? Onde poderei encontrar homens diferentes dos homens? Acaso não pressinto eu os desastres, as enfermidades e a indignação que fora de minha pátria me esperam? – Ah não! Voltarei a vós, ó sagrada terra, a primeira a ouvir meu choro, onde tantas vezes repousei estes meus membros fatigados, onde encontrei na escuridão e na paz os meus poucos diletos, onde na dor confiei o meu pranto. Já que tudo se recobre de tristeza para mim, se nada mais posso ainda esperar além do sono eterno da morte, apenas vós, meus bosques, ouvireis meu último lamento, e vós apenas cobrireis com vossas sombras pacíficas o meu cadáver frio. Chorarão por mim aqueles infelizes, companheiros de minhas desgraças – e se as paixões vivem depois do sepulcro, o meu espírito doloroso será reconfortado pelos suspiros daquela moça celestial que eu acreditava ter nascido para mim, mas que os interesses dos homens e o meu destino feroz me arrancaram do peito.

²⁶⁸ Algumas edições trazem “delle tue infermità” (Foscolo, 1998, p. 127 e a eletrônica), em vez de “delle sue infermità”, como nas demais edições consultadas.

19

A morte do poeta Bertola, de Rímini, parece piorar o estado espiritual de Jacopo. No mesmo dia, em outra carta, ele dá outra notícia fatal: o casamento de Teresa. A idéia do suicídio torna-se, então, decisiva para ele. Jacopo visita o túmulo de Dante em Ravenna, completando assim a visita que vinha fazendo aos túmulos e monumentos dos italianos ilustres: em Arquá havia visitado a casa de Petrarca, e em Florença, a igreja de Santa Croce.

Rimino, 5 Marzo

Tutto mi si dilegua. Io veniva a rivedere ansiosamente il Bertola; da gran tempo io non aveva sue lettere – È morto.

Ore 11 della sera

Lo seppi: Teresa è maritata. Tu taci per non darmi la vera ferita – ma l'infermo geme quando la morte il combatte, non quando lo ha vinto. Meglio così, da che tutto è deciso: ed ora anch'io sono tranquillo, incredibilmente tranquillo. – Addio. Roma mi sta sempre sul cuore.

Dal frammento seguente che ha la data della sera stessa, apparisce che Jacopo decretò in quel dì di morire. Parecchi altri frammenti, raccolti come questo dalle sue carte, paiono gli ultimi pensieri che lo raffermarono nel suo proponimento; e però li andrò frammentando secondo le loro date.

“Veggio la meta: ho già tutto fermo da gran tempo nel cuore – il modo, il luogo – né il giorno è lontano.

Cos'è la vita per me? il tempo mi divorò i momenti felici: io non la conosco se non nel sentimento del dolore: ed or anche l'illusione mi abbandona – medito sul passato; m'affiso su i dì che verranno; e non veggo che nulla. Questi anni che appena giungono a segnare la mia giovinezza, come passarono lenti fra i timori, le speranze, i desideri, gl'inganni, la noja! e s'io cerco la eredità che mi hanno lasciato, non mi trovo che la rimembranza di pochi piaceri che non sono più, e un mare di sciagure che atterrano il mio coraggio, perché me ne fanno paventar di peggiori. Che se nella vita è il dolore, in che più sperare? nel nulla; o in un'altra vita diversa sempre da questa. – Ho dunque deliberato; non odio disperatamente me stesso; non odio i viventi. Cerco da molto tempo la pace; e la ragione mi addita sempre la tomba. Quante volte sommerso nella meditazione delle mie sventure io cominciava a disperare di me! L'idea della morte dileguava la mia tristezza, ed io sorrideva per la speranza di non vivere più. – Sono tranquillo, tranquillo imperturbabilmente. Le illusioni sono svanite; i desiderj son morti: le speranze e i timori mi hanno lasciato libero l'intelletto. Non più mille fantasmi

ora giocondi ora tristi confondono e traviano la mia immaginazione: non più vani argomenti adulano la mia ragione; tutto è calma. – Pentimenti sul passato, noja del presente, e timor del futuro; ecco la vita. La sola morte, a cui è commesso il sacro cangiamento delle cose, promette pace.”

Da Ravenna non mi scrisse; ma da quest'altro squarcio si vede ch'ei vi andò in quella settimana.

“Non temerariamente, ma con animo consigliato e sicuro. Quante tempeste pria che la Morte potesse parlare così pacatamente con me – ed io così pacato con lei!

Sull'urna tua, Padre Dante! Abbracciandola, mi sono prefisso ancor più nel mio consiglio. M'hai tu veduto? m'hai tu forse, Padre, ispirato tanta fortezza di senno e di cuore, mentr'io genuflusso, con la fronte appoggiata a' tuoi marmi, meditava e l'alto animo tuo, e il tuo amore, e l'ingrata tua patria, e l'esilio, e la povertà, e la tua mente divina? e mi sono scompagnato dall'ombra tua più deliberato e più lieto.”

Rímíni, 5 de março

Tudo se dissipa para mim. Vim ansiosamente para cá com o propósito de rever Bertola²⁶⁹; há muito tempo não recebo cartas suas – morreu.

11 horas da noite

Eu soube: Teresa está casada. Tu te calas para não agravar minha ferida – mas o enfermo geme quando a morte o combate, não quando o venceu. Melhor assim, já que tudo está decidido: e eu também agora me sinto tranqüilo, incrivelmente tranqüilo. – Adeus. Roma está sempre no meu coração.

Do fragmento seguinte, que leva a data da mesma noite, deduz-se que Jacopo decretou morrer naquele dia. Muitos outros fragmentos, recolhidos, como este, dos seus papéis, parecem ser os últimos pensamentos que lhe confirmaram seu propósito; porém, vou dispô-los segundo as datas.

“Vejo a meta: tudo está, há muito, resolvido em meu coração²⁷⁰ – o modo, o lugar – nem o dia está distante.

O que é a vida para mim? O tempo devorou-me os momentos felizes: só a conheço no sentimento da dor; agora, a ilusão também me abandona – medito sobre o passado, fixo-me nos dias que virão, e só vejo o nada. Esses anos que acabam de marcar a minha juventude, como passaram lentos entre os temores, as esperanças, os desejos, os enganos, o tédio! E se procuro a herança que me deixaram, nada encontro além da recordação de poucos prazeres que não mais existem, e de uma avalanche²⁷¹ de desgraças que aterram a minha coragem, porque me fazem temer dias piores. Pois se na vida o que existe é dor, em que mais posso ter esperança? No nada? Em uma outra vida

²⁶⁹ “Autor de poesia campestre” [N. F.]. Aurelio de’ Giorgi Bertola (1753-98), ao qual Foscolo dedica a ode *La campagna* em 1794.

²⁷⁰ Alfieri, *Saul*, V, IV: “Io da gran tempo/nel cuor già ho tutto fermo.”

²⁷¹ Usou-se “avalanche” em vez de “mar”, para traduzir “*mare*”, por causa da imagem suscitada pelo termo “aterra” que vem em seguida.

que difere cabalmente desta? – Tomei a decisão. Não odeio desesperadamente a mim mesmo, nem odeio os vivos. Procuro há muito tempo a paz; e a razão me aponta sempre a sepultura. Quantas vezes, submerso na meditação de minhas desventuras eu começava a perder a esperança em mim mesmo! A idéia da morte dissipava a minha tristeza, e eu sorria com a esperança de não viver mais. – Estou tranqüilo, imperturbavelmente tranqüilo. As ilusões desapareceram, os desejos estão mortos: as esperanças e os temores deixaram o meu intelecto livre. Não mais mil fantasmas, ora alegres ora tristes, confundem e desviam minha imaginação: não mais vãos argumentos adulam a minha razão; tudo é calma. – Arrependimentos quanto ao passado, tédio do presente e temor do futuro: eis a vida. Apenas a morte, à qual está entregue a sagrada transformação das coisas, promete paz.”

De Ravena não me escreveu; mas deste outro trecho percebe-se²⁷² que lá estive naquela semana.

“Não temerariamente, mas com ânimo ponderado e seguro. Quantas tempestades antes que a Morte pudesse falar assim pacatamente comigo – e eu assim pacato com ela!

Sobre o teu túmulo, Pai Dante! Abraçando-o, aferrei-me ainda mais à minha determinação. Tu me viste? Porventura foste tu, Pai, a inspirar-me tanta firmeza de juízo e de temperamento, quando eu, de joelhos, com a fronte apoiada nos teus mármore, meditava sobre a tua alma elevada, o teu amor, a ingratidão de tua pátria, o exílio, a miséria, e a tua mente divina? E me afastei de tua sombra mais resoluto e mais satisfeito.”

²⁷² Devido à visita ao túmulo de Dante.

20

Dois fragmentos sobre a morte. No primeiro, ela é encarada como algo natural, inevitável; no segundo, como necessidade, para evitar “o perigo de viver um dia mais”.

Há várias alusões nesses fragmentos: às *Noites* do poeta inglês Edward Young, ao poema *Alla sera*, do próprio Foscolo e ainda ao *Macbeth* de Shakespeare.

Seguono due frammenti scritti forse in quella notte; e pajono gli ultimi.

“Strappiamo la maschera a questa larva che vuole atterrirci. – Ho veduto fanciulli raccapricciare e nascondersi all'aspetto travisato della loro nutrice. O Morte! io ti guardo e t'interrogo – non le cose ma le loro apparenze ci turbano: infiniti uomini che non s'arrischiano di chiamarti, ti affrontano nondimeno intrepidamente! Tu pure sei necessario elemento della Natura – per me oggimai tutto l'orror tuo si dilegua, e mi rassembri simile al sonno della sera, quiete dell'opre.

Ecco le spalle di quella sterile rupe che frodano le sottoposte valli del raggio fecondatore dell'anno. – A che mi sto? Se devo cooperare all'altrui felicità, io invece la turbo: s'io devo consumare la parte di calamità assegnata ad ogni uomo, io già in ventiquattro anni ho vuotato il calice che avria potuto bastarmi per una lunghissima vita. E la speranza? – Che monta? conosco io forse l'avvenire per fidargli i miei giorni? Ahi che appunto questa fatale ignoranza accarezza le nostre passioni, ed alimenta l'umana infelicità.

Il tempo vola; e col tempo ho perduto nel dolore quella parte di vita che due mesi addietro lusingavasi di conforto. Questa piaga invecchiata è ormai divenuta natura: io la sento nel mio cuore, nel mio cervello, in tutto me stesso; gronda sangue, e sospira come se fosse aperta di fresco. – Or basta, Teresa, basta: non ti par di vedere in me un infermo strascinato a lenti passi alla tomba fra la disperazione e i tormenti, e non sa prevenire con un sol colpo gli strazj del suo destino inevitabile?”

“Tento la punta di questo pugnale: io lo stringo, e sorrido: qui; in mezzo a questo cuor palpitante – e sarà tutto compiuto. Ma questo ferro mi sta sempre davanti! – chi chi osa amarti, o Teresa? Chi osò rapirti? – Fuggimi dunque; non mi ti accostare, Odoardo! –

O! mi vado strofinando le mani per lavare la macchia del tuo sangue – le fiuto come se fumassero di delitto. Frattanto eccole immacolate, e in tempo di togliermi in un tratto dal pericolo di vivere un giorno di più – un giorno solo; un momento – sciagurato! sarei vissuto troppo.”

Seguem dois fragmentos, escritos talvez naquela noite²⁷³, e que parecem ser os últimos.

“Arranquemos a máscara deste espectro²⁷⁴ que quer nos aterrorizar²⁷⁵. – Vi meninos horrorizados se esconderem do aspecto deformado de sua ama-de-leite. Oh Morte! olho-te e interrogo – não são as coisas, mas as aparências que nos perturbam: inumeráveis homens, que não se arriscam em chamar-te, enfrentam-te, apesar de tudo, intrepidamente! Tu também és um elemento necessário da Natureza – para mim, enfim, todo o teu horror se dissipa, e me pareces igual ao sono da noite²⁷⁶, ao descanso depois do trabalho.

Eis o dorso daquele rochedo estéril, ocultando os vales sobestantes do raio fecundante do ano. – Que espero? Se devo cooperar com a felicidade alheia, eu, ao contrário, a perturbo: se devo consumir a parte de calamidade destinada a cada homem, eu, com 24 anos, já esvaziei o cálice que poderia ter-me bastado por uma longa vida. E a esperança? – De que adianta? Conheço, talvez, o porvir para confiar-lhe os meus dias? Ai, é precisamente essa ignorância fatal o que afaga as nossas paixões, e alimenta a infelicidade humana.

O tempo voa, e com o tempo eu perdi na dor aquela parte da vida que dois meses atrás se iludia pelo consolo. Esta chaga envelhecida tornou-se, enfim, natureza: eu a sinto no coração, no cérebro, em todo o meu ser; goteja sangue, e geme como se estivesse aberta há pouco. – Agora basta, Teresa, basta: não te pareço um enfermo que se arrasta a passos lentos para a tumba, entre o desespero e os tormentos, e que não consegue evitar com um só golpe, as agonias de seu destino inevitável?”

²⁷³ Refere-se ao dia 19 de março.

²⁷⁴ “*Larva*”, no original. Cf. nota 205.

²⁷⁵ Referência às *Noites*, de Young: “L’uomo, che è formato di coraggio, strappa alla calamità quella maschera spaventevole, con cui essa ci atterrisce.” (Tradução de Francesco Alberti.) [“O homem, que é formado de coragem, arranca à calamidade aquela máscara assustadora, com a qual nos aterroriza.”]. A. Valentinetti, in U. Foscolo, 1993, p. 205.

²⁷⁶ “Forse perché della fatal quiete / Tu sei l’immagine a me sì cara vieni / O sera!” [“Talvez porque da fatal quietude / Tu sejas a imagem que a mim tão cara vem. / Ó noite!”] Soneto de Foscolo, *Alla Sera*, 1-3.

“Toco a ponta deste punhal: e o aperto, e sorrio: aqui, no meio deste coração palpitante – e tudo estará acabado. Este ferro está sempre diante de mim! – quem ousa amar-te, ó Teresa? Quem te ousou raptar? – Afasta-te de mim, não te aproximes, Odoardo!

Oh! Esfrego as mãos para lavar a mancha do teu sangue – sinto como se cheirassem a crime.²⁷⁷ Entretanto, estão ainda imaculadas, e prontas para afastar de vez de mim o perigo de viver um dia mais. Um dia apenas! Um momento! Desventurado! Teria vivido demais.”

²⁷⁷ Referência a *Lady Macbeth*, que procurava lavar a mancha de sangue dos crimes que ordenara: “Aqui, sempre uma mancha de sangue. [...] Como! Estas mãos nunca ficarão limpas? [...] Há aqui sempre um cheiro de sangue.” W. Shakespeare, *Macbeth*, in *Shakespeare – Tragédias*, Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 179-80.

21

Na próxima passagem, continuação da carta do dia 20 de março, Lorenzo narra a ida de Jacopo a Veneza, e o seu encontro. Trata da visita que Jacopo fez à mãe, e de outras que fez como forma de despedida.

Nota-se, como aponta Bonino²⁷⁸, a intensidade expressiva nas palavras e nos gestos de Jacopo: “*Jacopo apertou-lhe a mão e a olhava como se quisesse contar-lhe um segredo [...]. Ao chegar ao final da rua, voltou-se, acenou para nós, e nos olhou com tristeza.*”

Há referências nessas passagens à primeira parte do romance, como se o autor quisesse unir duas partes da vida da personagem: os momentos de esperança do começo do livro com o desespero do final.

²⁷⁸ In U. Foscolo, 1986, p. 183.

A mezzanotte suonata si partì per le poste da' colli Euganei: e arrivato su la marina alle 8 del giorno, si fe' traghettare da una gondola a Venezia sino alla sua casa. Quand'io vi giunsi lo trovai addormentato sopra un sofà e di un sonno tranquillo. Come fu desto, mi pregò perché io spicciassi alcune sue faccende, e saldassi un suo debito a certo librajo. Non posso, mi diss'egli, trattenermi qui che tutt'oggi.

Benché fossero quasi due anni ch'io nol vedeva, la sua fisionomia non mi parve tanto alterata quant'io m'aspettava; ma poi m'accorsi che andava lento e come strascinandosi; la sua voce, un tempo pronta e maschia, usciva a fatica e dal petto profondo. Sforzavasi nondimeno di discorrere; e rispondendo a sua madre intorno al suo viaggio, sorridea spesso di un mesto sorriso tutto suo: ma avea un'aria circospetta, insolita in lui. Avendogli io detto che certi suoi amici sarebbero venuti quel dì a salutarlo, rispose, che non vorrebbe rivedere anima nata; anzi scese egli stesso ad avvertire alla porta perché si dicesse ch'ei non accoglierebbe visite. E risalendo mi disse; Spesso ho pensato di non dare né a te né a mia madre tanto dolore; ma io avevo pur obbligo e anche bisogno di rivedervi – e questo, credimi, è l'esperimento più forte del mio coraggio.

Poche ore prima di sera, si alzò, come per partire; ma non gli sofferiva il cuore di dirlo. Sua madre gli si approssimò, e mentr'ei rizzandosi dalla seggiola andavale incontro con le braccia aperte, essa con volto rassegnato gli disse: Hai dunque risoluto, mio caro figliuolo?

Sì, sì; le rispose abbracciandola e frenando a stento le lagrime.

Chi sa se potrò più rivederti? io sono oramai vecchia e stanca. –

Ci rivedremo, forse – mia cara madre, consolatevi, ci rivedremo – per non lasciarci mai più; ma adesso: – ne può far fede Lorenzo.

Ella si volse impaurita verso di me, ed io, Pur troppo! le dissi. E le narrai come le persecuzioni tornavano a incrudelire per la guerra imminente; e che il pericolo sovrastava a me pure, massime dopo quelle lettere che ci furono intercette: (e non erano falsi sospetti; perché dopo pochi mesi fui costretto ad abbandonare la patria mia). Ed essa allora esclamò: Vivi mio figliuolo, benché lontano da me. Dopo la morte di tuo padre non ho più avuto un'ora di bene; sperava di consolare teco la mia vecchiezza! – ma sia fatta la volontà del Signore. Vivi! io scelgo di piangere senza di te, piuttosto che vederti – imprigionato – morto. I singhiozzi le soffocavano la parola.

Jacopo strinse la mano e la guardava come se volesse affidarle un secreto; ma ben tosto si ricompose, e le chiese la sua benedizione.

Ed ella alzando le palme: Ti benedico – Ti benedico; e piaccia anche a Dio Onnipotente di benedirti.

Avvicinatisi alla scala s'abbracciarono. Quella donna sconsolata appoggiò la testa sul petto del suo figliuolo.

Scesero, ed io con loro; la madre come giunsero all'uscio di casa, e vide l'aria aperta, sollevò gli occhi, e li tenne fissi al cielo per due o tre minuti, e pareva che pregasse mentalmente con tutto il fervore dell'anima sua; e che quell'atto le avesse ridato la prima rassegnazione. E senza versare più lagrime, benedisse di nuovo con voce sicura il figliuolo; ed ei le ribaciò la mano, e la baciò in volto.

Io stava piangente: dopo avermi abbracciato, mi promise di scrivermi, e mosse il passo, dicendomi: Presso alla madre mia ti sovverrai santamente della nostra amicizia. E rivoltosi alla madre, la guardò un pezzo senza far motto; e partì. Giunto in fondo alla strada, si rivolse, e ci salutò con la mano e ci mirò mestamente, come se volesse dirci che quello era l'ultimo sguardo.

La povera madre ristette su la porta quasi sperando ch'ei tornasse a risalutarla. Ma togliendo gli occhi lagrimosi dal luogo ond'ei se l'era dileguato, s'appoggiò al mio braccio e risaliva dicendomi: Caro Lorenzo, mi dice il cuore che non lo rivedremo mai più.

Un vecchio sacerdote di assidua familiarità nella casa dell'Ortis, e che gli era stato maestro di greco, venne quella sera e ci narrò, come Jacopo era andato alla chiesa dove Lauretta fu sotterrata. Trovatola chiusa, voleva farsi aprire a ogni patto dal campanaro; e regalò un fanciullo del vicinato perché andasse a cercare del sagrestano che aveva le chiavi. S'assise, aspettando, sopra un sasso nel cortile. Poi si levò e s'appoggiò con la testa su la porta della chiesa. Era quasi sera; quando accorgendosi di gente nel cortile, senza più aspettare, si dileguò. Il vecchio sacerdote aveva risaputo queste cose dal campanaro. Seppi alcuni giorni dopo, che Jacopo sul fare della notte era andato a visitare la madre di Lauretta. Era, mi diss'ella, assai tristo; non mi parlò mai della mia povera figliuola, né io l'ho nominata mai per non accorarlo di più: scendendo le scale, mi disse: Andate, quando potrete, a consolare mia madre.

*E intanto la madre di lui fu in quella sera atterrita di più fiero presentimento. Io nell'autunno scorso, trovandomi a' colli Euganei, aveva letto in casa del signore T*** parte d'una lettera nella quale Jacopo tornava con tutti i pensieri alla sua solitudine paterna. E allora Teresa rappresentò a chiaroscuro la prospettiva del laghetto de' cinque fonti, e accennò sul pendio d'un poggetto l'amico suo che sdrajato su l'erba*

contempla il tramontare del Sole. Richiese d'alcun verso per iscrizione il padre suo, e le fu da lui suggerito questo di Dante:

Libertà va cercando ch'è sì cara

Mandò poscia in dono il quadretto alla madre di Jacopo, raccomandandosi che non gli dicesse mai donde veniva; infatti egli non l'avea mai risaputo: ma quel giorno ch'ei fu in Venezia s'accorse del quadretto appeso, e di chi lo aveva fatto; non ne fe' motto: bensì rimastosi nella camera tutto solo, smosse il cristallo, e sotto al verso:

Libertà va cercando ch'è sì cara

scrisse l'altro che gli vien dietro:

Come sa chi per lei vita rifiuta.

E fra il cristallo e la scannellatura di dentro della cornice trovò una lunga treccia di capelli che Teresa, alcuni giorni prima delle sue nozze, s'era tagliati senza che veruno il sapesse, e ripostili nella cornice in guisa che non trasparissero ad occhio vivente. L'Ortis a que' capelli congiunse, quando li vide, una ciocca de' suoi e gli annodò insieme col nastro nero che portava attaccato all'oriuolo; e rimise il quadretto a suo posto. Poche ore dopo, la madre sua vide il verso aggiunto, s'avvide anche della treccia, e della ciocca e del nodo nero ch'ei forse disavvedutamente o per fretta non aveva potuto rimpiazzare che non paresse. Il dì seguente me ne parlò; ed io vidi come questo accidente le aveva prostrato il coraggio con che dianzi essa avea sostenuta la partenza del suo figliuolo.

*Onde per acquetarla mi deliberai di accompagnarlo sino ad Ancona; e promisi che le scriverei giornalmente. Esso frattanto tornavasi a Padova, e smontò in casa del professore C***, dove riposò il resto della notte. La mattina accomiatandosi, gli furono dal professore esibite lettere per alcuni gentiluomini delle isole già Venete i quali nel tempo addietro gli erano stati discepoli. Jacopo né le accettò, né le rifiutò. Tornò a piedi a' colli Euganei, e ricominciò a scrivere.*

Pouco depois de meia-noite, partiu com a posta das colinas Eugêneas. Chegou às oito da manhã à marina de Veneza, e fez com que o levassem de gôndola até a sua casa. Quando ali cheguei, vi-o dormindo em um sofá, um sono tranqüilo. Assim que despertou, pediu-me para que resolvesse alguns assuntos para ele, e que saldasse uma dívida sua com um livreiro.

— Só posso me demorar aqui hoje, disse-me ele.

Embora não o visse havia quase dois anos, sua aparência não me pareceu tão alterada quanto eu imaginava; mas, depois, percebi que se movia lentamente, como se arrastando; sua voz, outrora viva e viril, custava a sair, e do fundo do peito. Esforçava-se, contudo, para falar, e ao contar para sua mãe sobre a viagem, sorria sempre um sorriso triste que era todo seu: mas ele tinha um ar circunspecto, insólito nele. Quando lhe disse que certos amigos seus viriam cumprimentá-lo naquele dia, respondeu que não queria rever viv'alma; e mais, ele mesmo desceu para advertir os criados à porta que dissessem que ele não receberia visitas. E ao subir de volta, disse-me:

— Sempre cuidei em não causar, nem a ti, nem à minha mãe, tanta dor; mas ainda tinha obrigação e também necessidade de rever-vos – e isso, crê, é a prova mais valorosa da minha coragem.

Poucas horas antes do anoitecer, levantou-se, como se fosse partir, mas o coração não lhe permitiu dizê-lo. Sua mãe se aproximou, e enquanto ele se levantava da cadeira e ia-lhe ao encontro de braços abertos, ela, com expressão resignada, lhe dizia:

— Decidiste, então, meu filho querido?

— Sim, sim! *respondeu-lhe, abraçando-a e contendo as lágrimas com dificuldade.*

— Quem sabe se ainda te poderei rever? Já estou velha e cansada.

— Talvez nos vejamos de novo para nunca mais nos afastarmos, minha querida mãe. Consola-te, haveremos de nos reencontrar; mas agora... Lorenzo é testemunha.

Ela voltou-se assustada para mim, e eu:

— Infelizmente! *disse-lhe.*

E lhe contei como as perseguições voltavam a encrudescer pela guerra iminente; que o perigo pairava também sobre mim, principalmente depois daquelas

*cartas que foram interceptadas*²⁷⁹ (e não eram falsas suspeitas; porque depois de poucos meses fui obrigado a abandonar a minha pátria). E ela então exclamou:

— Vive meu filho, mesmo longe de mim. Depois da morte de teu pai nunca mais tive um momento feliz; esperava que tu consolasses a minha velhice! – Mas seja feita a vontade do Senhor. Vive! Prefiro chorar sem ti, do que te ver prisioneiro ou morto.

Os soluços lhe sufocavam as palavras. Jacopo apertou-lhe a mão e a olhava como se quisesse confiar-lhe um segredo; mas, rapidamente, se recompôs, e lhe pediu a benção.

E ela, levantando as palmas:

— Abençôo-te – abençôo-te; e queira Deus Onipotente abençoar-te também.

Aproximaram-se da escada e se abraçaram. Aquela mulher, desolada, apoiou a cabeça no peito do filho.

Desceram, e eu os segui; a mãe, assim que chegou à porta, já aberta, levantou os olhos, e os manteve fixos no céu por dois ou três minutos. Parecia rogar em silêncio com todo o fervor de sua alma; e que aquele ato lhe tinha devolvido sua primeira resignação. E sem derramar mais lágrimas, abençoou de novo com voz segura o filho; e ele tornou a beijar-lhe a mão, e a beijou no rosto.

Eu estava chorando: depois de me ter abraçado, prometeu-me escrever; pôs-se a andar, dizendo-me:

— Junto a minha mãe, te lembrarás santamente da amizade entre mim e ti.

E voltou-se para ela; olhou-a por muito tempo sem proferir palavra, e partiu. Ao chegar ao final da rua, voltou-se, acenou para nós, e nos olhou com tristeza, como se quisesse dizer-nos que aquele era o último olhar.

A pobre mãe ficou à porta, como a esperar que ele voltasse para cumprimentá-la. Mas, desviando os olhos marejados do lugar de onde ele desaparecera, apoiou-se em meu braço e subiu de novo, dizendo-me:

— Caro Lorenzo, diz-me o coração que não o veremos nunca mais.

Um velho sacerdote de assídua familiaridade na casa de Ortis, e que lhe tinha sido professor de grego, veio aquela noite e nos contou que Jacopo tinha ido à igreja onde Lauretta fora enterrada. Encontrando-a fechada, queria de qualquer modo que o sineiro a abrisse; e presenteou um menino da vizinhança para que fosse procurar o

²⁷⁹ Referência à carta de 27 de outubro de 1798.

sacristão que tinha as chaves. Ficou a esperar, sentado em uma pedra, no pátio. Depois se levantou e apoiou a cabeça na porta da igreja. Era quase noite quando, ao perceber gente no pátio, sem esperar mais, desapareceu. O velho sacerdote soube dessas coisas pelo sino. Eu soube, alguns dias depois, que Jacopo, ao anoitecer, tinha ido visitar a mãe de Lauretta.

— Estava, disse-me ela, assaz triste; não falou de minha pobre filha, nem eu falei dela para não amargurá-lo mais; ao descer as escadas, me disse: “Vá, quando puder, consolar a minha mãe.”

*Entretanto, naquela noite, a mãe dele foi aterrorizada pelo mais cruel pressentimento. No outono passado, encontrando-me nas colinas Eugêneas, tinha lido na casa do senhor T*** parte de uma carta²⁸⁰ na qual Jacopo retomava seus pensamentos sobre sua solidão paterna²⁸¹. Então, Teresa representou em claro-escuro a perspectiva do laguinho das cinco fontes, e apontou no declive de uma colinazinha o seu amigo, que deitado sobre o prado contemplava o pôr-do-sol. Pediu ao pai um verso para servir de epígrafe, e ele lhe sugeriu este de Dante:*

Tão cara liberdade vai buscando²⁸²

Mandou, em seguida, o quadrinho de presente para a mãe de Jacopo, recomendando a ela que nunca dissesse ao filho a origem; de fato, ele nunca soube: mas, aquele dia em foi a Veneza percebeu o quadrinho pendurado, e quem o havia feito; não deu sinal, mas ao ficar sozinho no quarto, tirou o cristal, e debaixo do verso

Tão cara liberdade vai buscando

escreveu o outro que o segue:

Quem por ela enjeitou a própria vida²⁸³

²⁸⁰ “Carta de Florença, 7 de setembro, tomo 2, p. 7” [N. F.]

²⁸¹ A expressão “solidão paterna” é duvidosa: “paterna” referir-se-ia à “terra dos pais” e não, propriamente, ao pai de Jacopo; há uma analogia aí com a “solidão antiga” da primeira carta do romance. Cf. A. Valeninetti, in Foscolo, 1993, p. 214.

²⁸² Dante, “Purgatório”, I, 71.

Entre o cristal e a canelura interna da moldura encontrou uma longa trança dos cabelos de Teresa, que ela tinha cortado sem que ninguém soubesse alguns dias antes das suas núpcias, e colocado ali de modo que não transparecesse aos olhos de ninguém. Ortis, quando os viu, uniu àqueles cabelos um cacho dos seus e atou os dois com uma fita²⁸⁴ preta que levava amarrada ao relógio. E colocou o quadrinho de volta. Poucas horas depois, a mãe dele viu o verso acrescentado: percebeu também a trança, o cacho e o nó preto, que ele talvez, por descuido ou pressa, não tinha podido esconder de forma que não aparecesse. Ela mo contou no dia seguinte; e eu percebi como esse incidente lhe havia esmorecido a coragem com que antes suportara a partida do filho.

*Assim, para acalmá-la me prontifiquei a acompanhá-lo até Ancona; e prometi que escreveria a ela todos os dias. Entretanto, ele voltava a Pádua, e chegou à casa do professor C***²⁸⁵, onde repousou pelo resto da noite. Despedindo-se pela manhã, o professor mostrou-lhe cartas para alguns cavalheiros das antigas ilhas Vênetas, que tempos atrás tinham sido seus discípulos. Jacopo nem as aceitou, nem as rejeitou. Voltou a pé para as Colinas Eugêneas, e recomeçou a escrever.*

²⁸³ Dante, “Purgatório”, I, 72. Esse verso e o anterior formavam a epígrafe da edição de 1816 das *Ultime lettere*.

²⁸⁴ Alusão ao Werther: o protagonista morre tendo ao bolso uma fita que Carlota lhe havia dado.

²⁸⁵ Referência a Melchiorre Cesarotti (1730-1808), professor na Universidade de Pádua e tradutor: havia sido professor de Foscolo.

22

Nos instantes finais da narração de Lorenzo, Jacopo lhe faz os últimos pedidos. Em seguida, lemos a terceira e última parte da carta que Jacopo escreve a Teresa, na qual recorda os momentos e os lugares onde estiveram juntos.

No final, a cena do suicídio é descrita por meio do testemunho do criado Michele, do pai de Teresa e do próprio Lorenzo. Essa descrição e todas as atitudes de Jacopo, bem como a roupa por ele usada e o lugar em que deseja ser enterrado, assemelham-se a um ritual, como se fosse uma pintura da época²⁸⁶ [FIGURA 6].

²⁸⁶ Cf. nota 296.

Allora sotto la lettera che la mattina avea apparecchiata per me, aggiunse questo proscritto:

Poiché non ho potuto risparmiarti il cordoglio di prestarmi gli ufficj supremi - e già m'era, prima che tu venissi, risolto di scriverne al parroco - aggiungi anche questa ultima pietà ai tanti tuoi beneficj. Fa ch'io sia sepolto, così come sarò trovato, in un sito abbandonato, di notte senza esequie, senza lapide, sotto i pini del colle che guarda la chiesa. Il ritratto di Teresa sia sotterrato col mio cadavere.

25 Marzo, 1799

L'amico tuo,
JACOPO ORTIS

Uscì nuovamente: e trovandosi alle ore 11 appiè di un monte due miglia discosto dalla sua casa, bussò alla porta di un contadino, e lo destò domandandogli dell'acqua, e ne bevve molta.

Ritornato a casa dopo la mezzanotte, uscì tosto di stanza, e porse al ragazzo una lettera sigillata per me, raccomandandogli di consegnarla a me solo. E stringendogli la mano: Addio Michele! amami; e lo mirava affettuosamente - poi lasciòlo a un tratto, rientrò, serrandosi dietro la porta. Continuò la lettera per Teresa.

Ore 1

Ho visitato le mie montagne, ho visitato il lago de' cinque fonti, ho salutato per sempre le selve, i campi, il cielo. O mie solitudini! o rivo, che mi hai la prima volta insegnato la casa di quella fanciulla celeste! quante volte ho sparpagliato i fiori su le tue acque che passavano sotto le sue finestre! quante volte ho passeggiato con Teresa per le tue sponde, mentr'io inebbriandomi della voluttà di adorarla, vuotava a gran sorsi il calice della morte.

Sacro gelso! ti ho pure adorato; ti ho pure lasciati gli ultimi gemiti, e gli ultimi ringraziamenti. Mi sono prostrato, o mia Teresa, presso a quel tronco; e quell'erba ha dianzi bevute le più dolci lagrime ch'io abbia versato mai; mi pareva ancora calda

dell'orma del tuo corpo divino; mi pareva ancora odorosa. Beata sera! come tu sei stampata nel mio petto! - io stava seduto al tuo fianco, o Teresa, e il raggio della luna penetrando fra i rami illuminava il tuo angelico viso! io vidi scorrere su le tue guance una lagrima; e la ho succhiata, e le nostre labbra, e i nostri respiri, si sono confusi, e l'anima mia si trasfondea nel tuo petto. Era la sera de' 13 Maggio era giorno di giovedì. Da indi in qua non è passato momento ch'io non mi sia confortato con la ricordanza di quella sera: mi sono reputato persona sacra, e non ho degnata più alcuna donna di un guardo credendola immeritevole di me - di me che ho sentita tutta la beatitudine di un tuo bacio.

T'amai dunque t'amai, e t'amo ancor di un amore che non si può concepire che da me solo. È poco prezzo, o mio angelo, la morte per chi ha potuto udir che tu l'ami, e sentirsi scorrere in tutta l'anima la voluttà del tuo bacio, e piangere teco - io sto col piè nella fossa; eppure tu anche in questo frangente ritorni, come solevi, davanti a questi occhi che morendo si fissano in te, in te che sacra risplendi di tutta la tua bellezza. E fra poco! Tutto è apparecchiato; la notte è già troppo avanzata - addio - fra poco saremo disgiunti dal nulla, o dalla incomprensibile eternità. Nel nulla? Sì. - Sì, sì; poiché sarò senza di te, io prego il sommo Iddio, se non ci riserba alcun luogo ov'io possa riunirmi teco per sempre, le prego dalle viscere dell'anima mia, e in questa tremenda ora della morte, perché egli m'abbandoni soltanto nel nulla. Ma io moro incontaminato, e padrone di me stesso, e pieno di te, e certo del tuo pianto! Perdonami, Teresa, se mai - ah consolati, e vivi per la felicità de' nostri miseri genitori; la tua morte farebbe maledire le mie ceneri.

Che se taluno ardisse incolparti del mio infelice destino, confondilo con questo mio giuramento solenne ch'io pronunzio gittandomi nella notte della morte: Teresa è innocente. - Ora tu accogli l'anima mia.

Il ragazzo, che dormiva nella camera contigua all'appartamento di Jacopo, fu scosso come da un lungo gemito: tese l'orecchio per sincerarsi s'ei lo chiamava; aprì la finestra sospettando ch'io avessi gridato all'uscio, da che stava avvertito ch'io sarei tornato sul far del dì; ma chiaritosi che tutto era quiete e la notte ancor fitta, tornò a coricarsi e si addormentò. Mi disse poi che quel gemito gli aveva fatto paura: ma che non vi badò più che tanto perché il suo padrone soleva alle volte smaniare fra il sonno.

La mattina, Michele dopo aver bussato e chiamato un pezzo alla porta, sconficcò il chiavistello; e non udendosi rispondere nella prima camera, s'innoltrò

perplesso; e al chiarore della lucerna che ardeva tuttavia, gli si affacciò Jacopo agonizzante nel proprio sangue. Spalancò le finestre chiamando gente, e perché nessuno accorreva, s'affrettò a casa del chirurgo, ma non lo trovò perché assisteva a un moribondo; corse al parroco, ed anch'esso era fuori per lo stesso motivo. Entrò ansante nel giardino di casa T*** mentre Teresa scendeva per uscire di casa con suo marito, il quale appunto dicevale come dianzi avea risaputo che in quella notte Jacopo non era altrimenti partito; ed ella sperò di potergli dire addio un'altra volta: e scorgendo il servo da lontano voltò il viso verso il cancello donde Jacopo soleva sempre venire, e con una mano si sgombrò il velo che cadevale sulla fronte, e rimirava intentamente, costretta da dolorosa impazienza di accertarsi s'ei pur veniva: e le si accostò a un tratto Michele domandando aiuto, perché il suo padrone s'era ferito, e che non gli pareva ancora morto: ed essa ascoltavalo immobile con le pupille fitte sempre verso il cancello: poi senza mandare lagrima né parola, cascò tramortita fra le braccia di Odoardo.

Il signore T*** accorse sperando di salvare la vita del suo misero amico. Lo trovò steso sopra un sofà con tutta quasi la faccia nascosta fra' cuscini: immobile, se non che ad ora ad ora anelava. S'era piantato un pugnale sotto la mammella sinistra ma se l'era cavato dalla ferita, e gli era caduto a terra. Il suo abito nero e il fazzoletto da collo stavano gittati sopra una sedia vicina. Era vestito del gilè, de' calzoni lunghi e degli stivali; e cinto d'una fascia larghissima di seta di cui un capo pendeva insanguinato, perché forse morendo tentò di svolgersela dal corpo. Il signore T*** gli sollevava lievemente dal petto la camicia, che tutta inzuppata di sangue gli si era rappressa su la ferita. Jacopo si risentì; e sollevò il viso verso di lui; e riguardandolo con gli occhi nuotanti nella morte, stese un braccio, come per impedirlo, e tentava con l'altro di stringergli la mano - ma ricascando con la testa su i guanciali, alzò gli occhi al cielo, e spirò.

La ferita era assai larga, e profonda; e sebbene non avesse colpito il cuore, egli si affrettò la morte lasciando perdere il sangue che andava a rivi per la stanza. Gli pendeva dal collo il ritratto di Teresa tutto nero di sangue, se non che era alquanto polito nel mezzo; e le labbra insanguinate di Jacopo fanno congetturare ch'ei nell'agonia baciasse la immagine della sua amica. Stava su lo scrittojo la Bibbia chiusa, e sovr'essa l'oriuolo; e presso, varj fogli bianchi; in uno de' quali era scritto: Mia cara madre: e da poche linee cassate, appena si potea rilevare, espiazione; e più sotto; di pianto eterno. In un altro foglio si leggeva soltanto l'indirizzo a sua madre,

come se pentitosi della prima lettera ne avesse incominciata un'altra che non gli bastò il cuore di continuare.

Appena io giunsi da Padova ove m'era convenuto indugiare più ch'io non voleva, fui sopraffatto dalla calca de' contadini che s'affollavano muti sotto i portici del cortile; ed altri mi guardavano attoniti, e taluno mi pregava che non salissi. Balzai tremando nella stanza, e mi s'appresentò il padre di Teresa gettato disperatamente sopra il cadavere; e Michele ginocchione con la faccia per terra. Non so come ebbi tanta forza d'avvicinarmi e di porgli una mano sul cuore presso la ferita; era morto, freddo. Mi mancava il pianto e la voce; ed io stava guardando stupidamente quel sangue: finché venne il parroco e subito dopo il chirurgo, i quali con alcuni famigliari ci strapparono a forza dal fero spettacolo. Teresa visse in tutti que' giorni fra il lutto de' suoi in un mortale silenzio. - La notte mi strascinaì dietro al cadavere che da tre lavoratori fu sotterrato sul monte de' pini.

Então, ao final da carta que pela manhã havia preparado para mim, acrescentou este pós-escrito²⁸⁷.

Já que não pude poupar-te da dor profunda de prestar-me os ofícios extremos – antes que viesses, já havia decidido escrever ao pároco –, acrescenta esta última piedade aos teus tantos benefícios. Faça com que eu seja sepultado, da maneira que me encontrarem, num lugar ermo, à noite, sem exéquias, sem lápide, debaixo dos pinheiros da colina que mira a igreja. Que o retrato de Teresa seja enterrado com o meu cadáver.

25 de março de 1799.

Teu amigo,
JACOPO ORTIS

*Ele saiu novamente: e encontrando-se às 11 horas aos pés de um monte duas milhas distante de sua casa, bateu à porta de um camponês, e o acordou pedindo-lhe água, e bebeu muita*²⁸⁸.

De regresso à casa, depois de meia-noite, logo saiu do aposento e entregou ao moço uma carta selada para que ma enviasse, recomendando-lhe entregá-la apenas a mim. E apertando-lhe a mão:

— Adeus Michele! Não deixes de querer-me bem, e o olhava carinhosamente.

Depois, deixando-o de repente, voltou a entrar, e trancou a porta atrás de si. Continuou a carta para Teresa.

1 hora

Voltei a ver minhas montanhas e o lago das cinco fontes²⁸⁹, saudei pela última vez as matas, os campos, o céu. Oh minha solidão! Oh regato, que pela primeira vez me

²⁸⁷ Em U. Foscolo, 1998, p. 148 e na edição eletrônica, está “*proscritto*”. Trata-se de um evidente erro tipográfico. As outras edições consultadas grafaram “*poscritto*”.

²⁸⁸ “*Beber muita água*”, naquela hora da noite, poderia significar uma espécie de purificação antes do suicídio. Há um contraste aqui entre a água, como fonte de vida, e a noite como símbolo da morte. Cf. G. D. Bonino, in Foscolo, 1986, p. 185.

mostraste o caminho para a casa daquela moça celestial! Quantas vezes esparramei flores sobre tuas águas que passavam debaixo das janelas dela! Quantas vezes passeei com Teresa pelas tuas margens, enquanto eu, enebriando-me da volúpia de adorá-la, esvaziava com sofreguidão o cálice da morte.

Sagrada amoreira!²⁹⁰ Eu te adorei, deixei para ti os últimos gemidos e os últimos agradecimentos. Prostrei-me, ó minha Teresa, junto àquele tronco; e esse prado há pouco, bebeu as mais doces lágrimas que já derramei; parecia-me ainda quente da marca do teu corpo divino; e ainda perfumado. Bendita noite²⁹¹! Como ficaste impressa em meu peito! – Estava eu sentado ao teu lado, Teresa; e o luar, penetrando por entre os ramos, iluminava o teu rosto angelical! Eu vi escorrer pelas tuas faces uma lágrima, sorvi-a, e os nossos lábios e os nossos suspiros se confundiram, e minh'alma se transfundia no teu peito. Era a noite de 13 de maio, era uma quinta-feira. Desde então não houve um só momento em que eu não me tenha consolado com a recordação daquela noite: passei a considerar-me santo, e não mais voltei o meu olhar para qualquer outra mulher; olhei outras mulheres, por julgar que não eram merecedoras de mim, de mim que senti toda a benção de um beijo teu.

Amei-te, então; amei-te, e amo-te ainda com um amor que não pode ser concebido, a não ser por mim mesmo. O preço, meu anjo, é pouco: a morte, para quem ouviu de teus lábios que o amas, e pôde sentir escorrer pela alma a volúpia do teu beijo, e chorar contigo. Tenho um pé na cova, e todavia, nesta hora extrema²⁹², te voltas, como costumavas, diante destes olhos meus, que morrendo se cravam em ti, em ti, que sagrada resplandesces em toda a tua beleza. E dentro em pouco! Tudo está pronto; já é noite alta – adeus – dentro em pouco estaremos afastados pelo nada, ou pela incompreensível eternidade²⁹³. Pelo nada? Sim. – Sim, sim; já que estarei sem ti, rogo ao Deus supremo que, se não guardar um lugar onde eu posso reunir-me contigo para todo o sempre, rogo-Lhe das entranhas de minh'alma, e nesta hora terrível da morte,

²⁸⁹ Lugar em que Jacopo e Teresa estiveram, e que foi retratado por ela.

²⁹⁰ Referência à carta de 14 de maio de 1798. O lugar do primeiro e único beijo.

²⁹¹ Ainda referência à carta mencionada na nota anterior.

²⁹² Usou-se aqui um verso de Gonçalves Dias: “Negou-me nesta hora extrema, / Por extrema despedida”. “Ainda uma vez, Adeus!”, XVII. No original, “*frangente*”, “momento difícil”.

²⁹³ Todo esse parágrafo remete ao soneto de Foscolo *Alla sera*. Como acontece com frequência, Foscolo cita e parafraseia a si próprio.

para que me abandone no vazio simplesmente. Mas morro incontaminado²⁹⁴, e dono de mim mesmo, e pleno de ti, e certo do teu pranto! Perdoa-me, Teresa, se acaso ... – ah! consola-te, e vive pela felicidade de nossos míseros pais; tua morte seria a maldição para as minhas cinzas.

Se alguém ousar culpar-te da minha sorte infeliz, contesta-o com este juramento solene, que pronuncio, ao lançar-me na noite da morte: Teresa é inocente²⁹⁵. – Agora, acolhe minh'alma.

O moço, que dormia no quarto contíguo ao de Jacopo, foi sacudido como se ouvisse um prolongado gemido: apurou o ouvido para certificar-se de que ele não o chamava; abriu a janela suspeitando que eu tivesse gritado da porta, pois sabia que eu voltaria ao amanhecer; mas, certificando-se de que estava tudo quieto e a noite ainda escura, voltou a deitar-se e adormeceu. Disse-me depois que aquele gemido o havia assustado, mas que não tinha dado muita atenção a isso, porque seu patrão costumava, às vezes, agitar-se durante o sono.

*De manhã, Michele, depois de ter batido e chamado por muito tempo à porta, arrombou o ferrolho; e não obtendo resposta na antecâmara, adentrou perplexo; e à claridade da candeia que contudo continuava a arder, apareceu-lhe Jacopo agonizando no próprio sangue. Escancarou as janelas chamando gente, e já que ninguém acorria, apressou-se à casa do cirurgião, mas não o encontrou porque assistia um moribundo; correu ao pároco, e este também estava fora pelo mesmo motivo. Entrou ofegante no jardim da casa T*** enquanto Teresa descia para sair de casa com o marido, que precisamente lhe dizia saber que Jacopo não partira ainda, e ela esperou poder-lhe dizer mais uma vez adeus: e ao avistar de longe o criado, voltou o rosto para o portão por onde Jacopo costumava vir; com a mão, afastou o véu que lhe caía na testa, e observava atentamente, forçada por uma dolorosa impaciência a certificar-se se ele vinha mesmo. Mas, de repente, Michele se aproximou pedindo ajuda, porque o patrão havia se ferido, e não lhe parecia ainda morto. Ela o escutava imóvel com as retinas*

²⁹⁴ Incontaminado: adjetivo muito usado por Jacopo, com o significado de “fiel a seus ideais até o fim”. Cf. P. Mattei, in Foscolo, 1998, p. 149.

²⁹⁵ O suicídio, no caso de Ortis, não se dá apenas por razões de amor, mas sim, como um gesto de reação contra uma sociedade opressora. Por isso Teresa é inocente. Cf. A. Valentinetti, in Foscolo, 1998, p. 149.

sempre voltadas para o portão; depois, sem nenhuma lágrima, sem nenhuma palavra, caiu desfalecida nos braços de Odoardo.

*O senhor T*** acudiu esperando salvar a vida de seu infeliz amigo. Encontrou-o deitado em um sofá²⁹⁶, com o rosto quase todo escondido entre os travesseiros; imóvel, a não ser quando ofegava de quando em quando. Havia cravado um punhal no lado esquerdo do peito, mas o arrancara da ferida e este caíra ao chão. Suas vestes pretas e o lenço de colo estavam jogados numa cadeira ao lado. Vestia colete, calças compridas e botas, e tinha uma faixa muito larga de seda na cintura, cuja ponta pendia ensangüentada, porque, talvez, ao morrer tentara tirá-la do corpo. O senhor T*** levantou-lhe a camisa com cuidado, pois ensopada de sangue havia grudado na ferida. Jacopo ressentiu-se, e ergueu o rosto voltando-o para o senhor T***; fitando-o com os olhos mergulhados na morte, estendeu um braço, como se quisesse detê-lo, e, com o outro, tentava apertar-lhe a mão²⁹⁷ – mas tornou a cair-lhe a cabeça no travesseiro; ergueu os olhos para o céu e expirou.*

A ferida era muito larga e profunda e, embora não lhe tivesse atingido o coração, ele apressou a própria morte deixando o sangue correr como um rio pelo quarto. Pendia-lhe do pescoço o retrato de Teresa, negro de sangue, a não ser pelo meio, que estava limpo; e os lábios ensangüentados de Jacopo davam a entender que ele, na agonia, havia beijado a imagem de sua amiga. Sobre o escritório, havia uma Bíblia fechada, e sobre ela o relógio; ao lado, várias folhas brancas; numa delas estava escrito: “Minha querida mãe”: das poucas linhas riscadas, podia-se apenas perceber “expição”; e, mais abaixo: “de pranto eterno”. Em outra folha, lia-se apenas o endereço da mãe, como se, arrependido da primeira carta, houvesse começado outra que não teve coragem de continuar.

Assim que cheguei de Pádua, onde me entretivera mais do que queria, fui dominado pela multidão de camponeses que se acotovelavam mudos debaixo dos pórticos do pátio; outros me olhavam atônitos, e alguns me rogavam para que eu não subisse. Lancei-me tremendo no quarto, e apareceu-me o pai de Teresa, desesperado,

²⁹⁶ Cena que lembra o quadro de Henry Wallis, *A morte de Chatterton* (1856). Thomas Chatterton (1752-1770) foi um poeta que, a exemplo de MacPherson, forjou poemas medievais. Sua vida e a morte pelo suicídio fez dele um dos ícones do Romantismo. Matou-se quatro anos antes da publicação do *Werther*.

²⁹⁷ “[...] a morte não foi imediata [...] mas Catão, reavendo a consciência, afastou-o [o médico], [...] lacerou de novo a ferida e espirou.” Plutarco, *Vita di Catone ucitense*, LXX, p. 157.

sobre o cadáver; e Michele, de joelhos, com o rosto no chão. Não sei como tive tanta força para me aproximar e pôr-lhe a mão no peito, ao lado da ferida: estava morto, frio. Faltavam-me o pranto e a voz; olhava atônito aquele sangue, até que chegaram o pároco e logo depois o cirurgião, que, com alguns criados²⁹⁸, arrancaram-nos à força do cruel espetáculo. Teresa viveu todos aqueles dias entre o luto dos seus num silêncio sepulcral. À noite, me arrastei atrás do cadáver que, levado por três camponeses, fora sepultado no monte dos pinheiros.

²⁹⁸ Em italiano, “*famigliari*”, na forma antiga refere-se a “*famiglio*”, “empregado”, “criado”.

CONCLUSÃO

Na Itália, onde se concentra a maior parte dos estudos sobre Foscolo, há um grande número de trabalhos que tratam de assuntos específicos. Para mencionar apenas o caso das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, pode-se encontrar temas como: Foscolo e Rousseau, Foscolo e a Inglaterra, a influência de Alfieri sobre Foscolo, *Ortis* e *Werther*, a prosa do *Ortis*, Foscolo e o neoclassicismo, etc. Como no Brasil quase nada existe sobre o autor, preferiu-se realizar um trabalho genérico de apresentação, para o qual foi escolhido o romance mencionado acima.

Essa escolha deveu-se, sobretudo, ao fato de uma obra tão importante quanto essa não ter sido traduzida ainda para o português: uma obra cuja importância não está apenas no fato de ser um marco para literatura italiana, como precursora da narrativa moderna daquele país; no seu teor revolucionário, que a levou a ser exaltada pelos autores do *risorgimento*; mas também pelo seu valor literário e humano.

Fubini, talvez o crítico que mais se dedicou à obra de Foscolo, ao revisar um trabalho seu, viu que esse trabalho se apresentava mais homogêneo do que antes lhe parecera, porque naquilo que ele chama de “selva das questões foscolianas” suas pesquisas começavam a se integrar umas às outras. E isso se devia à coerência do espírito aparentemente disperso do próprio Foscolo.

Foi com essa mesma dispersão aparente que nos deparamos ao pesquisar para este trabalho. Encontramo-la na biografia do autor, no processo de publicação de seu romance e no caráter conturbado da época em que viveu. Mas, assim como aconteceu com Fubini, tudo isso acabou se mostrando coerente. Ao fazermos o percurso da vida e obra de Foscolo, demos especial atenção aos conflitos ideológicos, políticos e existenciais vividos pelo autor. A história da criação e edição das *Ultime lettere* refletem esses mesmos conflitos. Mas não é só: os conflitos se traduzem também na relação entre as características das personagens e a própria cultura e história da Itália. Por esse motivo, não se pôde deixar de lado temas específicos como pormenores biográficos e editoriais, análise de estrutura e conteúdo, Foscolo como teórico da tradução, etc. E também porque esses temas servem de fundamento para a segunda parte desta dissertação que é a tradução das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*.

Melhor do que falar sobre um autor, sua obra e sua vida, seria mostrar o que ele de fato escreveu. Dessa forma, procuramos apresentar Foscolo ao leitor brasileiro por meio de uma tradução.

No decorrer do trabalho descobrimos que o próprio Foscolo esboçara um conceito de tradução, do qual acabamos nos valendo, um conceito que já transparecia em nossa tradução inicialmente. Procurou-se então apresentar um texto traduzido com as mesmas características do original, dando ao leitor a impressão de estar lendo uma obra antiga, sem contudo lhe causar muita estranheza.

No mais, foi a obra mesma a indicar os critérios para a sua tradução. Acompanhou-se a idéia de Foscolo de uma tradução que não fosse muito literal (semântica) e que, ao mesmo tempo não modificasse o original (paráfrase), uma tradução que vertesse para português não só as palavras, mas as imagens, as cores e a época.

BIBLIOGRAFIA

Foscolo: *Ultime lettere di Jacopo Ortis*

- FOSCOLO, U. *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Introduzione e commento (lettera per lettera) di Guido Davico Bonino. Milano: Oscar Mondadori, 1986.
- _____. *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Introduzione di Walter Binni. Note di Lucio Felici. Milano: Garzanti, 1992.
- _____. *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Introduzione e note di Cesare Milanese. Roma: Tascabile Economici Newton, 1993.
- _____. *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Introduzione e note di Paolo Mattei. Roma: Biblioteca Economica Newton, 1998.
- _____. *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. In: Giuseppe Bonghi, Progetto Ugo Foscolo. Disponível em: <<http://www.classicitaliani.it/index130.htm>>. Acesso em: 10.3.2003.

Foscolo: outras obras

- FOSCOLO, U. *Opere Edite e Postume*. A cura di Giuseppe Chiarini. Firenze: Le Monnier, s. d.
- _____. *Prose*. A cura di Vittorio Cian. Bari: Laterza, 1912.
- _____. *Poesie e Prose d'Arte*. A cura di Enzo Bottasso. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1948.
- _____. *Poesie*. Introduzione, commenti e note di Marcello Turchi. Milano: Garzanti, 1988.
- _____. *Storia della letteratura italiana per saggi*. A cura di Mario A. Monacorda. Torino: Einaudi, 1979.
- _____. *Dell'origine e dell'ufficio della Letteratura*. Disponível em: <<http://www.liberliber.it>>. Acesso em: 5.10.2003.

Sobre Foscolo

- ANTONA-TRAVERSI, C. e OTTOLINI, A. *Ugo Foscolo*. Milano: Corbaccio, 1928.
- CROCE, B. *Poesia e non poesia*. Bari: Laterza, 1942, pp. 70-83.

- FUBINI, M. *Ugo Foscolo – Saggio Critico*. Firenze. La Nuova Italia: 1931.
- _____. *Ortis e Didimo. Ricerche e interpretazioni foscoliane*. Milano: Feltrinelli, 1963.
- FLORA, F. *Storia della Letteratura Italiana – Il settecento e il primo ottocento*, v. IV, 4. ed. Milano: Mondadori, 1972, pp. 229-322.
- DONADONI, E. *Biografia di Ugo Foscolo*, in Giuseppe Bonghi, Progetto Ugo Foscolo. Disponível em: <<http://www.classicitaliani.it/index130.htm>>.
- GUARDIONE, F. *Il pensiero civile e politico di Ugo Foscolo*. Milano: Alpes, 1928.
- I GIGANTI DELLA LETTERATURA. *Ugo Foscolo*. Verona: Mondadori, 1968.
- MARPICATI, A. *Il dramma politico di Ugo Foscolo*. Bologna: Zanichelli, 1934.
- MARZOT, G. *Ugo Foscolo*. Letteratura Italiana. I Maggiori. Milano: Marzorati, 1975, pp. 755 a 927.
- MINEO, N. e MARINARI, A. *Da Foscolo all'età della restaurazione*. Bari: Laterza, 1990.
- RUSSO, L. *I Classici Italiani – L'Ottocento*, v. III. Firenze: Sansoni, 1952, pp. 1-292.
- VICENTINI, M. T. *Foscolo e le discussioni linguistiche del settecento*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1992. 181 p. Tese para o Concurso de Professor Titular na Área de Literatura Italiana.

Diversos

- ALCOFORADO, M. *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise*. Projeto Vercial: Disponível em: <web.ipn.pt/literatura/alcofora.htm>. Acesso em: 23.6.2004.
- ALFIERI, V. *La virtù sconosciuta*. Disponível em: <<http://www.liberliber.it>>. Acesso em: 17.05.2006.
- ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. A cura di F. Montanaria. Brescia: La scuola, 1966.
- _____. *A divina comédia*. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. 9. ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- _____. *A divina comédia*. Tradução e notas de Hernâni Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Pe. António Pereira de Figueiredo. São Paulo: Rideel, 1997.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*, v. I e II. São Paulo: Martins, 1969.
- CAVALCANTI, C. "Os sofrimentos do jovem Werther - Fervor e isolamento." *Entre clássicos 5 - Johann Wolfgang Goethe*. Ediouro/Duetto Editorial: 2006, p. 54.
- CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*, v. 4. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985.
- _____. *A Literatura Alemã*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- CIDADE, Hernani. *Lições de cultura e literatura portuguesa*, v. 2: *Da reação contra o formalismo seiscentista ao advento do Romantismo*. 2. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1940.
- FIKER, R. *Vico, o precursor*. São Paulo: Moderna, 1994.
- GIGANTES DA LITERATURA UNIVERSAL. *Petrarca*. s.l.p. Editorial Verbo, 1972.
- I GIGANTI DELLA LETTERATURA. *Vittorio Alfieri*. Verona: Mondadori, 1968.
- GIAQUINTO, M. A. (org.) *Bibliografia de obras italianas traduzidas para a Língua Portuguesa. Novos Cadernos 1*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1988.
- GIUDICE, A. e BRUNI, G. *Problemi e scrittori della Letteratura Italiana*, v. II e III. Torino: Paravia, 1988.
- GOETHE, J. W. *Fausto e Werther*. São Paulo: Abril, 1983.
- GOMES, A. C. e VECHI, C. A. *A Estética Romântica*. São Paulo: Atlas, 1992.
- GRAY, T. "Elegy Written in a Country Church-yard". Disponível em: <www.blupete.com/Literature/Poetry/Elegy.htm>. Acesso em: 9.9.2006.
- GUINSBURG, J. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- HAUSER, A., *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores), 1979.
- HOBBS, E. J. *A Era das Revoluções – 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MCGUIRE, L. *Napoleão*. São Paulo. Nova Cultural, 1987.
- MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira: Origens, Barroco, Arcadismo*, v. I. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *História da Literatura Brasileira: Romantismo* v. II. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

- MONTESQUIEU. *Lettres persannes*, éditions eBooksFrance, 2000. Disponível em: <<http://www.ebooksfrance.com>>. Acesso em: 20.4.2004.
- PETRARCA, F. *Canzoniere*. Milano: Garzanti, 1980.
- PETRONIO, G. *Historia de la Literatura Italiana*. Madrid: Catedra, 1990.
- PEYER, H. *Introdução ao Romantismo*. Sintra: Europa-América, 1971.
- PLUTARCO. *Vita di Catone Uticense*. Milano: Aldo Martello, 1974.
- _____. *Vidas paralelas*. tomo II. Madrid: Obras Maestras, 1951.
- _____. *Vidas*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- ROSSEAU, J. *Júlia ou A Nova Heloísa*. São Paulo – Campinas: Hucitec, 1994.
- _____. *Do contrato social*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.
- SALVATORELLI, L. *Sommario della storia d'Italia*. 2. ed. Torino: Einaudi, 1982.
- SANCTIS, F. *Scelta di Scritti Critici*. A cura di Gianfranco Contini. Torino: Unione Tipografico – Editrice Torinese, 1949. pp. 275 a 307.
- _____. *La Nuova Letteratura*. Biblioteca dei Classici. in Giuseppe Bonghi, Progetto Ugo Foscolo. Disponível em: <<http://www.classicitaliani.it/index130.htm>>. Acesso em: 12.5.2003.
- SARAIVA, A. J. e LOPES, Ó. *História da Literatura Portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1982.
- SHAKESPEARE, W. *Tragédias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SQUAROTTI, G. B. (org.). *Literatura Italiana: Linhas, problemas, autores*. São Paulo: Nova Stella/IIC/EDUSP, 1989.
- VICO, G. *Princípios de (uma) ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1979.
- VERSINI, L. *Le roman épistolaire*. Paris: PUF, 1979.
- WATT, I. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Sobre Tradução

ALCINI, L. *Il tradurre e i traduttori*. [1] Ugo Foscolo. Firenze: Guerra Edizioni, 1993.

- AUBERT, F. H. *As (In)Fidelidades da Tradução – Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da INICAMP, 1994.
- BERMAN, A. (org.). *Les Tours de Babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985.
- _____. *A prova do estrangeiro*. Cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher Hölderlin. Bauru: EDUSC, 2002.
- CATALANO, G. e SCOTTO, F. *La nascita del concetto moderno di traduzione*. Roma: Armando Editore, 2001.
- GUERINI, A. e ARRIGONI, M. T. (orgs.). *Clássicos da Teoria da Tradução*, v. III. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2005.
- KIRSCH, G. F. Pressupostos Teóricos para uma crítica de tradução literária. In *TRADIT-TERM* 8, Rev. do Centro Interdependente de Trad. e Terminologia. SP: Humanitas – FFLCH/USP, 2002, pp. 31 a 50.
- HORGUELIN, P. A. *Anthologie de la manière de traduire*. Montréal: Linguatex, 1981
- LARANJEIRA, M. *Poética da tradução*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1993.
- MILTON, J. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- PAES, J. P. *A ponte necessária*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- SIMONI, L. V.. *Gemidos poéticos sobre os túmulos, ou Carme epistolare de Hugo Foscolo*. Rio de Janeiro: s. c. p., 1842.
- POUND, E. *A Arte da Poesia*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. Cultrix e Edusp: São Paulo, 1976.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1976.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge, 1995.
- _____. *Escândalos da Tradução, por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002.

Autores portugueses e brasileiros

- ALVES, A. C. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.
- AZEVEDO, Á. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- BOCAGE, M. M. B. *Obras de Bocage*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1968.

- COSTA, C. M. *Lírica Italiana*. Introdução, tradução e notas de Pedro Garcez Ghirardi. São Paulo: Editora Giordano, 1998.
- DIAS, G. *Seleção Poética*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.
- GARRET, A. *Viagens na minha terra*. Sintra: Europa-América, 1976.
- _____. *Camões*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- _____. *Lírica completa*. Lisboa: Arcádia, 1971.
- GONZAGA, T. *Obras completas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- RAMOS, P. E. S. (org.). *Poesia do ouro*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Traduções das *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*

- FOSCOLO, U. *Las últimas cartas de Jacopo Ortis*. Traducción de Angelica Valentineti. Madrid: Cátedra, 1993.
- _____. *Last Letters of Jacopo Ortis and Of Tombs*. Translated by J. G. Nichols. London: Hesperus, 2002.

Dicionários

Português:

- ANDRADE, B. H. C. L. (org.) *Dicionário AOL de sinônimos e contextos da língua portuguesa*, v. 1.0. Rio de Janeiro: America Online Brasil, 2001.
- AULETE, F. J. C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Lisboa: Delta, 1974.
- AZEVEDO, F. *Dicionário analógico da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*, v. 3.0. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, v. 5.0. São Paulo: Positivo, 2004.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, v. 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002.
- LUFT, C. *Dicionário eletrônico Luft*. São Paulo: Ática Multimídia, 2002.

SILVA, A. M. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949.

Italiano-português:

BATTISTI, C. e ALESSIO, G. *Dizionario Etimologico Italiano*. Firenze: Barbera, 1950.

COLETTI, V. e SABATINI, F. *Dizionario italiano*. Firenze: Giunti, 1999.

DE MAURO, T. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino: UTET, 1999-2000.

GARZANTI, *Il nuovo dizionario italiano*. Milano: Garzanti, 1984.

_____. *Dizionario Garzanti di Italiano*, v. 2.0 (eletrônico). Modena: Garzanti Linguistica, 2006.

DIZIONARIO analogico della lingua italiana. Torino: TEA: UTEC, 1991.

MEA, G. *Dizionario italiano-portoghese*. Porto: Zanichelli/Porto Editora, 1994.

VASCONCELOS, C. M. *Dicionário Italiano-Português, Português-Italiano Michaelis*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

VOCABOLARIO degli accademici della Crusca. Firenze: Accademia della Crusca, 2001.

Disponível em: <<http://www.accademiadellacrusca.it>>. Acessado a partir de setembro de 2006.

ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: N. Zanichelli, 1963.

Espanhol:

ALMOYNA, J. M. *Dicionário de Espanhol-Português*. Rio de Janeiro: Porto Editora, 1983.

Inglês:

KONDER, R. W. *Longman English dictionary for Portuguese Speakers*. Rio de Janeiro: Longman/Ao livro técnico, 1989.

HOUAISS, A. e AVERY, C. B. *Novo dicionário Barsa das Línguas inglesa e portuguesa*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1972.

Dicionário multilíngüe:

Vasconcelos, C. M. *DIC - Dicionário eletrônico Michaelis*, seis idiomas, v. 3.00. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Babylon (eletrônico, v. 6.00 (r20). Babylon Ltd., 2006.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1a

Estampa da edição de 1816, com a data falsa de 1814

Figura 1b

Manuscritos de Foscolo

Figura 2a

Colinas Eugêneas

Figura 2b
Colinas Eugâneas

Figura 3
Retrato de Ugo Foscolo, por François- Xavier-Pascal Fabre

Figura 4
Túmulo de Foscolo no Cemitério de Chiswick, Londres

Figura 5
Monumento Fúnebre de Foscolo na igreja de Santa Croce, em Florença.

Figura 6
"A morte de Chatterton" por Henry Wallis